

A NOITE DAS KYGUA VERA
A mulher e a reconstrução da identidade nacional
paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança
(1867-1904)

Alberto Moby Ribeiro da Silva

Niterói
Mai de 1998

Este trabalho é dedicado a Paulo Roberto Fonseca Neves, cuja trajetória pessoal e amizade me levaram ao Paraguai.

Agradeço a existência deste trabalho

a Dilma Andrade de Paula, além das razões não acadêmicas, que não são poucas, por compartilhar muitas de minhas angústias, pela leitura paciente das várias versões do texto, por suas críticas, sugestões e apoio logístico;

a Joyce e Letícia, minhas filhas, pelo tempo que roubei delas;

à Dr.^a Ismênia de Lima Martins, minha orientadora, que, mesmo tendo já convivido com minha teimosia como minha orientadora durante o Mestrado, aceitou o desafio de continuar me permitindo desfrutar de sua inteligência, perspicácia e carinho;

a Paulo Roberto Fonseca Neves, amigo de infância, a quem dedico este trabalho, pela amizade fiel de trinta anos e, como se isso não bastasse, pela hospitalidade em Asunción. Este agradecimento se estende também a Nerina, Beatriz, Pablito, Marcelo, Leti e todos os demais membros, agregados e amigos da família de Fonseca;

a Clyde Soto, *alquimista* da Área Mulher do Centro de Documentación e Estudios em Asunción, pelo incentivo, sugestões e indicações bibliográficas, além da amizade que, graças à pesquisa, nasceu entre nós. Este agradecimento é extensivo a todo a equipe do **CDE** e à Ofelia em particular;

a Ramón Rolandi Torres, dublê de professor de História e bibliotecário da Biblioteca Nacional de Asunción, por seu trabalho voluntário na tentativa de buscar respostas às minhas muitas indagações sobre a história do Paraguai, principalmente no que toca ao sistema educacional paraguaio no pós-guerra, e por me permitir transformar-me em seu amigo;

a Wolfgang Lustig, Duilio Núñez, Ricardo Caballero Aquino e todos os demais membros da, infelizmente, extinta lista de discussão via Internet Paraguay-L, que dos mais distantes pontos do planeta tiveram o Paraguai como álibi para mostras virtuais de solidariedade, numa demonstração inequívoca de que nem sempre o homem é o lobo do homem e de que a máquina nunca vai superar o homem;

ao CNPq pela concessão da bolsa de doutorado durante os quatro anos em que me dediquei a esta pesquisa;

às professoras Dr.^a Eulália Maria Lahmeyer Lobo e Dr.^a Maria de Fátima Silva Gouvêa pelas críticas, sugestões, incentivo e, principalmente, carinho, particularmente quando do meu Exame de Qualificação, de cuja banca fizeram parte;

à Comissão de Gestão Acadêmica do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, pelo auxílio financeiro à pesquisa;

Devo, ainda, agradecer a realização deste trabalho a um grande número de pessoas e instituições não mencionadas aqui. Peço a elas mil perdões pela ingratidão. Conhecedoras das dificuldades por que passei ao realizá-lo, principalmente durante a pesquisa, estou certo de que compreenderão que o esquecimento, embora imperdoável, tem motivos justos.

Nota:

A documentação arquivística será identificada neste trabalho através das seguintes siglas:

AIRE:AMRE/SDC - Buenos Aires: Archivo del Ministerio de Relaciones Exteriores; Sección Diplomática y Consular

BR:AHMRE - Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores (Palácio Itamaraty)

BR:ANRJ/GP-DD - Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Seção Guerra do Paraguai, 1871-1872, Diversos Documentos

BR:BN/CRB - Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; Coleção Rio Branco

GB:PRO/FO - Londres: Public Record Office; Foreign Office

PY:ANA/SJC - Asunción: Archivo Nacional de Asunción; Sección Judicial y Criminal

PY:BNA/BPSL - Asunción: Biblioteca Nacional de Asunción; Colección Biblioteca Paraguaya Enrique Solano López

US:EN LA/DDUS-PU - Washington: National Archives; Diplomatic Despatches from United States Ministers to Paraguay and Uruguay, 1858-1906

Toupáke
[Venham todos]
chagueleo ñe'eme
[os que ressuscitaram]
oikove jeýva.
[na voz do avô.]
Toguerúke hikuái
[Que tragam]
hembiasakue,
[suas histórias]
tomyasái tatapyýpe,
[e as esparramem junto ao fogo]
tañanemondýi,
[para que nos assustem,]
tañanemombáy,
[nos consumam]
toñembosarái ñanendive.
[e brinquem com a gente.]
Toúke hikuái,
[Venham,]
togupy, topyta,
[sentem-se e fiquem]
ha mitã toipe'áke hesa,
[e, meninos, abram seus olhos,]
taipirí,
[tenham calafrios]
topuka.
[e riam.]
Taiko'ëke mitã akã ruguápe,
[E que amanheça no fundo de sua memória]
ñe'e.
[a palavra.]
Susy Delgado

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. O vizinho e distante Paraguai	1
1.2. Marcos teóricos	3
1.2.1. A “gente baixa”	3
1.2.2. Mulheres	5
1.2.3. Nação, nacionalidade	6
1.2.4. Liberalismo	9
1.2.5. Bilingüismo e diglossia	15
1.3. Metodologia e fontes	18
2. A GUERRA DO PARAGUAI: MEMÓRIA, HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA	24
2.1. A produção historiográfica sobre a Guerra do Paraguai	24
2.1.1. historiografia brasileira sobre a guerra	24
2.1.2. A guerra da Tríplice Aliança vista do Paraguai	28
2.1.3. Investigar o pós-guerra	35
3. A NOITE DAS KYGUA VERA	41
3.1. A assembléia	41
3.2. San Fernando	48
3.3. Residentas e destinadas	52
4. A “REGENERACIÓN” PARAGUAIA	62
4.1. O Paraguai ao final da guerra: um país arrasado	65
4.1.1. Sobre os escombros da guerra	73
4.1.1.1. Asunción sob ocupação	73
4.1.1.2. As mulheres em Asunción	80
4.1.1.3. O interior	86
4.2. “Regeneración” versus “reconstrucción”	93
4.2.1. O Paraguai sob a ocupação aliada	93
4.2.2. O período colorado	102
5. A MULHER NA FORMAÇÃO DA CULTURA PARAGUAIA	108
5.1. O “paraíso de Maomé”: a mulher na colônia	108
5.2. Mulher, língua e cultura guarani	112
5.3. A mulher ideal e a mulher real	124
6. O PÚBLICO E O PRIVADO NO PARAGUAI DO PÓS-GUERRA	131
6.1. As condições sociais do país sob a ocupação	131
6.2. Imigrantes e modernidade	142
6.3. A educação pública	146
6.4. A moral pública	152
6.5. Bailes e festas populares	158
6.6. A delinqüência feminina	168
7. CONCLUSÕES	173
8. BIBLIOGRAFIA	176

8.1. Livros e artigos em periódicos especializados	176
8.2. Periódicos.....	190
8.3. Documentação arquivística	191

ÍNDICE DE QUADROS, GRÁFICOS, ILUSTRAÇÕES E MAPAS

QUADROS

<i>População depois da guerra, segundo Chiavenatto</i>	65
<i>Distribuição lingüística segundo a idade - Censo DE 1962</i>	120
<i>Idioma habitual da população segundo sexo e região - 1982.....</i>	121
<i>Principais projetos de imigração do pós-guerra</i>	144
<i>Estatística do Ensino Médio. Alunos matriculados - 1890.....</i>	151
<i>População – Censo de 1846</i>	197
<i>População presumível - 1872</i>	197
<i>População do Paraguai por grupos de idades e sexo em 1886/1887.....</i>	198
<i>Estimativas/Censos populacionais paraguaios – 1682/1990</i>	199
<i>Situação populacional do Paraguai no antes e depois da guerra. Comparativo. Censo de 1846 e anotações de cronistas e viajantes.....</i>	203

GRÁFICO

<i>Distribuição populacional por sexo e idade - Censo de 1886/1887.....</i>	71
---	----

ILUSTRAÇÕES

<i>“O Nero do Século XIX”</i>	32
<i>A oferta do “belo sexo” do Paraguai de suas jóias para a defesa da Pátria.....</i>	43
<i>As “filhas da Pátria” solicitando armas para lutar na guerra.....</i>	45
<i>A sátira carioca aos "batalhões de mulheres".....</i>	48
<i>A peregrinação do Exército paraguaio e suas mulheres</i>	57

MAPAS

<i>Trajetos de Keith Johnson pelo interior do Paraguai</i>	91
<i>Teatro da guerra.....</i>	195
<i>Principais batalhas</i>	196

1. INTRODUÇÃO

1.1. O VIZINHO E DISTANTE PARAGUAI

As pessoas querem ver, cheirar, tocar, furar a bolha de sua solidão. Mas o que é a realidade? Porque existe o real do que não se vê e até do que ainda não existe. Para mim a realidade é o que fica quando já desapareceu toda a realidade, quando já se queimou a memória do costume, o bosque que nos impede de ver a árvore. Só podemos mencioná-la vagamente, ou sonhá-la, ou imaginá-la. Uma cebola. Você retira uma camada dela após a outra e o que é que fica? Nada, mas esse nada é tudo, ou pelo menos um tufo ardido que faz os olhos lagrimarem.

Augusto Roa Bastos

Era por volta de 1980. Eu estava em Asunción pela primeira vez, para visitar um amigo brasileiro que se transferira definitivamente para capital paraguaia pouco tempo atrás. “O traço retilíneo, em que se exprime a direção da vontade a um fim previsto e eleito”, a tranqüilidade - que muitos diziam ser aparente, pelo temor à truculência da ditadura -, uma mistura de estilos arquitetônicos que parecia condensar no mesmo espaço geográfico cinco séculos de história eram as principais características de Asunción daquela época. Fui descobrindo a cidade, que pouco tinha a ver com a imagem estereotipada, no Brasil, sobre o Paraguai, que transpunha para a totalidade do país as características que tornaram Puerto Presidente Stroessner - depois, com a queda da ditadura, Ciudad del Este - conhecida: cidade da “muamba”, do whisky “importado” com 30% de água adicionada, das imitações quase sempre mal cuidadas de equipamentos eletrônicos, das ruas apinhadas de “turistas” brasileiros - hoje, mais apropriadamente, chamados de “sacoleiros”.

Andando pelas ruas daquela cidade tão espanhola e ao mesmo tempo tão indígena fui buscando pistas para a compreensão da história do Paraguai. Até então conhecia apenas a versão oficial, militar, da guerra que o Paraguai havia enfrentado contra o Brasil, a Argentina e o Uruguai, e o apaixonado mas pouco rigoroso contraponto apresentado por Julio José Chiavenatto. Nas minhas andanças pensava: “como pode este país ter-se reconstruído depois de um massacre tão perverso?”

A resposta mais preliminar veio através de meu amigo. Numa das noites em que estive hospedado em sua casa fui convidado a assistir com ele e um grupo de amigos a um festival universitário de música popular paraguaia. Qual não foi minha surpresa, porém, ao constatar que nenhuma das canções fora composta para o festival. Na verdade, as canções apresentadas naquele festival não eram sequer contemporâneas daquelas centenas de universitários e espectadores, mas reinterpretações de várias “jóias” do cancionário paraguaio – todas, aliás, interpretadas em guarani.

¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, p. 62.

Até hoje não sei a razão daquele festival universitário - palavra que nos faz lembrar criatividade, inventividade, renovação -, ser um evento musical dedicado exclusivamente à interpretação (e, diga-se de passagem, absolutamente fiel aos originais, segundo meus amigos) de canções antigas. Depois de muito me incomodar com aquela surpresa, cheguei à hipótese, não contestada por meus amigos, de que, de certa maneira, aquela era a forma possível de resistência não só à ditadura de Alfredo Stroessner mas também à secular negação da cultura guarani, que desde os tempos coloniais viveu na corda bamba sustentada, numa extremidade, pela manipulação oportunista dos valores culturais autóctones e, na outra, por sua absoluta negação, em nome da “modernidade” e do “progresso”. Foi dessas impressões sobre um festival, que havia passado por minha estadia em Asunción de maneira absolutamente casual, e minhas preocupações sobre os desdobramentos, para o Paraguai, da Guerra da Tríplice Aliança que nasceu o meu projeto de tese de doutoramento.

Para além de minhas preocupações absolutamente pessoais, de entender a história de um país de que aprendi a gostar e que, para a maioria dos brasileiros, apesar de vizinho, é um lugar tão distante - ou, talvez, por isso mesmo - comecei a tomar contato com uma história bastante diferente da que contam os manuais de colégio. Se não houvesse outras razões, creio que esta já seria suficiente para justificar este trabalho. No entanto, creio que seu papel no equilíbrio de forças na região do Prata, os caminhos absolutamente únicos que percorreu, no século XIX, na busca de sua soberania política, sua autonomia econômica, sua identidade cultural e equilíbrio social, merecem o estudo que aqui apresento sobre o Paraguai.

Finalmente, vale mencionar que no decorrer de minha investigação me encontrei com outra questão que acabou dominando todo o trabalho: o papel singular das mulheres na sociedade paraguaia do século XIX e a necessidade de analisá-lo no contexto dos momentos decisivos da guerra contra a Tríplice Aliança e nos primeiros anos do pós-guerra. Em minha opinião, acompanhar sua trajetória é uma das pistas mais ricas para compreendermos a transição do regime autoritário e nacionalista de Francia e dos López - Carlos Antonio e Francisco Solano, seu filho - para a proposta liberal e europeizante da época do pós-guerra, chamada de *Regeneración*. Exaltadas como heroínas e mártires da guerra pelos apologistas do conflito visto como luta de vida ou de morte na defesa da soberania nacional, elas deveriam se transformar nas submissas e resignadas rainhas do lar, mães, filhas e esposas da nova ordem liberal trazida pelos “regeneradores” tutelados pela vitoriosa Tríplice Aliança.

Este estudo tenta mostrar, acompanhando-as nessa epopéia, a constante tensão entre a adequação e a não aplicabilidade das idéias liberais no Paraguai, tanto mais quanto tais idéias dependiam, segundo seus defensores, da eliminação de todo e qualquer vestígio do “atraso”, da “barbárie”, do “jesuitismo” que representava a cultura guarani, da qual, como pretendo demonstrar, as mulheres paraguayas - particularmente as da “gente baixa” - foram, no pós-guerra, as principais depositárias, guardiãs e transmissoras. Se conseguir alcançar tais objetivos, terei conseguido encontrar, de maneira satisfatória, respostas para minha curiosidade pessoal e para preocupações de relevância acadêmica com as quais pretendo conduzir o leitor pelas páginas que se seguem.

1.2. MARCOS TEÓRICOS

1.2.1. A “GENTE BAIXA”

O primeiro problema que se coloca, ao tentarmos investigar as relações entre as elites dirigentes paraguaias do pós-guerra da Tríplice Aliança e a “gente comum”, a “gente baixa” ou da “3ª classe” é o de definirmos mais precisamente quem devemos colocar de um lado e de outro dessa linha imaginária. Acredito que o instrumental mais adequado para pensar esta relação ainda é o conceito marxista de classe social.

No entanto, é preciso atentar para as observações de Thompson a respeito desse conceito:

Mas a classe não é, como gostariam alguns sociólogos, uma categoria estática - tantas ou quantas pessoas nesta ou naquela relação com respeito aos meios de produção - que se possa medir em termos positivistas ou quantitativos. A classe, na tradição marxista, é (ou deveria ser) uma categoria histórica, que descreve as pessoas relacionando-se umas com as outras no decorrer do tempo, no modo em que adquirem consciência de suas relações, se separam, se unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores em termos de classe. Portanto, a classe é uma formação “econômica” e é também uma formação “cultural”: é impossível dar prioridade teórica a um aspecto sobre o outro.²

Ademais, concordo, com Carlo Ginzburg, com a idéia de que, ao trabalharmos a cultura popular, se temos, por um lado, dicotomia cultural, por outro, há circularidade, influência recíproca entre cultura subalterna e cultura hegemônica³. No entanto, faço-o não no sentido de que essa “circularidade” dilua em seu interior a idéia de classe porque, como esse autor, acredito que não se deve embutir – ou confundir – essa noção no conceito de “mentalidade coletiva”, já que “uma análise de classes é sempre melhor que uma interclassista”⁴.

É dessa forma que pretendo pensar esta questão no Paraguai do pós-guerra, buscando destacar, principalmente, entre as elites dirigentes, pertencentes à então denominada “*gente calzada*”, os dois grupos fundamentais em luta pelo poder do Estado, naquele momento sob a tutela de representantes brasileiros da Tríplice Aliança. Podemos dizer que esses dois grupos, *legionarios* e *lopistas*, representavam, de um lado, o pensamento liberal, assimilado particularmente em Buenos Aires, e, de outro, o segmento econômica e culturalmente dominante durante a ditadura de Solano López, ainda bastante inseguros quanto a de que lado do espectro ideológico que estava colocado no final do século XIX se posicionarem. À “gente comum”, “gente baixa” o da “3ª classe” corresponde uma massa de homens e, principalmente, mulheres do campo ou da periferia da capital dedicados à atividade agrícola ou à economia informal e pulverizada, predominante na caótica Asunción dos primeiros anos do pós-guerra.

² THOMPSON, Edward P. *Folclore, antropología e historia social*. In: THOMPSON, Edward P. *Historia social y antropología*. México: Instituto Mora, 1994, p. 78.

³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 21.

⁴ Idem, p. 32.

Interessa-me particularmente a “gente baixa” e as táticas de sobrevivência que pôs em prática para enfrentar aqueles anos difíceis. Sirvo-me aqui da concepção de tática empregada por Michel de Certeau:

*A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, como dizia von Bülow, e no espaço por ele controlado. Não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço diverso, visível e objetivável. Ele opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.*⁵

Essa “arte do fraco” de que fala de Certeau configura-se, por exemplo, na “outra produção, qualificada de consumo”, alternativa “a uma produção (de bens materiais, de idéias etc.) racionalizada, expansionista além de centralizada, turbulenta e espetacular”, “o que o consumidor cultural ‘fabrica’ [...] com essas imagens”⁶.

*Em alguns momentos, a cultura e os valores destas comunidades podem ser antagonicos frente ao esmagados sistema de domínio e controle. Mas durante longos períodos este antagonismo pode parecer desarticulado e inibido. Há freqüentemente uma espécie de “corte”: o aldeão é autônomo em seu próprio povoado, mas aceita a inevitável organização do mundo exterior em função da hegemonia de seus dominadores: protesta amargamente contra as cobranças do senhor de terras e do prestamista, mas continua acreditando na justiça do rei e na equidade do czar. Muito freqüentemente, o protesto é legitimado com os argumentos do próprio sistema dominante, apoderando-se de sua própria retórica e dando-lhe um novo conteúdo: os governantes são injustos ou descuidados, é preciso lembrar-lhes de seus deveres, devem intervir para evitar que seus subordinados ou os que comerciam com alimentos explorem os pobres. Somente em circunstâncias excepcionais as pessoas rompem com sua experiência local, com os valores que conformam sua vida (que não são os assumidos), e levam em consideração um desafio mais geral.*⁷

Tarefa árdua, já que essa “fábrica” movimenta-se no silêncio, alimenta-se dele, não tem estratégias, mas apenas táticas, e por isso não deixa registros de si. Afinal, “não se pode estar protestando todo o tempo: para continuar vivendo é necessário que as pessoas assumam e se adaptem ao *statu quo*”⁸. Para isso é preciso estabelecermos também nossa própria tática. Optei pelo paradigma indiciário proposto por Ginzburg: “Quando as causas não são reproduzíveis, só resta inferi-las a partir dos efeitos”⁹.

No entanto, é preciso deixar claro que, diferentemente de muitos historiadores, acredito ser fundamental relativizar a questão. Ainda continuo a ver a divisão fundamental entre dominadores e dominados e a acreditar que por mais eficazes

⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 100-101.

⁶ Idem, p. 39.

⁷ THOMPSON. *Folclor, antropologia e historia social*, cit., pp. 78-79.

⁸ Ibidem.

⁹ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 169.

que sejam as táticas de que nos falamos de Certeau e Thompson - ou até mesmo por isso - ainda é o outro quem detém o poder e é dele que partem todas as iniciativas, das quais as táticas são apenas respostas. Afinal, como afirma de Certeau, “em suma, a tática é a arte do fraco”¹⁰.

1.2.2. MULHERES

Por outro lado, interessa-me particularmente uma parte dessa “gente baixa”, o lado fraco, aquele “sem eira nem beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte, dono do teatro de operações”¹¹: suas mulheres. Ao decidir tê-las como elemento central do meu trabalho tive em conta duas questões fundamentais: a primeira delas dada pela própria dinâmica do pós-guerra da Tríplice Aliança, isto é, sua superioridade numérica e, conseqüentemente, sua importância na vida econômica e social do país; por outro lado, levava em conta as interrogações propostas por Georges Duby e Michelle Perrot: as mulheres, “destinadas ao silêncio da reprodução maternal e caseira, à sombra da vida doméstica, que não merece ser levada em conta nem ser contada [...], teriam, por acaso, uma história?” Seriam mesmo as mulheres

*testemunhas de escasso valor, alijadas do cenário onde os heróis, donos de seus destinos, se enfrentam, às vezes auxiliares, raramente atrizes [...], quase sempre sujeitos passivos que aclamam os vencedores e lamentam sua derrota, eternas choronas cujos choros acompanham em surdina todas as tragédias?*¹²

Thompson, fazendo autocrítica de sua produção historiográfica, concebe uma resposta que é clara:

Quando interessa apenas o “vir a ser”, podemos nos encontrar com períodos inteiros da história nos quais um sexo tem sido omitido globalmente pelos historiadores, já que as mulheres quase nunca foram consideradas agentes fundamentais na vida política, militar ou mesmo econômica. Se nos interessa o “ser”, a exclusão da mulher reduz a história a pura inutilidade. Não podemos entender o sistema agrário de pequenos cultivadores sem examinar as práticas hereditárias, os dotes [que elas deviam trazer], (onde for apropriado) o ciclo de desenvolvimento familiar. E estas práticas descansam, por sua vez, sobre as obrigações e reciprocidades do parentesco, cuja manutenção e cumprimento costumam geralmente ser uma responsabilidade própria das mulheres. A “economia” só pode ser entendida dentro do contexto de uma sociedade cuja urdidura está formada por costumes deste tipo; a vida “pública” surge das densas determinações da vida “doméstica”.¹³

Se assim é, então, como reconstruir sua história, se as pistas que elas deixaram provêm menos delas mesmas do que do olhar dos homens sobre elas?

As respostas a essas perguntas passam necessariamente pelo conceito de gênero, para pensar não as diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas as características socialmente adquiridas de feminilidade e masculinidade¹⁴, fatores que

¹⁰ CERTEAU. *A invenção do cotidiano*, cit., p. 101.

¹¹ GIARD, Luce. *História de uma pesquisa*. In: CERTEAU. *A invenção do cotidiano*, cit., p. 19.

¹² DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *Escribir la historia de las mujeres*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (orgs.). *Historia de las mujeres en Occidente*. Madrid: Taurus, 1992, p. 1.

¹³ THOMPSON. *Folclor, antropología e historia social*, cit., pp. 60.

¹⁴ Cf. GORDON, Linda. *U.S. women's history*. In: *The new American History*. Philadelphia: Temple University Press, 1980, p. 188.

até há bem pouco tempo determinaram, para uma historiografia tradicional, a (não) inserção da mulher como atriz social. Sirvo-me da seguinte definição, da historiadora norte-americana Joan Scott, como parâmetro:

*o gênero é [...] utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Sua utilização rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” - a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.*¹⁵

No pós-guerra da Tríplice Aliança, os limites impostos pelas diferenças de gênero a meu ver foram fundamentais para permitir que as mulheres, num movimento de equilíbrio entre força (vida doméstica?) e fraqueza (vida pública?)¹⁶, reconstituíssem parte significativa da cultura paraguaia. Fruto desse trabalho de resistência singular é a permanência do Paraguai, ainda hoje, como um dos poucos, senão o único país em que a língua do colonizado, o guarani, se impôs (e parece caminhar no sentido de se sobrepor, num futuro imprevisível, ou, pelo menos, incorporar, transformando-se num terceiro idioma, essencialmente paraguaio) à língua do colonizador.

1.2.3. NAÇÃO, NACIONALIDADE

Mas o que seria a “cultura paraguaia”? Ou melhor, que é ser “paraguaio”, ou pelo menos o que isso significava ao final da guerra da Tríplice Aliança? Esta pergunta, por sua vez, nos remete à necessidade de ter elementos que nos ajudem a tornar mais clara a complexa e ambígua noção de nacionalidade para, então, tentarmos entender o que isso significou para o Paraguai do final do século XIX. Teríamos à disposição, assim, instrumentos que nos ajudariam a compreender a sociedade paraguaia do pós-guerra, as relações de poder político, econômico e simbólico entre os grupos sociais e o papel específico da mulher na reconstrução do país depois do massacre de 1865-1870.

Começemos com a idéia de Nação. Normalmente, a Nação é concebida como um grupo de pessoas unidas por laços naturais e, portanto, virtualmente eternos e que, devido a esses laços, torna-se a base necessária para a organização do poder sob a forma de Estado Nacional. O problema estaria em definir a natureza desses laços, ou, pelo menos identificarem-se os critérios que permitiriam delimitar as diversas individualidades nacionais, independentemente da natureza dos laços que as determinam.¹⁷ Várias têm sido as alternativas propostas para a busca desses critérios: identidade étnica, lingüística, de costumes, vontade de um grupo de pessoas de viver juntas etc.

É, no entanto, através da situação de poder de que a idéia de Nação é um

¹⁵ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: S.O.S. Corpo, 1991, p. 4.

¹⁶ Ver, a esse respeito, as considerações de GORDON. *U.S. women's history*, cit., p. 187.

¹⁷ Cf. RUSSOLILLO, Francesco. *Nação*. In: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de Política*. Brasília: Edunb, 1993, p. 797.

reflexo que constatamos que, na verdade, Nação é a ideologia de um determinado tipo de Estado, já que é justamente o Estado a entidade a que se dirige concretamente o sentimento de fidelidade que a idéia de Nação suscita e mantém. A idéia de laços naturais profundos, elemento integrante do núcleo semântico fundamental do termo, desempenha esta finalidade, inserindo-se na esfera mais íntima da personalidade dos indivíduos, unidos justamente por estes laços - que não são abstratos, embora não haja consenso sobre quantos e quais seriam indispensáveis à nacionalidade.

No entanto, não podemos perder de vista a perspectiva do historiador.

*A nação, como **categoria histórica** que é, não pode ser definida a não ser **historicamente**. Sua definição também depende, em alguns aspectos, do psicólogo, do sociólogo, do etnólogo, sempre que a contribuição destes, no tempo e no espaço, **seja dotada de perspectiva pelo historiador**.*¹⁸

Para Francesco Russolillo a resposta não é difícil: não haveria sentido em falar de comportamento nacional antes de a Revolução Industrial ter criado contextos de interdependência no agir humano, ainda que, num primeiro momento, limitados à classe burguesa¹⁹. No século XIX, à ideologia da Nação e de sua concretização - o Estado nacional - se complementa a noção de Nacionalismo.

*O Estado nacional gera o Nacionalismo, na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visa a fusão de Estado e nação, isto é, a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradições.*²⁰

No Paraguai, como veremos em outro momento, o Estado que emerge das lutas pela independência, ao mesmo tempo, da Espanha e de Buenos Aires se baseia na valorização da identidade étnica, lingüística e de costumes, que seriam resultantes de uma idealizada

*amizade hispano-guarani [que] começou com a fundação de Asunción, que albergou os espanhóis conquistadores, aos quais os índios guaranis ofereciam suas filhas, irmãs a título de aliança*²¹

numa mestiçagem que “é a comunhão de sangue e amor, que se encarnou no leito.”²²

Mais precisamente, minha análise do Paraguai de Solano López, indispensável para compreendermos o Paraguai da “*Regeneración*”, baseia-se no conceito de nacionalismo étnico, proposto por Miguel Apaolaza, como

aquele movimento sócio-político que dirige sua atividade à satisfação das distintas reivindicações relacionadas com a manutenção de sua particularidade [e] impulsor do processo que conduz a língua própria a ser a “língua nacional” e em alguns casos também a “oficial” contra ou junto, segundo a capacidade e poder do movimento na-

¹⁸ VILAR, Pierre. *Reflexiones sobre los fundamentos de las estructuras nacionales*. In: VILAR, Pierre. *Hidalgos, amotinados y guerrilleros. Pueblo y poderes en la historia de España*. Barcelona: Crítica, 1982, pp. 283-284.

¹⁹ Cf. RUSSELLILLO. *Nação*. In: BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO. *Dicionário de Política*, cit., p. 798.

²⁰ LEVI, Lucio. *Nacionalismo*. In: BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO. *Dicionário de Política*, cit., p. 799.

²¹ ZARZA, Idalia Flores de. *La mujer paraguaya, protagonista de la Historia (1537-1870)*. Asunción: El Lector, 1987, p. 30.

²² Idem, p. 28.

cionalista, àquela imposta pelo Estado.²³

Da união mítica proposta acima - e que sustenta o modelo nacional-étnico de Apaolaza - nasce “o mestiço [que] é o homem paraguaio, filho do espanhol e da índia guarani”²⁴.

Esse modelo, no entanto, foi o derrotado. O guarani, língua nacional, sequer é aceito como patrimônio nacional paraguaio a ser, portanto, preservado. Em 1870, a comunhão nacional deve-se fazer em nome de outros valores:

Em meio à desorganização político-administrativa e dos escombros humanos, o governo provisório dos triúmviros Cirilo A. Rivarola, Carlos Loizaga e José Díaz de Be-doya fez, a 10 de setembro de 1869 [...] “... uma declaração dos princípios sob os quais vai empreender a árdua tarefa de preparar os elementos para a organização da Nacionalidade Paraguaia...”. Nesse Manifesto, o Triunvirato se proclamou “... governo que se estabelece entre a tumba aberta de um regime e a aurora de outro que se levanta; entre o despotismo barbaramente consagrado pelo isolamento, pelo sistema restritivo e a negação de todas as liberdades que está sucumbindo e o risonho aspecto de uma era nova que se apresenta sob a égide dos direitos do homem e cortejada por todos os princípios liberais que são o patrimônio das nações mais cultas...” O Manifesto não fala diretamente do povo como “a vítima” da tirania, mas define o novo “j-deário”: “... é preciso que o povo paraguaio seja regenerado para que não caia outra vez na escravidão..”, regenerado “na liberdade”; ao mesmo tempo em que agradecia aos esforços “dos povos da Aliança” pela libertação e “os méritos civilizadores” da Legión Paraguaya [...].²⁵

Como vimos, os valores referidos à Nação seriam, do fim da guerra em diante, não mais os relativos especificamente à “amizade hispano-guarani”, mas sim valores referidos às “nações mais cultas”: “os direitos do homem”; “a liberdade”; “a civilização”; “o progresso”. O problema é que sob a “regeneração” impõe-se uma outra luta. Trata-se, para os “regeneradores”, da tarefa de apresentar “seus interesses como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade”²⁶. Ou, utilizando-me de Roger Chartier:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas opções e condutas. Por isso essa investigação sobre as representações supõem-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.²⁷

Para isso, era preciso dominar “o campo de produção simbólica [que] é um

²³ APAOLAZA, José Miguel (Txemi). *Lengua, etnicidad y nacionalismo. Su concreción en Salvatierra (Álava)*. Barcelona: Anthropos, 1993, p. 25.

²⁴ ZARZA. *La mujer paraguaya*, cit., p. 28.

²⁵ SUSNIK, Brannislava. *Una visión socio-antropológica del Paraguay del siglo XIX*. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1992, p. 66. A autora reproduz trechos do *Manifiesto del Gobierno Provisorio*, de 10/09/1869, extraídos de ESTEVES, Gomes Freire. *Historia contemporánea del Paraguay. Lucha de cancellerías en el Plata*. Buenos Aires: s.ed., 1921.

²⁶ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 74.

²⁷ CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

microcosmos da luta simbólica entre as classes²⁸.

Evidentemente, é preciso lembrar, com Mikhail Bakhtin, que "a negação pura e simples quase sempre é alheia à cultura popular"²⁹. Nesse aspecto, aliás, é importante lembrar também Marshall Sahlins, segundo o qual

*o grande desafio a uma antropologia histórica não é simplesmente saber de que modo os eventos são ordenados pela cultura, mas como, ao longo do processo, a cultura é reordenada. Como a reprodução de uma estrutura torna-se a sua transformação?*³⁰

Na América Latina, a não solução do conflito entre liberais e conservadores na maior parte do continente se expressou na constituição de um Estado sem nação, no surgimento, ao mesmo tempo, de sentimentos nacionalistas e regionalistas e de Estados nacionais sem cidadãos. A ditadura faz parte, então, de uma alternativa política de ordem para países com processos parciais de constituição do Estado nacional³¹. O Paraguai, a meu ver, em todas as suas fases históricas, é um dos melhores exemplos disso.

Em resumo, minha intenção foi trilhar neste trabalho um caminho que, seguindo Vovelle,

*se esforça em levar em conta, "desde o subsolo até o sótão", os diferentes níveis da experiência humana, isto é, dos condicionamentos sócio-demográficos até as formas mais sofisticadas de expressão artística, passando pelas atitudes e reações em grande escala*³²,

para tentar compreender como foi a reconstrução nacional paraguaia após a guerra da Tríplice Aliança. Voltando a Vovelle,

*o problema da cultura popular, tão aviltado hoje, mas tão crucial, ocupa o centro dessa abordagem, onde se coloca a questão que me parece essencial atualmente, não nos termos pobres da difusão vertical de uma cultura de elite, mas de uma história de resistências, como também uma história da inovação e da criatividade do imaginário coletivo.*³³

Pretendo que os méritos deste trabalho - se os houver - estejam centrados nos resultados dessa luta no campo simbólico no Paraguai do pós-guerra, particularmente entre os "regeneradores" e as mulheres da "classe baixa".

1.2.4. LIBERALISMO

Comecemos pela óbvia afirmação de que uma definição precisa do que venha a ser Liberalismo não é tarefa fácil. Entre outras razões, porque sua fisionomia moldou-se, ao longo do tempo, segundo as diversas tradições culturais e estruturas de poder dos diferentes países, definindo para o termo - e suas práticas - conteúdos

²⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 12.

²⁹ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/Brasília: Edunb, 1987, p. 10.

³⁰ SAHLINS, Marshall. *Historical metaphors and mythical realities: structure in the early history of the Sandwich islands kingdom*. Michigan: Ann Arbor, 1981, pp. 7-8.

³¹ Cf. Miguel Ángel URREGO. *Melgarejo/Caudillos*. México, 27/11/1995 [Mensagem eletrônica via Internet para a lista de discussão H-Net Latin-American History List (H-LATAM)].

³² VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 125.

³³ Idem, p. 126.

muitas vezes diversos, quando não antagônicos³⁴. Em linhas gerais, no entanto, poderíamos definir Liberalismo como a defesa do indivíduo contra o poder, quer do Estado, quer da sociedade. Segundo essa concepção do papel do Estado, defende que os governos não devem fazer pelo indivíduo o que ele é capaz de fazer por si mesmo, o que implica uma concepção de relativismo que aceita o pluralismo dos valores como algo positivo para toda a sociedade, a importância da dissensão, do debate e da crítica e o enfrentamento positivo do conflito e da competição, cujo único limite seria a sua institucionalização, nos costumes, mediante a tolerância, na política, através do Parlamento, e através do Direito, mediante normas jurídicas gerais.

Quanto aos aspectos econômico e social, o Liberalismo se caracterizaria por orientar-se no sentido de colocar os indivíduos na condição máxima de auto-realização, da qual adviria um bem para toda a sociedade. Neste sentido, somente o conflito e a competição seriam capazes de selecionar aristocracias naturais e espontâneas, elites abertas, capazes de impedir a mediocridade do conformismo de massa, administrado por uma rotina burocrática. Assim, se os indivíduos forem livres para perseguir seus interesses pessoais em uma economia de trocas baseada na divisão do trabalho, o bem-estar do grupo como um todo necessariamente será melhor. Teoricamente, a livre escolha dos indivíduos, compradores e vendedores, no mercado, determinará como os recursos da sociedade (trabalho, bens, capital) serão empregados. Essas escolhas se manifestam através da oferta e da procura, o que, em sua totalidade, determina o preço pelo qual cada mercadoria será vendida.

Por outro lado, o Liberalismo está fortemente associado à idéia de progresso, sobretudo no final do século XIX, no sentido de reforçar uma volta à natureza e à lógica, única capaz de assumir a felicidade dos homens, ao mesmo tempo justificando a desmobilização do dogmatismo católico e do despotismo real. É este espírito de regeneração (palavra cara ao Paraguai do pós-guerra, como veremos adiante) que dá sua verdadeira dimensão à Revolução de 1789 e à Declaração de Direitos do Homem. Esta Declaração, elaborada contra a iminência de uma contra-ofensiva absolutista, tem a audácia de elevar o debate ao nível da dignidade fundamental da pessoa humana, seus direitos universais, suas liberdades intangíveis. No quadro de um dado país, a união desses indivíduos livres, os cidadãos, faz nascer a nação, que não pode ter outra lei que a que eles decidiram livremente e outro poder que aquele no qual eles confiaram.

No entanto, salvo na América do Norte, onde o direito de voto, sem ser universal, é largamente aplicado, essas sociedades liberais da primeira metade do século XIX não são democráticas. O direito de voto, na verdade, está reservado a uma elite, única admitida como capaz de exercer essas funções. Embora teoricamente não haja mais privilégios devidos ao nascimento, essa elite se destaca do corpo social pelo pagamento de um certo montante de imposto ou através da posse de uma propriedade. Todos os homens contam na vida civil, mas na vida pública pesam os que podem participar dela. As grandes tendências emancipacionistas decorrentes das revoluções às quais esse indivíduo estava associado tinham seu contraponto no

³⁴ Cf. MATTEUCCI, Nicola. *Liberalismo*. In: BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO. *Dicionário de Política*, cit. (ed. 1983), p. 686. Ver também VIEIRA, David Gueiros. *Liberalismo, masoneria y protestantismo en Brasil, siglo XIX*. In: BASTIAN, Jean-Pierre (org.), *Protestantes, liberales y francmasones. Sociedades de ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX*. México: CEHILA/Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 39.

medo das elites e dos setores médios de que a democracia levasse a minar a idéia da propriedade privada. A maioria dos publicistas liberais dos séculos XVIII e XIX temia a soberania popular e durante muito tempo o sufrágio esteve limitado aos proprietários.

Por outro lado, se os regimes liberais são modelados pela oposição ao absolutismo “tirânico”, continuam apavorados pelo medo de uma “tirania da maioria”, isto é, das massas populares, que, através do sufrágio universal, poderiam fazer chegar às instituições (por exemplo na renovação anual dos parlamentos ou tribunais) seus preconceitos, suas paixões, sua instabilidade, sua intolerância. Na França, as lembranças do Terror contribuíram para esse temor mas não se pode esquecer que os autores liberais mais favoráveis à democracia compartilhavam essa crença sobre a “tirania da maioria”.

Não podemos esquecer, aliás, que, se o Estado liberal conhece um real impulso no século XIX, seu triunfo se encarnará em um sistema econômico. O liberalismo transforma-se agora na ideologia das classes dirigentes no poder, as que têm nas mãos o comando da vida econômica.

Filosoficamente, o Liberalismo enfrenta-se com concepções não menos difíceis do que seja liberdade. Temos, por um lado, a concepção naturalista da liberdade: o homem é verdadeiramente livre quando pode fazer tudo aquilo que lhe satisfaz. Trata-se de uma concepção naturalística, na medida em que o agir humano obedece aos mesmos instintos ou apetites. No entanto, para conseguir satisfazer os próprios desejos - e, portanto, para ser livre - o homem precisa não encontrar obstáculos e, quando eventualmente os encontre, precisa possuir também a força (ou o poder) para coagir e subordinar aos outros homens. Temos aqui uma liberdade que implica, pois, a desigualdade. “Se a liberdade coincide com o poder, quem tem maior quantidade de poder será mais livre: paradoxalmente, o homem verdadeiramente livre é o déspota.”³⁵

Essa relação entre liberdade e poder está limitada, no entanto, pela desproporção existente entre as necessidades e instintos humanos e os meios e recursos para satisfazê-los. Para o pensamento liberal, a solução está na política, entendida como poder decisório quanto à distribuição destes bens e recursos: o homem, não tendo condições para possuir tudo o que necessita ou que deseja, dobra-se à autoridade, ou ao princípio de realidade, que se expressa na idéia de que em todos os grupos sociais dotados de um mínimo de organização a liberdade dos indivíduos para fazerem o que bem entendem é mais ou menos limitada, conforme a opinião das classes dominantes acerca da nocividade social desta ou daquela liberdade natural.

Outra definição é a que vê a liberdade não como um dado natural, mas como fruto do homem racional: o indivíduo não é livre no imediatismo e espontaneidade de agir, mas pode tornar-se livre na medida em que busca adequar-se a uma ordem necessária e objetiva onde encontra-se a essência da verdadeira liberdade.

Em lugar de “posso (ser livre), porque quero e porque tenho o poder de agir”, afirma-se “posso, porque devo, e devo na medida em que, enquanto homem, participo de

³⁵ Cf. MATTEUCCI. *Liberalismo*. In: BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO. *Dicionário de Política*, cit. (ed. 1983), p. 691.

uma ordem racional". O instrumento de liberdade é, pois, o conhecimento, isto é, algo radicalmente contrário ao instinto, assim como o homem no Estado natural é o oposto do homem racional, que vive em sociedade.³⁶

O principal problema do pensamento liberal clássico, responsável por uma ambivalência da qual o Liberalismo é vítima, é o de determinar quem pode ser considerado como indivíduo, capaz de gozar em plenitude tais direitos inalienáveis, fossem eles naturais ou decorrentes do conhecimento. Em outras palavras, sua principal dificuldade estava em confrontar-se com a idéia de democracia, ironicamente gerada e alimentada pelo próprio pensamento liberal.

As objeções à democracia não estavam limitadas apenas ao medo quanto ao destino da propriedade privada. Muitos liberais genuinamente temiam que a democracia comportasse a potencialidade latente da tirania. Se a vontade da maioria deve ser suprema, todos estão submetidos à sua misericórdia. Benjamim Constant expressava essa preocupação generalizada ao observar que do ponto de vista do indivíduo não faz a menor diferença se ele está submetido à tirania na pessoa de um déspota ou da totalidade dos indivíduos que compõem a sociedade, visto que sofrerá a opressão da mesma maneira³⁷. Segundo ele, esta última é ainda pior, já que o tiranicídio poderá livrá-lo das mãos de um opressor individual e, em todo caso, outras pessoas poderiam ter comiseração por ele, ao passo que, oprimido por uma ampla maioria, não teria como livrar-se da submissão.

Não é muito difícil inferir a confusão de idéias e interesses geradas pelas idéias liberais particularmente na América Latina, recém saída do domínio colonial, onde essas idéias circulavam, salvo exceções, entre grupos políticos muito mais identificados com facções da elite *criolla*, que via as massas como mal preparadas para a democracia. É importante lembrar que, ao adotar a democracia, a América pós-colonial tinha a vantagem em relação à Europa de não ter tido uma nobreza. Mas, por outro lado, tampouco conhecia a experiência de uma classe média esclarecida, o que a colocava, quanto à democracia, numa situação inferior³⁸.

Como essas idéias são recepcionadas e traduzidas na América Latina? Segundo Charles A. Hale, o que caracteriza a experiência do liberalismo no continente é que sua concretização

*se derivou da aplicação das idéias liberais a países que estavam muito estratificados, social e racialmente, e subdesenvolvidos no campo econômico, nos quais a tradição de uma autoridade estatal centralizada estava bastante arraigada.*³⁹

Mas, mais que isso, o Liberalismo latino-americano sofreria - como não poderia deixar de ser - as influências das distintas concepções liberais euro-norte-americanas, buscando soluções mais ou menos criadoras, para além das origens sociais de seus pensadores.

Assim, é possível compreender a afirmação de Richard Morse de que na América Latina o liberalismo e a democracia não interagiram diretamente, ao contrário

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem.

³⁸ ARCINEGAS, Germán. *Latin America: a cultural history*. London: Cresset, 1969, p. 351.

³⁹ HALE, Charles A. *Ideas políticas y sociales en América Latina, 1870-1930*. In: BETHELL, Leslie (org.). *Historia de América Latina. 8. América Latina: cultura y sociedad 1830-1930*. Barcelona: Crítica, 1991, p. 2.

da América inglesa, tendo sido assimilados de forma independente e intermitente a uma cultura política que, segundo ele, “ambos podiam afetar, mas nenhum podia suplantar”⁴⁰.

Por essa razão, ainda segundo Morse, o liberalismo europeu tornou-se, na Ibero-América, modificado por diferentes matizes, propriedade tanto de partidos ou regimes “liberais” quanto conservadores, perdendo muitas de suas conotações “liberais” adquiridas desde a época de Locke⁴¹. Parece claro que tanto liberais quanto conservadores tinham como objetivo construir governos para o povo mas não com o povo. Vai neste sentido a “declaração de princípios” do mexicano Justo Sierra:

*Declaramos [...] não compreender a liberdade se não é realizada dentro da ordem, e somos, por isso, conservadores; nem a ordem, se não é o impulso normal para o progresso, e somos, portanto, liberais.*⁴²

Declaração não muito distante da do brasileiro Justiniano José da Rocha, em meados do século, ao referir-se ao período de instabilidade política do Império compreendido, segundo ele, entre a Independência e 1856:

*Na eterna luta da autoridade com a liberdade há períodos de ação; períodos de reação, por fim, períodos de transação em que se realiza o progresso do espírito humano, e se afirma a conquista da civilização. As constituições modernas mesmas não são senão o trabalho definitivo dos períodos de transação.*⁴³

Por outro lado, não podemos esquecer que na segunda metade do século XIX, quando os processos de independência já se haviam consolidado na América espanhola e, segundo Hale, “o fenômeno americano anterior dos ‘bárbaros’ caudilhos regionais cedeu finalmente ante um regime de direito, um regime ‘civilizado’ e uniforme”⁴⁴, estabeleceram-se anos de relativo consenso político em torno de novos conceitos doutrinários, aos quais aos poucos, ainda que com pouco rigor, se foi denominando de “positivismo”. As teorias liberais clássicas, baseadas no indivíduo autônomo davam lugar a teorias que viam o indivíduo como parte integrante de um organismo social mais amplo, condicionado no tempo e no espaço, mais apropriadas, a meu ver, para aplacar o mal-estar causado pelo desconforto de que fala Morse. Ainda segundo Hale, a transformação do liberalismo, por volta de 1870, de uma ideologia reformista a um mito unificador deve ser vista em parte como a insuficiência do ideal do pequeno proprietário - no qual, na América Latina e em outras sociedades agrícolas, segundo esse autor, se haviam depositado as esperanças de harmonia social e progresso econômico. Tal falência, para o autor, era consequência de dificuldades estruturais em países integrados por latifundiários e camponeses dependentes, fossem eles escravos, peões, ocupantes de pequenas faixas de terra hereditárias que apenas davam para o plantio de subsistência ou habitantes de terras comunais indígenas. Os esforços dos reformadores resultariam inúteis, prejudicados pelas limitações da teoria liberal, bem como pela complexidade das reali-

⁴⁰ MORSE, Richard M. *O espelho de Próspero. Cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 89.

⁴¹ Ibidem.

⁴² SIERRA, Justo. *Obras completas*. México: UNAM, 1977. T. IV, p. 146, apud RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 84.

⁴³ ROCHA, Justiniano José da. *Ação; reação; transação. Duas palavras acerca da atualidade política do Brasil*. In: MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Três panfletários do segundo reinado*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956, p. 163.

⁴⁴ HALE. *Ideas políticas y sociales en América Latina*. In: BETHELL. *Historia de América Latina*, cit., p. 2.

dades da sociedade latino-americana⁴⁵.

Mas é preciso, no entanto, considerar a posição de Alain Rouquié, para quem não é correto afirmar que a estratificação social das sociedades latino-americanas do século XIX tenha origem predominantemente em famílias tradicionais, proprietárias de latifúndios improdutivos. Para esse autor, seus agentes seriam mais bem “agentes econômicos dinâmicos prontos a se apropriarem do novo e a pôr o poder público a sua disposição com o objetivo de vencer todos os obstáculos sociais à sua expansão”⁴⁶.

Ainda segundo Rouquié, se esses grupos agem de acordo com a mais estrita racionalidade mercantil, ao mesmo tempo se rendem ao “consumo ostentatório”, símbolo de *status*, imitando o estilo de vida das classes superiores europeias em suas manifestações mais ruidosas. Ao mesmo tempo, é de importância fundamental a vida cultural, nesse esforço mimético de uma classe dominante em busca de um modelo de legitimidade. Por essa razão, a burguesia liberal e cosmopolita argentina, por exemplo, condutora de um processo de modernização do país a partir de 1880, reserva um espaço privilegiado à cultura na busca da superação da “barbárie” dos Pampas pela “civilização” das cidades: o acesso privilegiado ao conhecimento e à atividade intelectual forneceriam as bases de legitimação do seu poder. As “classes cultivadas” se dotariam, assim, de uma legitimidade reconhecida e marcada pelo signo universal do “progresso”.

Como veremos adiante, foi de onde beberam, fundamentalmente, os paraguaios da *Legión*, o que inspiraria seu projeto de *regeneración* para o Paraguai do pós-guerra. Encontram-se aí, por exemplo, as raízes de sua defesa intransigente da imigração europeia como elemento fundamental para a arrancada paraguaia rumo ao “progresso” e à “civilização”, como o fariam, por exemplo, Sarmiento e, posteriormente, Bunge, na Argentina e tantos outros pensadores do liberalismo latino-americano.

Com efeito, o Paraguai do início do século XIX não era uma realidade muito distinta das dos demais países do continente latino-americano. Entretanto, as peculiaridades de sua história podem iluminar questões interessantes a respeito da trajetória do liberalismo clássico e de suas ligações conflituosas com o positivismo comitiano no continente.

Neste trabalho pretendo destacar, por acreditar ser indispensável para a compreensão do seu conjunto, como se comportou, nos primeiros anos do pós-guerra, depois de levados ao poder os interesses liberais impostos por Buenos Aires e Rio de Janeiro, a elite local e quais as conseqüências para a população paraguaia. Embora guardando inúmeras semelhanças quanto à apropriação, adaptação e/ou reelaboração das idéias do(s) Liberalismo(s) no contexto latino-americano pós-colonial, pretendo destacar suas peculiaridades no período do pós-guerra da Tríplice Aliança e suas implicações para a “regeneración” da identidade nacional paraguaia e, nesse contexto, o papel da mulher.

⁴⁵ Idem, p. 12.

⁴⁶ ROUQUIÉ, Alain. *Amérique latine. Introduction à l'Extrême-Occident*. Paris: Seuil, 1987, p. 136.

1.2.5. BILINGÜISMO E DIGLOSSIA

Um último problema - mas não menos importante - é o das relações sociolinguísticas entre os dois idiomas historicamente dominantes e em disputa no Paraguai: o castelhano, língua do colonizador, e o guarani, idioma da mais expressiva das etnias existentes na região quando da chegada dos espanhóis. Para entendê-las é preciso percorrer à noção de bilingüismo e seus desdobramentos.

Para Francesc Vallverdú, podemos falar em bilingüismo em sentido estrito quando um indivíduo utiliza alternadamente duas línguas. Entre as várias possibilidades de análise da ocorrência do bilingüismo, a que nos interessa é a que analisa este fenômeno sociolinguístico segundo as funções sociais atribuídas a cada língua. Segundo este ponto de vista, podemos falar de “bilingüismo neutro”, quando o uso de uma e outra língua é livre, não conflitante, e “bilingüismo diglössico”, quando a eleição não é livre porque existe distribuição de funções: “altas” (**H** - do inglês *high*) para a língua A e “baixas” (**L** - do inglês *low*) para a língua B. O bilingüismo diglössico pode ser parcial o total. No primeiro caso, deverá haver *partial shift*, isto é, a mudança em favor da língua A se produz por pressões externas de caráter político (ocupação estrangeira, opressão nacional) o social (emigração), mas sem que os falantes outorguem à sua língua nativa a consideração de língua B. No segundo caso, deverá haver *total shift*, isto é, a mudança de língua corresponde plenamente à divisão de funções altas e baixas da língua respectiva⁴⁷.

Originalmente, o conceito de diglossia foi empregado por Charles Ferguson para designar apenas variações **H** e **L** de um mesmo idioma. Para ele, a definição de diglossia era a de

*uma situação lingüística relativamente estável em que, ao lado dos dialetos básicos da língua (que podem incluir uma forma-padrão o padrão-regional), há uma variedade superposta, bastante divergente e altamente codificada (freqüentemente mais complexa gramaticalmente), o veículo de um grande e respeitado **corpus** literário (escrito) ou de um período anterior ou em outra comunidade de fala, que é aprendida via escolarização formal e é usada em textos escritos ou em situações de fala formal, mas não é utilizada por nenhum segmento da comunidade em situações de fala informal.*⁴⁸

Geralmente, segundo Ferguson, a variedade alta é mais complexa gramaticalmente no sentido de que apresenta um número maior de categorias gramaticais alternativas e, conseqüentemente, mais exceções às suas próprias regras. A diferença, portanto, entre as variações **H** e **L** reside na gramática e não na fonologia ou no léxico.

*Funcionalmente, seus limites são rígidos: a variação **H** é utilizada no registro escrito e falado formal; coloca-se como principal veículo literário; é adquirida na escola; e, mais grave ainda, não é usada por nenhum segmento da comunidade em situações de conversação informal. Neste último caso, utiliza-se **L**. É, pois, natural que **H** goze de prestígio social.*⁴⁹

Outros autores, no entanto, expandiram o conceito de diglossia proposto por Ferguson para sociedades bilíngües. J. Fishman, por exemplo, cita o Paraguai como

⁴⁷ Cf. VALLVERDÚ, Francesc. *El fet lingüístic com a fet social*. Barcelona: Edicions 62, 1985, p. 42.

⁴⁸ FERGUSON, Charles. *Diglossia*. *Word*, (15):326, 1959.

⁴⁹ TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tania. *Falares crioulos. Línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987, p. 68.

exemplo de uma situação diglössica na qual as variedades alta e baixa são, respectivamente, o espanhol e o guarani, esta última uma língua indígena do tronco tupi-guarani, absolutamente desvinculada, portanto, de qualquer raiz românica. Fishman, indo ainda mais além, afirma que o conceito de diglossia inclui qualquer sociedade em que duas ou mais variedades são utilizadas em circunstâncias distintas e diferenciadas entre si, acrescentando que poderíamos falar de diglossia com bilingüismo - caso do Paraguai -, diglossia sem bilingüismo e bilingüismo sem diglossia⁵⁰. Também Vallverdú menciona o Paraguai como exemplo de bilingüismo com diglossia. Esse autor, depois de afirmar que o melhor exemplo de comunidade caracterizada como bilíngüe e ao mesmo tempo diglössica é a da Suíça alemã, menciona o caso Paraguai, onde praticamente toda a população fala castelhano (língua A) e guarani (língua B), mas lembra que, no caso paraguaio, a situação mais recente (o texto é de 1973) parecia evoluir no sentido de uma normalização do guarani. Segundo ele,

*Nestes exemplos observamos que os membros da comunidade têm disponíveis papéis lingüísticos **compartimentalizados** e, ao mesmo tempo, estão capacitados para **acceder** a estes papéis; são, pois, bilíngües (porque alternam o uso de duas línguas) e diglössicos (porque servem-se de uma ou de outra de acordo com a função que socialmente lhes é atribuída).*⁵¹

Fernando Tarallo e Tania Alkmin, no entanto, parecendo desconfiar da normalização em situações de diglossia, perguntam, na tentativa de apontar para o conjunto de fatores que interferem na diglossia:

*até que ponto a diglossia é um sistema estável? Assim como de bilingüismo uma comunidade pode passar ao monolingüismo, poderá também a situação diglössica desaparecer? Caso sim, o que provocaria essa mudança? De novo, as causas serão sociais, históricas, políticas e culturais. Entre elas, poderíamos citar: descrença nos valores atribuídos à variedade alta; nacionalismo local exacerbado adquirindo prestígio; fronteiras de domínios nebulosas para cada uma das duas variedades, etc. Em resumo, a situação diglössica, assim como o bilingüismo, pode ser invertida, ou seja, é possível inverter a própria história.*⁵²

No Paraguai essa questão reveste-se de importância capital. Tanto mais porque não há consenso sobre qual das duas línguas - a indígena e oral guarani ou a européia e literária castelhana - ocupa a (o)posição A, normalmente definida como a mais “sofisticada” pelos lingüistas.

Marcos Morínigo, em artigo de 1975, preocupado com esta questão, afirmava que o Paraguai é o único país da América Latina realmente bilíngüe, além de ser o único em que uma língua autóctone, “ainda que dinamicamente criadora”, compartilha com o espanhol a posição de língua geral do país, “falada por toda a generalidade de seus habitantes”, no qual o fato de falá-la constante ou preferentemente não suporia diminuição de *status* social. E argumenta:

Várias línguas indígenas sobrevivem em vários países da América, mas sempre entre populações e comunidades que sofrem discriminações sociais por serem indígenas ou por se assemelharem a elas pela pobreza e pelo primitivismo. Nesses países os

⁵⁰ FISHMAN, J. *The Relationship between micro- and macro-sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when*. In: PRIDE, J. B. & HOLMES, J. *Sociolinguistics*. Harmondsworth: e.ed., 1971, p. 75, apud TARALLO & ALKMIN. *Falares crioulos*, cit., pp. 69-70.

⁵¹ VALLVERDÚ. *El fet lingüístic com a fet social*, cit., p. 55.

⁵² TARALLO & ALKMIN. *Falares crioulos*, cit., p. 70.

*naturais, apenas aprendem mal ou bem o espanhol, esquecem a língua vernácula ou fingem não sabê-la, para alcançar um lugar, ou mantê-lo, na sociedade dos cidadãos que contam, que são os que falam espanhol. Evidentemente, à mudança de língua acompanham outras concomitâncias que levam ao mesmo fim de superar a menos valia social, mas o eixo do troca é o troca de língua. Nestas condições ninguém pode esperar que as línguas indígenas mantenham seu dinamismo e capacidade de resistência para não sucumbir ante o espanhol invasor. O guarani do Paraguai e das províncias argentinas de Misiones e Corrientes constitui, pois, uma exceção. Aqui praticamente já não existem índios, mas o guarani continua sendo língua viva utilizada pelo povo sem distinção de classes sociais como conseqüência de bem conhecidas situações históricas.*⁵³

Outro paraguaio, Germán de Granda, mais preocupado com confrontar a realidade paraguaia com a teoria, comenta criticamente a posição do jesuíta Bartolomeu Melià, que defende, com pequenas variações, a mesma posição de Fishman, que vê no espanhol a língua que representa a variante alta (**H**) e no guarani a variante baixa (**L**). Segundo Granda, o conceito de diglossia não é aplicável à totalidade dos elementos que individualizam como tal o bilingüismo paraguaio e, portanto, embora justifique convenientemente algumas das propostas de realização que determinam parcialmente o manejo dos códigos lingüísticos que coexistem no país, não fornece o instrumento teórico necessário para dar conta de todas elas, ficando claramente fora de seu âmbito de aplicação segmentos importantes do comportamento da comunidade lingüística paraguaia, considerada como estrutura social, em sua dupla vertente sincrônica e diacrônica⁵⁴. O autor considera como mais adequada, para delimitar conceitualmente a complexa situação lingüística do Paraguai, as categorias de **poder** e **solidariedade**, atribuíveis, respectivamente, ao emprego dos códigos lingüísticos espanhol e guarani e, partindo desta base teórica, a consideração do bilingüismo paraguaio como

*uma situação dinâmica bipolar na qual, em função de variáveis sociolingüísticas dão lugar, em cada circunstância, a que, dependendo da presença, ausência ou proporcionalidade relativa de valores conexos com as categorias de **poder** (comportamentos pragmáticos, convencionais, oficiais ou fortemente culturalizados) e de **solidariedade** (comportamentos afetivos, personalizados, informais e socialmente coesivos), alternem, como variantes lingüísticas **H** e **L**, o espanhol e o guarani de maneira muito fluida e altamente oscilante, o que, acredito, não permite, sem generalização indevida, aplicar a uma modalidade de bilingüismo como a aqui esboçada a etiqueta de diglósica, a menos que se enfoque tal diglossia, dinamicamente, como situacional e alternativa quanto à língua de prestígio.*⁵⁵

Em trabalho mais recente, Bartolomeu Melià rebate a crítica de Granda, servindo-se das observações do brilhante jornalista espanhol imigrado, Rafael Barrett⁵⁶, que já em 1907, segundo ele, havia identificado o fenômeno tal qual Melià o propõe. Em sua defesa, Melià argumenta:

Para todos os efeitos o monolíngüe guarani é considerado inferior e é penalizado por

⁵³ MORÍNIGO, Marcos Augusto. *Impacto del español sobre el guaraní*. In: CORVALÁN, Graziella & GRANDA, Germán de (orgs.). *Sociedad y lengua: bilingüismo en el Paraguay*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1982, p. 598.

⁵⁴ GRANDA, Germán de. *Calcos del guaraní en el español del Paraguay*. In: CORVALÁN & GRANDA. *Sociedad y lengua*, cit., p. 702.

⁵⁵ Idem, p. 703.

⁵⁶ Ver, a esse respeito, BARRET, Rafael. *Obras completas. I: El dolor paraguayo. Mirando vivir*. Asunción: RP/Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1988, pp. 52-54.

este fato, seja através da falta de oportunidades na escola, seja pela ausência de opções de trabalho. Conscientes disso, os programadores educativos e os planejadores do desenvolvimento do país se dizem preocupados com esta suposta limitação e dirigem seus esforços no sentido de superá-la. O monolíngüe guarani é mantido em inferioridade de condições. Neste sentido, sua situação não é comparável a um monolíngüe catalão na Espanha ou italiano na Suíça. A mesma língua guarani tem sido tratada historicamente, sobretudo no último século - o único século da castelhanização sistemática - como variedade baixa [...]. A relação de diglossia entre o castelhano e o guarani é o resultado do processo colonial e das formas de neocolonialismo que ainda persistem. A comunidade lingüística paraguaia é claramente diglósica a nível de nação.

Onde se pode introduzir as categorias de poder e solidariedade é entre os bilingües, que teoricamente podem optar pelo emprego do castelhano ou do guarani, segundo os contextos socioculturais e políticos em que desejam situar-se. Mesmo aí, no entanto, o castelhano é mais facilmente identificado com o poder político e cultural. A eleição do guarani para marcar uma relação de solidariedade com falantes monolíngües não está isenta - entre os políticos, por exemplo - de uma secreta vontade de dominação.⁵⁷

A questão, evidentemente, está em aberto e a posição de Melià parece ser a de que o Paraguai possivelmente estaria caminhando em direção a uma “terceira língua”, da qual a mistura conhecida como *jopara* - para alguns o espanhol falado com empréstimos do guarani e para outros, Melià inclusive, ao contrário, o guarani com empréstimos do espanhol - seria já um sinal. Seja como for, é fascinante que o guarani, como variante “baixa” dessa estrutura diglósica especial paraguaia, tenha sobrevivido por tantos anos. Neste estudo, tentarei demonstrar sua importância fundamental no embate entre o projeto liberal dos “regeneradores” e a resistência surda, ainda que pertinaz, da “gente baixa” - particularmente suas mulheres - ao projeto da *Regeneración*.

1.3. METODOLOGIA E FONTES

O principal obstáculo à pesquisa sobre a Guerra da Tríplice Aliança não é propriamente a ausência de fontes, mas a sua imensa dispersão. Para encontrá-las é necessário percorrer o verdadeiro labirinto de informações desencontradas ou tatear pelos corredores secretos da ausência absoluta de informação a respeito dos acervos. Quando é possível chegar a algum acervo documental, superada a verdadeira maratona, nos deparamos com um emaranhado de documentos em péssimo estado de conservação e para cujo acesso quase nunca existem instrumentos de pesquisa adequados.

Destruída ou dispersada durante a guerra e quando da ocupação de Asunción (janeiro de 1869), a maioria das fontes documentais tornou-se um verdadeiro mistério, sobre os quais se constroem muitas lendas. A documentação que foi salva da tragédia ou encontra-se pulverizada pelos vários órgãos de governo ou nas mãos de particulares, fazendo parte de acervos familiares ou individuais, cujo acesso depende de uma complicada teia de influências e amizades, ou ainda em acervos documentais fora do país.

⁵⁷ MELIÀ, Bartolomeu. *La lengua guaraní del Paraguay*. Madrid: MAPFRE, 1992, p. 193.

Ao decidir decretar a evacuação de Asunción, a 22 de fevereiro de 1868, Solano López decidiu trasladar, por trem, todo o acervo do Arquivo Nacional paraguaio, em dezenas de volumes, que foram conduzidos até a segunda capital, Luque⁵⁸. Previsivelmente, devido aos imprevistos da guerra, a quase totalidade dessa documentação, sucessivas vezes desmembrada pelo confisco ou simples roubo, foi parar nas mais diversas mãos: a maior parte dela foi confiscada pelas tropas brasileiras; dezenas de outros documentos ficaram em poder de oficiais ou soldados ou mesmo em mãos das centenas de seguidores do exército paraguaio, em várias ocasiões e por vários motivos.

Quanto à documentação diplomática, comercial e particular que havia permanecido em Asunción, já no dia 5 de janeiro de 1869, data da entrada do grosso do exército brasileiro na capital paraguaia, começou a ser dispersa pelo saque sistemático da cidade, que se prolongou por cinco dias e noites. Segundo vários relatos, nada escapou à fúria dos conquistadores. Nem mesmo foram respeitados os arquivos e efeitos da legislação brasileira que haviam permanecido sob a custódia do Consulado francês. Tampouco os que pertenciam à Legação norte-americana e ao Consulado de Portugal. O cônsul da França, Cuverville⁵⁹, que, não admitindo o traslado de sua representação para Piribebuy, a terceira capital do país no período da guerra, veio a instalar-se em sua antiga residência, mas não pôde impedir que fosse saqueado seu próprio consulado. "Abandonada por muitos dias pelos paraguaios e ocupada Asunción sem resistência", protestou dias depois ante o Marquês de Caxias,

Foi tão indignamente saqueada como uma cidade tomada de assalto. Os interesses dos meus compatriotas ausentes não foram tampouco respeitados. Vi saquearem o consulado de Portugal e a legação norte-americana. Meu próprio consulado foi, por diversas ocasiões, roubado; meus móveis jogados fora e destruídos, encontrei meus livros despedaçados e disseminados por toda parte, assim como o arquivo do consulado geral do Brasil no Paraguai, que eu guardava com maior cuidado que o meu.⁶⁰

O comandante do navio norte-americano Wasp, que ancorou no porto de Asunción dias depois, também protestou ante o comando aliado:

Devo igualmente chamar a atenção de V. E. sobre o fato de que, depois de ser ocupada a cidade de Asunción pelo exército brasileiro, a casa residência da legação dos Estados Unidos foi esvaziada dos vários cofres, alguns selados, dos que foram violentamente subtraídos os conteúdos. Também foi removido o arquivo oficial da Le-

⁵⁸ Cf. DECOUD, Héctor Francisco. *Sobre los escombros de la guerra. Una década de vida nacional 1869-1880*. Asunción: s.ed., 1925, p. 16.

⁵⁹ Em alguns casos, é bastante difícil determinar e/ou identificar os pronomes e a grafia correta de várias personalidades envolvidas na guerra, particularmente de estrangeiros. Acreditando que, em geral, as variações grafadas não comprometam a identificação dos personagens, procuro manter a forma mais comumente encontrada. Neste caso, no entanto, ao passo que um autor (GOMES, Carlos de Oliveira. *A solidão segundo Solano López*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982) identifica o cônsul francês em Asunción como Paul Aimée de Couverville, a cidadã francesa Dorotea Duprat de Lasserre identifica-o como Paralt de Caraliere de Cuveville (*Aventuras y padecimientos de Madame Dorotea Duprat de Lasserre*. In: *Papeles de Lopez ó el tirano pintado por si mismo y sus publicaciones*. Buenos Aires: Imprenta Americana, 1871, apud ALCALÁ, Guido Rodríguez. *Residentas, destinadas y traidoras*. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991, p. 55). Embora não haja dúvida sobre tratar-se da mesma pessoa, acredito ser relevante registrar as duas identificações, pela disparidade que apresentam entre si. Além do mais, é preciso registrar que, no caso de Carlos de Oliveira Gomes, trata-se de obra de ficção e que, portanto, o autor pode ter inventado prenomes para Cuverville.

⁶⁰ Apud CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años: crónicas de la guerra del 1864-1870 publicadas en "La Tribuna" de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional. Tomo XI: 1o. de Enero de 1869 a 30 de Abril de 1868*. Asunción: EMASA, 1979, pp. 16-18.

gação.⁶¹

O cônsul da Itália, Lorenzo Chapperon, também protestou ante os chefes aliados:

*O Consulado de S. M. em Asunción, foi assaltado no dia 5 de janeiro próximo passado, e para proceder a seu horroroso saque, se derrubaram as janelas. A mesma sorte tiveram vários italianos e alemães residentes nesta cidade e fora dela, onde sofreram o furor com que foram suas casas violentadas para serem despojadas das mercadorias e móveis que ali se encontravam.*⁶²

Em termos da preservação da documentação histórica sobre a guerra e o período imediatamente subsequente, sobre a rearticulação da vida pública paraguaia em Asunción, portanto, as condições adversas dos últimos dois anos da guerra e, particularmente, a ocupação de Asunción pelas forças aliadas, foram um verdadeiro desastre. Hoje, a documentação que resta sobre esse período encontra-se, como já mencionado anteriormente, dispersa pelos mais variados acervos, públicos e particulares, no Paraguai, no Brasil, Argentina, Uruguai, Grã-Bretanha, EUA etc.

No Paraguai, a destruição da documentação histórica, infelizmente, permaneceu, lenta mas continuamente, graças à formação precária de historiadores, arquivistas e biblioteconomistas em geral e à má vontade generalizada, que, salvo raras exceções, nunca permitiu a organização da documentação que se manteve nas mãos do Poder Público ou a sua libertação à consulta pública. Fala-se, ainda, no desaparecimento de vários documentos durante a ditadura de Stroessner, em razão dos mais diversos interesses, pelas mãos de pessoas comprometidas com o poder, cujo acesso era franqueado na Biblioteca Nacional, no Arquivo Nacional e em outras instituições públicas onde prevalecia o poder da autoridade militar discricionária sobre o poder da sociedade civil.

Assim, este trabalho é o resultado da consulta aos mais diversos acervos documentais, o que não me permitiu compor séries documentais de relevância substancial, com exceção dos periódicos que fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional paraguaia. São os únicos documentos de época com os quais, apesar do péssimo estado de conservação da maioria das coleções, pode-se compor séries documentais com relativamente poucas lacunas. De qualquer forma, não era minha intenção, mesmo antes de tomar contato com essa complexa realidade da dispersão das fontes paraguaias, analisar as evidências de forma quantitativa⁶³. Para enfrentar os problemas colocados pela dispersão, escassez e mau estado de conservação das fontes e pela falta de informações sobre acervos documentais relevantes, segui o mais atentamente possível as observações de Carlo Ginzburg sobre o caráter não-galileano da história, para quem

mesmo que o historiador não possa deixar de referir-se, explícita ou implicitamente, a

⁶¹ Ibidem.

⁶² Ibidem.

⁶³ A única exceção que julgo relevante para este trabalho quanto ao tratamento quantitativo das fontes é a da questão demográfica, sem dúvida a mais espinhosa para o pesquisador da história da guerra do Paraguai, porque os únicos censos demográficos confiáveis da população paraguaia imediatamente antes e após a guerra foram realizados em datas bastante distantes do conflito, respectivamente em 1846 e 1886. Dessa tarefa, no entanto, vários historiadores já têm-se ocupado há algum tempo e encontrado soluções bastante criativas. Ainda que discutível em alguns aspectos, utilizo-me dessa bibliografia, comentando minhas discordâncias, embora reconheça nela o mérito fundamental de haver tratado dessa difícil questão de forma séria e exaustiva, além de ter-me poupado parte substancial de minhas energias.

*séries de fenômenos comparáveis, a sua estratégia cognoscitiva assim como os seus códigos expressivos permanecem intrinsecamente individualizantes (mesmo que o indivíduo seja um grupo social ou uma sociedade inteira). Neste sentido, o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural.*⁶⁴

Ginzburg lembra, ainda, que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la”⁶⁵. Na tentativa de seguir satisfatoriamente esta trilha, meu trabalho de investigação foi realizado nos acervos das instituições cujos corpos documentais fossem os mais amplos e de mais fácil acesso. Eles poderiam fornecer-me indícios de situações nunca documentadas ou cujos registros se perderam no labirinto de que falamos há pouco. Em Asunción, foram consultados o Arquivo Nacional (**ANA**); a Biblioteca Nacional (**BNA**); o Arquivo da Arquidiocese de Asunción (**AAA**), já que até 1880 não havia registro civil no Paraguai; o Área Mulher do Centro de Documentação e Estudos (**CDE/AM**), organização não-governamental dedicada ao estudo dos problemas sociais paraguaios, além de arquivos de particulares que me foram indicados por outros pesquisadores já familiarizados com o tema. Além disso, a menção a vários documentos originais, no corpo do texto ou em notas, é resultante da gentileza desses colegas, que me forneceram cópias de documentos depositados em acervos que não tive a oportunidade de consultar e que, em alguns casos, essas mesmas pessoas utilizaram em suas investigações.

Neste aspecto foi fundamental o intercâmbio com pesquisadores paraguaios ou “paraguaistas” em vários pontos do planeta, graças à rede mundial de comunicação eletrônica materializada na Internet, sem os quais este trabalho teria enfrentado dificuldades ainda maiores. Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Wolf Lustig, do Departamento de Línguas Românicas da Universidade Johannes Gutenberg, de Mainz, Alemanha; à Prof^a. Dr.^a Barbara Potthast-Jutkeit, do Departamento de História Latino-Americana da Faculdade de História e Filosofia da Universidade de Bielefeld, também na Alemanha; ao jornalista e historiador Dr. Ricardo Caballero Aquino; ao Prof. Dr. Thomas Whigham, do Departamento de História da América Latina da Universidade da Georgia (EUA); ao Prof. Dr. Mario Pastore, do Programa de Estudos Latino-Americanos da Universidade Cornell (EUA); à socióloga Lourdes Pereira, atualmente na Universidade do Kansas (EUA); finalmente, a Francisco Fernando Monteoliva Doratioto, então doutorando pela UnB e residindo em Asunción. Além dessas pessoas, agradeço aos mais de cem participantes da lista de discussão eletrônica Paraguay-L, que, para todos os efeitos, devem ser também tomados como “fontes”, pelo menos no sentido jornalístico da palavra, já que várias foram leitoras críticas dos resultados parciais desta investigação, outras sugeriram bibliografias, indicaram contatos com investigadores, ajudaram na confirmação de informações.

No Rio de Janeiro, foram consultados o arquivo histórico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (**IHGB**), que incorporou os acervos de várias personalidades brasileiras envolvidas na guerra; o Arquivo Histórico do Exército (**AHE**) e o Arquivo do Itamaraty (**AHMRE**). Além desses acervos, foram consultadas as cópias microfil-

⁶⁴ GINZBURG. *Mitos, emblemas, sinais*, cit., p. 157.

⁶⁵ Idem, p. 177.

mas da Coleção Rio Branco (**BNB-CRB**), conjunto de documentos que corresponde, *grosso modo*, ao acervo do Arquivo Nacional paraguaio do período da guerra, que acompanhou López em sua peregrinação. Confiscados aos paraguaios em várias épocas durante a guerra, esses documentos foram incorporados ao arquivo pessoal do Visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, então ministro das Relações Exteriores. Posteriormente, foram incorporados ao acervo do Itamaraty, doados à Biblioteca Nacional, e, finalmente, devolvidos ao Paraguai durante o governo João Figueiredo.

Foram também importantes para esta pesquisa outras pessoas “não eletrônicas” que, no Paraguai, foram da maior solicitude. Cito, em particular, o Prof. Ramón Rolandi Torres, da **BNA**, Clyde Soto, Line Bareiro e Mary Monte, do **CDE/AM**, e o jornalista Raúl Amaral, cujas contribuições foram fundamentais. Além delas, foi extremamente útil a solicitude da Prof^a. Maria Adenir Peraro, do Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso, cuja tese de doutoramento, pela Universidade Federal do Paraná, sobre mulher e legitimidade em Cuiabá no final do século XIX, tem traços em comum com esta pesquisa, já que muitas das mulheres paraguaias reorganizaram sua vida conjugal e afetiva naquela região, na maioria das vezes com homens brasileiros, soldados ou não do Exército imperial. Finalmente, agradeço ao professor colombiano Miguel Ángel Urrego, do Departamento de Investigações da Universidade Central da Colômbia, outro de meus “amigos eletrônicos”, que me presenteou com seu livro ***Sexualidad, matrimonio y familia en Bogotá 1880-1930***, outra contribuição inestimável.

Nos acervos mencionados acima e graças à colaboração dessas pessoas, pude ter acesso a relatos do *front* de guerra, particularmente os provenientes dos que testemunharam os últimos momentos do conflito em Asunción (janeiro de 1869) e no interior (entre esta data e o segundo semestre de 1870); a registros de transformações na paisagem populacional provenientes de autoridades, residentes e/ou viajantes no Paraguai; aos periódicos da época da chamada “regeneração” paraguaia, além da documentação administrativa das tropas de ocupação da Tríplice Aliança, da Junta de Governo Provisória e dos primeiros governos constitucionais pós-guerra e de memórias, biografias e autobiografias, que foram, sem dúvida, as melhores fontes.

Quanto às fontes secundárias, como já mencionei anteriormente, a quantidade de trabalhos publicados no Paraguai é imensa, embora a maioria dos autores paraguaios e seus trabalhos sejam absolutamente desconhecidos no Brasil. É também grande a produção dos “paraguaístas”, que, quase invariavelmente, se contrapõem aos paraguaios pelo rigor do método, explicitação das fontes e maior cuidado na apresentação de suas conclusões. É importante mencionar a também abundante bibliografia brasileira produzida entre o final da guerra e começos do século XX, além daquela resultante de um relativo ressurgimento do interesse pelo conflito com o Paraguai no início dos anos 1990. Essa bibliografia me proporcionou aproximar-me com mais tranquilidade dos últimos momentos da guerra, do período da “regeneração” e primeiros governos constitucionais, compreender melhor aspectos da cultura paraguaia e da guarani em particular e o papel histórico da mulher na sociedade paraguaia.

Também recorri à bibliografia sobre o bilingüismo, não apenas a produzida no Paraguai mas também a que trata da questão em geral, sempre que possível observando experiências concretas, como a do Quebec, no Canadá, e da Catalunha e do País Basco, na Espanha. De qualquer modo, a experiência paraguaia é única, por

ter-se configurado historicamente a raríssima situação em que a língua indígena, do colonizado, vem disputando a hegemonia dos falantes com a língua do colonizador. A língua guarani é, sem dúvida, elemento fundamental para a compreensão das oposições típicas do pós-guerra entre “civilização” e “barbárie”, “modernidade” e “atraso”, “liberdade” e “jesuitismo”. De fato, como lembra Bakhtin,

*As línguas são concepções do mundo, não abstratas, mas concretas, sociais, atravessadas pelo sistema das apreciações, inseparáveis da prática corrente e da luta das classes. Por isso **cada objeto, cada noção, cada ponto de vista, cada apreciação, cada entonação, encontra-se no ponto de interseção das fronteiras das línguas-concepções de mundo, é englobado numa luta ideológica encarniçada.***⁶⁶

Quanto ao recorte cronológico, foram muitas as dúvidas. Inicialmente, minha intenção era manter-me dentro dos limites do período de ocupação aliada (5 de janeiro de 1869 a 28 de maio de 1876), mas esta opção acabou revelando-se demasiadamente artificial porque partia de marcos cronológicos externos à evolução política do Paraguai do pós-guerra, além de tratar-se de um período extremamente curto, não dando conta adequadamente, portanto, de algumas questões que só se explicitam quando analisamos períodos conjunturais um pouco mais longos. Acabei optando por estender os marcos máximos de minha análise a um período mais amplo, incluindo desde o começo de 1867, quando o Paraguai começa a admitir seus primeiros reveses e a tomar medidas para minimizá-los, até 1904, quando um golpe de Estado consolida no poder ao Partido Liberal, adiando, provisoriamente, para a década de 1930, o conflito político entre liberais e conservadores que permeia a história política do Paraguai desde o final da guerra.

Finalmente, cabem alguns esclarecimentos quanto às razões da minha opção por apresentar todas as citações em português. A primeira delas é que utilizei fontes secundárias em vários idiomas: catalão, espanhol, francês, guarani, inglês e português. Alguns desses textos mencionavam fontes primárias às que não pude ter acesso. Algumas foram mantidas no idioma original; outras foram traduzidas. Para uniformizar as citações, tanto das fontes primárias por mim investigadas quanto das já utilizadas por outros autores e das que me servi, optei por este caminho, que me pareceu ser o mais prático e também o mais elegante.

Por outro lado, as fontes primárias, quase todas em português, espanhol (às vezes entremeadas com citações em guarani, que mantive, apresentando a tradução mais aproximada como nota ao pé da respectiva página) ou inglês, além de apresentar as mesmas dificuldades apresentadas acima, foram redigidas segundo padrões ortográficos da época, muitos dos quais atualmente superados, o que reforçou minha escolha. Espero, com isso, ter contribuído para que o leitor tenha uma melhor compreensão do trabalho e que possa perceber nele uma maior uniformidade.

⁶⁶ BAKHTIN. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, cit., p. 415. Destaques do autor.

2. A GUERRA DO PARAGUAI: MEMÓRIA, HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

2.1. A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

2.1.1. HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA SOBRE A GUERRA

Embora possa parecer redundante, é importante lembrar o caráter extremamente violento da guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, a Argentina e o Uruguai, que durou de fins de 1864, quando o exército paraguaio apreendeu o navio de bandeira brasileira Marquês de Olinda, em águas do rio Paraguai, até março de 1870, com a morte de Francisco Solano López, presidente e comandante-chefe das Forças Armadas paraguayas. No conflito, também conhecido entre os paraguayos como "*Guerra Grande*" ou "*La Epopeya Nacional*", centenas de milhares de pessoas de ambos os lados, militares e civis, foram mortas em sangrentas batalhas, em consequência da fome e privações ou de doenças. Além disso, grande parte dos campos e do gado do Paraguai - país absolutamente agrícola - foram destruídos e dezenas de povoados simplesmente desapareceram do mapa. Dada sua importância para os rumos do Paraguai enquanto Estado-nação, essa tragédia e seus desdobramentos têm até hoje propiciado aos historiadores daquele país o maior conjunto de temáticas de sua historiografia.

No Brasil, com o término da guerra, foi muito significativo o número de trabalhos que se propunham a analisar as causas e os efeitos da guerra. Apoiados em uma visão conservadora da história, memorialista e personalista, esses estudos, particularmente com o advento da República, enfatizam, salvo exceções, a atuação do Exército, principal responsável, segundo esses autores, pela vitória e esteio do movimento republicano¹. No geral, mantêm-se sob esses historiadores a visão de que o principal objetivo da guerra foi a "desafrenta aos brios nacionais", propagandeada pela imprensa da capital nos primeiros anos do conflito como razão irrecusável para o atendimento ao chamado da pátria personificado nos corpos de Voluntários da Pátria².

Passado o calor da hora em que a guerra contra o Paraguai havia sido um bom pretexto para, particularmente, introduzir o Exército e sua importância no conflito como elementos norteadores da instauração da República, arrefece a onda de interesse sobre o tema, que só irá voltar à cena dezenas de anos depois, com a publicação do livro ***Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai***, do jornalista Julio José Chiavenatto. Esse trabalho, publicado em 1979, pretendeu ser "uma abordagem crítica da Guerra do Paraguai, tendo em vista sua causa fundamental - os interesses do capital inglês -, mas sem se descuidar do seu lado político e militar"³. Era,

¹ Cf. SOUZA, Jorge Prata de. *Escravidão ou morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Mauad/Adesa, 1996, pp. 24-25. O livro é resultante de sua dissertação de Mestrado em Estudos Latino-Americanos defendida na Universidad Autónoma de México em 1990.

² Cf. SILVA, Alberto Ribeiro da & RODRIGUES FILHO, José Maria Machado. *A desafrenta aos brios nacionais. O discurso da imprensa do Rio de Janeiro na Guerra do Paraguai (Dezembro de 1864-Maio de 1865)*. Niterói: UFF/ICHF, 1987. (Mimeo; revisto em 1995)

³ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 13.

no entanto, uma adaptação, para a atuação brasileira, dos pontos de vista do historiador argentino León Pomer em seu livro *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*, cujo original, argentino, é de 1968, para quem “não é uma conclusão exagerada admitir que o grande e definitivo beneficiário da guerra é o capitalismo inglês”⁴. Ambos são expressão de uma corrente historiográfica militante, que identifica ao Paraguai de antes da guerra como “um país próspero e o mais progressista da América do Sul”⁵, exemplo para um programa de lutas contra a opressão sobre a América Latina, caracterizada, sobretudo nos anos 70 deste século, pela profusão de regimes militares. Ainda assim, nem mesmo entre os historiadores brasileiros dedicados à história da América Latina não se pode dizer que tenha havido, nesse período, uma produção significativa sobre a guerra⁶.

[AM1] Comentário:

Seja como for, o trabalho de Chiavenatto teve como mérito fundamental reintroduzir como tema de investigação histórica no Brasil um conflito cuja importância para a compreensão do equilíbrio de forças na região do Prata na segunda metade do século XIX, passada a onda dos movimentos de emancipação, é fundamental. Além do que, é importante frisar que, se devem ser descartados muitos dos elementos de sua análise, em muitos momentos explicitamente propagandísticos e baseados em argumentação pouco convincente, por outro lado é importante reconhecer que até a publicação de seu trabalho - que abriu caminho à tradução do trabalho de Pomer, que lhe era anterior - a versão conservadora era, salvo exceções, amplamente adotada e divulgada, desde o ensino fundamental até a academia, como única interpretação possível⁷.

Apenas muito recentemente é que a historiografia brasileira voltaria a se preocupar com a Guerra da Tríplice Aliança como tema de investigação, desta vez buscando interpretações alternativas à ênfase talvez desequilibrada de Pomer e Chiavenatto dada à dependência econômica, sobretudo do capital inglês, como motivação principal para o conflito. Preocupados em apresentar novas interpretações, colocando novos problemas à documentação já conhecida e acrescentando outras fontes documentais à investigação sobre a guerra, esses autores têm promovido o que se poderia caracterizar como o primeiro ressurgimento historiográfico no Brasil relativo à Guerra da Tríplice Aliança.

Provavelmente, o primeiro trabalho dessa reintrodução da questão na historiografia brasileira foi o de Jorge Prata de Souza, *Escravidão ou Morte*, no qual o autor trata, mais especificamente, da necessidade do Império brasileiro de recorrer ao mercado escravista para recrutar grande parte dos “Voluntários da Pátria”. Em seu trabalho, Souza dialoga de forma bastante crítica com uma visão conservadora da historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança, representada, sobretudo, por

⁴ POMER, León. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. São Paulo: Global, 1980, p. 75.

⁵ CHIAVENATTO. *Genocídio americano*, cit., p. 44.

⁶ No *Catálogo de Teses e Dissertações 1974-1995 - Mestrado e Doutorado*, do Programa de Pós-Graduação em História da UFF, de 1996, por exemplo, apenas três dissertações de Mestrado, classificadas no Índice Temático da publicação como dedicadas à América Latina, tratam do Paraguai: *Paraguai: a transição política e suas bases (1869-1880)*, de Orlando BARRROS (1978); *Paraguai: bases do isolamento*, de Generaldo ALTOÉ (1978); e *A abertura do Paraguai: raiz de uma guerra*, de Luiz Carlos Jorge PEÇANHA (1979). Destes, apenas o primeiro trata especificamente da guerra contra a Tríplice Aliança, analisando as origens da elite política que participaria da história paraguaia nos dez anos posteriores ao conflito.

⁷ Vale lembrar que atualmente a interpretação baseada em Pomer e Chiavenatto ainda é a mais frequentemente aceita pelos livros didáticos de História adotados, também salvo raras exceções, nas redes de ensino fundamental do país.

algumas publicações patrocinadas pela Biblioteca do Exército, com destaque para o trabalho, em vários volumes, do general Paulo de Queiroz Duarte⁸. Esse autor seria, segundo Souza,

*a síntese da historiografia sobre a guerra contra o Paraguai, [que] resume todo o fervor patriótico do Estado-Nação consolidado, então, sob a égide da República - e coloca as Forças Armadas como uma herança do Império a ser preservada e decantada.*⁹

É importante lembrar, no entanto, que, resguardados o rigor acadêmico, a riqueza das fontes e a propriedade da análise de Souza, que demonstra o papel do recrutamento forçado dos chamados “Voluntários da Pátria” como elemento desestabilizador do trabalho escravo no Império, além de ter tornado o Exército brasileiro a instituição monárquica com a maior representatividade popular¹⁰, foi novamente Chiavenatto o primeiro a colocar a questão¹¹, no começo dos anos 80.

Em 1990 outro trabalho dedicaria atenção à guerra contra o Paraguai. Trata-se da tese de doutoramento de Wilma Peres Costa, que analisa a participação das Forças Armadas profissionais na queda do Império e na consolidação da República. Nesse período, segundo a autora, “a Guerra da Tríplice Aliança se tornara uma espécie de ‘cadáver no armário’ envenenando o relacionamento entre o exército e a coroa”¹², razão pela qual sua análise seria fundamental nesse contexto.

Também é de 1990 a primeira análise de Ricardo Salles sobre a Guerra do Paraguai¹³, que toca tanto na questão dos “voluntários forçados” priorizada por Jorge Prata quanto nas relações entre o Exército e a Coroa, analisadas por Wilma Costa, na tentativa de caracterizar a sociedade do Segundo Reinado como “uma sociedade escravista plenamente desenvolvida e com uma especificidade própria, seja em relação ao contexto imediato latino-americano, seja em relação ao contexto mais amplo do capitalismo ocidental no século XIX”¹⁴.

Vale lembrar, ainda, o trabalho de Francisco Doratioto¹⁵, para quem a guerra foi resultado da incapacidade diplomática de gerenciar o equilíbrio de forças entre os interesses políticos e econômicos dos países platinos. Baseado fundamentalmente em documentação diplomática e parlamentar, o trabalho de Doratioto discorda - ou pelo menos minimiza - as interpretações que vêem nos interesses britânicos na região do Prata o principal motor do conflito.

⁸ DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981-1986. 6. v.

⁹ SOUZA. *Escravidão ou morte*, cit., p. 29.

¹⁰ Idem, p. 112.

¹¹ Ver CHIAVENATTO, Julio José. *Os Voluntários da Pátria e outros mitos*. São Paulo: Global, 1983.

¹² COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmocles. O Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: Hucitec/Editora da Unicamp, 1996. Originalmente apresentado como Tese de Doutorado no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em setembro de 1990.

¹³ SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: cidadania e escravidão na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

¹⁴ SALLES, Ricardo. *Nostalgia imperial: a formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p. 13.

¹⁵ DORATIOTO, Francisco Fernando. *As relações entre o Império do Brasil e a República do Paraguai (1922-1889)*. Brasília: UnB, 1990, inédito. Dissertação de Mestrado, o trabalho ganhou duas versões menos densas, de divulgação: *A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1991 (Coleção Tudo é história, 138), e *O conflito com o Paraguai. A grande guerra do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996 (Série Princípios, 253).

Das contribuições mais recentes, cabe mencionar, finalmente, a publicação **A Guerra do Paraguai 130 anos depois**, reunindo os *papers* de alguns especialistas, inclusive não brasileiros, como o britânico Leslie Bethell, apresentados ao colóquio **Guerra do Paraguai - 130 anos**, realizado na Biblioteca Nacional em 23 de novembro de 1994. O livro, que apresenta pontos de vista nem sempre convergentes a respeito das causas e conseqüências do conflito, não tem nenhum trabalho de maior fôlego, sendo portanto uma publicação comemorativa.

Vale destacar nesse trabalho, no entanto, a visão bastante formalista - já que não se pode acusá-la de ingênua - do ensaio de Leslie Bethell denominado *O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai*, que, depois de afirmar ou concordar com afirmações dos mais variados autores, sobre o poderio econômico e influência política britânicos, como “o principal parceiro comercial, o principal investidor e principal detentor do débito público da América Latina”¹⁶, onde se destacavam Brasil e Argentina, conclui que

*Não há evidências, contudo, de que o grau de controle exercido pela Inglaterra sobre a Argentina e/ou o Brasil no início da década de 1860 fosse capaz de manipular esses dois países, levando-os a uma guerra contra o Paraguai. Assim como não há qualquer evidência de que Inglaterra quisesse exercer esse tipo de poder visando a alcançar esse objetivo específico.*¹⁷

Embora não seja meu objetivo analisar o papel da Grã-Bretanha no conflito e, por outro lado, descontadas muitas das afirmações apriorísticas mais ou menos comprometidas com uma visão economicista como as de Pomer ou de Chiavenatto, me parece pouco convincente essa linha de argumentação por tratar a questão apenas do ponto de vista da documentação diplomática e/ou administrativa como merecedoras de crédito, nos moldes do historicismo alemão da virada do XX. Em outras palavras, segundo ele, se a Inglaterra se manteve oficialmente neutra, poderíamos concluir, então, que não houve interesse inglês pela vitória aliada.

Seja como for, além dos trabalhos de Pomer e Chiavenatto, uma investigação exaustiva, realizada em 1978 pelo historiador nicaraguense José Alfredo Fornos Peñalba - cuja importância Bethell minimiza¹⁸ -, utilizando inclusive documentação diplomática, deve ser vista como um contraponto no mínimo interessante. Para esse autor, não seria exagero afirmar que a Grã-Bretanha teria sido, na guerra com o Paraguai um “quarto aliado”, contribuindo com empréstimos, armamento, munição e cidadãos britânicos¹⁹. Além disso, Peñalba demonstra também, utilizando essa documentação, que no Paraguai havia, sem dúvida, riqueza, estabilidade e independência econômicas entre o fim do governo de Francia e o começo do governo de Carlos Antonio López²⁰.

Quanto à historiografia sobre a guerra produzida a partir do ponto de vista dos Aliados e do Brasil em particular, em suma, mesmo dessa produção mais atual po-

¹⁶ BETHELL, Leslie. *O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai*. In: MARQUES, Maria Eduarda Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p.136.

¹⁷ Idem, p. 141.

¹⁸ Idem, p. 134.

¹⁹ Cf. PEÑALBA, José Alfredo Fornos. *The fourth ally: Great Britain and the war of the Triple Alliance*. Los Angeles: University of California, 1979, p. 118. (PhD Diss.)

²⁰ Idem, particularmente pp. 31-41.

deríamos fazer, *grosso modo*, três afirmações:

a) dentre os historiadores brasileiros, seu interesse pela guerra vincula-se, salvo possíveis exceções, à compreensão da sua influência na formação do Exército nacional ou sua repercussão nos movimentos abolicionista e republicano;

b) quando ultrapassam esse limite cronológico, estudando a ocupação brasileira de Asunción (1869-1876), os historiadores brasileiros costumam investigar apenas sua importância para as questões relativas à diplomacia brasileira, particularmente quanto à demarcação das novas fronteiras entre o Paraguai e o Brasil²¹.

c) são escassos os trabalhos de historiadores não-brasileiros e a exceção comentada acima, com Leslie Bethell, além de ser apenas um ensaio de fôlego curto, baseia-se em argumentação a meu ver tão ultrapassada quanto a economicista, além de não discutir novas fontes.

Resumindo, poderíamos afirmar que no Brasil, apesar de haverem sido dedicados novos olhares à questão, permanece a ênfase dos investigadores nos estudos cujo objetivo é interpretar e analisar o papel da guerra do Paraguai na abolição da escravidão, na formação do Exército nacional e na instauração da República - questões, aliás, absolutamente pertinentes e que há muito necessitavam ser revistas, mas que têm a ver apenas com o Brasil.

Para o Paraguai, no entanto - e não apenas por ter sido o país derrotado - a guerra da Tríplice Aliança foi o episódio mais marcante de sua história, não só pela devastação populacional e econômica que impôs ao país mas também pelas disputas de poder que suscitou.

2.1.2. A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA VISTA DO PARAGUAI

Se, como vimos, no Brasil, depois dos primeiros momentos posteriores ao conflito, quando a quase totalidade da historiografia era memorialística, *évènementielle* e apologética, passou-se um tempo considerável até que, a partir dos anos 70, o tema da Guerra do Paraguai fosse retomado, no Paraguai, dada sua importância para os rumos daquele país enquanto Estado-nação e suas consequências nefastas para o papel paraguaio no equilíbrio de forças na região do Prata, a guerra contra a Tríplice Aliança e seus desdobramentos têm até hoje propiciado aos seus historiadores o maior conjunto de temáticas de sua historiografia.

Em artigo recente Robert Darnton pergunta:

Por que não conseguimos esquecer as batalhas do passado para tratar de nosso presente, com o aval do historiador nipo-americano Francis Fukuyama, para quem a história chegou ao fim?

para em seguida responder, com uma frase simples e direta: "O problema é que não sabemos onde colocar o ponto final"²². A pergunta é particularmente pertinente quando trata-se de estudarmos a Guerra da Tríplice Aliança, seja qual for, creio, o ponto de vista do qual o pesquisador se dedica a observá-la. Ainda hoje, passados

²¹ É particularmente o caso de Francisco Doratioto nos trabalhos mencionados.

²² DARNTON, Robert. *As grossas camadas do tempo*. **Folha de S.Paulo - Mais**, 20/08/1995, p. 5.7.

130 anos do seu encerramento, as lideranças políticas e intelectuais paraguaias se utilizam dela para reivindicar "heróis" e "mártires" ou, ao contrário, para apontar caminhos "novos" para a sociedade paraguaia.

Em linhas muito gerais, poderíamos dizer que existem duas grandes correntes ideológicas que ainda dividem os estudiosos paraguaios da *Guerra Grande*: a primeira identifica a guerra como a "epopéia nacional", na qual a "bravura" de heróis anônimos fiéis ao *karaí*²³ Solano López em favor da independência política e econômica do Paraguai não encontra par na história da humanidade; outra que a vê como uma aventura insana de um caudilho extremamente autoritário, responsável pela desgraça da qual mal e mal o Paraguai de hoje se recupera. Analisemos, ainda que brevemente, as matrizes ideológicas desses dois grupos e suas origens.

Virtualmente derrotado em janeiro de 1869, o Paraguai, arrasado e frágil, começava a se reconstruir debaixo de uma acirrada disputa política. Dois movimentos políticos, já no começo de 1869, agitavam Asunción: os partidários da *Legión Paraguaya*, movimento de oposição a López (mas também à política de seus antecessores, José Gaspar Rodríguez de Francia, e Carlos Antonio López, seu pai) organizado em Buenos Aires, e os *lopistas*, em sua maioria remanescentes das forças de Solano López. Para os primeiros, defensores das idéias liberais francesas e norte-americanas, que a maioria assimilou via Buenos Aires, onde, em geral, se exilaram os inimigos do regime, o fim da guerra era também o fim de uma era de barbárie comandada por um louco a quem atribuíam epítetos como "Nero americano" e "Napoleão do Prata", entre outros. Segundo estes, a solução para o Paraguai era uma verdadeira "regeneração", um começar do zero que apagasse todas as marcas de mais de cinco décadas de atraso e de autoritarismo. Para os *lopistas*, tratava-se de uma "reconstrução", a partir de ideais nacionalistas e conservadores.

Essas disputas, além do mais, estavam extremamente vinculadas ao apoio dos Aliados a uma ou outra facção. Os Aliados, por sua vez, raramente estavam de acordo, já que, morto López, argentinos e brasileiros²⁴, voltaram a suas antigas rivalidades. Se, de um lado, isso dava aos paraguaios maior margem de manobra, por outro, sujeitava-os a pressões de ambos os lados²⁵.

Essa disputa historiográfica, na precisa descrição de Juan Carlos Herken Krauer, iria se consolidar com a chamada "geração de 900":

[...] a imagem de uma sociedade eminentemente política, na qual os temas econômicos eram relativizados devido às escassas dimensões populacionais e a uma estrutura geográfica na qual oitenta por cento da população sobrevivia em distritos rurais, ajudou a que grandes seções da história paraguaia assumissem o caráter fictício de contínuas rivalidades partidárias e de influências internacionais, como a argentina e a brasileira, que eram assumidas como a força motriz do devir cotidiano.

Estas tendências foram acentuadas e polidas pela assim chamada geração de 900 [...], cuja influência ideológica e política haveria de se estender ao longo deste século. Modeladora da maior parte das instituições e das legislações básicas do país, esta

²³ Em guarani: senhor.

²⁴ O Uruguai, motivo oficial para a guerra, teve participação inexpressiva nela e em 1869 já estava praticamente fora do conflito.

²⁵ Cf. BETHELL, Leslie (org.). *The Cambridge history of Latin America. V. 5: c. 1870 to 1930*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 475.

geração atuou como uma unidade adaptadora e copiadora de temas e normas universais, utilizando em especial a Argentina como ponto de referência concreto. Pouco ou nenhum é o legado eminentemente criativo desta geração. A cópia de leis e visões de mundo foi realizada em forma acrítica e a brusca aplicação destes modelos à realidade do Paraguai conduziu a um divórcio considerável entre o país real e o país autoconstruído pelos intelectuais [...], cronistas, poetas, narradores e ensaístas da geração de 900. O país da geração de 900 era um mundinho urbano de excelentes divagações sobre tal ou qual novidade literária, sobre o avanço irrefreável de uma proto-ciência social positivista e sobre as maneiras mais efetivas de se palpitar em Asunción com a visão de mundo predominante em Buenos Aires ou Paris.

Historiografia e literatura foram as formas de expressão preferidas por estes intelectuais. Como já demonstraram categoricamente outros autores, o resultado desta tendência foi "a ficcionalização da história e a historiografização da ficção". Embora no debate histórico da época, que tinha como elemento central a tragédia da Guerra da Tríplice Aliança, fosse possível perceber duas linhas difusas, uma denominada liberal e outra nacionalista, em ambos os casos não se procedeu à investigação histórica, senão à mitificação de tais ou quais aspectos que referendavam cada uma dessas posições específicas.²⁶

É desse jogo de luz e sombra em que se posicionaram os novos líderes do Paraguai que se gestaram as idéias e embates que permaneceram na vida intelectual paraguaia até os nossos dias. Para entendê-la é preciso acompanhar, pelo menos, os primeiros trinta anos do pós-guerra, a luta política das três décadas da "Segunda República", entre *lopistas* e *legionarios*, depois transformados, *grosso modo*, em *liberales* e *colorados*.

A história da disputa entre essas duas correntes políticas - cujas idéias básicas freqüentemente se tangenciam mas cuja diferença principal está no constante recurso às soluções autoritárias dos *colorados* e a sua condenação formal pelos liberais²⁷ - é a própria história política do Paraguai do século XX. Por suas evidentes e indissociáveis relações com os trinta anos que se seguiram à guerra contra a Tríplice Aliança, ela marca também boa parte da intelectualidade paraguaia. Em consequência disso, ao estudar a chamada *Guerra Grande*, o pensamento historiográfico paraguaio sofre do mesmo tipo de vinculação e pouco tem feito para livrar-se dessas idiossincrasias, ora atribuindo ao período que vai da independência do Paraguai (1811) ao término do conflito contra a Tríplice Aliança uma idealizada e heróica idade de ouro, ora atribuindo-lhe - e particularmente à condução da guerra por Solano López - as características de autoritarismo, tirania e barbárie.

Grosso modo, à primeira posição correspondem, nas últimas décadas deste século, os historiadores ligados à direita *colorada*, que sustentou, por exemplo, a ditadura de Alfredo Stroessner por mais de 30 anos (1954-1989). Essa linha historiográfica costuma priorizar os aspectos militares da guerra, destacando, em particular, as figuras de Solano López, do general José Díaz, vencedor da batalha de Curupaity, ocorrida em setembro de 1866, morto em fevereiro do ano seguinte em consequência de ferimentos adquiridos em combate, e Bernardino Caballero, conhecido

²⁶ KRAUER, Juan Carlos Herken. *El Paraguay rural entre 1869 y 1913. Contribución a la historia económica regional del Plata*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1984, pp. 23-25.

²⁷ Embora isso não tenha significado que os liberais, quando em vista da possibilidade de chegarem ao poder, tenham desprezado a solução autoritária, seja através da luta intestina para alcançar o poder formal, seja na condução de suas políticas públicas, como veremos adiante, em linhas gerais.

como “o centauro de Ybycui”, “o general de mil combates”, que, segundo a mitologia da guerra, teria participado de todas as batalhas importantes do conflito sem nunca ter sido ferido. Caballero seria o fundador, em 1887, da *Asociación Nacional Republicana*, depois consagrada como *Partido Colorado*. É importante registrar que compartilham da visão da guerra da Tríplice Aliança como luta paraguaia por sua independência política e econômica, embora partindo de pressupostos ideológicos antagônicos, representantes de uma certa esquerda nacionalista. Esses grupos, no entanto, têm pouca expressão, já que os movimentos de esquerda tradicionalmente têm sido afastados da cena política, principalmente através da repressão.

A segunda posição é defendida pelos vários grupos políticos entre o liberalismo do *Partido Liberal Radical Auténtico* (PLRA) e a social-democracia. Com a queda do regime de Stroessner, em 1989, vem sendo a responsável por uma vigorosa retomada crítica em relação à corrente majoritária, descrita acima, questionando, particularmente, o apoio popular à guerra, principalmente por parte das mulheres, frequentemente apresentadas pela historiografia mais conservadora como dotadas de abnegada bravura e espírito de sacrifício. De uma certa forma, essa corrente recupera e aprofunda as argumentações de vários investigadores liberais situados entre a última década do século XIX e os primeiros anos deste século.

Resultaria desgastante e sem sentido remeter a títulos e autores sobre a guerra do Paraguai. Trata-se, como vimos, de uma produção que, se por um lado é vastíssima, por outro lado é extremamente desigual quanto ao rigor acadêmico e que comporta muitas redundâncias. Faremos algumas observações a alguns desses trabalhos conforme as temáticas específicas que abordam forem aparecendo neste trabalho. Mas talvez valesse a pena destacar, da produção mais recente, a compilação e análise de Guido Rodríguez Alcalá, já mencionada, que analisa a relação entre o governo de Solano López e as mulheres durante a guerra. Este autor lidera a corrente que tenta rever a história do país do ponto de vista do pensamento liberal, assim como Carlos José Ardissonne, em *Reflexiones sobre el Paraguay*²⁸. Nesse sentido, esses autores dão continuidade ao trabalho do jornalista Ricardo Caballero Aquino, que publicou, em 1985, *La Segunda República Paraguaya*²⁹, talvez a mais séria investigação de filiação liberal produzida durante o regime de Stroessner.

Alcalá, autor de vários outros trabalhos sobre o Paraguai recente, vê como

*parte do folclore local a idealização da guerra e, dentro da bendita idealização, o culto romântico da residenta, a heróica mulher do Paraguai que acompanhou, pacientemente, o homem em todos os infortúnios da guerra*³⁰,

e chega a acreditar que a conduta de López “não pode ser entendida em termos estritamente racionais porque o homem, sobretudo no último período da guerra, acusa traços psicológicos de enfermidade”³¹. Em outro momento, em uma demonstração de pouco bom senso e de que, talvez inconscientemente, tenta substituir uma visão “folclórica” por outra igualmente tão “bendita”, só que de sinal trocado, o autor identifica Solano López a Adolph Hitler (!),

²⁸ ARDISSONE, Carlos José. *Reflexiones sobre el Paraguay*. Asunción: Intercontinental, 1994.

²⁹ AQUINO, Ricardo Caballero. *La Segunda República Paraguaya*. Asunción: Arte Nuevo, 1985.

³⁰ ALCALÁ. *Residentas, destinadas y traidoras*, cit., p. 5.

³¹ Idem, p. 16.

guardando as devidas diferenças entre o ditador³² de um povo rural e o de um povo industrial. A semelhança está na **mobilização total** para a guerra, na guerra **total** que ambos fizeram, cada qual dentro de suas possibilidades.³³

“O NERO DO SÉCULO XIX”



ILUSTRAÇÃO DE ANGELO AGOSTINI PARA *VIDA FLUMINENSE*, DE 12/06/1869³⁴

Alcalá acredita que, embora seu livro não tenha um caráter acadêmico, mas

³² É importante notar, como assinala Peñalba (*The fourth ally*, cit., p. 23), que “naquela época o título de ditador era uma distinção popular, amplamente utilizada”, e que o próprio “libertador” Simón Bolívar, por exemplo, assim se intitulava.

³³ **ALCALÁ. *Residentas, destinadas y traidoras***, cit., p. 19, destaques do autor.

³⁴ Legenda: “O Nero do Seculo XIX. Projecto de monumento que os paraguayos reconhecidos pretendem erigir a Francisco Solano Lopes”.

de divulgação³⁵, já que apenas reúne e ordena relatos e testemunhos de protagonistas da guerra, ele terá atingido seu objetivo se tais relatos conseguirem provar que a guerra foi fruto de uma tirania irracional que, ao ver-se ameaçada, perde todo seu já duvidoso sentido de realidade, tratando seres humanos como meros instrumentos com os quais os “grandes homens” podem cumprir seus propósitos pessoais³⁶. O autor, no entanto, padece da mesma falta de objetividade que os autores que critica, já que, como tentarei demonstrar, durante os governos do pós-guerra, sob uma Constituição e na vigência de toda uma legislação liberal, não foram poucas as medidas autoritárias que ignoravam os “cidadãos” e “cidadãs” - se é que realmente os havia -, tratando-os como instrumentos de seus interesses políticos.

Carlos Ardissonne, por sua vez, acredita que Solano López, ao qual grande parte da produção historiográfica sobre a guerra dedica o espaço mais amplo,

*apesar de seu não muito detido nem frutífero giro pela Europa e de sua certa erudição, provavelmente desordenada e não internalizada pela necessária meditação, tinha incontroladas tensões tirânicas, egoístas, megalômanas e homicidas que o inabilitavam para ser um estadista. Em uma nação mais civilizada teria terminado no cárcere ou executado.*³⁷

Para ele, o fim do período 1811-1870, das tiranias, acontece graças ao “inimigo [a Tríplice Aliança] e [a] uma legião de paraguaios educados, em sua maioria, fora do país”³⁸. É interessante observar aqui o uso (proposital?) da expressão “legião” e a localização da “civilização” no exterior, que discutiremos mais detalhadamente em outro momento.

Uma eficaz refutação a este tipo de abordagem encontra-se em um artigo de Diego Abente Brun, que vale a pena reproduzir:

*A suposta personalidade megalomaniaca do Marechal Francisco López tem sido vista tradicionalmente como a mais importante, quando não a principal causa da guerra. Discordo de tal enfoque por diversas razões. Em primeiro lugar, as explicações que dão ênfase aos traços de personalidade tendem a substituir a análise científica por generalidades. Tomam – convenientemente – traços psicológicos não demonstráveis, impressionistas, embora infalsificáveis, e, num esforço reducionista que ignora a complexidade das interações internacionais, acabam por transformar as impressões subjetivas em asseverações científicas. Em uma sorte de teleologia invertida, tais enfoques chegam à causa por meio do efeito dentro de um esquema lógico que impede a validação independente. Embora o espaço aqui não permita a discussão das implicações teóricas do problema do nível “individual” de análise, este não pode preceder ao nível “nacional” ao “internacional”, pelo menos não até que as explicações nos níveis nacional e internacional tenham-se esgotado. Em segundo lugar, se se quiser argumentar coerentemente a favor da interpretação “megalomaniaca”, é necessário avaliar seu poder explicativo contrastando-a com explicações alternativas baseadas, digamos, no “sadismo” do Imperador brasileiro D. Pedro ou na “sede de sangue” do Presidente argentino Bartolomé Mitre. Poder-se-ia atribuir a culpa a um ou a ambos destes fatores pela duração da guerra muito mais além da conferência de Yataity Coará de 1866, quando López se mostrou mais que disposto a chegar a um acordo.*³⁹

³⁵ ALCALÁ. *Residentas, destinadas y traidoras*, cit., p. 19.

³⁶ Idem, p. 20.

³⁷ ARDISSONE. *Reflexiones sobre el Paraguay*, cit., p. 32.

³⁸ Ibidem.

³⁹ BRUN, Diego Abende. *La guerra de la Triple Alianza: tres modelos explicativos*. *Revista Paraguaya de Sociología*,

Apesar de longa, e descontadas as concepções de cientificidade quanto à explicação histórica, hoje postas sob relativa suspeita, a observação de Brun reflete de maneira clara a fragilidade da primeira posição. No entanto, em radical oposição (ao menos neste aspecto) a essa visão do povo paraguaio como um conjunto de resignados cordeiros sendo levados ao altar da imolação pelo último e enlouquecido representante de um período de tiranias, temos a visão da guerra como período de heroísmo e bravura de um povo em sintonia com seu líder, “heróica e prolongada resistência oposta a três nações coligadas, duas das quais eram as maiores do continente”⁴⁰, não menos problemática, se não se analisam mais profundamente as condições em que a guerra se produziria. De qualquer forma, esta segunda visão me parece, salvo engano, bem mais próxima da realidade.

Nem sempre, no entanto, o antagonismo entre historiadores *colorados* e *liberales* é claro, mostrando as dificuldades de interpretação do conflito e de suas conseqüências mesmo para autores paraguaios. O historiador Efraim Cardozo, um liberal, autor de dezenas de livros sobre a história paraguaia, incluindo um trabalho sobre a história do Partido Liberal⁴¹, entende que

*não tem igual na história da humanidade o heroísmo do Paraguai na guerra contra a Tríplice Aliança. Estreitamente bloqueado, com armas inferiores às de seu inimigo, durante cinco anos resistiu, com bravura que assombrou o mundo, aos exércitos das nações mais poderosas da América do Sul.*⁴²

O heroísmo paraguaio, segundo Cardozo, se sobressai ainda mais face à divulgação do Tratado da Tríplice Aliança, em 1866, que dava

*a impressão de que estava decretada a morte da nacionalidade paraguaia e o povo resolveu cobrar caro sua liberdade [...] [guiado por Solano López, que] encarnou com indobrável vontade e sobre-humana energia a decisão paraguaia de defender a pátria até a morte.*⁴³

Como podemos ver, têm motivações – ou, pelo menos, partem de pressupostos - muito mais político-ideológicas que teórico-metodológicas as linhas de pesquisa que, salvo raras exceções, vêm se dedicando a estudar a guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança e o período da reconstrução nacional.

Mas existe um terceiro e vasto grupo de trabalhos historiográficos relativos à guerra da Tríplice Aliança que merece ser destacado. Trata-se do grupo dos que poderíamos chamar “paraguaístas”, que congrega investigadores das mais variadas nacionalidades. Estes historiadores têm adotado o Paraguai como ponto de observação por perceberem a importância fundamental do Paraguai como elemento indispensável para a compreensão do equilíbrio de forças no Prata da segunda metade do século XIX, razão pela qual a guerra teria sido feita de forma tão determinada. Além do mais, são deste grupo as primeiras tentativas de fôlego por compreender a

26(74):194, Ene.-Abr. 1989, nota nº 1.

⁴⁰ VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. *Breve historia de la cultura en el Paraguay*. Asunción: Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", 1994, p. 185.

⁴¹ CARDOZO, Efraim. *El Estado liberal*. In: MARCOS, Juan Manuel (org.). *Así como por la honra*. Asunción: Archivo del Liberalismo, 1990.

⁴² CARDOZO, Efraim. *Apuntes de historia cultural del Paraguay*. Asunción: Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", s.d., p. 278. (A primeira edição, mimeografada, é de 1963.)

⁴³ Ibidem.

sociedade paraguaia do pós-guerra e os limites do pensamento liberal imposto ao Paraguai face à real situação do país após 1870.

Nesse grupo destacam-se os trabalhos do norte-americano Harris Gaylord Warren, particularmente *Paraguay and the Triple Alliance War: the post-war decade*, de 1978, minuciosa e brilhante análise do período de ocupação brasileira, e de Robert Andrew Nickson, principalmente o *Historical Dictionary of Paraguay*, de 1993, que é, na verdade, uma atualização do abrangente e minucioso trabalho realizado em 1973 por Charles J. Kolinski, dedicado à história do Paraguai como um todo, mas que contém verbetes bastante minuciosos sobre os mais variados aspectos da guerra. Kolinski, morto em 1978, é também o autor de *Independence or death; the story of the Paraguayan War*, considerado como o primeiro trabalho detalhado em língua inglesa sobre a Guerra do Paraguai. Vale a pena mencionar, ainda, o trabalho da historiadora alemã Barbara Potthast-Jutkeit, com destaque para "*Paradies Mohammeds*" oder "*Land der Frauen*"?, cuidadosa investigação sobre o papel das mulheres na sociedade paraguaia desde a colonização até a guerra.

É imprescindível insistirmos nas implicações da guerra da Tríplice Aliança para a vida política do Paraguai de hoje, refletindo no trabalho da quase totalidade dos historiadores paraguaios. Somente porque o conflito, após tantos anos, ainda se reveste de uma tão singular importância, permanecendo insistentemente como tema principal da historiografia paraguaia, é que me é possível para o historiador estrangeiro aproximar-se também do tema, embora com outros olhos. Se o trabalho dos historiadores paraguaios quase nunca pode ser lembrado pelo rigor da metodologia ou das análises, sua vastíssima produção é quase que a única responsável pelo resgate de uma quantidade de fontes primárias a que o pesquisador estrangeiro muito provavelmente não teria acesso. Os acervos documentais paraguaios, como vimos, encontram-se absolutamente dispersos, em geral em péssimo estado de conservação, e quase sempre carecem de instrumentos adequados de recuperação, sendo, por isso, extremamente difícil o trabalho com as fontes. Somente através da vasta produção historiográfica local é que o pesquisador estrangeiro pode tentar conduzir-se pelo verdadeiro labirinto da documentação paraguaia sobre a guerra.

2.1.3. INVESTIGAR O PÓS-GUERRA

Os itens 2.1.1. e 2.1.2. tentam apresentar um balanço da produção historiográfica sobre a guerra da Tríplice Aliança. No entanto, existe uma grande lacuna quanto a investigações acadêmicas dedicadas exclusiva ou prioritariamente ao período do pós-guerra, mesmo entre os historiadores paraguaios. As exceções confirmam a regra. Nas linhas seguintes pretendo demonstrar a importância de investigar o pós-guerra do Paraguai, sua relevância e propriedade como contribuição aos estudos latino-americanos. Esta convicção moveu minha investigação, possibilitando-me, creio, apresentar algumas abordagens inéditas e contribuições novas.

Tanto em relação às questões que se colocam quanto com relação à abordagem dos temas, os "paraguaístas" aproximam-se bastante das preocupações dos investigadores paraguaios, afastando-se, assim, da historiografia brasileira - mesmo entre os historiadores dedicados à história da América -, que tradicionalmente têm-se preocupado com o conflito do ponto de vista da participação do Brasil e suas conseqüências na história brasileira.

Quanto à produção historiográfica brasileira, vimos que seu interesse pela guerra vincula-se, em geral e compreensivelmente, à compreensão da sua influência

na formação do Exército brasileiro ou sua repercussão nos movimentos abolicionista e republicano. Quando, eventualmente, o investigador brasileiro ultrapassa esse limite, como é o caso, por exemplo, de Doratioto, já mencionado, seu objetivo costuma ser o de destacar apenas sua importância para as questões relativas à diplomacia brasileira, particularmente quanto à demarcação das novas fronteiras entre o Paraguai e o Brasil, que tiveram influência bastante significativa na condução da política do gabinete conservador do Império, que chega ao poder em 1868, quanto a conter a influência de Buenos Aires sobre o Paraguai⁴⁴.

Este trabalho parte de uma perspectiva distinta e faz um recorte cronológico também diferente. Procura compreender o Paraguai como uma unidade social, política, econômica ou cultural que tem sua lógica própria e cuja compreensão pode iluminar o processo de formação das identidades nacionais na América Latina e nos ajudar a refletir sobre a constante tensão entre as classes sociais no campo dos valores simbólicos que as definem. Ao analisar a relação de adequação/inadequação das idéias liberais instaladas no Paraguai com a vitória da Tríplice Aliança e a consequente derrota do modelo político-ideológico que vigorou no país durante os governos de José Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López e Francisco Solano López, pretendo demonstrar que também para o Paraguai talvez seja possível falar em "idéias fora do lugar", como já o havia feito Roberto Schwarz ao analisar o Brasil de Machado de Assis⁴⁵. Por outro lado, pretende também contribuir para a desmistificação do senso comum que ainda hoje vê a guerra da Tríplice Aliança como mero fruto das loucuras de um tirano ensandecido. Tentei demonstrar que esse conflito, do ponto de vista paraguaio, pelo menos, foi muito mais complexo, experimentou apoios incondicionais, submissões e silêncios, por medo, resistências.

Dentro dessa perspectiva, pretendo destacar o papel singular da mulher nesse período da história paraguaia, as preocupações dos regeneradores para com elas, e apontar pistas sobre sua importância na manutenção da identidade cultural guarani-paraguaia nas brechas situadas entre as representações e o discurso sobre elas e sua real atuação no cotidiano. Obrigadas a acompanhar as forças militares, sofrendo com elas derrota atrás de derrota e, enfim, sobreviventes da catástrofe, viram-se na contingência de reconstruir a vida cotidiana do país, ainda que ao nível da vida pública não lhes fosse destinado praticamente nenhum papel de destaque, a não ser quando subordinadas aos interesses e à lógica masculina, que, como era previsível, organizava a esfera pública. Isso independe, a meu ver, de qualquer que tenha sido o nível real de perda populacional do Paraguai com a guerra.

Procurei destacar o papel da mulher paraguaia das classes subalternas, depositária privilegiada da cultura tradicional e responsável por manter vivos, no pós-guerra, apesar das proibições, oficiais ou veladas, os traços culturais guaranis, sem os quais não há sentido em se falar de uma identidade nacional paraguaia, que, como elas, sobreviveu à catástrofe, disputando, até hoje, palmo a palmo, espaço com a cultura ocidental. Pretendo demonstrar que, enquanto as tropas de ocupação, os ex-exilados, quase sempre liberais, e os imigrantes estrangeiros, portadores da "nova ordem", reordenavam a vida pública paraguaia - política, parlamentar, de ocu-

⁴⁴ Ver, a esse respeito, por exemplo, DORATIOTO. *As relações entre o império do Brasil e o Paraguai...*, cit.

⁴⁵ Ver SCHWARZ, Roberto. *As idéias fora do lugar*. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, pp. 13-28.

pação de terras, comércio etc. - coube à mulher das classes populares, fundamentalmente, a reconstituição da cultura consuetudinária, através da educação informal dos filhos, do ordenamento da vida privada e do comércio de pequena monta.

Sobre esse papel praticamente nada foi escrito, dentro ou fora do Paraguai. Recentemente (março de 1993), as pesquisadoras Line Bareiro, Clyde Soto e Mary Monte, do **CDE/AM**, redigiram o que se poderia chamar de primeira história das mulheres no Paraguai. As autoras, no entanto, falam de uma "outra historia das mulheres", contrapondo seu trabalho, provavelmente, ao de Olinda Massare de Kostianovsky, publicado em 1970, sobre a mulher paraguaia, no qual a autora se mantém fiel à linha historiográfica tradicional e, portanto, misógina, que consegue ver a mulher apenas como "mãe exemplar que na paz cuida do lar, educa seus filhos e colabora com o homem em seus múltiplos labores" e na guerra "consola; permanece serena e firme nas horas de provação e de luta, e é sempre companheira leal que põe todo seu fervor na formação dos filhos"⁴⁶. Na mesma linha está também o trabalho de Idalia Flores de Zarza, de 1987, cuja introdução, de Josefina Plá, nos fala da mulher como "este ser resignado e tenaz; humilde e resgatando sempre dignidade da resignação; despossuída, e no entanto escondendo doação, que é a mulher paraguaia"⁴⁷.

Vale lembrar, também, que o trabalho das pesquisadoras do **CDE/AM** tenta construir uma historiografia mínima daquelas mulheres que,

no começo deste século [XX], irromperam da cotidianidade da rotina doméstica para o cenário da sociedade e começaram a dar os primeiros passos na conquista dos espaços públicos, reservados até então exclusivamente aos homens ,

ao passo que Kostianovsky e Zarza estão preocupadas com aquelas que, "com uma energia imprópria de seu sexo", lutaram de todas as formas ao lado de seus maridos e filhos na guerra da Tríplice Aliança. Os trabalhos de Zarza e de Kostianovsky, ainda assim, servirão de ponto de partida para uma investigação sobre a mulher paraguaia do pós-guerra. Sua abordagem, embora prendendo-se às mulheres "notáveis", esposas e filhas dos heróis nacionais, quase que invariavelmente membros da classe dominante, nos dará as pistas para encontrar as milhares de "kygua vera"⁴⁹, mulheres do povo de travessas douradas nos cabelos, que essas autoras mencionam apenas de passagem, somente quando sua trajetória se cruza com a das "mulheres distinguidas". Sobre as mulheres do povo, Mary Monte acredita que seu papel no pós-guerra

*foi somente de forma particular e individual, trabalhando no campo ou na cidade e sobretudo reedificando o lar, criando e educando filhos, apesar da fadiga da grande lida das **residentas*** ⁵⁰ ,

⁴⁶ KOSTIANOVSKY, Olinda Massare de. *La mujer paraguaya*. Asunción: Escuela Técnica Salesiana, 1970, p. 15.

⁴⁷ PLÁ, Josefina. *A manera de saludo*. In: ZARZA. *La mujer paraguaya*, cit., p. 11.

⁴⁸ MONTE, Mary. *Las fuentes de la alquimia*. In: BAREIRO, Line; SOTO, Clyde & MONTE, Mary. *Alquimistas. Documentos para otra historia de las mujeres*. Asunción: Centro de Documentación y Estudios, 1993, p. 27.

⁴⁹ A expressão significa, em guarani, "pentas douradas", referindo-se ao hábito que tinham as mulheres do povo de usar travessas douradas que ao mesmo tempo prendiam e enfeitavam suas, em geral, longas cabeleiras.

⁵⁰ MONTE, Mary. *Las fuentes de la alquimia*, cit., p. 27. *Residenta* é a palavra pela qual ficou o episódio em que, durante a guerra, milhares de mulheres foram desalojadas de seus locais de moradia para outros designados pelo governo para fugirem da possibilidade de ataque e invasão inimiga. Por extensão, *residentas* foi o nome pelo qual essas mulheres passaram a ser conhecidas. Falaremos sobre elas mais tarde.

embora reconheça que a historiografia paraguaia ainda carece de dados a respeito de suas experiências organizativas em movimentos sócio-políticos nos quais tenham podido expor suas legítimas reivindicações. Esse papel, no entanto, não é desprezível para um país arrasado demográfica e economicamente.

Além do mais, pretendo ter tido como uma das indagações norteadoras deste trabalho, aportando alguma contribuição relevante, a observação da historiadora Milda Rivarola, que afirma que um ponto sobre o que as mulheres paraguaias preocupadas com a questão feminina precisam debater é o de que história querem construir:

A resposta espontânea, na prática, é a de [que é preciso] recuperar “heróis” femininos. Fazer nosso próprio álbum hagiográfico, galeria de personagens célebres, exemplares. Isso é importante, mas como tarefa isolada não basta.

É possível, é relevante, é útil em termos de ciências sociais fazer uma história da mulher [no Paraguai]? Penso mais em uma série de olhares que, como focos de luz sobre as múltiplas faces de um poliedro em movimento, possam ir esclarecendo, enriquecendo, a construção de uma nova história paraguaia. História social, história total.⁵¹

Rivarola aponta vários filões sobre os quais as historiadoras (e historiadores) paraguaias podem se debruçar, destacando, entre eles, a relação entre história e trabalho, a participação política feminina e a história das mentalidades femininas, lembrando que “elas foram - e continuam sendo - portadoras de cosmovisões, transmissoras de uma língua, formadoras de valores éticos, narradoras de histórias e mitos”. E indaga:

Até que ponto a mulher controla a difusão de modelos de comportamento, de cultura no Paraguai?

[...]

Hoje em dia só podemos nos refletir em uma madame Lynch⁵², em uma sacrificada residente, em mulheres luxuosas de um militar ou de um presidente, em fiéis exponentes disso que chamam o “repouso do guerreiro” ou em uma bela cortesã de começos do século.

Mas temos outros lugares [...].⁵³

Como vemos, uma história do processo de reconstrução nacional paraguaia após a guerra e do papel das mulheres nesse processo está ainda por ser escrita. Minha contribuição pretende ser não no sentido de resgatar a um improvável movimento organizado das mulheres nesse período ou da sua inserção formal na vida pública. Meu interesse está na sua resistência silenciosa aos valores culturais impostos pelo grande número de homens estrangeiros que acorreram ao Paraguai - particularmente Asunción - e ao modelo liberal francês que acompanhou um número significativo de ex-exilados paraguaios de volta ao país e que dominariam a vida política institucional paraguaia com a derrota na guerra.

Resumindo, meus objetivos, ao iniciar esta investigação, foram:

⁵¹ RIVAROLA, Milda. *Historia de mujeres*. In: BAREIRO, Line & SOTO, Clyde (orgs.). *Ciudadanas. Una memoria inconstante*. Asunción: Centro de Documentación y Estudios/Caracas: Nueva Sociedad, 1997, p. 178.

⁵² Elisa Alicia Lynch de Quatrefargues, companheira de Francisco Solano López.

⁵³ RIVAROLA. *Historia de mujeres*, cit., p. 178.

- a) apresentar algumas questões aos estudos sobre a variação populacional do Paraguai durante e após a guerra da Tríplice Aliança, na tentativa de reinterpretar não apenas os dados estatísticos e estimativos já conhecidos mas também os testemunhos de época, que apontam para uma tragédia populacional proporcionalmente sem precedentes;
- b) estudar o papel das mulheres no processo de reconstituição da identidade nacional paraguaia, em oposição ao modelo político-ideológico que, graças à vitória e com a ajuda da Tríplice Aliança, ocupou o poder no Paraguai após a guerra. Pretendo mostrar como, particularmente a partir dos dois últimos anos do conflito, a iminência da derrota paraguaia levou o país a um processo de desarticulação social em que as mulheres tiveram destaque especial;
- c) levantar uma questão de classe, articulada à questão de gênero, indispensável nesta discussão, isto é, demonstrar que desde a divisão das mulheres entre *residentas* e *destinadas* operou-se no Paraguai também um processo em que, *grosso modo*, as *residentas*, freqüentemente mulheres do povo, representaram o “atraso”, enquanto para as *destinadas*, geralmente mulheres da classe dominante, ainda havia espaço para a participação na “nova ordem”, instaurada com a derrota de Solano López e seus seguidores;
- d) analisar o papel do modelo cultural que chamo de “guarani-paraguaio” - refiro-me aqui à forte presença de elementos culturais guaranis na sociedade paraguaia, ocidentalizada, da segunda metade do século XIX⁵⁴ -, com destaque especial para o idioma guarani e o processo de sua retransmissão, já que a esmagadora maioria da população paraguaia ainda hoje, considerando-se monolíngües e bilíngües, fala essa língua⁵⁵. Estudar as relações entre a cultura letrada e a cultura popular, com base nessa perspectiva, antes, durante e depois da guerra, na tentativa de identificar as continuidades e discontinuidades resultantes do conflito.

É importante frisar que este trabalho não é inédito, no sentido de que não é o

⁵⁴ A expressão é imprecisa, embora não exatamente absurda. É preciso relativizá-la, como lembra o lingüista alemão Wolf Lustig: “Me parece que, a este respeito, é necessário precisar se nos referimos à língua guarani ou à cultura tradicional camponesa. Trata-se de fenômenos socioculturais estreitamente relacionados, mas não idênticos. Acredito que cientificamente só é possível falar de ‘cultura guarani’ se tal conceito se refere a uma das culturas indígenas do tronco tupi-guarani. Antes de aplicá-lo à ‘cultura paraguaia’ em geral é necessário investigar em que medida esta conservou elementos da cultura indígena e até onde ‘guarani’ não é mais que um *slogan* nacionalista que serve para diferenciar [o Paraguai] de outros povos latino-americanos que carecem de tal ponto de referência indo-americano. É lógico que o fantasma da ‘*guaranidad*’ tenha sido reanimado em períodos de crise como o pós-guerra da Tríplice Aliança ou a Guerra do Chaco. É sabido quão absurda foi essa situação para alguns que combateram neste último conflito, pois do lado boliviano havia outros guaranis, os chiriguano, talvez mais guaranis que os pobres paraguaios que tinham ordens de matá-los.” Em outra mensagem, Lustig, concordando comigo, precisa melhor o conceito: “Estou totalmente de acordo que exista esta cultura [guarani] - oposta à oficial, ‘civilizada’, que se desenvolveu paralelamente ao guarani paraguaio (língua) desde mais ou menos começos do século XIX - e que justamente se poderia chamar de ‘cultura guarani paraguaia’. Embora não haja uma interdependência direta com a língua, será a população que normalmente fala guarani a que transporta esta cultura popular. Para os ‘reformadores’ [ela] se identifica com a barbárie e, como eles tampouco diferenciam muito a língua e a cultura, esforçam-se para extirpar a língua, pensando que com isto podem civilizar (europeizar) a nação. Creio que a discussão está resumida em parte no artigo *Guarani*, de Rafael Barrett (c. 1908) [BARRET. *El dolor paraguayo*, cit.], que analisa a consabida oposição ‘civilização x barbárie’ de um ângulo novo.” Mensagens eletrônicas via Internet para a lista de discussão PARAGUAY-L, sob o título de *Posguerra de la Triple Alianza*, postadas de Mainz, em 11/11/1995 e 26/11/1995, respectivamente.

⁵⁵ Natalia Krivoshein de Canese estabelece a seguinte ligação entre língua e cultura no Paraguai: “Cada cultura deve corresponder a uma língua e cada língua a uma cultura. Como no Paraguai 90% da população fala o guarani e o 55% o castelhano, segundo o censo de 1982, teríamos que deduzir que há duas culturas nacionais: praticamente todos os paraguaios pertenceriam à cultura paraguaia que se expressa em guarani e mais da metade seriam biculturais possuindo duas culturas nacionais. No entanto, pode-se afirmar que a única cultura verdadeiramente nacional e paraguaia é a que se expressa em guarani.” (CANESE, Natalia Krivoshein de. *Cultura y bilingüismo en el Paraguay*. Asunción, s.d., p. 1. [Inédito])

primeiro a dedicar-se ao pós-guerra nem tampouco ao investigar o papel das mulheres na sociedade paraguaia - embora, como vimos, o pouco que já se escreveu tenha, em geral, se preocupado com essa "hagiografia dos personagens célebres" de que fala Rivarola. É absolutamente inédito, porém, no sentido de situar-se numa lacuna de investigação entre trabalhos como a excelente análise de Warren sobre a sociedade e a política paraguaias do pós-guerra, e o de Potthast-Jutkeit, sobre as mulheres na sociedade paraguaia mas que limitou-se a estabelecer como limite cronológico o fim da guerra⁵⁶. Tentará revisar parte da bibliografia sobre a guerra contra a Tríplice Aliança e seus desdobramentos (particularmente no que toca às interpretações sobre a aceitação popular da guerra, já que disso dependerá, a meu ver, a relação entre os governos do pós-guerra e a gente comum). É inédito, enfim, no que diz respeito a tentar interpretar as relações entre o novo regime do pós-guerra, seu modelo de sociedade, de vida pública e de vida privada e as pessoas comuns, atendendo fundamentalmente para o papel das mulheres nessas relações.

⁵⁶ Ver POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. *"Paraíso de Mahoma" o "País de las mujeres"? El rol de la familia en la sociedad paraguaya del Siglo XIX*. Asunción: Instituto Cultural Paraguayo-Alemán, 1996; e WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay and the Triple Alliance War: the post-war decade, 1869-1878*. Austin: University of Texas Press, 1978.

3. A NOITE DAS KYGUA VERA

3.1. A ASSEMBLÉIA

Eram 7 horas da noite do dia 25 de fevereiro de 1867. Na Praça 14 de Mayo, no centro de Asunción, capital do Paraguai, se reuniam, para a segunda noite de uma assembléia permanente que duraria quatro noites consecutivas, as

*filhas de Asunción [...] com o digno propósito de concertar os meios de levar a devido efeito o patriótico sentimento que nasceu em seu seio, e do qual já se ocuparam em anteriores reuniões particulares, em que todas as cidadãs manifestaram com nobre espontaneidade e generoso desprendimento os sentimentos de abnegação e patriotismo de que se acham animadas, para concorrer à sustentação e defesa da independência nacional ameaçada.*¹

No entendimento dessas “filhas de Asunción”, a forma mais eficaz de contribuir ao sustento e defesa da independência nacional paraguaia, ameaçada pela guerra feita pela chamada Tríplice Aliança, entre Brasil, Argentina e Uruguai, e que já entrava em seu terceiro ano, era oferecer suas jóias e adornos pessoais para os gastos da guerra, já que, para elas, a independência era “a mais preciosa jóia, cuja conservação pertence a todos”. Em lugar de seus adornos e jóias, a assembléia propunha às paraguaias ostentar “o adorno das cores nacionais que flamejam nos campos de batalha, como o signo das vitórias e as glórias da República”².

Na noite anterior, a assembléia já havia nomeado uma comissão de doze mulheres cujos objetivos eram, entre outros, representar ao “belo sexo” de Asunción em tudo o que dissesse respeito a empregar todos os meios a seu alcance para o pronto e eficaz engajamento das mulheres dos povoados rurais, além de obter do presidente Solano López a aceitação das jóias e adornos ofertados e seu consentimento quanto ao uso das cores nacionais em lugar de seus enfeites e jóias.

Durante todas as quatro noites em que se realizou a assembléia estiveram presentes o vice-presidente do Paraguai, Francisco Sánchez, e a maioria dos altos funcionários do governo. Quase ao mesmo tempo, nos mais diversos povoados do país, setenta outras assembléias eram realizadas³. Em todas elas, as mulheres pronunciaram eloqüentes discursos que demonstraram a “refinada cultura”⁴ que tinham as mulheres paraguaias.

Embora dentre essas representantes do “belo sexo” paraguaio de poucas se pudesse dizer que fossem “do povo”, já que, em sua quase totalidade, eram representantes da elite paraguaia - filhas, irmãs, mães, noivas ou esposas dos líderes políticos e militares do país em guerra -, a partir da noite de 25 de fevereiro foi concedido também às mulheres do povo - às *kygua vera* - o direito à palavra e ao engaja-

¹ Acta de la Asamblea, realizada en la Plaza 14 de Mayo, a las 8 de la noche, el 24 de febrero de 1867, apud ZARZA. *La mujer paraguaya*, cit., p. 159.

² Apud CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años... Tomo V: 1º de Octubre de 1866 a 28 de Febrero de 1867*. Asunción: EMASA, 1970, pp. 312-313.

³ Cf. *El Semanario* (Asunción), (670), 02/03/1867.

⁴ Cf. ZARZA. *La mujer paraguaya*, cit., p. 163.

mento na campanha de doação de jóias. O jornal **El Semanario** assim se referia a elas:

*Temos que fazer especial menção a algumas cidadãs do povo que na segunda noite subiram à plataforma e se expressaram no idioma do país em termos singelos, mas com um ardor e entusiasmo que caracterizam nossas belas mulheres. Apontaremos em primeiro lugar a paisana: **Piadosa Rejala** que, ao oferecer seus adornos e economias, pedia com insistência “um posto na vanguarda (são suas palavras), “para combater os míseros negros de D. Pedro”, para ser apresentada ao presidente da República, a quem dava entusiásticos vivas e pedia que fosse elevada sua súplica.⁵*

Ao discurso de Piadosa Rejala se seguiram os de várias outras *kygua vera*: Constancia Achar, que depois de oferecer tudo o que possuía e a si própria em defesa da pátria, pedia permissão para recitar alguns versos dedicados a Solano López. Falou também uma certa Marcelina Cabañas, argumentando que, por serem de pouco valor as jóias que possuía, não ficaria contente até ser admitida nas filas do exército paraguaio,

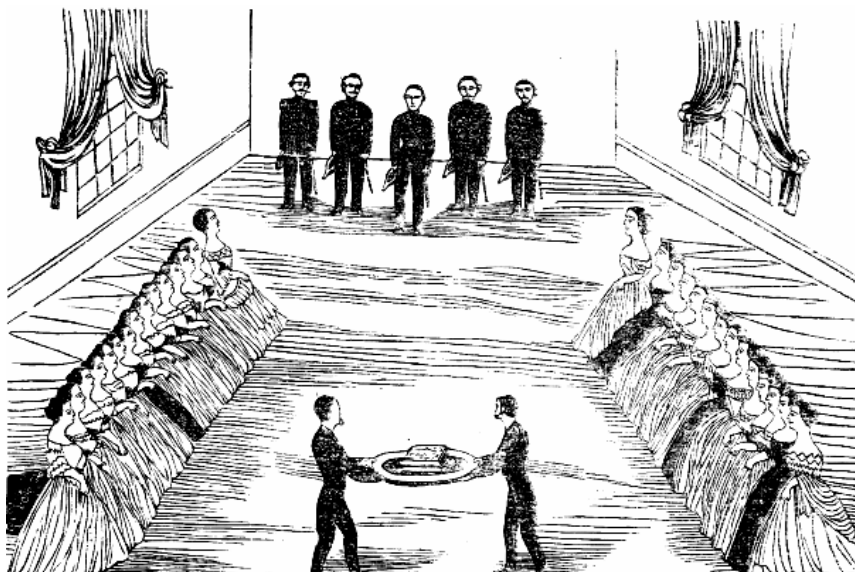
para ir buscar os rastros do general Mitre [então comandante supremo dos Aliados na guerra], caso este quisesse fazer frente à mulher paraguaia, já que não tem valor para fazê-lo aos nossos bravos soldados, de cuja presença fogia.⁶

Em termos análogos, segundo **El Semanario**, se expressariam Del Carmen Rejala, Remigia Taboada, Eleuteria Legal, Facunda Legal, Trânsito Sánchez, Aleja Franco e várias outras mulheres do povo que o cronista não pôde registrar e que, sempre em guarani, demonstravam o entusiasmo das mulheres “da última classe” pela causa paraguaia.

⁵ **El Semanario** (Asunción), (670).

⁶ *Ibidem*.

A OFERTA DO “BELO SEXO” DO PARAGUAI DE SUAS JÓIAS PARA A DEFESA DA PÁTRIA



EL CENTINELA, 1(8):3, 13/06/1867⁷

O heróico engajamento das mulheres na guerra, no entanto, não é ponto pacífico. Muitos duvidam de sua espontaneidade, chegando alguns a rejeitarem-na completamente. E não sem alguma razão, já que o período da história do Paraguai conhecido como *Primera República*⁸ é marcado pela supressão das liberdades civis, pela militarização da população civil e, particularmente durante a chamada *Guerra Grande*, pelas delações. O farmacêutico George Frederick Masterman, que viveu no Paraguai alguns dos principais episódios da guerra, ao referir-se ao engajamento de mulheres na guerra, acreditava que seus serviços eram, evidentemente, voluntários, mas, lembrava, ironicamente: “não é necessário lembrar ao leitor o que isso significa no Paraguai”⁹.

É evidente que interessavam ao governo as manifestações de apoio à guerra e de patriotismo. As forças regulares se esgotavam rapidamente e era preciso garantir entre a população civil o apoio necessário a futuros recrutamentos de efetivos não convencionais: meninos e velhos, se fosse o caso, e, em caso extremo, até mulheres. Por isso, assembléias como a que se realizava em Asunción e, seguindo o exemplo asunceno, em vilas e povoados do campo. Nesse clima, não chega a soar estranha a denúncia de *El Semanario* de que alguns estrangeiros haviam cobrado dinheiro para redigir discursos, embora só tivesse sido possível averiguar que um

⁷ Legenda: “La ofrenda del bello sexo del Paraguay de todas sus joyas y alhajas para la defensa de la Patria. En la Asuncion a 8 de Setiembre de 1867”.

⁸ Que abrange a ditadura de José Gaspar Rodríguez de Francia e o período dos López (1814-1869).

⁹ MASTERMAN, George Frederick. *Seven eventful years in Paraguay: a narrative of personal experience amongst the Paraguayans*. London; S. Low, 1869, p. 198.

certo coronel Coriolano Marqués havia cobrado oito pesos por um discurso que escreveu para a senhorita Desejús Ayala¹⁰. No entanto, é importante registrar que esse periódico, nascido em 1865, originalmente com características de informação geral e da área cultural e que se converte em porta-voz da defesa da guerra¹¹, ao invés de calar sobre esses rumores, manifesta-se radicalmente contrário à venda de discursos, mesmo que a serviço da causa mais patriótica:

*Que se cobrem estipêndios pelas missas; que se cobrem honorários nos litígios; que o médico não perdoe suas visitas e o operário sua jornada está bem, ademais de ser a regra. Mas que nos momentos de expansão geral, de patriótica inspiração, se explore o povo, que cheio de entusiasmo quer manifestar seus sentimentos e oferece sua fortuna e sua vida para a Pátria, nos parece muito estranho, porque fazem o que fazem os corvos do cemitério, que buscam o conflito para explorá-lo e se manterem. Quem por uma arenga cobre honorários à patriota mulher do povo, que traz em suas mãos um rosário e seus pingentes para oferecê-los ao Pai e Defensor da Pátria e pede um modesto discurso para significar seus sentimentos, aquele não merece sepultura no solo dos republicanos, porque explora os momentos supremos do heroísmo, e anda chupando como coruja, o cebo sagrado da lâmpada que arde ao pé do altar da Pátria.*¹²

Seja como for, não se pode negar o efetivo engajamento das mulheres na guerra, ao menos oficialmente, a partir de 1867. Esse engajamento, no entanto, dar-se-ia de maneira distinta para as *kygua vera* e para as representantes das “distinguidas famílias asuncenas”. É o que parecem atestar, por exemplo, as ilustrações de **El Centinela** e do **Cabichuí**, onde são retratadas as “senhoras distinguidas”, quando das cerimônias de doação de suas jóias e adornos pessoais. A estas estavam reservados, ao que tudo indica, os momentos solenes, ao passo que as *kygua vera* parecem ter buscado o efetivo engajamento nos campos de batalha. Em uma mensagem de 31 de março daquele ano o ministro dos Negócios Estrangeiros, José Berges, lembrava ao Marechal López que entre

as mulheres da classe média e do baixo povo é tal o desejo que têm de viajar ao acampamento de Paso Pucú, que a casa particular do capitão Bareiro [ministro interino da Guerra e de Marinha], na hora em que regressa do seu gabinete, encontra-se sitiada de pretendentes solicitando licenças, e ainda pelas ruas o seguem com a mesma pretensão”¹³.

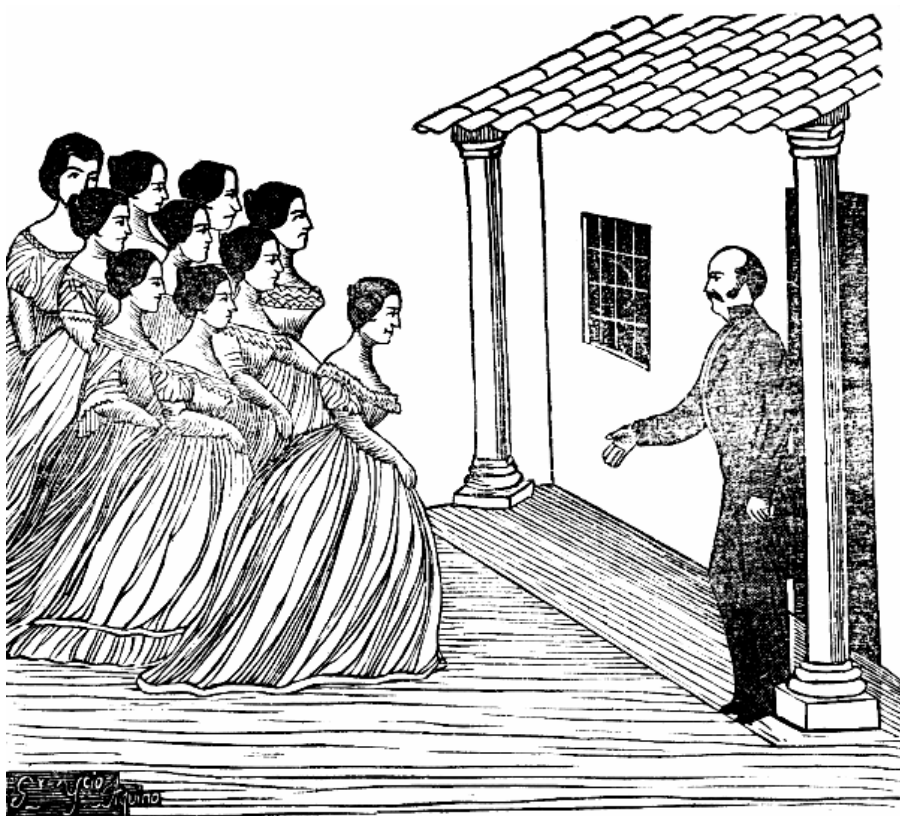
¹⁰ *El Semanario*, (674), 23/04/1867.

¹¹ Cf. PLÁ, Josefina. *El grabado. Instrumento de la defensa*. In: ESCOBAR, Ticio & SALERNO, Osvaldo (orgs.). **Cabichuí: periódico de la guerra de la triple alianza**. Asunción: Museo del Barro, 1984, p. 4.

¹² *El Semanario*, (674).

¹³ Apud CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años... Tomo VI: 1º de Marzo de 1867 a 31 de Julio de 1867*. Asunción: EMASA, 1972, p. 76.

AS “FILHAS DA PÁTRIA” SOLICITANDO ARMAS PARA LUTAR NA GUERRA



CABICHUI, 1(63):2, 09/12/1867¹⁴

Essa não era a primeira petição, segundo nos informa Efraim Cardozo¹⁵, mas o Marechal, que era contrário à participação de mulheres como combatentes, admitiu-as no acampamento para prestarem serviços auxiliares, quando foram organizadas à maneira da disciplina militar, havendo “batalhões” e alguma hierarquia de estilo militar entre elas. No acampamento, segundo relata o militar inglês George Thompson, que serviu do lado paraguaio,

as mulheres [...] tinham a sua disposição uma fileira de ranchos em cada divisão e em Paso Pucú havia duas grandes aldeias dessas choupanas. Tinham sargentas nomeadas por elas mesmas, que eram responsáveis pela ordem. As mulheres podiam percorrer livremente todo o acampamento, exceto em tempos de cólera, em que não se lhes permitia separarem-se de suas divisões. [...] Assistiam aos hospitais e lavavam a roupa de seus esposos. Não podiam deixar o acampamento sem uma permissão especial do general [Francisco Isidoro] Resquín. Não recebiam rações e tinham que vi-

¹⁴ Legenda: "Las hijas de la Patria, pidiendo armas para esgrimir las contra el impio y cobarde invasor".

¹⁵ Apud CARDOZO. *Hace 100 años... Tomo VI*, cit., p. 76.

*ver com o que os soldados lhes davam. [Graças a elas] o acampamento paraguaio se mantinha notavelmente asseado e os quartéis estavam muito bem varridos”.*¹⁶

As pressões, no entanto, não cessavam de acontecer. Na noite de 5 de janeiro de 1868, por exemplo, as mulheres do povoado de Luque, que seria a capital provisória do país entre fevereiro e dezembro desse mesmo ano, armadas de lanças, saíram em passeata, percorrendo as ruas da cidade em apoio de sua petição de portar armas em defesa da pátria¹⁷. No dia 25 desse mês, **El Semanario** informava que Solano López, em um discurso às tropas, mais uma vez rejeitava a oferta das mulheres de empunhar armas. Dizia o discurso:

*o que são uma o duas horas de combate em comparação com a árdua e heróica dedicação das filhas da Pátria em lavar a terra para manterem-se a si mesmas, manter suas famílias e a nós mesmos? Permitireis que elas se creiam sem segurança e acreditem que nós não somos suficientes para concluir com tão vis escravos?*¹⁸

As mulheres insistem. No dia 29 daquele mesmo mês, o oficial Antonio Santa Cruz, enviado como comissário para realizar novos recrutamentos em vários povoados, pôde comprovar o entusiasmo patriótico das mulheres. Mais uma vez **El Semanario** registra:

*Desde o momento em que tiveram conhecimento da partida deste oficial com este objetivo não houve um único povoado, distrito ou partido¹⁹ que não se dispusesse a esperar e a fazer todas as demonstrações de contentamento e empenho para que cada um pudesse participar em formar parte deste novo contingente para a defesa da Pátria, de seu esposo, filho, pai ou parentes.*²⁰

No informe ao Comandante Geral de Armas, Santa Cruz relatava:

Todo o belo sexo do interior comove profundamente com suas entusiásticas demonstrações patrióticas, do que não pude prescindir em atender e corresponder com vivos aplausos, festejando com gratidão as emoções patrióticas que surgiram entre as cidadãs de todos os partidos e particularmente de Quiindy e Carapeguá.

[...]

*Em Carapeguá estavam reunidas 108 senhoras informadas da minha chegada [...] e saíram para me encontrar, todas elas no caminho formadas, marchando ao toque de uma música marcial com lanternas levando a bandeira nacional resguardada por duas delas com armas ao ombro, proclamando e dando vivas ao Exmo. senhor Marechal Presidente cidadão Dom Francisco Solano López e ao seu invencível exército. Cheguei à capela precedido do seu respectivo chefe, que me conduziu a sua casa e poucos momentos depois a respeitável reunião de senhoras se colocaram [sic] diante de mim pedindo-me que as alistasse entre os que eu teria que recrutar daquele partido, e ofereciam seus braços para empunhar as armas e cooperar ao lado de seus parentes e irmãos [...].*²¹

O resultado das pressões não se faria esperar por muito tempo. Segundo

¹⁶ THOMPSON, George. *The war in Paraguay. With a historical sketch of the country and its people and notes upon the military engineering of the war*. London: Longmans and Green, 1869. T. 1., p. 207.

¹⁷ Cf. CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años... Tomo VIII: 1º de Enero de 1868 a 31 de Mayo de 1868*. Asunción: EMASA, 1976, p. 15.

¹⁸ *El Semanario*, (724), 25/01/1868.

¹⁹ Divisão administrativa paraguaia correspondente, grosso modo, ao distrito da administração municipal brasileira.

²⁰ *El Semanario*, (724).

²¹ Apud Cf. CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años... Tomo VIII*, cit., p. 77.

Héctor Francisco Decoud, membro de uma das famílias de maior destaque nos primeiros anos do pós-guerra,

*desde 1868 já não restava, nem mesmo no último dos esconderijos do Paraguai, um só homem apto para empunhar as armas que não estivesse nos acampamentos a serviço do marechal López. Foi então que se resolveu organizar batalhões do sexo feminino em toda a república, formado por todas aquelas que estavam em condições de carregar um fuzil, começando pela capital, como estímulo para as demais. Chamadas que foram, se alistou o número necessário para a formação do primeiro batalhão de infantaria, que foi batizado com o nome de **voluntários**, cujo corpo recebeu imediatamente a primeira instrução na praça de armas.²²*

Outra testemunha é o embaixador norte-americano, Charles Ames Washburn, que ratifica as afirmações de Decoud. Segundo ele, ao oferecimento das mulheres se seguiu a organização de companhias femininas. Assim que foi decidido que tipo de uniforme usariam as voluntárias, oficiais, tenentes alferes do exército que tinham sido hospitalizados e estavam convalescendo receberam a tarefa de ensiná-las as evoluções militares. No entanto, a única arma na qual foram treinadas foi a lança. Armas de fogo nunca foram postas em suas mãos. As mulheres recrutadas contavam de dezesseis a quarenta anos de idade.

Washburn lembra, porém, que embora houvesse recrutadas de Asunción e de todas as diferentes *capillas* paraguaias,

não se exigiu, por alguma razão, que as mulheres da capital pertencentes à classe alta, chamadas de alta categoria, se apresentassem como voluntárias. Não houve, no entanto, tais exceções no interior, e as filhas dos cidadãos mais ricos o respeitáveis estiveram obrigadas, como os escravos e peões, a ir às capillas, vestir uniforme, tomar a lança e aprender os exercícios.²³

A não convocação das mulheres das famílias ricas de Asunción talvez se explique pelo poder econômico e político que essas famílias tinham, de fato, por um lado, e pelos problemas destas com o regime de López, devido a seu estilo antiliberal, autoritário e centralizador. Ao Marechal certamente não interessava estimular - pelo menos naquele momento - esses conflitos. Como veremos mais adiante, quando surgiu a oportunidade, López foi implacável com a maioria dessas famílias, no que ficou conhecido como *La Conspiración de San Fernando* ou *Tribunal de Sangre*, em agosto de 1868.

De qualquer modo, a tentativa de incorporação das mulheres seria inexplícavelmente anulada por disposição de Solano López, por ser o Marechal avesso, como em demonstrações anteriores, à participação de mulheres como combatentes, preferindo manter a estrutura econômico-militar que impunha homens-soldados e mulheres-agricultoras.

²² DECOUD. *Sobre los escombros de la guerra*, cit., p. 188.

²³ WASHBURN, Charles A. *The history of Paraguay, with notes of personal observations, and reminiscences of diplomacy under difficulties*. Boston: Lee & Shepart, 1871, v. 1., p. 170.

A SÁTIRA CARIOCA AOS "BATALHÕES DE MULHERES"



VIDA FLUMINENSE, 1(22):1, SÁBADO, 30/05/1868²⁴

3.2. SAN FERNANDO

Mas é preciso nos determos um pouco no chamado processo de San Fernando, cuja denominação deriva do local de permanência das tropas de Solano López, às margens do rio Tebicuary, entre a queda da fortaleza paraguaia de Humaitá, em 5 de agosto de 1868 e o final daquele mês.

Na verdade, como veremos, em consequência deste e de uma série de outros fatores, ligados direta o indiretamente à evacuação de Asunción, coube às mulheres, tanto às *kygua vera* quanto às representantes das “distinguidas famílias asuncenas”, cada uma à sua maneira, por razões e caminhos distintos, mas que se tocaram frequentemente, uma verdadeira *via crucis* que culminaria com um país arrasado econômica e demograficamente, um país de viúvas e órfãos. É preciso analisar o papel dessas mulheres para tentarmos compreender ao Paraguai do pós-guerra.

Mas, para entendermos a essa *via crucis*, é necessário acompanharmos mais de perto o caos gerado pela evacuação de Asunción, ordenada por López no come-

²⁴ Legenda: “REVISTA DAS TROPAS PARAGUAIAS NO TEBICUARY - Ora, é preciso confessar que um batalhão como este sempre faz sua vista por detrás! Mas, se me derem cabo d'elle, de quem lançarei eu mão?! Queira Deus que os alliados não se lembrem de ataca-los à arma branca; porque então... ai de mim!”

ço de 1868 como medida de segurança contra os Aliados, cujo avanço pelo território paraguaio adentro em direção à capital era já inevitável e iminente.

Em setembro de 1867, as forças aliadas sofrem uma derrota fragorosa em Curupaití. Como resultado dessa derrota, a Tríplice Aliança decide destituir o general Bartolomé Mitre do comando das operações militares. No começo do ano de 1868 o comando geral das forças aliadas é transferido para Luiz Alves de Lima e Silva, então Marquês de Caxias. A primeira preocupação do Marquês foi melhorar a estrutura de apoio às tropas: abastecimento, comunicações e estradas. Instalaram-se novas linhas telegráficas e construiu-se uma estrada de ligação entre a base militar aliada, fixada em Tuiutí (ver **Mapa II**, em anexo), e os postos mais avançados. Os engenheiros passaram a usar balões tripulados para o reconhecimento da região. Além disso, foram incorporados mais 17 mil soldados ao exército, enquanto a Marinha recebia mais seis navios, três deles couraçados.

Por outro lado, Caxias investiu na melhoria das condições sanitárias dos acampamentos para vencer um adversário tão temível quanto os paraguaios: o cólera. A epidemia, que também fazia vítimas no Paraguai, havia se alastrado entre as tropas e fazia vítimas diariamente. Para combatê-la foram construídos diversos hospitais de campanha. No plano administrativo, formaram-se as *comisiones de intendencia*, para evitar a corrupção, bastante disseminada, na compra de equipamentos.

Grande estrategista, Caxias ordenou que, imitando o movimento de uma pinça, as tropas envolvessem as fortalezas paraguaias, isolando-as e quebrando as ligações desse sistema defensivo. No mês seguinte navios brasileiros romperam com tiros de canhão as grossas correntes que os paraguaios haviam atravessado de uma margem à outra do rio Paraguai para impedir o tráfego de embarcações e tomaram o reduto de Establecimiento. Com os couraçados dando proteção aos navios de casco de madeira, a frota começou a subir o rio, transpondo a fortaleza de Humaitá, abrindo caminho para Asunción.

Do lado paraguaio, Solano López, percebendo, já em fevereiro, a iminência de enfrentamentos em Asunción, ordenou a evacuação da capital. A estratégia não era nova. Desde o começo da guerra em território paraguaio (1866) López praticou a estratégia de despovoar todo território ocupado ou ocupável pelo invasor com o objetivo de não dar-lhe oportunidade de obter alimentos e recursos.²⁵

O decreto ordenando o abandono de Asunción, de 22 de fevereiro, assinado pelo vice-presidente, Francisco Sánchez, estabelecia o seguinte:

*O Vice-presidente da República porquanto o estado de guerra que sustenta a República em defesa de sua liberdade e Independência exige a evacuação da Capital como um dos pontos do litoral mandado desocupar, **Declara:***

Artigo 1º - A cidade de Asunción fica desde esta data declarada ponto militar.

Artigo 2º - Dentro das quarenta e oito horas de publicação do presente decreto, se evacuará totalmente a cidade, retirando-se a população aos pontos que assinalará o Departamento de Policía.

Artigo 3º - Toda pessoa que for encontrada roubando nas casas desocupadas ou nas ruas, será imediatamente fuzilada.

²⁵ Cf. ALCALÁ. *Residentas, destinadas y traidoras*, cit., p. 11.

Artigo 4º - Qualquer pessoa que for encontrada em comunicação com o inimigo sofrerá a pena capital.

*Artigo 5º - Incorrerá na mesma pena todo indivíduo que tendo conhecimento do fato, não denunciara imediatamente ante o Comandante Geral de Armas, o traidor o espião.*²⁶

Na mesma noite, o vice-presidente e os membros da administração civil se trasladaram para o povoado vizinho de Luque, convertido em nova capital da República. Pode-se imaginar o caos causado por essa ordem. Em pouco tempo as ruas de Asunción se transformaram num verdadeiro formigueiro humano, apinhadas de gente desesperada e desorientada, transportando em condições as mais precárias tudo o que pudesse ser transportado com as mãos. Por isso, a antropóloga Branislava Susnik afirma, com razão, que “com a evacuação de Asunción, a população da capital sofreu um grande impacto psicológico fosse qual fosse a classe social a que pertencesse”²⁷.

Enquanto isso, no interior, as forças paraguaias começavam uma peregrinação que, partindo da fortaleza de Curupaití, ao sul do país, em meados do ano, terminaria em Cerro Corá, hoje região de fronteira com o Brasil, a 1º de março de 1870, com a morte de Solano López e a rendição incondicional do que restava das esfarrapadas e famintas forças paraguaias, constituídas, nesse momento, quase que somente de crianças.

Com o avanço da frota brasileira, torna-se mais forte a latente oposição da burguesia abastada contra uma guerra que já se sabia perdida. Ao mesmo tempo, a população humilde começava a perder a confiança de uma defesa vitoriosa, tornando-se suscetível aos rumores que então corriam sobre o destino do Marechal López.

Alguns desses rumores eram, sem dúvida, intencionais, disseminados pela oposição; outros eram resultado de deduções nascidas da desconfiança, do medo ou simples vingança. Declarações colhidas na nova capital, Luque, apresentavam quatro versões diferentes para o destino de López, minando a fé da população civil no sucesso da guerra:

- a) o Marechal encontrava-se entre os prisioneiros de guerra e “tinha querido fugir para o exterior com Madama [Elisa Lynch] e seus filhos e um Coronel foi até ele e lhe perguntou aonde estava indo, que ficasse com eles, que já tinha feito derramar muito sangue”²⁸;
- b) López teria sido capturado quando quis fugir para a Bolívia;
- c) López tinha sido morto “e agora já não é ele que governa, mas a Madama e [...] vendo que já não íamos ganhar a guerra atual, teria mandado pôr a pique dois vapores dos nossos”²⁹;
- d) os brasileiros ofereceram 30 mil onças de ouro a quem capturasse ou matasse o Marechal.

²⁶ Apud **CARDOZO**. *Hace 100 años... Tomo VIII*, cit., pp. 143-144.

²⁷ **SUSNIK**. *Una visión socio-antropológica...*, cit., p. 57.

²⁸ Ver **BR:BN/CRB**, doc. n.º 4685, f. 3. Os documentos desta coleção encontram-se hoje, como vimos, no Arquivo Nacional, em Asunción, mas a Biblioteca Nacional brasileira manteve cópia de toda a coleção em microfilme.

²⁹ **BR:BN/CRB**, doc. n.º 4685, f. 32.

Se, por um lado, esses rumores demonstravam o pouco conhecimento sobre os movimentos militares do exército paraguaio, por outro revelavam o desejo da eliminação de López, sem o que o fim da guerra era praticamente impossível, por mais fiel que permanecesse a população mais humilde.

Para a burguesia não houve nenhum interesse - pelo menos nesse estágio da guerra, que se mostrava crítico - em se solidarizar com a causa nacional, que já via como perdida. Enriquecida durante o governo de Carlos Antonio López, a burguesia paraguaia, inspirada nas idéias liberais, principalmente através de seus amigos e familiares exilados em Buenos Aires, tinha como modelo de desenvolvimento para o Paraguai a "regeneração progressiva", radicalmente oposta ao "grito de guerra" e o conseqüente bloqueio comercial do país³⁰. Seu objetivo era salvar a própria pele enquanto havia tempo para isso e suportaria até mesmo a possibilidade de aceitar o humilhante Tratado da Tríplice Aliança e a derrubada do "governo tirânico" de López.

É nesse clima que López e seus seguidores começam a desconfiar de um processo de conspiração revolucionária que iria transformar substancialmente os rumos de uma guerra já demasiado difícil. Mesmo sem considerarmos a possibilidade de conspiração, a verdade era que a opinião pública asuncena indubitavelmente havia abandonado o Marechal à sua própria sorte. López, por outro lado, sempre desconfiara da população civil, à qual nunca foi capaz de impor sua lei de obediência absoluta, ao estilo militar. Além disso, é verossímil que muitos compartilhavam as idéias mais "liberais" de seus irmãos Benigno e Venancio³¹.

Segundo Juan Crisóstomo Centurión, um dos chamados "fiscais de sangue" (executores dos processos por traição), haveria, na suposta conspiração de San Fernando umas 200 pessoas implicadas em planos para matar López e "entre eles os homens mais conspícuos de Asunción", assim como muitos outros do interior, especialmente os privilegiados que exerciam a autoridade de chefes urbanos e de juizes de paz³². Esse número sobe para 368 "conspiradores", segundo o historiador norte-americano Harris Gaylord Warren³³.

O que interessa a este trabalho, porém, é que, seja sob tortura, seja por declaração falsa ou simulada, os "conspiradores", culpados ou inocentes, foram julgados e condenados. Desde então, debilitado e irremediavelmente impotente frente ao lento mas iminente envolvimento militar dos Aliados, López passava a atribuir qualquer fracasso à traição e paranoicamente desconfiava de qualquer indivíduo. "A vida de muitos estava por um fio: e sem nenhuma cerimônia além de uma declaração verbal, qualquer um podia ser mandado de volta ao outro mundo."³⁴

A unidade nacional, com isso, saía extremamente debilitada, em um momento em que essa unidade era imprescindível.

Além do mais, López transformava-se em um "peso moral" para a própria

³⁰ SUSNIK. *Una visión socio-antropológica...*, cit., p. 58.

³¹ Cf. CARDOZO, Efraim. *Paraguay independiente*. Asunción: Carlos Schauman, 1987, p. 242.

³² Cf. CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurion o sean reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Asunción: Imprenta Militar, 1901, t. 3, p. 158.

³³ Cf. WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., p. 12.

³⁴ CENTURIÓN. *Memorias del Coronel...*, cit., t. 4., p. 115.

“massa popular” que até então o apoiara cegamente, situação agravada pela influência da “opinião pública”. A partir de então, cada vez mais seus seguidores o faziam por medo, equilibrando-se em uma perigosa corda bamba estendida entre a submissão e a “traição”. Passavam a reinar entre a gente comum a desconfiança mútua e o medo da delação. É a partir dos *Tribunais de Sangue* - San Fernando seria apenas o começo - que as mulheres, a quem se deu brevemente o direito à voz, se vêem face a um novo desafio.

3.3. RESIDENTAS E DESTINADAS

Com o abandono de Asunción e, poucos meses depois, com os processos de San Fernando, formar-se-iam duas categorias de mulheres condenadas ao êxodo: de um lado estavam as *agraciadas*, mulheres cujos parentes estavam, pelo menos até aquela época, em bons termos com López; de outro, estavam as *traidoras*, parentes de réus políticos, castigadas pelas faltas cometidas por seus familiares ou mesmo por “crimes” de amigos ou conhecidos.

As *traidoras* que não foram fuziladas depois de terem passado todo tipo de vexames e torturas, incluindo a violação, transformaram-se em *destinadas*, isto é, foram enviadas à localidade de Yhú, e depois a Espadín (hoje em território brasileiro), perto do encontro das cordilheiras de Amambay e Mbaracayú, onde se instalou um campo de concentração para elas. As *agraciadas*, por sua vez, transformadas em *residentas*, foram condenadas a seguir o exército paraguaio em sua também *via crucis*, cruzando o país de sul a norte³⁵.

Embora a sorte desses dois grupos não fosse muito distinta, é importante lembrar que, salvo exceções, corresponde majoritariamente às *kygua vera* a transformação em *residentas*, que sem terem onde morar, obrigadas a abandonar sucessivas vezes suas casas, ainda que provisórias, desde os arredores de Asunción até os povoados do interior, seguem seus maridos, irmãos, pais, filhos ou algum outro parente, seus únicos referenciais após o caos em que a guerra se transformara. Do outro lado, coincidem com as representantes das “distinguidas famílias asuncenas” as *destinadas*, quase sempre aparentadas - por mais distante que fosse esse parentesco - com algum “conspirador”.

É importante dizer que mesmo não havendo uma rígida barreira entre a origem de classe dessas mulheres e sua designação como *residentas* ou *destinadas*, no pós-guerra, a posição ocupada pelas mulheres segundo essa classificação será fundamental para situá-las socialmente. É verdade que existiam, de fato, relacionamentos familiares e afetivos interclasses e que, por outro lado, nem todos os membros da burguesia foram considerados traidores - o que seria extremamente absurdo - e nem todos os homens do povo estiveram isentos, *a priori*, de qualquer culpa. Por isso, também, era não pouco comum encontrar mulheres em cujas famílias pudessem ser identificados igualmente “bravos patriotas” e “vis traidores”. Mas essas exceções apenas nos mostram o caos da guerra e, de certa maneira, o grau de isola-

³⁵ A descrição das condições que levaram as mulheres paraguaias a transformarem-se em *residentas* ou *destinadas* é encontrada em vários autores, citados, literalmente ou de forma indireta, em vários momentos deste trabalho. Utilizo-me aqui, prioritariamente, de VILLAMIL, Manuel Peña & QUEVEDO, Roberto. *Silvia*. Asunción: Criterio, 1987; e ALCALÁ. *Residentas, destinadas y traidoras*, cit..

mento em que López é posto, em consequência de sucessivas derrotas militares, escondendo-se, atrás de uma aparente convicção da vitória e da violência em consequência dessa “certeza”, sua absoluta fragilidade.

O melhor exemplo da crueldade da guerra, do grau de desnorteamento de Solano López e seus auxiliares mais diretos e do caos que se instauraria entre centenas de famílias paraguaias após a evacuação de Asunción é o de Silvia Cordal de Gill, que tinha seis anos de idade à época do abandono da capital. Em sua família havia *residentas* e *destinadas*, mais estas últimas que as primeiras, já que tratava-se de uma das “famílias distinguidas” do país. Sua mãe, María del Carmen Gill de Cordal, foi uma *destinada*, assim como suas irmãs Dolores V. Dentella e Manuela F. Milleres, enquanto duas outras de suas irmãs, Emerenciana e María Carolina, foram *residentas*. Essas duas irmãs seguiram o ministro de Governo, José Falcón, casado com outra das irmãs, Joaquina, à localidade de Barrero Grande, para cuidarem de seus filhos³⁶.

Silvia escreveu, em sua velhice, um jornal onde imaginariamente conversava com seus filhos, contando-lhes suas memórias sobre os tempos da guerra. Em sua opinião sua mãe fora presa e destinada porque “naquela época o pior delito era ser gente decente e sobretudo ter fortuna”³⁷.

Mas o caos provocado pelo “espírito de San Fernando” é ainda maior do que simples explicações racionais. O desespero e a paranóia de um país que se consumia em batalhas que resultavam em mortes, fome e miséria criou situações absolutamente inusitadas. Dessa mesma família há um registro tão assustadoramente interessante que sequer parece real: Escolástica Barrios de Gill, a avó materna de Silvia Cordal, morre a 3 de agosto de 1868, já em avançada idade. No dia 15 desse mês, ***El Semanario*** publica uma nota necrológica lamentando “a morte da mui distinguida e respeitável Sra. dona Escolástica Barrios viúva de Gill”³⁸. Na mesma edição, no entanto, encontra-se outra nota sobre um membro da família: a destituição do ministro da Guerra, general Vicente Barrios, que posteriormente seria fuzilado. Vicente Barrios era irmão de Escolástica.

Na edição seguinte, ***El Semanario*** informa sobre a capitulação paraguaia em Humaitá. O correspondente do jornal em San Fernando assim se refere aos líderes militares paraguaios do episódio:

[...] é preciso dizer que os Comandantes de Humaitá cujos nomes são Francisco Martínez, Remigio Cabral, Pedro Gill devem hoje e sempre ser inscritos no pelourinho infame do escárnio e da maldição eterna de todos aqueles que tenham sequer um átomo de sentimento de honra [...].³⁹

O capitão Pedro Victorino Gill, um dos quais os paraguaios deveriam inscrever nos anais do escárnio e da maldição, era filho de dona Escolástica, tio de Silvia Cordal. Pedro Gill era irmão, também, de Juan Bautista Gill, soldado feito prisioneiro em Angostura e que viria a ser eleito o terceiro presidente da República após a guer-

³⁶ VILLAMIL & QUEVEDO. *Silvia*, cit., p. 170.

³⁷ Idem, p. 15.

³⁸ ***El Semanario***, (747), 15/08/1868.

³⁹ ***El Semanario***, (748), 22/08/1868.

ra, chegando ao poder a 25 de dezembro de 1874, aos 34 anos de idade, permanecendo até 12 de abril de 1877, quando foi assassinado⁴⁰.

Obrigadas a acompanhar a mãe durante a evacuação de Asunción, Silvia, suas irmãs Clementina e Elisa e o irmão Rodolfo são separados de María del Carmen: “Minha pobre mãe saiu de Asunción com suas três filhas a Itauguá e ali estivemos um tempo mas depois seguimos viagem para Piribebuy onde caiu presa”⁴¹.

Itauguá, lugarejo próximo a Asunción, era o lugar de veraneio preferido das famílias abastadas da capital. Silvia não explica (talvez porque não o soubesse) as razões da mudança de Itauguá para Piribebuy, mas certamente ela é consequência dos rumos da guerra. Próximo ao fim do ano de 1868 López, que tinha seu quartel-general em Pykysyry, decide trocar Luque por Piribebuy (8 de dezembro) como nova capital provisória do governo civil.

Presa em Piribebuy, Carmen é transferida para Santa Rosa, um pequeno povoado perto de Yhú, primeiro campo de concentração das *destinadas*, deixando para trás suas três filhas, aos cuidados de uma escrava chamada Dolores. A partir de então, Silvia e suas irmãs são entregues à própria sorte:

*[...] dois meses estivemos em Piribebuy já passando muita fome. Ali aprendemos a comer laranjas ácidas, depois fomos entregues a um casal já velho [...] Já devíamos estar ali uns seis meses quando um dia a escrava nos tirou daquele ponto para livrarmos dos inimigos - isto ela dizia - e começamos a sofrer mais e ter mais necessidades [...].*⁴²

No trajeto até Yhú, onde estava Carmen, morrem a filha da escrava Dolores e, logo em seguida, uma de suas irmãs, Elisa. Poucos dias depois, ainda antes de encontrarem-se com a mãe, a outra irmã de Silvia morre:

*[...] um dia antes de chegar a Espadín ao cair a tarde estávamos sentadas no cume de um morro quando minha irmã Clementina disse: "Lolo - pois assim a chamávamos [a escrava Dolores] -, sabia que eu não vou ver a minha mãe? E amanhã, quando vocês chegarem - ela sempre tem a despensa cheia de chipas⁴³ biscoitinhos e rosquinhas -, e comerem, lembrem-se de mim, eu que tanto quero comer". Nos disse adeus e se deitou, fechou os olhos e dormiu, mas para sempre. Quando Lolo se aproximou e pegou-a no colo já estava morta. Eu era uma menina mas tinha um coração velho, pois, vendo morta a última irmã, desde o dia seguinte já não pude mais me mover. Amanheci toda inchada [...]. Na manhã seguinte, vendo a escrava que eu não podia me mexer, me pegou no colo e começou a correr comigo e me dizia chorando: "Você também vai me abandonar? Isto não pode ser".*⁴⁴

Logo depois, finalmente, Silvia e dona Carmen se encontram, graças ao empenho e carinho de Dolores. Quando Silvia e sua mãe regressam a Asunción, a cidade tinha outra fisionomia, embora nada mais pudesse despertar a emoção dessas sobreviventes. Ao começar a guerra, sua família tinha sete pessoas. Ao regressarem a Asunción, restavam apenas Silvia e sua mãe.

⁴⁰ VILLAMIL & QUEVEDO. *Silvia*, cit., p. 168.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Idem*, p. 15-16.

⁴³ Biscoito típico do Paraguai, feito de polvilho e queijo.

⁴⁴ VILLAMIL & QUEVEDO. *Silvia*, cit., p. 17.

O relato de outra *destinada*, Encarnación Bedoya, compartilhava essa opinião:

*O tirano matou todos os homens de distinção e por fim todos os que tinham dinheiro que lhes confiscou porque, dizia aquele tirano, conspiraram contra ele. E as esposas desses que ele matou destinou a Yhú.*⁴⁵

Também George Masterman, que havia prestado serviços ao governo paraguaio e depois se viu envolvido em suspeitas sobre sua participação em uma conspiração, depõe neste sentido⁴⁶: “Nesse dia trouxeram várias mulheres; todas, exceto uma, me eram desconhecidas, mas era evidente que pertenciam à melhor classe da sociedade”⁴⁷.

Outra trajetória exemplar das *destinadas* é a de Concepción Domeq de Decoud, esposa do coronel Juan Francisco Decoud e mãe de Juan José, José Segundo, Adolfo e Héctor Francisco Decoud, cabeças do que ficou conhecido como “grupo decoudista”, da *Regeneración* ou *Legionario* (ver mais adiante). Defensores incansáveis do modelo liberal, os Decoud sempre se foram considerados problemas para o país, desde, ainda, os tempos do governo de Carlos Antonio López. O patriarca da família e seus filhos mais velhos foram, um após outro, residir em Buenos Aires, ainda antes da guerra, para fugir às perseguições, permanecendo a mulher, Concepción, e os filhos mais novos em Asunción. No entanto, segundo Héctor Francisco Decoud, mal começou a guerra, Concepción foi intimada a partir para Humaitá. Lá chegando, acompanhada de seus filhos menores, Constancia, Eduardo, Concepción e Héctor Francisco, foi submetida a um interrogatório a bordo do navio Yporá. Depois de um julgamento em que um dos juizes era, ironicamente, Vicente Barrios, tio de Silvia Cordal e que posteriormente seria fuzilado, Concepción Decoud foi condenada ao confinamento no Chaco, a noroeste do país.

Na mesma tarde em que foi notificada a senhora de Decoud, uma canoa com oito soldados remadores, se encarregou de conduzi-la sozinha ao Chaco, isto é, sem nenhum de seus filhos. Estes continuaram presos na escada de desembarque do Ypora. Indescritível foi a cena que se produziu na escada de desembarque, no ato da separação da mãe de seus filhos.

O capitão Ortiz que comandava o Ypora, se viu obrigado então a ordenar imperativamente a quatro soldados, que cada um se encarregasse de desprender à força os filhos fortemente agarrados à mãe. Esta violência provocou o desmaio da senhora e a queda de um dos filhos, Eduardo, que se salvou mediante a imediata intervenção dos soldados que se encontravam na canoa.

[...]

Os quatro filhos [...] continuaram presos a bordo do Ypora, até poucos dias antes do combate do Riachuelo, em que foram desembarcados e conduzidos ao quartel do major. Daí foram enviados a Apuhá, distante uns 700 metros, sempre sob forte custódia.

[...]

Em conseqüência dos maus tratos que sofreu a irmã Constancia, tanto a bordo do

⁴⁵ ALCALÁ. *Residentas, destinadas y traidoras*, cit., p. 93.

⁴⁶ Masterman foi preso, torturado e finalmente posto em liberdade por intervenção da Marinha norte-americana, enviada ao Paraguai para libertar o cônsul Washburn, suposto autor da conspiração.

⁴⁷ MASTERMAN. *Seven eventful years in Paraguay*, cit., p. 184.

Ypora como em Apuhá, morreu poucos dias depois de regressar a Asunción. Eduardo foi recrutado para o serviço militar, e acompanhou o Marechal López até Cerro-Corá, onde morreu de fome. Héctor Francisco e Concepción, foram destinados a Valle Pucú, jurisdição de Areguá, daí a Piribebuy e depois a Ajos, de onde foi recrutado o primeiro e trazido a San José, escapando pouco depois com um companheiro para não cair em poder dos cambá⁴⁸, quando foi abatida a praça de Piribebuy.⁴⁹

Concepción Domeq permaneceria no Chaco, em uma cabana improvisada, até ser transportada a Guazú-cuá, depois a Ñuatí, onde ficou até dezembro de 1868. Depois, seguindo o mesmo destino de todas as *destinadas*, foi trasladada até Piribebuy e finalmente a Yhú.

Vários outros testemunhos mencionam a trajetória e penas por que passaram as *destinadas*. Entre elas o da cidadã francesa Dorotea Duprat de Lasserre, cujos marido e irmão foram fuzilados. Depois de já algum tempo de peregrinação, se surpreende ao chegar a Caacupé:

Nunca tinha pensado ver uma miséria tão espantosa, um conjunto de toda classe de infelizes, entre uma fetidez que me obrigava a tapar o nariz, desde a Boca de la Pica-da até Piribebuy, pois o caminho estava semeado de gente e animais mortos.⁵⁰

Chegando a Ajos, Dorotea e suas companheiras, todas doentes, foram levadas a um galpão.

Qual não foi minha surpresa quando me vi em meio a uma porção de senhoras da capital; a todas lhes perguntei o que faziam ali; me responderam, perguntando-me o que é que eu fazia ali; lhes respondi que era destinada a Yhú. E nós também, me disseram [...].⁵¹

Sobre as *residentas* praticamente inexistem relatos de suas protagonistas. Talvez porque a maioria delas não soubesse ler ou escrever - o que, aliás, parece ter sido regra para as mulheres, embora se costume exaltar a inexistência de analfabetos no Paraguai de Solano López. De qualquer forma, há relatos de testemunhas oculares, como o oficial argentino Francisco Seeber, que assim descreveu sua admiração por elas:

Essas infelizes seguem nossos movimentos, vestem-se pobremente, alimentam-se de sobras, abrigam-se debaixo das árvores, lavam e cozinham para os soldados e, quando eles adoecem ou estão feridos, dedicam a eles os maiores cuidados. Seus maridos o amigos as espancam muitas vezes e morrerão esquecidas. Ninguém se lembrará delas senão para menosprezá-las. São dignas de pena, lamentos e compaixão, sem dúvida, e aumentam a aflição que nos inspiram as misérias humanas.⁵²

Seeber estava equivocado pelo menos em um ponto: as *residentas* foram transformadas em heroínas, não apenas da guerra, como tornaram-se exemplos de valentia e coragem sem par no continente, exaltadas pelo desempenho "impróprio de seu sexo", simbolizando a mulher paraguaia. Vale ressaltar que para a maioria dos estudiosos, a situação de *destinada* fosse menos ruim do que a de *residenta* (se é que isso era possível). Esses autores argumentam que enquanto as *destinadas*

⁴⁸ Na grafia atual, em guarani, *kamba* = negro; a cor negra.

⁴⁹ DECOUD. *Sobre los escombros de la guerra*, cit., pp. 191-195.

⁵⁰ ALCALÁ. *Residentas, destinadas y traidoras*, cit., p. 66.

⁵¹ Idem, p. 67.

⁵² SEEBER, Francisco. *Cartas sobre la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Talleres Gráficos de L. J. Rosso, 1907, p. 19.

tinham um assentamento fixo, que lhes permitia cultivar a terra, as *residentas* não recebiam ração do exército e estavam condenadas a viver das sobras dos soldados, comprar alimentos no mercado negro o ir ao *rebusque* (coletar alimentos no bosque).

A PEREGRINAÇÃO DO EXÉRCITO PARAGUAIO E SUAS MULHERES



CABICHUI, 1(66):2, 19/12/1867⁵³

Como não está em questão saber quem sofreu mais ou menos, mas que caminhos percorreram as mulheres paraguaias em direção ao pós-guerra, acredito ser necessário apenas apresentar um quadro de sua peregrinação pelo território paraguaio como seguidoras do (cada vez menor) exército de seu país.

Desocupada Asunción, em fevereiro de 1868, seus habitantes foram obrigados a alojar-se como puderam nos povoados vizinhos, principalmente em Luque, a nova capital, Altos e Limpio. Quando López, depois da derrota em Lomas Valentinas, se estabeleceu em Azcurra e fez de Piribebuy sua terceira capital, as famílias *traidoras* foram *destinadas* a Yhú, enquanto as demais foram obrigadas, até quanto isso era possível, a seguir a marcha do exército. De Yhú, as *destinadas* foram trasladadas, em condições desumanas, a Curuguaty, Igatimí e, como vimos, já nos últimos momentos da guerra, a Espadín, quando algumas foram resgatadas pelos bra-

⁵³ Legenda: "Caxias - Ora, meu Deus!... Que é isto que eu vejo? Será possível os paraguaios que tenham outros caminhos mais? Ah! e como vão entrando as provisões!... Muito gado, e muito mantimento! Sim, e todo com abundância!... É impossível vencer López!".

sileiros, em dezembro de 1869.

Porém, nas palavras de Héctor Francisco Decoud, a peregrinação começara muito antes, com a evacuação das populações situadas sobre o rio Paraná⁵⁴. Poucos meses depois, se recebeu o aviso de que uma coluna inimiga, com cerca de 10 mil homens, se propunha a atravessar o rio Paraná, na altura de Encarnación (Itapúa) e avançar até Asunción. Se fez então extensiva a evacuação de todos os povoados das Missões, assim como a dos que se encontravam ao sul do rio Tebicuary, que foram estabelecer-se em seu lado norte. Os habitantes desses povoados foram distribuídos por Caapucú, Ybycui, Quyquyó, Mbuyapey e Ybytymí. As populações dos povoados próximos a Encarnación foram estabelecer-se desde Caazapá até Villa Rica. Em outubro de 1867, novo traslado. Todos os habitantes de Ñeembucú (Villa del Pilar) passaram ao norte do Tebicuary.

Com o sítio de Humaitá, o chefe político local, vendo que as provisões se esgotavam, mandou transferir para a região do Chaco as cerca de 900 mulheres que ainda se encontravam no povoado. Essas mulheres, com suas crianças e muitos anciãos e anciãs, seguiram a mesma trajetória do Marechal López até San Fernando, de onde foram internadas ao norte do riacho Pykysyry. Segundo Decoud, metade dessa gente morreu nessa *via crucis*⁵⁵. A outra metade, agregada às populações de Ñeembucú e das vilas Francia, Oliva e Villeta, foi remetida, em dois grupos, a Caacupé, a fim de ser redistribuída pelos departamentos vizinhos à Cordilheira. Evidentemente, essa peregrinação era incessante, já que estava submetida aos sucessos da guerra.

Para tentar manter o controle sobre o fluxo desses peregrinos, várias ordens foram expedidas e é absolutamente impossível sabermos qual sua eficácia. Em 18 de dezembro de 1868, por exemplo, o general Resquín emitia do acampamento de Pykysyry o seguinte despacho ao capitão Bernardo Amarilla:

*De ordem suprema, despacho noventa e seis mulheres a cargo do alferes Ignacio Romero, com trinta de tropa armados, para escoltá-las até esse ponto, devendo V. fazer o mesmo até o cerro de Aruaí; dali a Paraguari e deste ponto a Caacupé, do outro lado da Cordilheira para que o senhor chefe do dito partido de Caacupé as faça acomodar nos partidos mais longínquos daquela parte da dita Cordilheira, a fim de que tenham lugar para fazer algumas plantações de feijão [...].*⁵⁶

Em outro despacho, no mesmo dia, Resquín enviava ao capitão comandante do departamento de Yuquyty e aos chefes de Paraguari e Caacupé

*outra porção de 640 mulheres vizinhas da Villeta, 170 delas de diferentes distritos, para que, como a anterior, sejam escoltadas [...] desde Paso Yuquyty, com 30 homens de cavalaria bem armados a cargo de um oficial, de cujos pontos marcharão à capela de Caacupé [...].*⁵⁷

Ainda segundo Decoud, as 500 mulheres que se encontravam sob o amparo das forças que cobriam as baterias de Angostura quando de sua rendição “e outras centenas mais, talvez mil”, que caíram em Tororó, Avaí e Lomas Valentinas se viram

⁵⁴ Cf. DECOUD. *Sobre los escombros de la guerra*, cit., p. 185.

⁵⁵ Idem, p. 186.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Idem, p. 187.

obrigadas a agregarem-se aos exércitos Aliados e seguir com estes até Asunción⁵⁸. A maior parte dessas mulheres procedia dos acampamentos do exército paraguaio, onde foram prestar assistência a seus pais, irmãos, filhos, esposos.

Levando em consideração que desde 1868 já não restava um único lugar no Paraguai onde se pudesse encontrar um homem apto a empunhar armas, Decoud conclui que a população não combatente do país estava reduzida puramente ao sexo feminino, anciãos de oitenta e mais anos, crianças menores de onze a doze anos e deficientes físicos⁵⁹. Por isso, não é de estranhar que, já em janeiro daquele ano, López ordenasse a seu irmão, o coronel Venancio López (depois fuzilado):

Quero que os amputados e impedidos de caminhar que estão reunidos nesses quartéis se retirem para suas localidades, provendo à razão de cem pesos aos casados e de 25 os solteiros com prevenção de que, ajustando matrimônio, virão a esse comando receber cem pesos de auxílio para estabelecer sua família e dedicar-se ao trabalho. Esta pensão seria aumentada à razão de 25 pesos por cada grau, compreendendo, assim, cento e cinqüenta para o sargento. Quanto aos oficiais, necessitarão de permissão e só darão baixa quando tenham um casamento em vista. [...] Convém, assim, estimular a criação de famílias desses beneméritos cidadãos porque serão bons pais e virtuosos cidadãos e devem, assim, expressar-lhes esta esperança em meu nome.⁶⁰

Na verdade, embora não surpreenda a atitude, não se sabe exatamente o que queria López. Estaria simplesmente pensando num repovoamento do Paraguai? Ou objetivava livrar-se do peso incômodo dos mutilados nos acampamentos? A primeira hipótese parece absurda mas torna-se verossímil se pensamos nos prêmios para os que se casassem.

Por outro lado, remeter de volta a seus povoados os soldados inválidos podia ser uma estratégia para forçar que estes passassem a se alimentar, vestir, etc. por sua própria conta. A fome, afinal, campeava. Aliás, era exatamente a fome que tornava a diferença entre *residentas* e *destinadas* mais aparente que real. Vejamos, por exemplo, o relato de Dorotea de Lasserre sobre a fome que ela e suas companheiras de infortúnio experimentaram no caminho de Igitimí a Espadín:

Já era meio-dia, chovia sempre, já tínhamos uma tremenda fome, a serva da senhora de Leite [mulher do embaixador de Portugal, José Maria Leite Pereira, fuzilado] estava em um estado deplorável de languidez, quando de repente uma de suas mulas abortou; eu lhes disse que na França se comia carne de mula e que comesse o feto abortado naquele momento. Elas se animaram e sob uma chuva continua cozinharam aquela carne. Mamãe e a senhora de Leite tiveram uma repugnância espantosa até de se olhar, eu fechei os olhos, pois tinha jurado viver, e comi aquele alimento. À noite não haviam sobrado nem as patas nem o couro daquela mulinha.⁶¹

Por outro lado, se é seguro que a guerra, com suas inúmeras crueldades, aproximou, em várias ocasiões, *residentas* e *destinadas*, também é preciso dizer que no Paraguai, desde os tempos coloniais, sempre houve uma clara separação entre as classes, embora tal separação não tenha impedido o contato constante entre as classes - e nem poderia ter sido diferente, dado o isolamento no qual viveu o país

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Idem, pp. 188-189.

⁶⁰ Apud CARDOZO. *Hace 100 años... Tomo VIII*, cit., pp. 56-57.

⁶¹ ALCALÁ. *Residentas, destinadas y traidoras*, cit., p. 75.

até praticamente a vitória aliada.

Os observadores sempre ressaltaram a atitude respeitosa, embora informal, da classe baixa frente às pessoas da classe abastada, enquanto estranhavam que os costumes das mulheres da classe dominante mal se diferenciavam dos das mulheres mais humildes, como, por exemplo, o uso do *tipóy*⁶², o hábito de andarem descalças e de fumar charutos⁶³. Masterman assim se referiu a elas:

*Não deixava de ser um espetáculo muito curioso dos costumes paraguaios, mesmo que pouco agradável, encontrar, por exemplo, no baile do Clube, a esposa de um coronel vestida à última moda de Paris e logo no dia seguinte ver essa mesma senhora muito pobre e escassamente vestida de algodão, sem meias nem sapatos, sentada em meio a suas escravas, com os cabelos soltos, brigando com elas asperamente em guarani, enquanto seus filhos sujos e abandonados, com o charuto na boca, se revolviam entre as cabras e galinhas da casa.*⁶⁴

Segundo Barbara Potthast-Jutkeit entende-se essa “corrupção de costumes” das mulheres da classe dominante pelas relações fáceis entre as classes baixas e o trato relativamente aberto das classes entre si, tornando-se impossível o isolamento entre as mulheres da classe alta e das “baixeiras” da vida diária⁶⁵. Tais condições de isolamento, aliás, que propiciaram a aproximação entre as mulheres da classe dominante e suas escravas, estão também presentes em outras colônias ibéricas e não se dissiparam com as independências. Podemos lembrar, apenas para citar um exemplo, o hábito das mulheres de falar alto, às vezes mesmo gritando, segundo a descrição de dois cronistas norte-americanos que estiveram aqui em meados do século XIX⁶⁶. Segundo esses cronistas, sua voz estridente e desagradável era fruto do contato constante com as escravas, cuja submissão lhes estimulava a prática de dar ordens sempre em um tom desnecessariamente alto.

Voltando ao Paraguai, é importante lembrar que embora como modelo o lugar da mulher fosse o lar, “domínio da reprodução da espécie, [que] configurava o lugar do trabalho e da vida de mulheres, servos e escravos, em suma, daqueles que dependiam do “homem livre”⁶⁷, apenas às mulheres da classe dominante era possível aproximar-se desse modelo. Embora seja imprescindível considerar suas relações com a mulher popular, com a que as mulheres “distinguidas” aprenderam a reinterpretar seu papel de gênero.

Evidentemente, seria ingenuidade conceber o sofrimento das *residentas* e *destinadas* como característica peculiar e exclusiva da guerra contra a Tríplice Aliança. Em geral relegadas ao segundo plano nos processos de conflito social armado, acaba sendo reservado às mulheres o papel de guerreiras em outra guerra: a luta diária contra a fome, o abandono, a insegurança, o dilacerante sofrimento pela perda de pais, filhos, maridos, irmãos, parentes, vizinhos, amigos, contra a qual pa-

⁶² Antigamente grafada como *tipoy*, a palavra designa, em guarani, um tipo de vestido típico paraguaio.

⁶³ Cf. POTTHAST-JUTKEIT. “*Paraíso de Mahoma*”..., cit., p. 208.

⁶⁴ MASTERMAN. *Seven eventful years in Paraguay*, cit., pp. 50-51.

⁶⁵ Cf. POTTHAST-JUTKEIT. “*Paraíso de Mahoma*”..., cit., p. 209.

⁶⁶ Cf. FLETCHER, J. C. & KIDDER, D. P. *Brazil and the Brazilians*. Boston: s.ed., 1879, apud FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & sensala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d., p. 357.

⁶⁷ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *A mulher e o espaço público*. *Revista Brasileira de História* (São Paulo: ANPUH/Marco Zero): *Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas*, 12(22):69, Mar.-Ago. 1991.

rece que sua única e poderosa arma é a resignação. O que torna peculiar seu papel na guerra do Paraguai é seu envolvimento direto no conflito, obrigando-as a seguir de perto a trágica trajetória de seus homens, presenciando seu definhamento e morte sem serem autorizadas a fazer mais do que chorar, estancar as feridas ou, no limite, enterrarem, quando possível, os mortos. O Paraguai que renasce tendo como protagonistas silenciosas essas sobreviventes não poderia ser senão um país de muita dor, cuja vitória, como pretendo demonstrar, foi ter conseguido deixar aos sobreviventes de uma das mais terríveis derrotas do mundo ocidental moderno fortes e indelévels traços culturais pelos quais milhares de homens (e mulheres) lutaram⁶⁸.

Tentemos, agora, acompanhar a volta das mulheres a seus lares e sua luta por retomar a vida normal, cotidiana, nesse movimento de resistência/sobrevivência a elas destinado, para tentarmos nos aproximar dos espaços por elas ocupados. Procuo fazê-lo tendo sempre em vista sua posição de classe, acompanhando os distintos papéis designados para as *residentas* e as *destinadas*, quanto a sua condição de gênero, tentando acompanhar quais os modelos de comportamento estabelecidos para elas e sua adequação (ou não) a esses modelos. A noite das *kygua vera* não foi apenas aquela em que, como concessão das *señoras distinguidas*, elas puderam falar de sua luta. Aquela seria apenas o começo de uma longa noite insone e dolorosa.

⁶⁸ Ver artigo do *Le Monde Diplomatique*, em anexo, no final deste trabalho.

4. A “REGENERACIÓN” PARAGUAIA

Terminada a guerra, era hora de retomar a vida normal. Mas será que isso era possível? Talvez sim para os remanescentes das famílias mais abastadas. As mulheres sobreviventes dessas famílias, ainda que não desprezemos seus terríveis padecimentos nos campos de concentração, sempre tinham com quem contar: era sempre possível encontrar parentes e amigos entre os ex-exilados em Buenos Aires, entre os *pasados*¹ ou entre diplomatas e empresários que se beneficiaram com alguma imunidade, suborno ou fuga bem arquitetada. Para as *kygua vera*, no entanto, a situação era bem mais difícil. Despojadas de seus parques bens e sem ter com quem contar, ainda se viam na situação de, sob o nova ordem, serem proibidas de retomar suas vidas pelos padrões de sua cultura - que chamo de guarani-paraguaia -, que a nova ordem, identificando com o atraso e, conseqüentemente, com Solano López, queria fazer desaparecer junto com os milhares de soldados mortos na *Guer-ra Grande*.

O Paraguai estava arrasado pela guerra, reduzido a escombros, com a imensa maioria de sua população masculina morta o desaparecida. Além disso, na época que se abre com o pós-guerra, que, segundo Bartolomeu Melià, tem não poucas características de um neocolonialismo implacável², se reedita uma política, herdada do governo anterior ao de Solano López, de seu pai, Carlos Antonio, contra a língua guarani e tudo o que ela representava. Desta vez, e com acréscimos do pensamento liberal, o guarani é visto de novo como um problema para o desenvolvimento do Paraguai moderno: o castelhano é a civilização contra a barbárie do guarani³. Para essas mulheres, a interdição do guarani significava cortar um dos poucos laços que ainda restavam com uma cultura que nem o colonizador espanhol, nem as missões jesuíticas, nem tampouco as políticas de uniformização do ditador Francia (1814-1840) e de Carlos Antonio López (1840-1862) conseguiram interditar.

Do ponto de vista da cultura, a história do Paraguai independente é a história da luta renhida, ainda não concluída, entre os valores culturais espanhóis e os valores da cultura guaranítica, tendo, talvez, como principal suporte o idioma guarani. Nessa luta, o próprio idioma, embora possa parecer paradoxal, foi amplamente utilizado como elemento desintegrador, principalmente através da sua sistematização, ainda no século XVI, pelos jesuítas das Missões.

Mesmo descontando-se a terrível mistura de paranóia e tirania que orientou Solano López e alguns de seus chefes, particularmente durante o período 1868-1870, o que empurraria os paraguaios para um verdadeiro holocausto, fica claro que as ações dos Aliados no sentido da destruição da cultura guarani-paraguaia não foram acidentais. Isso torna a trajetória dessas mulheres ainda mais fascinante. Embora oficialmente os planos da Tríplice Aliança fossem derrubar

essa abominável ditadura de López e abrir ao comércio do mundo essa esplêndida e

¹ Na terminologia da guerra, os que desertavam, passando-se para o lado inimigo.

² Cf. MELIÀ. *La lengua guaraní del Paraguay*, cit., p. 169.

³ Idem, pp. 169-170.

*magnífica região que possui, talvez, os mais variados e preciosos produtos dos trópicos e rios navegáveis para explorá-los*⁴,

a verdade era que, segundo um dos líderes da guerra, o general Bartolomé Mitre,

*os soldados Aliados, e muito particularmente os argentinos, não foram ao Paraguai para derrubar uma tirania [...] e da mesma forma teríamos ido se em vez de um governo monstruoso e tirânico como o de López houvéramos sido insultados por um governo mais liberal e civilizado.*⁵

O problema é que antes de consumada a vitória não se podia admitir tais razões, porque seriam injustificáveis:

*não se vai matar a tiros a um povo, não se vai incendiar seus lares, não se vai regar de sangue seu território, dando por razão de tal guerra que se vai derrubar a tirania a despeito de seus próprios filhos que a sustêm ou suportam [...]. A filosofia, a humanidade, a moral desertariam de suas fileiras se tivéssemos ido matar paraguaios e destruir o Paraguai para redimir um montão de ruínas e um grupo de viúvas e órfãos, cobrindo com a bandeira da liberdade o último cadáver do último sustentador de sua tirania.*⁶

O que se queria era quebrar a espinha dorsal do Paraguai e, com ela, todo o atraso que a cultura guarani, para eles, representava. Essa cultura era identificada com o mesmo conservadorismo que propiciou a existência de Francia e dos López. Na verdade, o que ocorria era um ensaio que transformou o povo paraguaio em vítima propiciatória de correntes ideológicas no Prata, “o das ideologias em pugna no século XIX, ou seja, o conservadorismo e o liberalismo, tanto no aspecto cultural filosófico como no político”⁷, no qual os paraguaios foram arrastados.

Em meio a esse embate milhares de seres humanos - fundamentalmente mulheres - esperam paciente mas não passivamente. Particularmente quanto à mulher, embora tradicionalmente seja representada apenas como mãe exemplar que na paz cuida do lar, educa seus filhos e colabora com o homem em seus múltiplos labores e na guerra consola; que permanece serena e firme nas horas de provação e de luta, e é sempre companheira leal que põe todo seu fervor na formação dos filhos, é necessário vê-la com outros olhos.

Embora só no começo deste século as mulheres paraguaias tenham começado a dar seus primeiros passos no sentido de ocupar os espaços públicos, seu papel foi fundamental na reconstrução do Paraguai destruído pela *Guerra Grande* - e não com alguma energia “imprópria de seu sexo”, apenas lutando ao lado de seus maridos e filhos na guerra da Tríplice Aliança.

É evidente que, quanto à idealização do espaço que pertencia à mulher paraguaia, em nada diferente do que ocorre a outras mulheres, no que toca à relação entre os gêneros no mundo ocidental, seu espaço próprio era o da casa, de prefe-

⁴ Trecho de artigo do então presidente argentino Bartolomé Mitre para o jornal *La Nación*, a 3 de fevereiro de 1865, apud **CHIAVENATTO**. *Genocídio americano*, cit., p. 104.

⁵ Idem, p. 106.

⁶ Ibidem.

⁷ **TJARKS**, Germán. *Nueva luz sobre la guerra de la Triple Alianza*. *Revista de Historia* (Universidad de Costa Rica), (1), 1975, apud **VILLAMIL & QUEVEDO**. *Silvia*, cit., p. 42.

rência a cozinha e a cama⁸. Em todo o continente, ela é a mulher

*passiva, guiada pela vontade de outrem, que cuida dos interesses dos outros antes dos seus próprios interesses. Ela é hábil e perceptiva mas incapaz de abstrair, de pensar de forma disciplinada ou de escrever. É dedicada ao lar e à família e incapaz de agir em nome de ou mesmo pensar num objetivo maior.*⁹

Porém no Paraguai, derrotado mas “livre da tirania” do “Napoleão do Prata”, coube às mulheres - não apenas a elas, evidentemente, mas principalmente - romper, na prática, com o papel a elas destinado e reconstruírem a cultura, a identidade e o uso do idioma guarani.

Valeria a pena, então, perguntar: nesse processo, qual é realmente o papel da mulher? Aqui não parece, num primeiro momento, ter muito sentido fazermos uma distinção rígida entre as “filhas de Asunción” organizadoras da assembléia de 24 de fevereiro de 1867, e as *kygua vera*. Como vimos, em muitos momentos as trajetórias desses dois grupos se tocam, compartilhando sofrimentos e propiciando relações de compaixão mútua e de solidariedade. No entanto, ainda que acomodadas ao seu papel de “ser resignado e tenaz; humilde e resgatando sempre dignidade da resignação; despossuídas e no entanto resgatando doação”¹⁰, as primeiras certamente contassem com meios de minimizar a desgraça que se abateu sobre as mulheres paraguaias em geral: não são poucos os relatos que falam de casamentos entre viúvas de líderes da guerra e oficiais das forças vitoriosas; daquelas que emigraram, acompanhando pais, irmãos ou maridos sobreviventes da guerra e para os quais não houve mais espaço na vida pública paraguaia¹¹; das que ocuparam postos de destaque no ensino público e outras atividades da vida pública dentre as poucas reservadas à mulher. Das *kygua vera*, no entanto, muitas permanecem, quando possível, em Asunción, onde havia maiores garantias de sobrevivência, movimentando a engrenagem das atividades “menores” que permitiram à cidade, em reconstrução, voltar a funcionar. Muitas são empurradas para o interior, provavelmente em busca do reencontro com sua cultura, suas identidades.

É essa experiência da mulher paraguaia do pós-guerra, que tenta equilibrar-se entre os valores ocidentais do liberalismo imposto e os valores culturais guaranis, que orienta este trabalho. Busca que, de resto, também os homens experimentaram, fossem eles sobreviventes da guerra, novos colonos atraídos pelas possibilidades criadas pelo caos resultante do conflito, oriundos ou não das forças de ocupação. No

⁸ É importante observar, no entanto, que estamos falando ao nível das representações. À sua atuação praticamente nula na vida pública paraguaia e ao papel idealizado de *reina del hogar* corresponde, como veremos adiante, um papel bastante destacado na economia doméstica e informal e em vários outros setores da sociedade paraguaia, numa relação bastante *sui generis* em relação aos demais países de América Latina e mesmo, provavelmente, em relação à sociedade ocidental do século XIX. Ver, a esse respeito, POTTHAST-JUTKEIT. “*Paraíso de Mahoma*”.... cit.

⁹ HOBERTMAN, Luisa S. *Hispanic American women as portrayed in the historical literature: type or archetype?* *Revista Interamericana*, (4):3, 137, apud PASTOR, Brígida. *Cuba's covert cultural critic: the feminist writings of Gertrudis Gómez de Avellaneda*. *Romance Quarterly*, 43(3):179, Summer 1995.

¹⁰ PLÁ. *A manera de saludo*. In: ZARZA. *La mujer paraguaya*, cit., p. 11.

¹¹ Sobre a presença de mulheres emigradas para o Mato Grosso, uma das regiões que mais as absorveram como conseqüência da guerra, ver PERARO, Maria Adenir. *Farda, saias e batina; a ilegitimidade na paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá, 1853-90*. Curitiba: UFPR/Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 1997 [Tese de Doutorado], especialmente a Parte III: *A remissão do pecado*, Item III.2: *Errantes e aventureiros: o sentido do matrimônio e os tratos ilícitos*, pp. 120-161. Embora a imigração de paraguaias a Cuiabá não seja o objeto central do trabalho, a autora analisa vários casos de mulheres paraguaias que foram para o Mato Grosso em decorrência de casamento ou união consensual com soldados e oficiais brasileiros que atuaram nos campos de batalha do Paraguai.

entanto, estamos falando de um país que sai da guerra com um terrível superávit populacional feminino e em que, apesar disso, são os homens os que reconstróem a vida pública, os que se encarregam de dar sentido ao novo Estado nacional paraguaio. Os valores desse trabalho de reconstrução - até porque tutelados - não são, certamente, os da cultura guarani.

4.1. O PARAGUAI AO FINAL DA GUERRA: UM PAÍS ARRASADO

Em seu tão famoso quanto polêmico *Genocídio Americano*, Julio José Chiavenatto afirmava que havia aproximadamente 800 mil habitantes no Paraguai às vésperas da Guerra da Tríplice Aliança. Baseado nessa pressuposição, e admitindo que restavam, ao final do conflito, em 1870, não mais que 194 mil pessoas, Chiavenatto conclui que foram dizimados 75,75% da população pré-guerra. Dessas 194 mil pessoas, 14 mil (7,21%) eram homens e 180 mil (92,79%), mulheres. Segundo, ainda, esse autor, “dos quatorze mil homens que sobraram da população inicial de oitocentos mil habitantes, pelo menos setenta por cento eram de crianças de menos de dez anos”¹², o que significaria que 9.800 habitantes do sexo masculino no Paraguai seriam crianças de menos de dez anos. Acompanhando, ainda, esse raciocínio, verificaríamos que, dos 4.200 homens maiores de dez anos, apenas metade contava com mais de 20 anos de idade, o que nos levaria à incrível cifra de apenas 2.100 homens maiores de 20 anos.

Este seria o quadro relativo à população paraguaia depois da guerra, segundo os cálculos de Chiavenatto:

QUADRO I
POPULAÇÃO DEPOIS DA GUERRA, SEGUNDO CHIAVENATTO

POPULAÇÃO		% sobre 1870	% sobre população suposta em 1864
População em 1864	800.000	-	-
Total da população do pós-guerra	194.000	-	24,25
Total de homens	14.000	7,22	1,75
Total de mulheres	180.000	92,78	22,50
Homens até 10 anos de idade	9.800	5,05	1,23
Homens entre 10 e 20 anos de idade	2.100	1,08	0,26
Homens maiores de 20 anos	2.100	1,08	0,26

É sabido que uma das maiores deficiências do trabalho de Chiavenatto é sua falta de rigor científico, principalmente quanto ao tratamento adequado das fontes e sua divulgação ao leitor, o que permite a quem acompanha seu raciocínio o legítimo direito de desconfiar de suas afirmações e conclusões. No entanto, é necessário reconhecer-lhe o mérito de haver recolocado o tema da guerra da Tríplice Aliança no cenário das discussões acadêmicas, e desta vez apresentando traços críticos até

¹² Cf. CHIAVENATTO. *Genocídio americano*, cit., pp. 150-151.

então ausentes da historiografia brasileira sobre o tema, particularmente quanto a um suposto heroísmo sem par das forças aliadas e quanto à barbárie que supostamente caracterizaria o povo paraguaio até a vitória da Tríplice Aliança.

Por outro lado, é preciso também esclarecer que mesmo na historiografia paraguaia é comum que encontramos menções a cifras até mais elevadas para a população paraguaia anterior à guerra que as admitidas por Chiavenatto. Para esse autor, defensor apaixonado da tese de que o Paraguai sob os López era um país auto-suficiente e com alto nível de justiça social, cujos líderes, por essa razão, eram adorados pelo seu povo, não é difícil admitir uma perda populacional tão significativa (particularmente entre a população masculina), o que ilustraria a bravura com que os paraguaios teriam lutado nos cinco anos da guerra, unidos por seu presidente e comandante-chefe militar, Solano López, e o genocídio perpetrado pela Tríplice Aliança para atender aos interesses britânicos na região do Prata¹³. Essa questão é extremamente polêmica, já que os únicos censos populacionais paraguaios considerados como confiáveis para antes e após a guerra foram realizados, respectivamente, em 1846 e 1886¹⁴.

Mas é preciso esclarecer que, descontada a ingenuidade de Chiavenatto e outros autores, o exagero dos números quanto à população do Paraguai anterior à guerra tem suas raízes ainda no governo de Carlos Antonio López. Entre 1846 e 1886 só foram realizados registros parciais da população do país, embora tivessem proliferado estimativas que apresentavam dados bastante discrepantes quanto ao volume demográfico da população paraguaia (Ver **Quadro IX**, em anexo).

Provavelmente, foi o francês Benjamin Poucel o primeiro a atribuir mais de um milhão de habitantes para o Paraguai, no final da década de quarenta do século XIX¹⁵. Por volta de 1862, o belga Alfred du Graty publica na Europa um trabalho sobre o Paraguai em que, baseando-se em um suposto censo realizado em 1857, afirma que a população paraguaia era de 1.337.439 habitantes¹⁶. Sua exposição contém uma relação detalhada dos habitantes de cada um dos departamentos paraguaios. Sua obra, que é dedicada a Carlos Antonio López, foi amplamente difundida também no Paraguai - provavelmente em tradução. Foi recomendada como leitura a "todos os bons patriotas" e ainda depois da guerra havia vários de seus exemplares circulando no país¹⁷.

Um fato importante com relação ao trabalho de du Graty é que o mesmo fora encomendado pelo governo de Carlos Antonio López com o objetivo de divulgar o

¹³ Como vimos, é semelhante a perspectiva presente em **POMER. A Guerra do Paraguai**, cit.

¹⁴ Ver, para uma análise do censo de 1846, **GALEANO**, Anneliese Kegler de. *Alcance histórico-demográfico del censo de 1846. Revista Paraguaya de Sociología*, 13(35):71-121, Abr. 1976. Para uma análise do censo de 1886, ver **RIVAS**, Bárbara Ganson de. *Las consecuencias demográficas y sociales de la guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas, 1985.

¹⁵ **POUCEL**, Benjamin. *La France et l'Amérique du Sud*. Paris: s.ed., 1847. À pág. 37, o autor atribui ao Paraguai uma população de 1.100.000 habitantes.

¹⁶ Ver **GRATY**, Alfred Marbais du. *La République du Paraguay*. São várias as edições conhecidas: Londres, 1862; em tradução de Carlos Calvo: Besançon: Imp. de J. Jacquis, 1862; Bruxelas/Leipzig, 1865. De qualquer forma, é importante lembrar, com Carlos Pastore, que "proporcionalmente à superfície de seu território, a população do Paraguai era mais numerosa de que as de outras províncias do Rio da Prata" (**PASTORE**, Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Montevideo: Antequera, 1972, p. 62).

¹⁷ Cf. **BURTON**, Richard F. *Letters from the battle-fields of Paraguay*. London: s.ed., 1870, pp. 442, 462.

Paraguai na Europa. Posteriormente, du Graty exerceria, entre outros cargos, o de cônsul paraguaio ante a corte prussiana¹⁸.

Os exageros de Poucel e du Graty, por variados motivos, entre os quais o principal seguramente era a exaltação da pujança paraguaia, foram aceitos por várias autoridades políticas e historiadores. Ainda em 1861, um documento do Diretor de Estatísticas da província argentina de Corrientes, Benigno F. Martínez, admitia a cifra de 1,1 milhão para a população do Paraguai. Quase vinte anos depois da guerra, em 1889, um documento do próprio governo paraguaio destinado aos imigrantes que chegavam ao país como resultado da intensa campanha de imigração, exatamente com o objetivo de repovoar o Paraguai, afirmava:

Em 1828, segundo Bally [?], a população absoluta era de 250,000 almas, esta cifra havia alcançado, em 1861, um total de 1300000 habitantes.

*Durante a guerra com o império do Brasil e as repúblicas Argentina e Oriental (1865 a 1870) o Paraguai perdeu mais de um milhão de pessoas, e a população se encontrou reduzida a 200000 habitantes.*¹⁹

Em suas memórias, o brasileiro Dionísio Cerqueira, que foi para a guerra como soldado e que voltaria dela como tenente de infantaria, também é induzido ao mesmo erro. O erro é tanto maior quando sabe-se que Cerqueira chegou ao posto de general de brigada, foi deputado constituinte em 1891, ministro de Relações Exteriores do governo Prudente de Moraes e geógrafo cuja obra se liga essencialmente à fixação e demarcação das fronteiras terrestres do Brasil.

Perdemos cem mil de nossos melhores irmãos, heróis ignorados; e quase consumamos o extermínio de um povo valoroso que soube defender heroicamente o solo sagrado de sua pátria.

Antes da guerra o Paraguai tinha um milhão e trezentos mil habitantes; depois dela não iam muito além dos duzentos mil!

Mais de um milhão pereceram nesta campanha duríssima.

Arrancamos aos paraguaios, dizem, à constrição do guante de ferro de uma tirania aviltante.

São hoje mais felizes?

A terra é mais bem cultivada?

Mais navios sulcam as suas águas?

Mais povoados de rebanhos as praderias [sic]?

Mais paz e tranqüilidade no povo?

Mais respeitado seu nome?

*Mais forte seu governo?*²⁰

A tese de que teria sido enorme a perda populacional paraguaia encontra séria oposição, por exemplo, em um artigo da historiadora da demografia Vera Blinn Reber, que tem obtido, desde sua publicação, uma razoável repercussão acadêmi-

¹⁸ Cf. POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. *"Paraíso de Mahoma"...*, cit., p. 322.

¹⁹ *Guía del inmigrante al Paraguay*. Asunción: El Veterano, 1889, p. 111.

²⁰ CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai - 1865-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, s.d., pp. 447-448.

ca, inclusive no Brasil. Reber desconfia - como vimos, com razão - que esse censo de 1857 mencionado por Du Graty sequer existiu, dadas as ligações da única pessoa que o menciona com o governo de Carlos Antonio López e já que até o momento não foi encontrado nenhum vestígio de seus originais²¹. Para ela, “embora as taxas de mortalidade paraguaias tenham sido altas em relação a outras guerras nos últimos 150 anos, a perda total foi muito menor do que a maioria da população”²².

Segundo essa autora, as taxas de crescimento populacional calculadas segundo projeções mais realistas dos censos e estimativas populacionais paraguaios do período sugerem que a perda total da população paraguaia relativamente ao período pré-guerra pode ter sido de 8,7 e no máximo de 18,5%. Chega A autora chega a tais cifras considerando, inclusive, as mortes devidas à guerra propriamente dita, resultantes de batalhas ou doenças; mortes de civis por doença; e mudanças populacionais resultantes da migração de refugiados e perda territorial. Mesmo assim, segundo ela, para que tal acontecesse, seria preciso supor ou que as perdas militares excedessem largamente às registradas em guerras mais destrutivas do século XX ou que as mortes entre a população civil representaram uma percentagem maior que o total das mortes de militares, o que parece a ela irreal para o século XIX²³.

A polêmica provocada por Vera Blinn Reber é, sem dúvida, saudável, já que não foram encontrados, até agora, documentos definitivos sobre a população paraguaia no período compreendido entre 1864 e 1870²⁴. Os vários censos e estimativas populacionais paraguaios ocorridos no decorrer do século XIX, como vimos, são, na maioria das vezes, imprecisos e incompletos. No entanto, é preciso apontar alguns pontos problemáticos em seu trabalho.

Em primeiro lugar, a autora comete o equívoco de, ao se ater minuciosamente aos dados populacionais à sua disposição, desprezar os vários relatos de cronistas e viajantes que se encontravam no Paraguai durante o desenrolar do conflito ou que chegaram ao país durante o período da ocupação aliada. A meu ver, parece impossível que os números a que chega a autora estejam referidos à mesma população paraguaia de que falam os relatos de testemunhas dos últimos momentos da guerra - mesmo levando-se em necessária consideração as variantes apontadas por Reber. Se não mais que 18,5% da população do país desapareceram durante a guerra, como explicar as cidades completamente desertas de que falam os cronistas, ou as centenas de corpos em estado de decomposição presentes, como veremos adiante, em vários relatos?

Por outro lado, para chegar à provável população de 1864/5, Reber, tendo como base o censo populacional de 1846, infere as taxas de crescimento populacional do Paraguai a partir de comparações com o crescimento populacional de outros países sem levar em consideração as especificidades paraguaias.

²¹ Cf. REBER, Vera Blinn. *The demographics of Paraguay: a reinterpretation of the great war, 1864-70*. *Hispanic American Historical Review*, 68(2):298, May 1988.

²² Idem, p. 317. Ver também pp. 307-308.

²³ Idem, p. 318.

²⁴ Barbara Potthast-Jutkeit informa em seu livro que foi recentemente descoberto o manuscrito de um censo realizado em 1870, sobre o qual a autora informa estar preparando um artigo de análise, em colaboração com Thomas Whigham. (Ver POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. “*Paraíso de Mahoma*”..., cit., p. 324, nota n.º 79.)

Ela sugere, por exemplo, que

*o Chile parece ser demograficamente comparável ao Paraguai porque ambos os países eram agrícolas, com abundância de terras disponíveis, dependiam pouco ou nada de mão-de-obra escrava e tinham estilos de habitação comparáveis.*²⁵

O Paraguai, no entanto, experimenta condições climáticas completamente distintas, tinha uma composição étnica e sociocultural bastante diversa e, particularmente, uma cultura política absolutamente distinta. Esses fatores exercem uma forte influência sobre a composição familiar. Uma análise mais apurada da presença de filhos adultos - particularmente filhas solteiras com filhos ilegítimos - na casa dos pais explica-se melhor através do estudo das relações familiares e de gênero que a simples enumeração de cabeças de uma habitação²⁶.

Finalmente, um dos argumentos da própria Vera Reber que mais dão razão a seus opositores que a si mesma é o de que a quantidade de soldados mortos na guerra da Tríplice Aliança provavelmente não foi superior a 5% da população total²⁷. No entanto, a própria autora revela que durante a guerra do Chaco (1932-1935), contra a Bolívia, o Paraguai perdeu 5,6% de sua população. Ora, a guerra do Chaco, como lembram Barbara Potthast-Jutkeit e Thomas Whigham²⁸, nunca assumiu um caráter de luta pela sobrevivência nacional nem tampouco envolveu uma grande quantidade de mulheres e crianças como aconteceu na guerra contra a Tríplice Aliança. Além do mais, o chamado teatro de guerra, no caso do conflito do Chaco, estava a vários quilômetros de distância dos centros populacionais do país. Se, mesmo assim, os paraguaios sacrificaram tantas vidas, por que não acreditar que essa perda tenha sido muito maior durante a guerra de Tríplice Aliança, quando o que estava em jogo era a própria sobrevivência nacional? Até mesmo os mais implacáveis inimigos de Solano López reconheciam a fanática coragem dos paraguaios, que, em verdadeiro tudo ou nada²⁹, eram capazes de atos de loucura descomunais, tornando as batalhas - muitas vezes em condições francamente desfavoráveis - em lutas intermináveis que assustavam os adversários³⁰.

Assim, se não se justificam os exageros, intencionais ou não, cometidos por Poucel e du Graty, por outro lado não podemos nos furtar a discutir revisões da história demográfica paraguaia que, na falta de séries demográficas confiáveis, subestimem, como Reber, as perdas populacionais paraguaias apenas como reação aos dados exagerados desses autores. Reber, aliás, admite que a Guerra da Tríplice Aliança deve ser encarada com olhos bastante atentos. Lembra a autora que sob Solano López

o Paraguai foi capaz de lutar com sucesso em uma guerra de cinco anos contra três

²⁵ REBER. *The demographics of Paraguay*, cit., p. 304.

²⁶ Para uma discussão mais detalhada e uma severa crítica a Reber, ver WIGHAM, Thomas L. & POTTHAST, Barbara. *Some strong reservations: a critique of Vera Blinn Reber's "The demographics of Paraguay: a reinterpretation of the great war, 1864-70"*. *Hispanic American Historical Review*, 70(4):667-675. Acompanha o artigo uma réplica da autora (pp. 677-678), pouco convincente.

²⁷ Cf. REBER. *The demographics of Paraguay*, cit., pp. 307-308.

²⁸ Cf. WIGHAM & POTTHAST. *Some strong reservations*, cit., pp. 669-670.

²⁹ Praticamente toda a imprensa e cronistas da época foram enfáticos em mencionar as palavras de ordem paraguaias na guerra: ¡Vencer o morir! e ¡Independencia o muerte!

³⁰ Ver, por exemplo, CERQUEIRA. *Reminiscências da campanha do Paraguai*, cit.

*países cujas populações combinadas eram 38 vezes maiores que a sua*³¹. Isto sugere que a política e a economia paraguaias eram basicamente saudáveis e extremamente elásticas. E mais: que ao final o Paraguai alcançou seu principal objetivo, que era preservar sua autonomia, apesar dos Estados hostis que visavam desmembrá-lo³².

Ora, é de extrema ingenuidade a afirmação da autora de que o Paraguai teria alcançado seu principal objetivo, que era o de preservar sua autonomia. A autora parece esquecer que as forças aliadas ocuparam Asunción em janeiro de 1869, controlando virtualmente toda a política, economia e "ordem pública", permanecendo na capital paraguaia até 1876. Além disso, o governo títere instalado no Paraguai pela Tríplice Aliança, formado por exilados paraguaios de várias épocas e por diferentes motivos, defendia ideais político-ideológicos radicalmente antagônicos aos de Francisco Solano López.

Também do ponto de vista territorial, afirmar que o Paraguai teria preservado sua autonomia é, no mínimo, incoerente, já que a própria autora lembra que parte significativa da perda populacional deveu-se à perda de território. O Paraguai perdeu para o Brasil toda a região compreendida entre os rios Blanco e Apa e a zona do Amambay e para a Argentina mais da metade da região das Missões, ao sul do rio Paraná, e todo o Chaco central, até o rio Pilcomayo³³.

Um dos maiores equívocos de Reber reside, portanto, em não ter essa autora levado em consideração os relatos de viajantes, fundamentais para conhecermos a situação populacional paraguaia no momento final do conflito e, portanto, podermos compreender o Paraguai do pós-guerra. Em outras palavras, como prega um manual já clássico de estudos demográficos,

*Não se trata apenas de obter números; o demógrafo histórico preocupa-se também com o conhecimento dos costumes, as maneiras de viver, que têm alguma influência sobre a evolução da população. Tal é o caso dos costumes matrimoniais, os tabus, a utilização de práticas antinatalistas, as medidas tomadas pelo governo em matéria de população [...]*³⁴.

Em mais um alerta, também clássico, o demógrafo Louis Henry adverte:

*É muito mais importante fazer uma análise correta da situação no domínio demográfico que procurar métodos "sábios" de extrapolação e de proteção. Em particular, não se deve acreditar que a utilização de uma aparelhagem matemática complicada constitua uma garantia de qualidade das projeções: o inverso talvez seja mais verdadeiro, na medida em que esse uso cria uma ilusão de saber que dispensa observar e analisar. As técnicas não têm valor senão quando o seu utilizador está consciente da importância primordial da análise prévia e da escolha das hipóteses.*³⁵

Seja como for - e é o que interessa a este trabalho -, é indiscutível que após a

³¹ Estes números, segundo a autora, baseiam-se nos seguintes pressupostos: população argentina de 1.737.076 em 1869 (BOYER & DAVIES. *Urbanization in 19th-century Latin America*, p. 5); população brasileira de 10.112.981 em 1872 (Ibid, p. 19); população uruguaia de 375.000 em 1875 (HANSON, Simon G. *Utopia in Uruguay: chapters in the economic history of Uruguay*. New York, 1938, p. 8); e população paraguaia de 318.114 em 1864. Informações de Reber (*The demographics of Paraguay*, cit., p. 319, nota 54).

³² Ibidem.

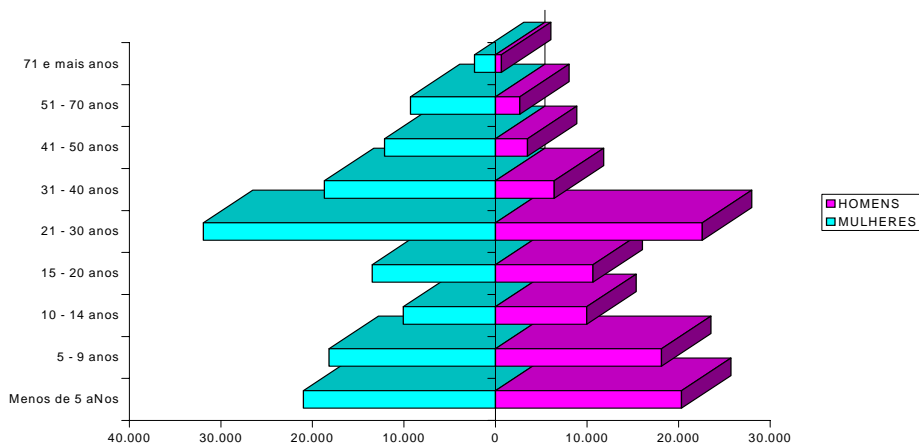
³³ Ver ACCIOLY, Hildebrando. *Limites do Brasil. A fronteira com o Paraguai*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Cia. Ed Nacional, 1938.

³⁴ SAUVY, Alfred. *Elementos de Demografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 293.

³⁵ HENRY, Louis. *Manuel de démographie historique*. Genève/ Paris: Librairie Droz, 1967, p. 47.

guerra a população feminina era bastante superior à masculina, o que pode ser verificado através do censo populacional de 1886, conforme o gráfico abaixo, que mostra o grande desequilíbrio entre homens e mulheres no Paraguai do pós-guerra, particularmente entre a população de mais de 15 anos de idade, coincidindo com a defasagem de tempo entre o fim da guerra e a realização do censo.

GRÁFICO I
DISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL POR SEXO E IDADE - CENSO DE 1886/1887



Este trabalho quer contribuir para uma discussão que leve em conta os vários relatos de viajantes e cronistas e que, acompanhando a evolução da vida cotidiana do Paraguai do pós-guerra, possa relativizar as conclusões de Vera Blinn Reber e seus seguidores. Esta tarefa, embora não a única nem a principal do trabalho, tem estado presente em minhas preocupações desde a apresentação do projeto de pesquisa, de que era a discussão inicial. Para além dos argumentos quantitativos de Reber é preciso, assim, tomar em consideração esses testemunhos, observá-los com cuidado e nunca minimizar exageradamente a surpresa e/ou horror dos observadores quanto à devastação que sem dúvida atingiu não apenas a paisagem mas também e principalmente as pessoas, do sexo masculino em particular, por razões óbvias.

Além do mais, no caso do trabalho de Reber, a autora parece não se dar conta de como resulta sem sentido sua preocupação com a idéia de distinção entre população civil e população militar para chegar à conclusão de que, para que a perda populacional paraguaia tenha sido grande, teriam morrido muito mais civis do que militares. Ora, é amplamente conhecido o alto grau de militarização da população civil paraguaia durante a guerra contra a Tríplice Aliança. Além do mais, como vimos, o episódio das *residentas* e *destinadas* arrasta para a guerra, mesmo que de forma indireta, mulheres, velhos e velhas, meninos e meninas.

Analisemos, isto posto, alguns dos relatos mais conhecidos sobre o processo

de despovoamento do Paraguai durante e nos primeiros momentos após a guerra. Voltando a Alfred Sauvy, ao ensinar sobre documentos não numéricos: “ainda mais variados que os anteriores [numéricos], prestam-se a numerosas operações, reconstruções, comparações, comprovações, etc.”³⁶

Esse autor fornece vários exemplos, desde a pré-história até o século XX, entre os quais alguns que muito interessam a este trabalho:

[...] a contagem de casas, à vista de uma cidade em ruínas, permite que se tenha uma idéia do número de pessoas que nela viviam;

*os meios de transporte e comunicação dão uma idéia da população [...], tendo-se em conta as necessidades de reabastecimento.*³⁷

Ainda que lições de manual, nunca é demais lembrá-las, já que, às vezes, o fascínio dos números põe dado a análise qualitativa quando, em se tratando de seres humanos e suas relações sociais, os números são sempre decorrência destas. São várias as testemunhas oculares que atestam a superioridade feminina no Paraguai já durante a guerra. George Masterman, uma dessas testemunhas, confirma com veemência essa superioridade feminina em suas memórias:

*Faço constar, pois, que desde este ano da guerra [1868], a população não combatente da república se encontrava reduzida puramente ao sexo feminino, anciãos de oitenta e mais anos, crianças menores de onze anos e surdos-mudos, paralíticos, cegos, etc.*³⁸

Outro testemunho reafirma essa superioridade, baseando-se no relato de um dos próprios membros da Junta de Governo provisória:

Em uma visita de inspeção que fez o triúmviro Rivarola acompanhado dos três juizes de 1.ª instância na área civil, comercial e criminal e alguns empregados públicos ao povoado de Paraguari, o dia 18 de dezembro de 1869, verificou-se que o departamento contava naquele momento com uma população de 4.000 mulheres e crianças, incluindo umas 105 pequenas, doentes, pessoas muito velhas e inválidas, de cuja população dois terços pertenciam aos povos das Missões e que estavam em viagem de regresso a seus antigos lares.

Durante os três dias que permaneceu a comissão naquele povoado mais de mil daquelas 4.000 receberam ração com carne de ovelha, farinha e milho.

[...]

Foram encontradas mulheres de todas as idades, desde crianças de peito até de 70 anos.

*Entre os 241 homens, o maior contava com apenas 14 anos e o menor, cinco [anos].*³⁹

Vejamos, então, como essa superioridade se reflete no Paraguai do pós-guerra, que conseqüências trouxe e como os novos líderes paraguaios reagiram a ela.

³⁶ SAUVY. *Elementos de Demografia*, cit., p. 292.

³⁷ Idem, pp. 292-293.

³⁸ MASTERMAN. *Seven eventful years in Paraguay*, cit., p. 198.

³⁹ DECOUD *Sobre los escombros de la guerra*, cit., p. 260.

4.1.1. SOBRE OS ESCOMBROS DA GUERRA

4.1.1.1. ASUNCIÓN SOB OCUPAÇÃO

Segundo Harris Gaylord Warren, Asunción, cuja população antes da guerra seria de pouco menos de 15 mil habitantes, transformara-se, entre julho de 1868 e janeiro de 1869, numa cidade fantasma, o que confirma as informações de Cerqueira. Como resultado da evacuação da cidade, a 22 de fevereiro de 1868, e o estabelecimento da nova capital em Luque⁴⁰, dia após dia os poucos remanescentes de Asunción aguardaram com ansiedade a chegada de tropas brasileiras⁴¹, na expectativa de que a cidade retomasse sua vida normal.

As esperanças dos que não fugiram da capital, ao se realizarem, trouxeram consigo um alto tributo. Seguindo as ordens de Caxias, o então coronel Hermes da Fonseca aportou em Asunción na noite de 1º de janeiro de 1869 acompanhado de 1.700 homens. Os poucos remanescentes do exército paraguaio na capital agiram mais como observadores do que como seus defensores. Quatro dias depois chegava Caxias com o grosso dos exércitos Aliados, quase em sua totalidade brasileiros. Oficiais e soldados instalaram-se em residências abandonadas e prédios públicos. Junto com eles ocupavam também a capital, desgovernada e caótica, saques, incêndios, estupros e toda sorte de crimes. Assim justificava os saques, em 1870, João Ribeiro de Almeida:

*[...] Asunción era praça de guerra quando nela entrou a brigada comandada pelo coronel Hermes e, portanto, todo quanto nela se encerrava e que seus habitantes fugitivos não puderam levar consigo pertencia ao vencedor [...].*⁴²

Além disso, para os brasileiros era certo que a população asuncena, ao abandonar suas casas, havia enterrado seus tesouros e por isso os saqueadores não deixaram de pé nada que pudesse esconder os tais tesouros. Embora fosse verdade que o decreto presidencial ordenando a desocupação de Asunción tivesse promovido um verdadeiro caos na cidade, particularmente entre as famílias mais influentes, as que tinham verdadeiramente algo que perder, não há provas de que houvesse abundância de grandes tesouros a serem enterrados. Além disso, segundo Héctor Francisco Decoud, muitas famílias foram procurar as várias representações consulares em Asunción para depositar suas jóias e economias, acreditando ser essa a única forma de reavê-las quando de uma (im)provável volta à capital.

Publicado o bando [o decreto da evacuação da cidade], às 4 horas da tarde, todas as famílias asuncenas que ainda possuíam algumas jóias e dinheiro metálico, restos do saque de que haviam sido vítimas⁴³, umas correram para depositá-los na legação dos Estados Unidos da América do Norte, cujo titular era o ministro Charles A. Washburn,

⁴⁰ Luque seria apenas a primeira capital provisória do Paraguai em guerra. A partir de 8 de dezembro de 1868 a capital era trasladada para Piribebuy e a 31 de agosto de 1869 era novamente transferida para Curuguaty.

⁴¹ Cf. WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., p. 11.

⁴² ALMEIDA, João Ribeiro de. *Breves considerações acerca de alguns documentos trazidos do Paraguai*. *Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico, e Etnográfico do Brasil*, 33(2):196, 1870.

⁴³ Não está claro a exatamente que saques refere-se Decoud. Certamente devem ter ocorrido saques por parte dos mais oportunistas, quer fossem soldados, quer membros da população. Recordemos que a situação por que passava o Paraguai no início de 1868 era de insegurança e cada vez maior falta de perspectivas quanto ao futuro da guerra. Além disso, é provável que houvesse escassez de alimentos e de bens de consumo em geral, além da concentração de papel moneda nas mãos de uns poucos privilegiados.

assim como nos consulados da França e da Itália, cujos titulares eram Cuverville e Lorenzo Chapperon, respectivamente; e outros optaram por enterrá-los em suas casas, todos, naturalmente, tentando garantir a maior segurança de seus interesses.

[...] *conhecedor* [Solano López de que a esquadra brasileira tentava forçar as baterias de Humaitá] [...] fez [...] *trasladar todo* [o Tesouro Nacional], *a altas horas da noite, até a estação de trens, onde [tudo] foi carregado em vagões juntamente com outros volumes contendo o arquivo nacional e vários objetos mais, que foram conduzidos à segunda capital, Luque.*⁴⁴

Embora houvesse muito exagero quanto a tesouros enterrados na capital paraguaia, de qualquer forma, do saque promovido pelas forças de ocupação e seus seguidores foram extraídas de Asunción verdadeiras fortunas em mobiliário, jóias, utensílios domésticos etc. Os soldados aliados saquearam todo que pudesse esconder os tais tesouros. Uma onda de escavações em ruas, jardins e assoalhos das casas, violações de túmulos em busca de riquezas escondidas o enterradas tomou conta da cidade⁴⁵. Juan Silvano Godoi assim descreve a avidez dos saqueadores:

*Em meados do ano de 1869 visitamos o cemitério da Recoleta e ficamos pasmados ante o repugnante espetáculo que apresentava aquele recinto. Os aliados vencedores do Paraguai haviam estendido o ignominioso saque da cidade de Asunción até o campo santo, onde descansam os mortos; demolindo os nichos, desfazendo os ataúdes e caixões fúnebres, violando os cadáveres, em busca de jóias [...].*⁴⁶

A avidez dos saqueadores era tão grande que ainda durante a noite, embora não houvesse iluminação pública em Asunción, o saque continuava.

*O carregamento do fruto do saque ao porto seguia sem solução de continuidade, tanto de dia quanto à noite; mas, como as noites escuras dificultavam a celeridade das operações, por não contar então a cidade com iluminação pública, se recorreu, para obter luz, a um procedimento que, ao mesmo tempo que era original, se reveste de características de uma premeditada maldade. Todas as casas de fácil combustão que se encontravam nos arredores do porto arderam, em noites sucessivas, em holocausto à deusa Vesta, e, ao resplendor das sinistras labaredas do incêndio se consumava a obra nefanda de saque e destruição.*⁴⁷

Em Buenos Aires, por exemplo, a população se estarrecia com a qualidade do botim que vinha de uma terra geralmente tida como habitada por bárbaros. Vários itens desse botim foram parar no gabinete do então presidente da República Argentina (entre 1868 e 1874), Domingo Faustino Sarmiento⁴⁸.

Abrindo um parêntese, é interessante notar que Sarmiento era árduo defensor da modernidade liberal, européia e, principalmente, urbana, e da imigração como único meio de realmente civilizar a América. Anti-americano, no sentido do anti-indigenismo, para ele

A cidade é o centro da civilização argentina, espanhola, européia; ali estão os estúdios das artes, as lojas comerciais, as escolas e colégios, os juizados, tudo o que caracteriza, enfim, os povos cultos.

A elegância nos modos, as comodidades do luxo, as roupas européias, o fraque e a

⁴⁴ DECOUD *Sobre los escombros de la guerra*, cit., p. 16.

⁴⁵ Cf. WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., pp. 17-18.

⁴⁶ GODOI, Juan Silvano. *Monografías históricas*. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1893, p. 105.

⁴⁷ DECOUD *Sobre los escombros de la guerra*, cit., p. 19.

⁴⁸ Cf. WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., p. 18.

levita têm ali seu teatro e seu lugar conveniente.⁴⁹

E mais adiante:

O homem da cidade veste o traje europeu, vive da vida civilizada, tal como a conhecemos em todas as partes: lá estão as leis, as idéias de progresso, os meios de instrução, alguma organização municipal, o governo regular, etc. Saindo do recinto da cidade, tudo muda de aspecto: o homem de campo usa outra roupa, que chamarei americana, por ser comum a todos os povos; seus hábitos de vida são diversos; suas necessidades, peculiares e limitadas; parecem duas sociedades distintas, dois povos estranhos um ao outro. Ainda há mais: o homem do campo, longe de aspirar a assemelhar-se ao da cidade, rechaça com desdém seu luxo e seus modos cortesões, a vestimenta do cidadão, o fraque, a capa, a sela, nenhum signo europeu pode ser apresentado impunemente no campo. Tudo o que há de civilizado na cidade está bloqueado ali, proscrito, posto para fora, e aquele que ousasse mostrar-se vestindo a levita, por exemplo, e montado em sela inglesa atrairia sobre si a chacota e as agressões brutais dos camponeses.⁵⁰

A urbanidade, aliás, apresentava-se como um dos elementos mais caros ao pensamento liberal ao longo de todo o século XIX. Está associada a civilização, progresso, ciência, técnica e desenvolvimento⁵¹.

E transformava - segundo esses intelectuais, para melhor - as relações sociais, rearranjando as noções de público e de privado, fundamentais para a manipulação e/ou controle do poder simbólico.

Nos demais países da América Latina, inclusive o Brasil monárquico, não é menor a influência do pensamento liberal, tanto mais quanto uma das preocupações fundamentais da intelectualidade latino-americana da época era transformar a cada uma das ex-colônias ibéricas numa recriação da Europa.

No Brasil, é o modelo do burburinho e da agitação urbana que prevalece em fins do século passado. A população do Rio de Janeiro, por exemplo, que já podia ser considerada uma metrópole para os padrões da época, passaria, entre 1872 e 1890, dos 266 mil para 522 mil habitantes, absorvendo ainda mais uns 200 mil novos habitantes na última década do século⁵², trazendo como conseqüência o terrível aumento das chamadas “classes perigosas”, não apenas do ponto de vista da “ordem”, mas também - e principalmente - dos “bons costumes”, principal problema dos que defendiam a urbanidade como símbolo dos “novos tempos”, do “progresso”, da

⁴⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo o Civilización y barbarie*. (Caracas) Biblioteca Ayacucho, 1977, p. 29. Sarmiento chegaria a propor, em carta a Bartolomé Mitre de 20 de setembro de 1861, por exemplo, que, para combater a oposição das províncias ao governo central, Mitre não economizasse o sangue dos gaúchos, “já que o sangue era a única coisa de humano que eles tinham”. (Cf. PEÑALBA. *The fourth ally*, cit., pp. 152-153.)

⁵⁰ SARMIENTO. *Facundo*, cit., pp. 29-30.

⁵¹ Ainda segundo Sarmiento, “não pode haver progresso sem a posse permanente do solo, sem a cidade, que é quem desenvolve a capacidade industrial do homem e lhe permite estender suas aquisições” (*Facundo*, p. 30). Ao que parece, a idéia do urbano como sinônimo de modernidade e progresso ainda informa parte significativa do pensamento liberal paraguaio. Particularmente com relação ao Paraguai de hoje, vejamos o que diz, em comunicação recente via Internet, o jornalista e historiador paraguaio Ricardo Caballero Aquino, ao diferenciar a idéia de cidade da idéia de aldeia: “[...] a organização social própria do que é moderno é a cidade, habitada por cidadãos iguais, com direitos e deveres. A aldeia tem súditos e caciques. Estes cidadãos eram os habitantes do castelo, do burgo, por isso a expressão ‘burguês’ é menos ofensiva do que querem os alicaidos marxistas que, em nome da modernidade anticapitalista, inventaram uma religião laica medieval.” (AQUINO, Ricardo Caballero. *Aldeas y ciudades*. [Washington] Embajada de Paraguay [<EMBAPAR@erols.com>], Mon, 27 Jan 1997 09:48:10 -0800.)

⁵² Cf. CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 16.

“civilização”.

Mas não apenas na capital o Brasil expressava, na segunda metade do século XIX, a modernidade através da cidade. De sul a norte, todo o país vivia a euforia urbana. Em Porto Alegre, por exemplo, os primeiros sinais da modernidade urbana são ainda de 1831, com o Código de Posturas, alterado sucessivas vezes, desde o sítio imposto à cidade pelos rebeldes da Revolução Farroupilha, para acompanhar suas necessidades de modernização. Entre 1872 e 1900, sua população saltaria de 34.183 para 73.274 habitantes⁵³.

No outro extremo do país, em São Luís do Maranhão, a cidade que, “talvez por falta de suportes físicos de memória, pelo mito de sua origem, ‘que não deixou vestígios’”, via-se como a mais francesa do Brasil, a classe dominante também construía sua modernidade.

*Em São Luís de tanta pompa, no entanto, o fausto convive com o fastio. Das janelas dos sobrados, cujos salões nada têm a invejar àqueles dos Duques de França, oham-se os cortiços, cujos moradores não necessariamente seguem os códigos parisienses.*⁵⁴

Outro exemplo interessante na América Espanhola é o de Bogotá, onde dois indicadores centrais do valor positivo atribuído à cidade e da transformação das relações sociais dele decorrente são, segundo Miguel Ángel Urrego, a implantação da indústria de vidros planos e a criação das linhas de bondes urbanos, nas últimas décadas do século XIX.

*A fábrica de vidro permitiu aos bogotanos incluir um objeto [novo] em suas habitações: a janela de vidro. Durante o século XIX havia sido tradicional a existência de janelas que tinham unicamente uma cortina e duas lâminas de madeira que se abriam durante o dia e se fechavam à noite. Agora, o vidro permitia substituir a cortina o complementá-la e, em alguns casos, eliminar a madeira. Esta circunstância alterou as noções de dentro e fora e de observar e escutar das pessoas. Do mesmo modo, mudaram as imagens em torno da construção das fachadas. Concretamente, se tendeu a substituir a janela quadrada e pequena por janelas amplas e de formas variadas.*⁵⁵

Do mesmo modo, a linha de bondes transforma e valoriza a vida urbana e suburbana em Bogotá:

[...] as linhas alteraram o modo como as pessoas viviam na cidade [...] A partir da instalação da linha de bondes, a própria cidade se percebe de outra maneira; os bogotanos podem, por exemplo, deslocar-se massivamente, fato que não foge ao registro dos jornais: “Pode-se dizer que, agora, nos vagões de bonde, vai a [o subúrbio de] Chapinero, a cada semana, um número maior de pessoas do que ia antes em seis meses”. [...]

Por outro lado, os horários [das saídas] puseram as pessoas vivendo em função do bonde. Em 1887, por exemplo, o bonde que fazia a linha Plaza Santander-Chapinero saía a cada meia hora. Em 1896 o bonde que fazia a linha Plaza Santander-Estação da Sabana saía com uma frequência de dez minutos. Este fato rompeu o ritmo da vi-

⁵³ Cf. MACEDO, Francisco Riopardense de. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade [UFRGS], 1993, pp. 61-76.

⁵⁴ CORREIA, Maria da Glória Guimarães. *Representações femininas em meio à “loucura industrial” em São Luís do Maranhão na virada do século*. VII Encontro Regional da ANPUH. História e Violência. Comunicação individual. Rio de Janeiro: UERJ, 08/10/1996, pp. 1-2.

⁵⁵ URREGO, Miguel Ángel. *Sexualidad, matrimonio y familia en Bogotá 1880-1930*. Bogotá: Planeta Colombiana Editorial/Fundación Universidad Central – DIUC, 1997, p. 74.

da diária do século XIX, antes determinado pelo sino da igreja, e começou a subordiná-lo aos ritmos do serviço [...]. Começou a ser importante para os bogotanos o quanto demorava o percurso, que deslocamentos eram necessários para se tomar o bonde e que percurso fazer depois para chegar ao trabalho ou à casa. Chegar ou não chegar a tempo se converteu num regulador do ritmo da vida cotidiana.⁵⁶

Este parêntese tenta apresentar um panorama mínimo das mudanças de mentalidade e do ritmo social em função da vida urbana. Embora típica do final do século XIX e, igualmente, típica da consolidação da ordem sócio-político-econômico do capitalismo também na periferia latino-americana, a idéia da cidade como centro da nova sociedade está presente, por outro lado, já no próprio pensamento colonial, visto que, segundo Ángel Rama, na América colonial, mais que uma fabulosa conquista, ficou comprovado o triunfo das cidades sobre um imenso e desconhecido território, reiterando a concepção grega que opunha a *polis* civilizada à barbárie dos não urbanizados⁵⁷.

No entanto, o pensamento colonial não iria repetir na América o processo de fundação das cidades que havia sido a norma européia. Ao contrário, iria invertê-lo, iniciando com a “cidade”, em todo caso mínima, mas assentada às vezes segundo sua proximidade de algum manancial de água (o caso de Asunción, ou de Buenos Aires, por exemplo), esperando que ela gerasse o desenvolvimento agrícola, em vez de partir deste, que gradualmente ia constituindo seu pólo urbano, onde se organizavam o mercado e as comunicações com o exterior.

Parte-se da instauração do povo, conforme normas preestabelecidas, e freqüentemente se transforma violentamente os que haviam sido camponeses na Península Ibérica em urbanizados, sem conseguir nunca que voltem às suas tarefas primitivas: são todos fidalgos, se atribuirão o dom nobiliárquico, desdenharão trabalhar com as próprias mãos e simplesmente dominarão os índios que lhes são encomendados ou os escravos que comprem. Pois o ideal fixado desde as origens é o de ser urbano, por insignificantes que sejam os assentamentos de que se ocupem, ao mesmo tempo em que se encomenda à cidade a construção do seu contorno agrícola, explorando sem piedade a massa escrava para uma rápida obtenção de riquezas. A cidade e a ascensão dos novos ricos são fatores concomitantes, a ponto de que se verá o desperdício [tão] suntuoso nos pequenos povoados (sobretudo mineiros) que nas capitais do vice-reinado se sucederão os éditos reais proibindo o uso de carros, cavalos, vestidos de seda, sem conseguir frear um apetite que, fixado como modelo na cabeça dos povos pelos ricos conquistadores, será imitado arrasadoramente por toda a sociedade até os estratos mais baixos [...].⁵⁸

Em outras palavras, ao darmos razão a Rama, trata-se, no caso do pensamento liberal latino-americano, do qual estamos tomando a Sarmiento como um dos melhores exemplos - principalmente dado seu papel de destaque na região do Prata -, de um feliz casamento entre um dos pressupostos básicos do liberalismo e um dos fatores de consolidação da conquista e colonização ibérica. Stanley e Barbara Stein lembram, por exemplo, que na década de 1830 empresas francesas, norte-americanas e suíças penetram no cenário econômico latino-americano como representantes dos padrões considerados superiores e mais cultos pelas elites *criollas*:

⁵⁶ Idem, p. 79.

⁵⁷ Cf. RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 35-36.

⁵⁸ Ibidem.

*Traziam a essa elite, há tanto isolada, o efeito de demonstração constituído pelos padrões de vida, vestimenta, mobiliário e cozinha. A copiosa literatura produzida por viajantes, no início do século XIX, testemunha o seu senso de superioridade e estupefação frente às estranhas tradições, costumes, instituições e atitudes das novas gerações latino-americanas.*⁵⁹

Não é difícil compreender que, em seu afã de imitarem as formas exteriores dos padrões de vida estrangeiros, essa elite experimentasse um sentimento de atraso e inferioridade, cujo único consolo e esperança era a deferência, anteriormente concedida aos *peninsulares*, agora transferida para outros povos da Europa Ocidental e Estados Unidos. Nesse quadro havia pouco ou nenhum espaço para os costumes “bárbaros” de seus países.

Voltando a Sarmiento, sua atitude contraditória, ao mandar arrematar, no gabinete do proeminente *marchand* e leiloeiro Mariano Billinghurst objetos resultantes do saque de Asunción, deixando clara a conivência do governo de Buenos Aires para com o vandalismo soa, à primeira vista, estranha. Tanto mais quanto sabemos que entre 1887, quando tinha 76 anos, e sua morte, no ano seguinte, Sarmiento viveu em Asunción, onde exerceu o cargo de diretor da *Superintendencia de Instrucción Pública*, com plenos poderes conferidos pelo Poder Executivo, inclusive o de contratar ou demitir professores, elaborar currículos e planos de estudos⁶⁰.

Na verdade, a atuação de Sarmiento parece demonstrar, mais uma vez, a inadequação das idéias liberais em sociedades periféricas da região do Prata no século XIX: sua vocação liberal, democrática e, conseqüentemente, anti-indígena, não o impediu de participar avidamente - ainda que de forma indireta - da “bárbara” partilha do botim de Asunción. Ao mesmo tempo, Sarmiento e os demais saqueadores e/ou novos proprietários do mobiliário, jóias e obras de arte vindas do saque de Asunción não parecem ter-se preocupado com o fato de que tais objetos depusessem veementemente contra a visão difundida pelos liberais de que o Paraguai era terra de um povo bárbaro e selvagem. Na essência, sua atitude depunha contra seu próprio discurso ao decompor, no **Facundo**, os personagens típicos da Argentina dos anos 1840:

*Em todas as sociedades despotizadas, os grandes dotes naturais acabam por perder-se no crime [...]. Há uma necessidade, para o homem, de desenvolver suas forças, sua capacidade e ambição, que, quando faltam os meios legítimos, ele forja para si um mundo com à parte, com sua moral e suas leis, e se compraz em demonstrar que nele nasceu Napoleão ou César.*⁶¹

Como veremos adiante, no Paraguai do pós-guerra, essa inadequação - consciente ou não, consentida ou não - é, ao meu ver, absolutamente clara.

Mas voltemos ao saque Asunción. A 22 de outubro de 1869, o comandante do

⁵⁹ STEIN, Stanley J. & STEIN, Barbara H. *A herança colonial da América Latina. Ensaios de dependência econômica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 117.

⁶⁰ Cf. CARDOZO. *Apuntes de historia cultural del Paraguay*, cit., p. 300. Por não ser este o objetivo da pesquisa, não acompanhei a trajetória de Sarmiento no Paraguai. Resultaria bastante interessante investigar a influência da chamada “geração de 37” bonairense sobre a “*Regeneración*” paraguaia e, em particular, o papel das idéias de Sarmiento, o maior expoente dessa geração de intelectuais argentinos do liberalismo no pensamento dos “regeneradores”. Sobretudo, seria interessante estudar mais de perto a influência do educador Sarmiento sobre a política de Instrução Pública do Paraguai do pós-guerra, mesmo que, de fato, tenha permanecido muito pouco tempo como responsável pela Educación nesse país.

⁶¹ SARMIENTO. *Facundo*, cit., pp. 59-60.

2º Corpo do Exército brasileiro vira-se obrigado a punir com todo o rigor um tenente do 16º Corpo Provisório que, em 16 de setembro, durante uma diligência com 20 homens, saqueara uma casa paraguaia e lançara mão de diversos objetos, permitindo que seus soldados fizessem o mesmo e que um alferes paraguaio sob seu comando arrancasse os colares e brincos de ouro de uma mulher. Segundo Taunay, as autoridades brasileiras se preocupavam, em todos os pontos do país, em reprimir esses abusos, que “são inerentes à guerra e que a tornam tão deplorável em suas conseqüências, maleficiando a habitantes fracos e desarmados”.⁶²

Mas não há evidências sobre medidas concretas a esse respeito e é pouco provável que elas tenham realmente existido. Até porque a própria iniciativa da ocupação veio acompanhada de uma série de ações comandadas ou vistas com benevolência pelos próprios oficiais brasileiros, cuja primeira medida foi ocupar os prédios públicos e casas particulares no centro da cidade para lhes servirem de alojamento.

Caxias, por exemplo, apoderara-se de uma das mais suntuosas casas de Asunción, enquanto os oficiais de menor patente apropriavam-se de residências e edifícios públicos. Muitos chegavam a usar as habitações - a maioria delas abandonada - como estábulos para suas montarias⁶³, de forma que em pouco tempo não havia na capital paraguaia mais nenhuma habitação abandonada. Talvez por isso fosse tão comum ver

*oficiais e marinheiros brasileiros arrebatando portas, saqueando a mobília e, com machados e martelos, arrombando cofres e roubando tudo o que havia de valor, jogando papéis, livros e documentos ao vento*⁶⁴.

Asunción, em pouquíssimo tempo, acabaria se transformando no reverso de um país desertificado e desolado. Junto com os Aliados chegava também uma gama heterogênea de seguidores das tropas, composta de vivandeiros, turistas, observadores oficiais e independentes, exilados paraguaios que retornavam após vários anos, cerca de 800 oficiais e soldados da *Legión Paraguaya*, movimento de oposição a Solano López organizado em Buenos Aires e que se havia incorporado - não sem o protesto veemente de López- à Tríplice Aliança.

Por outro lado, a capital começava a se entupir também de gente de todas as partes do país, como vimos, em busca da própria sobrevivência. Centenas de esfo-meados sobreviventes paraguaios, muitos dos quais feridos, mutilados e doentes, vagavam pelas ruas da cidade. Assim, a situação do pós-guerra em Asunción passa a ser, talvez, a mais lastimável do país pelas contradições que expõe.

Homens sem registro, doentes, mutilados, empobrecidos e miseráveis surgiam com mulheres desafortunadas, nas mesmas ou em piores condições, como os únicos remanescentes da antiga população do Paraguai, pois a riqueza que antigamente era extraída do solo paraguaio foi substituída por uma completa desolação, resultado da

⁶² TAUNAY, Alfredo D'Escragno (Visconde de). *Diário do Exército. 2. De Campo Grande a Aquidaban*. São Paulo/Cayeiras/Rio: Melhoramentos, 1926, p. 85.

⁶³ Cf., entre outros, FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre a tríplice aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: s.ed, 1959. V. 4., pp. 146-149.

⁶⁴ *Carta telegráfica*. Buenos Aires, 14/01/1869. BR:AN/GP-DD, 1871-1872, lata 547, doc. 22.

guerra e da conseqüente perda de população [...].⁶⁵

4.1.1.2. AS MULHERES EM ASUNCIÓN

Ao mesmo tempo em que os Aliados ocupavam Asunción, no interior do país Solano López e seus seguidores eram cada vez mais acuados. Empurradas para o Norte pelas circunstâncias, as tropas fiéis ao governo iam sofrendo perda após perda, propiciando a que se perdesse também o controle sobre os destinos de *residentes e destinadas*. Por outro lado, à medida que vão avançando em sua caçada ao que ainda restava do exército de López, os Aliados vão agregando a sua marcha centenas de pessoas, em sua maioria mulheres, que vêm nas tropas aliadas sua última tábua de salvação. O *Diário do Exército* registra, a 2 de junho de 1869:

*As famílias do Povoado [de Ibitimy], o qual tem alguma importância pelo número crescido de suas casas, acolheram nossas forças com muita alegria e unidas elas às dos arredores, que pressurosas se apresentam, formam já um total de 4.000 pessoas que se valem de nossa proteção.*⁶⁶

Por várias ocasiões, para, certamente, desembaraçar a movimentação das tropas, o Conde D'Eu, que substituíra o Marquês de Caxias no comando das forças brasileiras, ordenava o envio para Asunción de famílias que manifestassem o desejo de fazê-lo, segundo Taunay. Mas é fácil imaginar que seria quase impossível para essas famílias pensar em alguma alternativa a Asunción. Aliás, num mesmo parágrafo, Taunay expõe as dificuldades da situação:

*Sua Alteza mandou para Assunção diversas famílias que manifestaram o desejo de lá irem residir. Foram para lá todas as que não acharam seus parentes entre os vaqueanos e legionários paraguaios.*⁶⁷

As adesões às tropas aliadas são intermitentes e incômodas, principalmente porque era indispensável dar àquelas pessoas assistência médica, alimentar, psicológica. Deve-se levar em consideração também o fato de que entre essa gente resgatada havia membros de famílias paraguaias influentes e também brasileiros, militares e civis.

Durante o dia [12/08/1869, em Piribebuy] apresentaram-se, saídas das matas, muitas famílias importantes da República, índios Guanás, brasileiros, etc., os quais, reunidos aos prisioneiros, devem manhã, pela picada de Mbopicuá, seguir a Pirayú em comboio, protegido por forte partida de cavalaria.

Os feridos nossos e paraguaios, acomodados logo em casas, receberam os precisos socorros dos médicos. Ficaram dadas as ordens para que essa gente tenha proteção durante a continuação da marcha.

[...]

*O estado de miséria da gente que vai sendo libertada da tirania é, como sempre, espantoso. Nossa oficialidade exerce, pois, suas altas qualidades de caridade, e de um lado e de outro promovem-se coletas sobretudo para auxílio imediato de nossos desgraçados compatriotas.*⁶⁸

⁶⁵ Correspondência entre os ingleses Stuart e Stanley. Buenos Aires, 09/02/1869. GB:PRO/FO:6 (Argentina), doc. 16.

⁶⁶ TAUNAY. *Diário do Exército. 2. De Campo Grande a Aquidaban*, cit., p. 93.

⁶⁷ Idem, p. 103.

⁶⁸ Idem, p. 189.

No caminho entre Piribebuy e Caacupé cresce ainda mais a multidão de seguidores, formando uma verdadeira procissão:

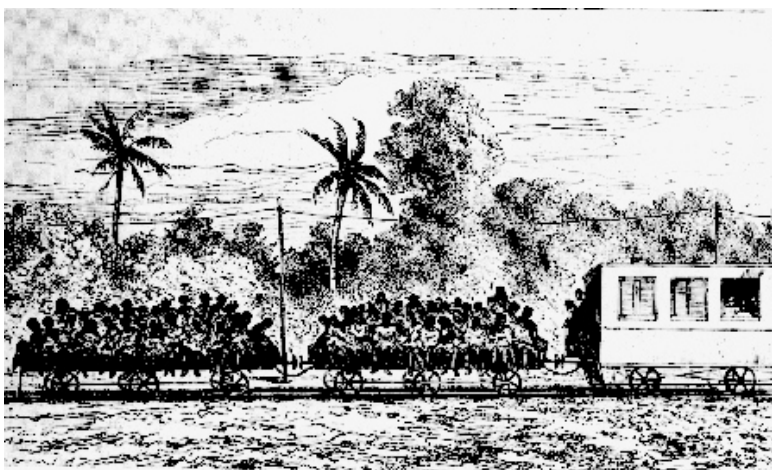
A marcha [Piribebuy-Caacupé] fez-se por picada em alguns pontos estreita, em outros atoladiça e logo aos primeiros passos foram reconhecidos os sinais da marcha precipitada que leva a retaguarda de López; na verdade ao princípio viam-se carretas abandonadas, trastes, etc.; depois crianças e mulheres mortas; afinal famílias inteiras desfalecidas de fadiga e metidas no mato.

O número dessa gente foi progressivamente aumentando e, como observassem o tratamento simpático que recebiam, saíam ao nosso encontro e voltavam para Caacupé formando comprida procissão de mulheres, crianças e velhos⁶⁹.

Toda essa massa de desamparados, em sua maioria mulheres, acabava por encontrar-se em Asunción, único lugar onde havia reais condições de a vida cotidiana se reconstituir minimamente a curto prazo. Em memória ao Congresso Nacional paraguaio datada de 24 de novembro de 1870, o ministro de Fazenda do governo provisório, Juan Bautista Gill, descrevia esses sobreviventes como um povo reduzido à triste situação de mendigo, sem casa, sem lar, sem família e sem ânimo até para poder estender a mão ao transeunte implorando sua caridade. Essas pessoas eram levadas às centenas de trem, diariamente, à capital paraguaia, já que

sem esse recurso teriam talvez perecido, abandonadas pelos campos, sem meios para se locomoverem [...], sem ter um banco onde se sentarem nem uma mesa em que possam legislar [sic].⁷⁰

VAGÃO DOS POBRES⁷¹



⁶⁹ Idem, pp. 195-196.

⁷⁰ GILL, Juan Bautista. *Memoria del Ministerio de Hacienda*. Asunción, 24/11/1870, apud PASTORE. *La lucha por la tierra en el Paraguay*, cit., p. 176.

⁷¹ A ilustração foi extraída de FORGUES, L. M. *Fragments de journal et des correspondences, 1872-1873. Le Tour du Monde: nouvelle journal des voyages* (Paris), 27(701-703):369-416, Premier Semestre 1874, apud RIVAROLA, Milda. *Obreros, utopías & revoluciones. La formación de las clases trabajadoras en el Paraguay liberal (1870-1931)*. Asunción: Centro de Documentación e Estudios, 1993.

Ao mesmo tempo, em Asunción, o grosso da população masculina era constituído de soldados aliados. Estima-se que no auge da ocupação de Asunción, as tropas brasileiras podem ter chegado a aproximadamente 30 mil soldados. Mas, nos primeiros dias, a cidade estava absolutamente deserta.

Quando o exército [brasileiro] entrou em Asunción achou-a abandonada. Pouco a pouco foram aparecendo mulheres idosas, como que explorando. Ao princípio, vinham receosas; mas depois o medo deu lugar à confiança.

De vez em quando, entrava uma pela casa de um oficial e pedia humildemente para levantar um tijolo ou cavar um buraco - e tirava uma panela com onças e patações.

[...]

Mais tarde, foram chegando famílias, constituídas exclusivamente de mulheres e crianças, que se tinham refugiado nos povoados próximos. A cidade ia perdendo o aspecto demasiado severo de praça de guerra. Nas ruas e largos, viam-se grupos de mulheres sentadas em pequenos tamborettes, vendendo em tabuleiros de pau chipas e frutas, rendas, em que são exímias, e o afamado inhanduti⁷², que dizem ser hoje tecido muito de moda. Todas, sem exceção, andavam descalças.⁷³

As mulheres da cidade eram presa fácil para esse bando de homens embrutecidos pelos horrores da guerra e pela distância da terra natal, cujos apetites sexuais não podiam ser dos mais moderados.

O amor livre reinava nas ruas e nas 'plazas', sendo as 300 mulheres paraguaias que caíram em mãos do inimigo após [a batalha de] Itá-Ybaté vítimas desse vandalismo.⁷⁴

O episódio, citado por Arturo Bray, é lembrado também por Héctor Francisco Decoud:

Nas praças, ruas e centros de reunião, o amor era livre para os componentes das forças invasoras, onipotentes sobre os que caíam sob sua dominação. As 300 mulheres que foram seqüestradas em Abay [Avaí?], as que caíram em Angostura e outras mais foram vítimas de seus instintos sensuais.

O general Garmendia resume em poucas palavras a primeira imolação daquelas 300 desgraçadas mulheres dizendo: "que como as heroínas Galas, tinham presenciado o combate (de Abay), caíram também no botim da vitória; a soldadesca desenfreada abriu as válvulas a sua feroz lascívia e estas infelizes que tinham visto seus esposos, filhos e namorados perecerem, sofreram ainda os ultrajes da luxúria na noite mais negra de suas vidas. Não sei como não morreram".⁷⁵

Dionísio Cerqueira descreve uma situação em que fica bastante evidente a relação entre as mulheres paraguaias e as forças de ocupação. Ao passar por debaixo de um laranjal, nos arredores de Asunción, ele avista mulheres escondidas no topo de uma árvore e alguns homens ao redor incentivando-as a descenderem, ao que as mulheres parecem reagir, segundo Cerqueira, com pavor. Vejamos sua descrição:

⁷² Em guarani: *ñanduti* = teia de aranha. Nome também dado a um estilo de renda típico do Paraguai, embora, segundo Barbara Potthast-Jutkeit, com raízes ibéricas, mais precisamente das Ilhas Canárias (Cf. POTTHAST-JUTKEIT. "*Paraíso de Mahoma*", cit., p. 43).

⁷³ CERQUEIRA. *Reminiscências da campanha do Paraguai*, cit., pp. 411-412.

⁷⁴ BRAY, Arturo. *Hombres y épocas del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1983. V. 2., p. 128.

⁷⁵ DECOUD *Sobre los escombros de la guerra*, cit., p. 76. O autor cita GARMENDIA, José I. *Recuerdo de la Guerra del Paraguay*, p. 85, sem mencionar aos demais dados da obra.

*Ao passar por baixo de um laranjal, vi mulheres escondidas na ramalhada, transidas de pavor, algumas com os filhos nos braços. Embaixo, soldados convidavam-nas a descer, e elas, como o galo da fábula, desconfiavam das lábias das velhas raposas, que aliás, é de crer, não tinham desejos sanguinários.*⁷⁶

Cerqueira parece insinuar que, se os soldados não tinham desejos sanguinários, algum desejo tinham. É importante acrescentar que os cronistas da época parecem admitir que havia nas próprias paraguaias motivos para a lascívia generalizada da soldadesca, para além da abstinência sexual resultante do isolamento nos campos de batalha. Em quase todos os cronistas militares e viajantes, a descrição da beleza e do espírito alegre das mulheres de Asunción é recorrente - embora possam padecer do mesmo exagero decorrente das penúrias da guerra e da falta de convívio com o sexo feminino que geralmente descartam. Dionísio Cerqueira, por exemplo, faz delas a seguinte descrição:

Todas, sem exceção, andavam descalças. Distinguiam-se pelo ar orgulhoso as qui-guaverás [kygua vera], com enormes trepa-moleques inclinados para uma das orelhas, das quais pendiam longas arrecadas de ouro lavradas a cinzel e incrustadas de crisólitas. Nos dedos luziam anéis de muitas voltas.

*Tinham os cabelos muito alisados e lustrosos de banha. Algumas com os membys⁷⁷ ajoelhados no chão e com suas cabecinhas descansando sobre os joelhos, catavam-lhes os cabelos, povoados quase sempre de quis⁷⁸, que eram rotos nos dentes. Se um gringo de realejo e macaquinho às costas parava e moía alguma habanera, todo aquele mulherio se levantava e punha-se a dançar. Se era a Palomita... que delírio!*⁷⁹

Essas descrições têm, certamente, implicações, que discutiremos mais tarde. Por ora, vamos reter-nos nas condições em que se encontrava a capital paraguaia, particularmente com relação à sua ocupação pelas mulheres.

Ainda durante muito tempo a situação populacional do país permaneceu desoladora: uma sociedade de proporcionalmente muitas mulheres e praticamente nenhum homem. Segundo Charles Washburn, o retorno das mulheres a Asunción era um “espetáculo melancólico”:

*[...] tendo escapado de López, tinham vindo à antiga capital na esperança de obter comida. Elas eram meros esqueletos e estavam tão exaustas e em condições tão miseráveis que ao alcançarem a capital elas mal podiam andar. Elas em geral não tinham nenhuma roupa e mulheres que uma vez tinham sido consideradas entre as mais respeitáveis no país entravam na cidade arrastando seus corpos cansados e de-finhados, em estado de absoluta nudez e caminhando pelas ruas sem o mínimo senso de vergonha ou de compostura.*⁸⁰

Em Asunción, toda a atividade informal ficou entregue a elas:

A população de Asunción, que se estima em geral como de 10.000 habitantes, inclui entre 2.500 e 3.000 homens dos quartéis brasileiros de ocupação, a maioria deles negros, estabelecidos em uma colina fora da cidade, e o aprovisionamento desta força militar possibilita uma boa parte do comércio da cidade. O componente não-militar da população masculina, que pode estar em torno das 1.500 pessoas, consiste quase

⁷⁶ CERQUEIRA. *Reminiscências da campanha do Paraguai*, cit., p. 422.

⁷⁷ Em guarani: *memby* = filho, se dito pela mulher. Quando é o homem quem fala, a palavra é *ra'y*.

⁷⁸ Em guarani: *ky* = piolho.

⁷⁹ CERQUEIRA. *Reminiscências da campanha do Paraguai*, cit., p. 412.

⁸⁰ WASHBURN. *The history of Paraguay*, cit., p. 597.

que inteiramente de estrangeiros, sejam brasileiros, italianos ou de outras nacionalidades. As mulheres paraguaias, não obstante, de todo tipo e cor, desde o tipo indígena ou negro até quase o puro espanhol, formam a maioria dos habitantes, e todo o comércio do interior é realizado por elas. Centenas de mulheres, cada uma levando na cabeça uma canastra com certas mercadorias comercializáveis, vegetais, ovos, leite, tabaco, ou pão à base de farinha de mandioca, chamado "chipa", se trasladam até Asunción desde as zonas circunvizinhas todas as manhãs e ocupam as "plazas" abertas durante o dia, retornando a suas casas ao entardecer. A água potável da cidade se origina dos vários "pozos", a uma certa distância da zona urbana, e é trazida de manhã e à noite pelas mulheres, que andam em fila indiana indo e vindo, cada uma sustentando um longo cântaro sobre a cabeça.⁸¹

A chegada das tropas aliadas, como vimos, trouxe milhares de comerciantes, especuladores, artesãos e outros grupos vindos do sul da região platina, todos excitados com a possibilidade de tirar proveito da riqueza abandonada pelos paraguaios, alguns para se estabelecerem economicamente de forma estável⁸². "A cidade de Asunción se encheu, em poucos dias, de uma enorme e confusa população, que falava em suas ruas todos os idiomas e dialetos ocidentais."⁸³

Ao mesmo tempo, no interior, como veremos mais adiante, prevaleciam as cidades fantasmas. Nas áreas rurais, acreditava-se que havia 50 mulheres para cada homem⁸⁴, enquanto que em Asunción essa taxa era de três para um.

As condições de higiene e saúde pública da cidade, evidentemente, não podiam ser piores, transformando a própria sobrevivência na cidade, depois de todas as agruras da guerra, mais um desafio. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello assim descreve as péssimas condições da capital paraguaia em 3 de março de 1869:

As ruas, todas por calçar, apresentam a mais desagradável aparência. O terreno não está nivelado, e com as águas da chuva fica todo coberto de lama ou de areia solta. Há ainda muito espaço por edificar, ou por murar, vendo-se fora do alinhamento miseráveis pardieiros e ranchos de palha.

⁸¹ O relato é do geógrafo britânico Keith Johnson. Segundo um contrato celebrado com o governo paraguaio em dezembro de 1873, Johnson fora nomeado geógrafo de uma comissão científica para examinar e informar sobre os recursos do país após a guerra. Partindo da Inglaterra em janeiro de 1874, Johnson deveria se incorporar à comissão, que contava também com o geólogo Ferite e o naturalista Benjamin Balansá. Devido à instabilidade política do Paraguai, no entanto, os três permaneceram mais de um ano em Asunción por não saberem a quem se dirigirem ou porque as autoridades competentes estavam sempre às voltas com alguma tentativa de golpe de Estado. O retardo da comissão, no entanto, propiciou a Johnson a atenta observação das condições de vida da capital paraguaia. Os resultados de suas pesquisas foram publicados em uma série de artigos para a revista *Geographical Magazine*, de Londres, e, no ano seguinte, no diário asunceno *La Reforma*, em tradução de López Moreira. É a seguinte a relação dos artigos: a) na *Geographical Magazine*, sob o título *Recent journeys in Paraguay*: julho (pp. 200-203), setembro (pp. 264-273), outubro (pp. 308-313) e novembro (pp. 342-345); b) no diário *La Reforma*, de Asunción, em 1876, sob o título *Memória presentada al Gobierno Paraguayo pelo ingeniero geografo Johnson Keith*: 27/02 (p. 2), 04/03 (p. 1), 07/03 (p. 1), 09/03 (p.1), 14/03 (p. 1), 22/03 (p. 1), 30/03 (p. 1), 07/04 (p. 1) e 19/04 (p. 1). Como não há indicação de que esse último seja a conclusão do relato, prefiro acreditar na possibilidade de terem sido publicadas ainda outras partes da série. A *BNA* não dispõe dos números de maio de *La Reforma* nem dos exemplares de *Geographical Magazine*, os quais aqui se citam de acordo com Barbara Potthast-Jutkeit ("*Paraíso de Mahoma*"..., cit.) e Juan Carlos Herken Krauer (*El Paraguay rural entre 1869 e 1913*, cit.). Para facilitar a menção ao trabalho de Johnson, já que as duas versões são muito semelhantes mas não idênticas, doravante mencionarei apenas o nome do autor e a indicação *LR*, para *La Reforma*, e *GM*, para *Geographical Magazine*. A citação aqui reproduzida é de *GM*.

⁸² Cf. KRAUER, Juan Carlos Herken. *La inmigración en el Paraguay del posguerra: el caso de los "Lincolnshire farmers" (1870-1873)*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 18(52):37, Set.-Dic. 1981. Ver também DEACHENBERG, Lyra Pidoux de. *Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 12(34):65-123, Set.-Dic. 1975.

⁸³ GODOI, Juansilvano (Juan Silvano). *El Barón de Río Branco. La muerte del Mariscal López. El concepto de la patria*. Asunción: Talleres Nacionales, 1912, p. 228.

⁸⁴ Cf. *La Regeneración*, (18):1, 19/11/1869.

Não há em toda cidade um chafariz, ou qualquer obra de canalização de águas. Em alguns pontos correm estas pelo terreno desigual e escaldado das ruas, parecendo provir de filtrações da colina próxima.

Não havia iluminação na cidade, encontrando-se apenas em um ou outro ponto algum tosco lampião de azeite.⁸⁵

Falando também sobre 1869, Héctor Francisco Decoud não deixa dúvidas a esse respeito:

Os carros do serviço público saíam a percorrer todos os dias a cidade e ao mesmo tempo em que recolhiam os desperdícios [lixo?] levavam também os cadáveres que encontravam e, tudo junto, levavam para jogar na porta do cemitério, sem nenhum respeito. O procedimento sublevou o sentimento do encarregado do cemitério, que denunciou à polícia, dispondo esta que a partir de então os cadáveres deveriam ser entregues ao encarregado do cemitério acompanhados da correspondente permissão, que a própria polícia outorgaria, sem o qual não poderiam ser admitidos para sepultamento.

*Os condutores [dos carros do serviço público] se viram em grandes apuros para identificar os mortos que encontravam nas ruas, porque tinham que recorrer aos vizinhos e transeuntes para preencher este requisito, muitas vezes sem nenhum resultado. Daí que [os mortos] recebiam um duplo batismo: uma foi despachada com o nome de **Beatriz Calle**, só porque um vizinho disse que via-a sempre pela rua; outra, com o de **María sin nombre**, porque um engraçadinho disse que ela não tinha nome; outra com o de **Cármen Daicauahai**⁸⁶, pela mesma circunstância anterior; outra com o de **Candelaria Itaquy**⁸⁷, porque a mesma tinha na mão uma pedrinha de afilar que em guarani se chama itaquy, e finalmente, com o eterno recurso de N. N.⁸⁸*

Aproveitando-se dessa situação, não foram poucos os comerciantes que improvisaram atividades para acolher, distrair e explorar essa gente.

Hotéis, estalagens, restaurantes, cafés, casas de jogo, salões de dança públicos, lojas, armazéns eram vantajosamente sustentadas pelos 30 mil soldados Aliados e inumeráveis turistas, especuladores e caçadores de curiosidades que correram para visitar as ruínas da nação conquistada, antes tão poderosa.⁸⁹

Ao que tudo indica, ainda muito tempo após a estabilização dos novos ocupantes da capital, permanecia a situação de desordem. É o que podemos observar através do relato de Keith Johnson sobre a situação de Asunción. Segundo Johnson, o estado da capital paraguaia era deplorável.

Em março deste ano [1874] e especialmente durante o período perturbado pela rebelião [comandada pelo general Bernardino Caballero⁹⁰], a cidade apresentava um estado o mas arruinado e dilapidado possível; as escabrosas ruas transversais haviam si-

⁸⁵ MELLO, Francisco Ignacio Marcondes Homem de. *Viagem ao Paraguai em fevereiro e março de 1869. Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico, e Etnográfico do Brasil*, 47(36/2):21, 3º Trim. 1873.

⁸⁶ Na grafia guarani atual: ndaikauahai = desconhecido(a).

⁸⁷ Na grafia guarani atual: itaky = pedra de afilar.

⁸⁸ DECOUD *Sobre los escombros de la guerra*, cit., pp. 254-255. O autor recolhe os dados de óbitos publicados em *La Regeneración*, nºs. (10) e (14).

⁸⁹ GODOI. *El Barón de Río Branco*, cit., p. 228.

⁹⁰ Esse general, herói de guerra e um dos líderes do *lopismo*, seria o líder de várias tentativas de golpe contra a ordem estabelecida com o respaldo da Tríplice Aliança. Em 1880, com a morte do presidente Cândido Bareiro, de quem era aliado e ministro, e a renúncia "voluntária" de seu vice, Adolfo Saguier, Caballero é designado pela Assembléia Legislativa presidente provisório para o cumprimento do mandato. Em seguida, foi presidente entre 1882 e 1886. Antes, já havia participado do governo como Ministro do Interior e depois continuaria na política como senador até 1904. Foi um dos fundadores e principal articulador da *Asociación Nacional Republicana*, depois *Partido Colorado*.

*do convertidas em precipícios pelas fortes chuvas, as calçadas estavam destruídas e o trânsito de uma parte à outra era quase impossível depois do escurecer; muitos terrenos baldios e edifícios em construção tinham sido entulhados com montanhas de lixo e depósitos de imundices haviam se acumulado em algumas ruas e se faziam extremamente ofensivos. Atualmente [1875], graças a um Governo mais estável e à adoção de várias medidas severas e judiciosas das autoridades municipais, Asunción está melhorando rapidamente em aparência exterior.*⁹¹

4.1.1.3. O INTERIOR

No interior, o caos era provavelmente maior. Na verdade, já antes da desocupação de Asunción o interior do país vivia com muito maior intensidade os horrores da guerra, já que os avanços dos Aliados impunham constantes remanejamentos populacionais, desertificando alguns povoados e superpovoando outros, o que trazia reflexos terríveis ao cultivo, o gado, refletindo, em última instância, no agravamento das já terríveis condições de vida das populações do campo. Com o abandono de Asunción, essa situação só faria se agravar. Segundo um relato do embaixador norte-americano, general Martin T. McMahon, o temor da morte iminente fazia com que grande parte da população remanescente de Asunción procurasse buscar refúgio nas montanhas⁹².

Eles abandonaram suas plantações, suas casas e propriedades. Agora vivem seminus, são milhares sem abrigo, muitos sem comida ou meios para obtê-la, incluindo esta e outras vilas [o relato foi escrito em Piribebuy, a aproximadamente 90 km de Asunción] nas montanhas onde o cólera também já começa a aparecer.

Com a iminência da derrota de López, as condições de vida das populações paraguaias sobreviventes foram deteriorando-se ainda mais. Piribebuy e Caacupé, por exemplo, vilas que normalmente abrigavam cerca de 800 habitantes, viram-se ocupadas por um amontoado de mais de 10 mil pessoas⁹³.

A comida era tão escassa que os sobreviventes relatam que durante algum tempo subsistiram às custas, principalmente, de raízes de coqueiros, folhas de laranjeira e vegetais semelhantes. Uma farinha feita com uma espécie de palma chamada macaúba foi o alimento que manteve viva a maioria dessas pessoas.

Ao mesmo tempo, os que se aventuravam na busca de refúgio estavam sujeitos a todo tipo de risco. No começo de 1869, ao realizar uma patrulha, certa vez, uma tropa da cavalaria argentina encontrou na estrada os corpos de cerca de 40 ou 50 mulheres e crianças a partir de 2 anos de idade “com as gargantas recentemente cortadas, porque seus corpos estavam ainda quentes”⁹⁴. Em agosto desse mesmo ano, três depois de terem entrado na cidade de Caacupé, as tropas aliadas encontraram, em um hospital, mais de 600 pessoas feridas ou doentes. A descrição de Taunay é eivada de horror:

O espetáculo o mais lastimoso oferecia-se aí aos olhares. Mulheres, crianças e velhos, cuja nutrição exclusiva eram a farinha extraída da palmeira macaúba, apresen-

⁹¹ JOHNSON, L.R. Falaremos mais adiante dessas medidas.

⁹² Cf. correspondência de Martin T. McMahon a William H. Seward, Piribebuy, 31/01/1969. US:NA/DDUS-PU, doc. 13, rolo 128/3.

⁹³ Cf. WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., pp. 195-196.

⁹⁴ Cf. carta de Henry Fawkes, comandante do navio HMS Cracker, ao contra-almirante G. Ramsay, de 22/01/1869. GB:PRO/FO:59 (Paraguay), doc. 29.

*tavam o aspecto de esqueletos ambulantes e haviam chegado ao último estado de fraqueza e anemia. Além disso existia um imundo depósito de feridos e doentes, intulhado hospital, dentro do qual 600 infelizes respiravam o ar infeccionado pela putrefação de 30 cadáveres insepultos*⁹⁵.

Ao longo da rota seguida pelos Aliados a caminho da última batalha contra as débeis forças de López, os soldados brasileiros encontraram corpos de centenas de paraguaios, a maioria mulheres e crianças, mortos de fome, ferimentos ou executados brutalmente. Velhos, mulheres e crianças eram constante e abundantemente os sobreviventes ou os mortos encontrados em estradas e nos vários povoados paraguaios.

O insuspeito relato de Taunay, então redator do diário oficial das atividades do Exército brasileiro nos dá conta desse terrível quadro:

San Estanislao (29/04/1869)⁹⁶:

O exército de López monta, segundo seus cálculos, de cinco a seis mil homens, com armamento estragado e não suficiente; o municionamento de boca deve ser muito mau [e é] por isso que as famílias de Santo Estanislao e do norte sofrem grandes misérias, tendo sido todo o gado das margens do rio Aquidabã, e do departamento da Conceição tangido aos campos de Varella e Tacuacorá no distrito de Ajos ao princípio em pontas de mil a duas mil cabeças, hoje tão somente de cem ou duzentas, de modo que as várzeas de Ibiracapá, ao sul do Rosario, onde outrora a família de López tinha muitas rezes, já se achavam quase completamente desprovidas.

Ibicuy (18/05/1869)⁹⁷:

Com todos os resgatados, em cujo número se acham alguns maquinistas, e cento e cinqüenta mulheres, e tangendo um avultado número de rezes, voltou a coluna [comandada pelo tenente-coronel uruguaio Hippolyto Coronado], participando de Franca Isla, a 15, seu comandante todo o ocorrido...

Patiño-cué (23/05/1869)⁹⁸:

Em toda a zona percorrida existe grande abundância de roças abandonadas, de maneira que nossos soldados [forças brasileiras] iam encontrando a granel mandiocas, aipins ou macaxeiras, abóboras, além de canaviais e sobretudo profusão de laranjeiras que se distinguem pela doçura e beleza de seus frutos.

As casas a que pertenciam estas lavouras jaziam em ruínas, não só pelo desamparo já de alguns meses, mas também pela pouca solidez de sua construção, pois quase todas são cobertas de chamiça e feitas de taipa metida entre paredes de pau a pique mal ripadas.

Villa Rica e Luty (04/06/1869):

Segundo informações de naturais do país, a gente que está em Villa Rica e Luty é em sua maior parte velhos e crianças; vinte e oito homens vigorosos tinham sido, porém, feitos prisioneiros. Acham-se em poder do general [João Manoel Menna Barreto] 2.000 almas...

⁹⁵ TAUNAY, Alfredo d'Escragnole (Visconde de). *Diário do Exército. 1. A campanha da Cordilheira*. São Paulo/Cayeiras/Rio: Melhoramentos, 1926, p. 193. O mesmo episódio é descrito por Tasso Fragoso (*História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, cit., p. 280).

⁹⁶ Idem, pp. 32-33.

⁹⁷ Idem, p. 55.

⁹⁸ Idem, pp. 65-66.

Arredores do lago Ipacaray (07/06/1869)⁹⁹:

Do comandante do 2º corpo de exército vem a comunicação de que numa descoberta da cavalaria feita na véspera nas imediações da lagoa Ipacaray, fora encontrada uma família paraguaia composta de um velho, um menino, uma moça maior de 16 anos, e um rapaz que declarou ser desertor de um batalhão paraguaio, todos muito mal trajados e com mostras de terem sofrido fome.

San Pedro (07/06/1869)¹⁰⁰:

O brigadeiro Câmara dá parte de que se acha com toda a força na vila de S. Pedro, onde há grande abundância de mantimentos e forragens e para onde acodem muitas famílias buscando as nossas bandeiras.

Paraguari-Pirayú (11/06/1869)¹⁰¹:

Sua Alteza [o Conde D'Eu] foi pela manhã a Paraguari [...] e encontrou a força do general João Manoel que saía daquele povoado precedida de uma coluna de velhos, mulheres e crianças em número de mais de 4.000 pessoas, cujo aspecto indicava os últimos limites da desgraça e dos padecimentos.

Às três horas da tarde, essa gente, magra, nua, raquítica, curvada ao peso de longa tirania, acabrunhada pela fome de muitos meses, entrava no acampamento de Pirayú, reunindo-se na praça principal defronte da igreja.

Todos mostravam intensa alegria por verem enfim terminado um tempo de sofrimentos inaturáveis que já haviam feito sucumbir muitos milhares de entre eles, tempo marcado pela nudez que os fazia cobrirem-se de tiras de couro e pela fome que os impelia a comerem frutas azedas [...].

Pirayú (12/06/1869)¹⁰²:

- Diariamente têm-se apresentado passados¹⁰³ das fileiras inimigas, quase todos, pelo que dizem, impelidos pela fome a que estão reduzidos. Houve hoje um que mostra talvez pouco mais de 10 anos de idade e assinala a mesma causa para sua deserção.

Rosario (01/11/1869)¹⁰⁴:

O Marechal Victorino escreve de Rosario [...] tomara a resolução de enviar para Asunción as muitas mulheres paraguaias que acompanham a seu corpo de exército e já ordenara o embarque de quase todas elas.

Curuguay (02/11/1869)¹⁰⁵:

Chegaram ao acampamento perto de 1.000 pessoas vindas de Uruguay e pertencentes na maior parte aos grupos que acompanharam López em sua retirada de Curuguay: apresentaram-se no estado habitual de miséria e magreza [...].

Curuguay-Igatemy (04/12/1869)¹⁰⁶:

- Das bandas têm chegado numerosas famílias paraguaias em estado pior, se

⁹⁹ Idem, p. 96.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Idem, pp. 102-103.

¹⁰² Idem, pp. 103-104.

¹⁰³ Pessoas que se passavam para o lado aliado ou eram capturadas pelas tropas aliadas.

¹⁰⁴ TAUNAY. *Diário do Exercito. 2. De Campo Grande a Aquidaban*, cit., p. 96.

¹⁰⁵ Idem, p. 97.

¹⁰⁶ Idem, p. 127.

possível for, do que as outras anteriormente salvas. Verdadeiros cadáveres ambulantes, rípidos pela fome, trazem consigo ossos carcomidos com que procuram fazer caldos o laranjas azedas, que poupam como alimento saboroso e de último recurso. Essas desgraçadas criaturas, niveladas com os brutos pelo sofrer incessante acumulam-se junto aos depósitos de fornecimento e aí ajuntam do chão grão por grão, o milho o arroz que caía das sacas.

Socorros lhes são imediatamente distribuídos e não poucas morrem ao satisfazerem a fome, que já conheciam há mais de cinco anos e que se pronunciou em seu grau mais horrível, depois que os combates de Agosto as forçaram a internar-se nas regiões incultas.

Concepción (10/11/1869)¹⁰⁷:

Na vila há para acima de 4.000 pessoas famintas e para cujo sustento o governo provisório deve tomar providências.

Seria desnecessário prolongar ainda mais a já extensa relação de povoados em que a população, constituída basicamente de mulheres, crianças e velhos, era encontrada em condições deploráveis. Essa realidade, somada à morte de milhares de pessoas, pelas agruras da guerra, nas batalhas, de fome, de cólera e outras doenças, confronta-se com outra, não menos cruel, da capital ocupada. Como resultado dessa desolação, no interior do país, mesmo à época da expedição de Johnson, ainda prevaleciam as cidades fantasmas:

Trinidad o Ibiray, um lugar entre 200 e 300 habitantes [...]. [...]

Paraguari talvez seja a vila mais agradavelmente situada no Paraguai do leste [...] possui dois quarteirões principais e sua população chega a cerca de 600 habitantes. [...]

[...]

[Sobre] a vila de Caapucú [...] o chefe [...] nos informou que o departamento tem 700 habitantes [...].

[...]

San Miguel [...] [onde] funcionava anteriormente uma mina de ferro. Agora possui só um quarteirão, rodeando uma pequena igreja, com apenas doze casas habitadas (...).

Santa Rosa, no presente, se constitui de apenas um quarteirão de casas destruídas praticamente desabitadas [...].

[...]

El Carmen [...] deveria ter sido um lugar de assentamento importante na época da visita de Page, em 1855, tendo em conta que o mesmo havia estimado a população do lugar em 1.000 habitantes. Agora exemplifica bastante bem a mudança que a guerra trouxe ao que uma vez foi o populoso distrito de Misiones, pois tem somente duas casas habitadas, uma delas pelo Guarda, e a outra por uma mulher que é a custódia da pequena igreja, com onze pessoas constituindo toda a população presente. O chefe deste pequeno lugar contou os habitantes do departamento nos dedos, relacionando quinze casas ou ranchos, albergando no total 55 pessoas, dos quais vinte eram "varones". [...]

Encarnación, fundada em 1614, e em alguma ocasião uma das principais reduções das Missões, se encontra agora quase completamente deserta, com somente cerca de doze casas das que sobraram ocupadas. O lugar parece ter sido bastante povoado.

¹⁰⁷ Idem, p. 103.

do antes da guerra¹⁰⁸ .

Ao regressar, Johnson passa por outras povoações da região. O quadro não é diferente:

[...] *San Cosme (...). Esta redução, fundada em 1634, tem o quarteirão usual, com os edifícios da igreja e o colégio - todos em condições toleráveis - mas a maioria das casas se encontra vazia, e toda a população consiste de 3 homens e 30 ou 40 mulheres (...). Durante a guerra, a totalidade da população desta parte se trasladou ao distrito de Yuty, mas uma espécie de re-êxodo ocorreu em 1869, quando cerca de 300 mulheres retornaram a seu velho distrito, cada uma delas levando um pouco de grãos ou sementes para recultivar em suas "chácaras". [...]*

[...]

[...] *Santiago (...). O "chefe" estimou a população do departamento [...] em cerca de 500 pessoas, das quais cerca de 100 eram homens [...]. Este departamento devia ter sido bastante populoso em tempos anteriores, tendo em conta que no primeiro recrutamento realizado por López para a guerra, 600 homens, entre as idades de 15 e 25 anos, foram enviados por Santiago (...).*

[...]

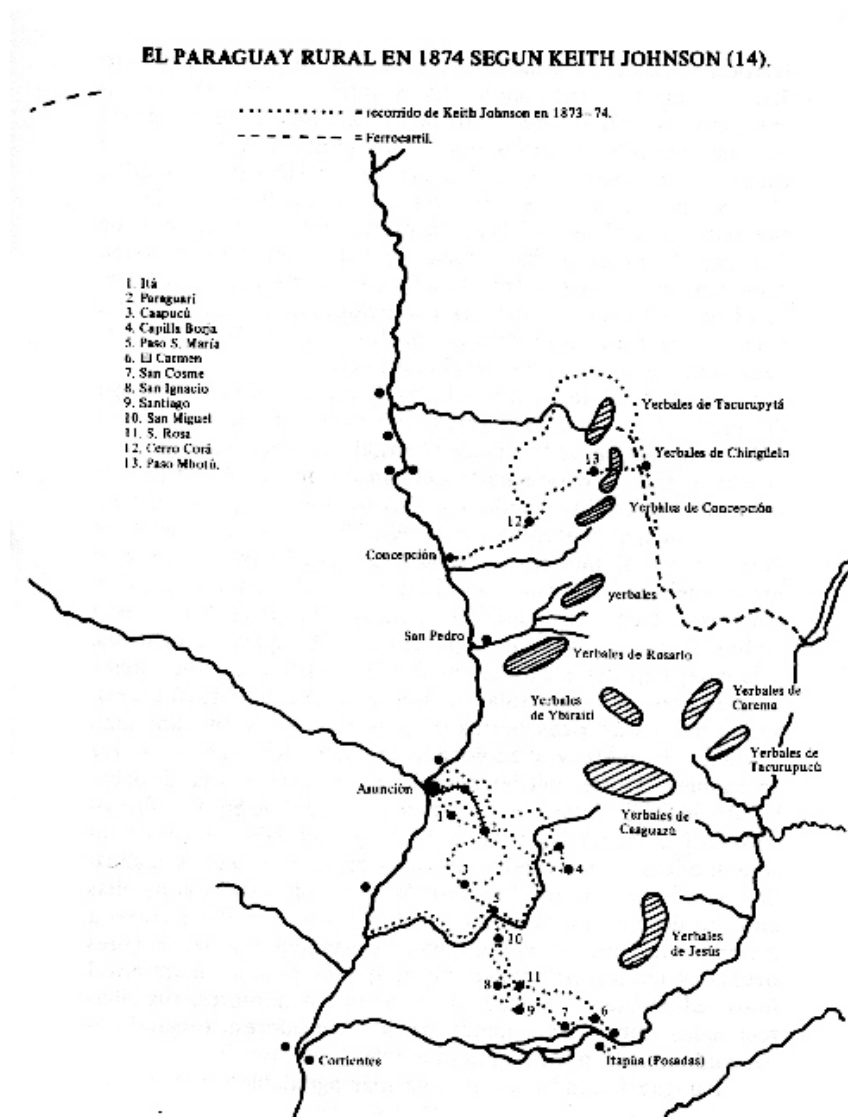
[...] *A vila de Quiindy [...] possui cerca de 200 habitantes [...].*

[...] *Carapeguá [...] a população da vila é de entre 300 e 400 habitantes, e a do departamento, que inclui o distrito de Tabapy, está estimada em 1.000 pessoas [...].¹⁰⁹*

MAPA I

¹⁰⁸ JOHNSON, GM.

¹⁰⁹ Ibidem.



Este quadro dramático demonstra claramente a situação do Paraguai entre os dois últimos anos da guerra e a década seguinte. Segundo Warren,

Provavelmente nove décimos ou mais dos paraguaios sobreviventes tinham sido deslocados durante a guerra e se transformaram em refugiados buscando refazer suas vidas e relações familiares ou procurando ajuda em Asunción. Lentamente as peque-

¹¹⁰ Imagem reproduzida de KRAUER. *El Paraguay rural entre 1869 e 1913*, cit., p. 178.

nas cidades foram sendo parcialmente repovoadas, especialmente aquelas ao longo do rio Paraguai, embora as pessoas vivessem em abjeta pobreza e muitos estivessem literalmente nus. Juizes de paz constantemente imploravam ajuda de Asunción, mas a cidade não podia atender as demandas de milhares de refugiados, quase todos eles mulheres e crianças, que "jorravam das montanhas e florestas, numa torrente de caravanas sem fim em direção à cidade".¹¹¹

SAÍDA DA MISSA EM VILLA RICA¹¹²



É em meio ao caos causado pela ocupação militar da capital pelas forças aliadas, onde certamente a euforia dos vitoriosos terá representado a humilhação dos poucos derrotados que sobreviveram, que começaram a despontar na vida pública paraguaia dois grupos políticos cujos representantes mais destacados, salvo raras exceções, ocupam posições aparentemente antagônicas quanto ao papel do Estado e à reorganização da vida nacional paraguaia após a inevitável derrota definitiva de Solano López e o que resta do exército paraguaio. Veremos, no item seguinte, como esses grupos se relacionaram na vida pública, suas diferenças e - principalmente - semelhanças e sua relação com o pensamento liberal do século XIX. A luta pelo poder - verdadeiro motivo fundamental das divergências - entre esses dois grupos, conhecidos como *legionarios* e *lopistas*, marcará as três décadas seguintes.

¹¹¹ WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., p. 44. A citação refere-se a DECOUD, Héctor Francisco. *La convención nacional constituyente y la carta magna de la república*. Asunción: Buenos Aires, Talleres Gráficos Argentinos L. J. Rasso, 1934, p. 43; A informação confere também com *La Regeneración*, (7), de 21/10/1869 e *Carta telegraphica*, BR:ANRJ/GP-DD, cit.

¹¹² Imagem reproduzida de FORGUES. *Le Tour du Monde*, cit. Notar na gravura a quase total ausência de homens, ainda em 1873-4.

4.2. “REGENERACIÓN” VERSUS “RECONSTRUCCIÓN”¹¹³

4.2.1. O PARAGUAI SOB A OCUPAÇÃO ALIADA

Segundo Gomes Freire Esteves, um dos historiadores paraguaios mais fecundos do início do século, a raiz dos *legionarios* está na resistência que a administração dos López, particularmente Solano López, teria suscitado, “por razões de ordem política, puramente internas, uma resistência pessoal, em alguns cidadãos e núcleos de famílias de destaque da república”¹¹⁴, já que

*o regime institucional vigente não permitia a organização de nenhuma opinião pública, de censura ou oposição ao Supremo Governo, a maioria dos referidos cidadãos e membros das famílias aludidas teve que emigrar do país.*¹¹⁵

Warren recua um pouco mais no tempo, identificando entre os *legionarios* pessoas que, já em setembro de 1851, eram favoráveis à incorporação do Paraguai à República Argentina e aos que, em 1858, assinariam um manifesto convocando a população a derrubar o governo de Carlos Antonio López. Esse grupo fundaria, a 2 de agosto daquele ano, a *Sociedad Libertadora de la República del Paraguay*¹¹⁶. Segundo esse autor, entre os líderes dessa “frente de libertação” se estava a maioria dos organizadores da *Asociación Paraguaya*, em novembro de 1864, origem dos *legionarios*. Além desses inimigos, sobreviventes do regime de José Gaspar Rodríguez de Francia e inimigos do regime de Carlos Antonio López, havia também os que sobreviveram aos “tribunais de sangue” de San Fernando. Outros, ainda, eram jovens cuja educação recebida no estrangeiro continha uma forte dose do pensamento liberal francês.

Para de Freire Esteves, essa “corrente emigratória” acabaria por engendrar, de fato, um partido revolucionário na Argentina que, se não chegou a constituir-se antes da guerra, estava virtualmente formado, à espera de que houvessem as condições necessárias para sua atuação.

Em 1865, com a eclosão da guerra, começam a se concretizar as esperanças dos exilados de um dia chegarem ao poder. organizam-se em um *Comité revolucionario* - a *Asociación Paraguaya* - que, tão logo as forças paraguaias invadem a cidade argentina de Corrientes, em abril de 1865, oferece ao governo argentino sua cooperação. A 22 de abril, um decreto assinado pelo presidente argentino Bartolomé Mitre e pelo ministro da Guerra, Juan Andrés Gelly e Obes, dava aos exilados o respaldo de que necessitavam:

Sendo a guerra contra o Governo e não contra o Povo do Paraguai, e simpatizando o Governo e o Povo argentinos com os votos dos cidadãos paraguaios que desejam ver imperar em sua pátria as instituições e os princípios livres que regem as demais repúblicas americanas, o Governo aceita os serviços oferecidos pela Asociación Paraguaya em nome de seus compatriotas, autorizando a formação de uma Legião que leve as cores da bandeira desse povo irmão, encomendando-lhe a reunião dos que

¹¹³ O relato da evolução dos acontecimentos da vida política do Paraguai do pós-guerra estão baseados, fundamentalmente, em ESTEVES. *Historia contemporánea del Paraguay*, cit., e BETHELL. *The Cambridge history of Latin America. V. 5*, cit.

¹¹⁴ ESTEVES. *Historia contemporánea del Paraguay*, cit., p. 1.

¹¹⁵ Ibidem.

¹¹⁶ WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., p. 48.

*voluntariamente queiram fazer parte dela, para que elejam por si mesmos e na forma que o achem conveniente, os chefes e oficiais que devem comandá-los [...]*¹¹⁷.

A *Asociación*, seguindo ao pé da letra as “sugestões” do decreto do governo argentino, criaria a *Legión Paraguaya*, seu braço armado¹¹⁸, para lutar ao lado da Tríplice Aliança contra as forças de Solano López. Para fugir à acusação de traidores da pátria, os membros da *Legión* argumentavam que seu único objetivo era o de derrubar a tirania de López. Por isso, eles reivindicavam lutar ao lado dos Aliados somente se lhes fosse permitido formar uma unidade separada, sustentando a bandeira paraguaia, o que realmente ocorreu, tendo a *Legión Paraguaya* se incorporado aos Aliados ao lado do exército argentino.

É interessante lembrar que a oficialização da *Legión Paraguaya* como força aliada foi recebida com protesto, particularmente no Brasil. Num trabalho atribuído a Quintino Bocaiúva, por exemplo, o autor discordava de que a admissão da *Legión* na guerra, usando a bandeira paraguaia, ao lado dos Aliados, fosse política, militar e eticamente correta.

Já não são mais três nações aliadas contra uma outra nação hostil e ameaçadora. São hoje, no sentido da proclamação¹¹⁹, quatro povos irmãos em luta contra um indivíduo! O povo paraguaio é por essa peça absolvido, no presente e no futuro, da ação política e militar que faz quatro anos desenvolve contra nós.

A culpa inteira, toda a responsabilidade é lançada à conta de um homem, como se esse homem só, sem o apoio do povo que o sustenta, houvesse podido derrotar em batalhas um exército superior a 120 mil homens, cabedais e tesouros que vão pesar na dívida de três gerações por vir!

*[...] Vai mais longe ainda, no meu entender, a inconveniência dessa proclamação. Aliar a bandeira paraguaia à nossa, quando ainda continuam quentes os corpos de milhares de nossos compatriotas e vem ela manchada com o sangue precioso de tantos brasileiros que em vez de verem nela o símbolo sagrado recomendado hoje à sua veneração, viam-na como o símbolo da afronta e da hostilidade ao que pode uma nação ter de mais sagrado [...]*¹²⁰.

Afinal, tratava-se de um símbolo, na visão do autor, não de um Paraguai abstrato, mas de um povo que, na sua visão, esteve sempre fortemente vinculado a seu líder. E argumentava:

*Tal extravagância, que houvera sido censurável em relação a qualquer soberano que só pelo auxílio de seu exército tivesse podido criar tamanha resistência, contra o voto e a opinião da população civil em maioria em seu país, torna-se arquirridícula, no meu entender, com relação ao ditador López, que oferece ao mundo o exemplo sem antecedente de haver conseguido armar todo o sexo viril de sua pátria, sem distinção de idade nem condições, suprimindo pelo extermínio a população masculina de seu país!*¹²¹

¹¹⁷ Apud ESTEVES. *Historia contemporânea del Paraguay*, cit., p. 1.

¹¹⁸ Cf. WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., p. 48.

¹¹⁹ A 30 de março de 1869, em Asunción, foi dirigida ao povo paraguaio, pelos generais Aliados, uma proclamação, como resultado de um acordo forjado pela Argentina e assinado pelos plenipotenciários do Brasil e do Uruguai, que celebrava, segundo Bocaiúva, o “solene batismo e entrega da bandeira paraguaia à Legião que representa essa nacionalidade [paraguaia]”. A *Legión*, formada no início da guerra, somente em sua etapa final era reconhecida formalmente pela Tríplice Aliança.

¹²⁰ (Atribuído a) BOCAIÚVA, Quintino de Souza. *Guerra do Paraguay. A nova phase (Carta a um amigo)*. Montevideo: Typographia Sul-Americana, 1869, p. 27.

¹²¹ *Ibidem*.

À parte o desconhecimento e a supervalorização do apoio popular a Solano López, particularmente após San Fernando, o tema do qual trata o autor é, na verdade, o da identidade nacional como poder simbólico. Como nos lembra Bourdieu,

*Os símbolos são instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o **consensus** acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral”.*¹²²

A bandeira paraguaia, para ele, simbolizava uma coesão nacional que não residia na *Legión Paraguaya* mas nos mortos da guerra. Já para os *legionarios*, a bandeira não podia representar López e seus soldados - símbolo do atraso -, mas a “nova ordem”, que construía a imagem dos Aliados como “salvadores” e identificava a “nação paraguaia” com os que se opunham ao autoritarismo e à insanidade do ditador.

O reconhecimento oficial, que seria tardio, da *Legión* por parte da Tríplice Aliança, somente no final da guerra, no entanto, não chegaria a prejudicar seriamente seus propósitos, que desde a formação da *Asociación* lutava para ser reconhecida como o legítimo governo do Paraguai, chegando a propor a assinatura de um tratado de aliança com o Brasil. O Império, no entanto, embora aceitasse a colaboração de voluntários paraguaios, era contra a existência da *Legión*, por acreditar que esta traria ainda mais complicações durante e depois da guerra¹²³. Na ocasião, repelida pelo Brasil, a *Asociación* volta-se para a Argentina, que graciosamente autoriza a *Asociación* a organizar sua legião, tendo como seu comandante o coronel Fernando Iturburu e como subcomandante o tenente-coronel Juan Francisco Decoud

Posteriormente, ocorreria uma série de divergências entre os dirigentes da *Legión*. Segundo Freire Esteves¹²⁴, tais divergências teriam ocorrido principalmente devido a divulgação, na Grã-Bretanha, do teor do Tratado da Tríplice Aliança, francamente anexionista e imperialista, a 1º de maio de 1866, que teria feito com que se retirassem da associação vários de seus idealizadores, entre eles os membros da família Decoud, importantíssima na vida pública paraguaia do pós-guerra, e Jaime de Sosa Escalada, defecções que terão peso fundamental na formação das organizações políticas e nas lutas que travariam nos primeiros anos do pós-guerra. Para Warren, no entanto, a razão principal da divergência estava no conflito entre as lideranças de Iturburu e Juan Francisco Decoud que, recusando-se a ficar sob as ordens do primeiro, abandonaria a *Legión* em julho, levando consigo seus filhos José Segundo e Juan José, além de vários outros seguidores¹²⁵. Esta pode ter sido uma das razões para a demora de Mitre em propiciar as condições necessárias à efetiva organização da *Legión*, o que, afinal, teria contribuído para não aumentar ainda mais as divergências entre os três signatários da Tríplice Aliança.

Ocupada Asunción e sendo a prisão ou morte de López e seus últimos seguidores uma questão de tempo, surgia a oportunidade concreta de ação política da

¹²² BOURDIEU. *O poder simbólico*, cit., p. 10.

¹²³ Cf. AGUÍNAGA, Juan Bautista Gill. *La asociación paraguaya en la guerra de la triple alianza*. Buenos Aires: s.ed, 1959, p. 31.

¹²⁴ Cf. ESTEVES. *Historia contemporánea del Paraguay*, cit., p. 1.

¹²⁵ Cf. WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., p. 49.

Legión, já que suas ações militares, como vimos acima, foram extremamente limitadas. Entretanto, novas divergências fizeram com que fossem bastante complexas as negociações para a criação do tão sonhado governo provisório com características legionárias.

O coronel Fernando Iturburú, que havia também entrado em Asunción no comando dos legionários que acompanhavam as forças de ocupação, valendo-se de sua amizade com o ministro argentino Gelly e Obes, tomou como seu quartel-general um dos prédios públicos mais cobiçados da capital, depois transformado em sede do governo paraguaio. Em sua primeira atividade pública em Asunción, Iturburú propôs este último como governador provisório da capital, argumentando que, embora argentino, Gelly e Obes era filho do cidadão paraguaio Juan Andrés Gelly, que havia tido alguma importância na vida pública nos tempos de Carlos Antonio López, fazendo-nos suspeitar de algum acordo entre ele e Gelly e Obes quanto à ocupação de tão cobiçado prédio, principalmente se levarmos em consideração o grande caos provocado pela corrida desenfreada de cerca de 30 mil oficiais e soldados para ocupar as melhores casas asuncenas.

A proposta, no entanto, foi rejeitada. Como resposta, Iturburú imediatamente faz circular entre os soldados legionários um abaixo-assinado propondo, então, sua própria candidatura, que foi igualmente recusada pelos demais líderes da *Legión*. Reapareciam, assim, as divergências entre esse coronel e os demais líderes legionários, que provocariam as primeiras agitações civis do período de ocupação.

Em fevereiro de 1869, enquanto os *legionarios* que retornam a Asunción lutam por seu reconhecimento enquanto legítimos herdeiros do poder político no Paraguai, chega à capital um novo personagem, cuja atuação imprime transformações decisivas na conjuntura política do período: Cândido Bareiro. Ex-ministro do governo de Solano López na Europa, Bareiro passa a aglutinar em seu redor vários outros personagens ligados ao regime lopista. Sua figura foi fundamental para reunificar, pelo menos num primeiro momento, aos líderes *legionarios*, que encontram finalmente seu centro de gravitação no coronel Juan Francisco Decoud. Ao mesmo tempo, porém, Fernando Iturburú, insatisfeito por ter sido preterido, reúne aos legionários que lhe são fiéis e entra em negociações com os bareiristas, ou *lopistas*, alinhando-se com estes.

No dia 31 de março, uma assembléia geral decide formar uma comissão para encaminhar à sede diplomática da Tríplice Aliança, em Buenos Aires, uma petição, assinada por 330 cidadãos paraguaios, solicitando aos Aliados autorização para a criação do governo provisório. A tumultuada eleição dos delegados foi motivo para uma das muitas e intransigentes divergências entre *legionarios* e *lopistas* que caracterizariam os primeiros anos do pós-guerra. Os partidários da influente família Decoud, por exemplo, retiraram-se da assembléia por discordarem da inclusão de elementos bareiristas na composição da comissão, que, no entanto, foi criada e enviada Buenos Aires.

A 2 de junho são firmados dois protocolos de intenção entre os representantes dos Aliados e os delegados paraguaios, concordando com a instituição de um governo provisório composto exclusivamente de cidadãos paraguaios e estabelecendo as condições e os prazos para a constituição de esse governo. O primeiro desses dois documentos, que atestam a inequívoca submissão do governo provisório os Aliados, estabelecia que,

no desejo de avivar o espírito de união entre os paraguaios e assegurar o mais de-

*cidido apoio nacional ao novo Governo, convém que este seja composto de três membros, sob a denominação de junta governativa ou outra parecida. Ainda no caso de que um deles receba o título de presidente e exerça como tal as funções especiais, a autoridade suprema residirá no corpo coletivo, distribuindo-se as diferentes atribuições administrativas da junta de uma maneira racional entre cada um dos membros.*¹²⁶

O segundo protocolo determinava, entre outras coisas, que

5º) A ação dos Governos aliados ficará inteiramente livre e independente do Governo provisório, no que diz respeito ao exercício de sua jurisdição militar e as operações contra o inimigo comum. Estes poderão ocupar os pontos que julgarem necessários e aproveitarão de todos os recursos do país, sobre a propriedade particular de [pessoas] neutras ou amigas, cujo uso dará direito e indenização;

6º) A jurisdição civil e criminal do Governo provisório não se entenderá aos quartéis, acampamentos e indivíduos pertencentes aos exércitos Aliados. Em caso de algum delito entre um militar ou um empregado dos referidos exércitos e pessoa que lhe seja estranha, preferir-se-á a jurisdição militar, salvo se a autoridade militar competente entregar o delinqüente à justiça da autoridade paraguaia;

[...]

*8º) Todos os indivíduos, navios, víveres, forragens e demais material de qualquer espécie, pertencentes aos exércitos Aliados ou a seus provedores terão entrada e saída pelo território da república com isenção de todo o qualquer ônus e sem mais fiscalização que a que for acordada com os generais ou seus representantes diplomáticos dos Governos Aliados.*¹²⁷

Enquanto aconteciam as negociações em Buenos Aires chegava a Asunción outro personagem capital para o desenrolar dos primeiros momentos do pós-guerra. Tratava-se de Cirilo Antonio Rivarola, que viria a compor a junta provisória e em seguida ser o primeiro presidente constitucional do país. Rivarola, de tradição liberal, tinha a simpatia de vários líderes legionários. Seu pai, Juan Bautista Rivarola, teve atuação destacada como deputado no Congresso de 1844¹²⁸, quando condenou, sozinho, a carta política aprovada por todos os demais congressistas, qualificando-a de ditatorial. Durante o governo de Francisco Solano López, Cirilo Rivarola destacou-se por difundir as posições liberais de seu pai sobre o arremedo de Constituição em vigor, o que, obviamente, atrairia a perseguição severa de Solano López, filho e sucessor do presidente em cujo regime fora aprovada. Por essa razão seria preso e torturado em Cerro León, onde servia como sargento de infantaria. Tomada de assalto pela Tríplice Aliança essa localidade, Cirilo Rivarola foi resgatado, tendo sido, segundo consta, muito bem tratado pelo Conde D'Eu, comandante da operação, que o teria enviado a Asunción com recomendações especiais ao representante brasileiro na capital paraguaia, José Maria da Silva Paranhos, Visconde de Rio Branco. Os brasileiros, a maior força de ocupação, decidiram investir em Rivarola porque, embora ele tivesse pouca instrução e talento político, era útil, do ponto de vista do Brasil, por não ser nem ligado à *Legión* nem aos *lopistas*¹²⁹, além de ter demonstrado considerar-se perfeito para o cargo. Por essa razão, passaria a ser visto como peça im-

¹²⁶ Apud ESTEVES. *Historia contemporánea del Paraguay*, cit., p. 5.

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Esse Congresso fora, na verdade convocado para legitimar no poder o presidente Carlos Antonio López e aprovar sua *Carta Política*, uma espécie de esboço constitucional provavelmente redigido pelo próprio presidente.

¹²⁹ Cf. BETHELL. *The Cambridge history of Latin America*, cit., p. 475.

portante para os brasileiros no complicado jogo de xadrez entre os Aliados para manter o controle sobre o processo de reorganização da vida pública paraguaia.

No dia 26 de junho é fundado o *Club del Pueblo*, primeira agremiação política paraguaia do pós-guerra, desdobramento da *Legión Paraguaya*, sob a clara inspiração da família Decoud. Em sua ata de fundação constam os nomes de nada menos que cinco dos Decoud: José Segundo Decoud, secretário da comissão diretiva, além de Ángel, Adolfo, Antonio e Pedro Decoud.

A 22 de julho, no Teatro Nacional de Asunción, uma assembléia de 129 cidadãos paraguaios (mas presidida pelo representante argentino, José Roque Pérez e tendo como secretário o ministro Paranhos) elege uma Junta Nacional, composta de 21 membros, com o objetivo de designar um Comitê Eleitor cuja tarefa era indicar os três cidadãos que comporiam o governo provisório. O Comitê se reúne no dia 5 de agosto e decide indicar para membros do governo provisório Juan Francisco Decoud, José Díaz de Bedoya e Carlos Loizaga. Com a clara intenção de agradar à representação brasileira, o Comitê decide incluir também na lista - mas como alternativa a Juan Francisco Decoud - Cirilo Antonio Rivarola.

Na verdade, apesar da intensa participação e evidente influência dos Decoud nesse processo, Juan Francisco Decoud não era visto com bons olhos pelos Aliados, principalmente por Paranhos. Essa rejeição devia-se ao fato de que um de seus filhos, Juan José, havia escrito um artigo para um jornal da cidade argentina de Corrientes condenando com veemência a atuação das tropas brasileiras durante a tomada e ocupação de Asunción. Rivarola, ao contrário, era visto como o homem do Brasil no triunvirato. A ele foi entregue o cargo de presidente, que, embora limitado, lhe conferia um poder simbólico bem maior que o dos outros dois membros da Junta, além de aportar a ela o componente de submissão desejado pelos Aliados.

No manifesto explicativo de seus antecedentes e sua missão, o Governo Provisório afirmava, a 10 de setembro, destacando sua relação com a Triplíce Aliança:

*O povo paraguaio, escapando de seu horrível martírio ao favor dos recentes e novos triunfos dos Exércitos Aliados; destroçado e em dispersão; nu e faminto; presa das epidemias e aniquilado pelos padecimentos, chega e é recebido às portas de seus próprios lares, abandonados por ordem do tirano, por sua população estrangeira que honra a civilização com a humanidade de seus atos e a filantropia de seus sentimentos.*¹³⁰

Como já vimos - e como denunciaram vários observadores, inclusive entre os próprios *legionarios*, como é o caso de Juan José Decoud -, Não era bem esse o caso... Em outro parágrafo, o manifesto iria exaltar novamente os Aliados, apontando para as novas diretrizes político-econômicas que propõe para o Paraguai. Numa verdadeira

era nova que se apresenta sob a égide dos direitos do homem e cortejada por todos os princípios liberais que são o patrimônio das nações mais cultas, [nasce] o Triunvirato que se inaugura sob os generosos auspícios dos Governos Aliados, cujos exércitos entraram no Paraguai presidindo outro composto de um imenso comércio, indústria e imigração, não menos poderoso para sua civilização que aquele, para derrotar o

¹³⁰ Apud ESTEVES. *Historia contemporánea del Paraguay*, cit., p. 8.

*poder do mais feroz dos tiranos [...].*¹³¹

Para isso, no entanto, era preciso, segundo o manifesto, que o povo fosse “regenerado”, “para que outra vez não caia na escravidão”¹³². Ainda segundo o manifesto, o Paraguai era o país ideal para uma nova civilização, desde que contasse com a ajuda dos povos “civilizados” para sua “regeneração”:

*Oferecendo-se ao mundo todos os elementos naturais de uma terra rica e de variadas produções, pede [a Junta] à civilização os de sua ciência, artes, indústria e comércio, para aplicá-los na regeneração e prosperidade de um povo de cujas aptidões para a paz e a ordem se abusou para conduzi-lo até o martírio da tirania.*¹³³

O pensamento “*legionario*”, transformado em expressão da verdade do “novo” Paraguai, se impôs através do jornal *La Regeneración*¹³⁴, que nasce a 1º de outubro de 1869.

Mas o grupo, mesmo sem o apoio argentino ou brasileiro, conduziria a luta política e o poder até o final do século era o dos *lopistas*, que consistia de todos aqueles que ainda reverenciavam o ditador derrotado. Comandados, no primeiro momento por Cândido Bareiro, agente comercial de López na Europa, e por Bernardino Caballero, considerado, na época, o maior herói vivo do Paraguai, por ter lutado ao lado do Marechal até o fim, tendo somente caído nas mãos do inimigo na batalha final, em Cerro Corá, os *lopistas* lideraram um processo de luta política violenta que parecia impossível acontecer em um país arrasado econômica e socialmente pela guerra.

Assim, o Paraguai do pós-guerra viveu, como vemos, um curioso processo de acomodação entre o ideário liberal, cujos representantes provinham da *Legión*, e caudilhismo, representado pela supremacia, até 1904, dos *lopistas*. Resulta extremamente difícil para o historiador desse período traçar um quadro preciso da época, no que diz respeito às justificativas ideológicas para o comportamento autoritário dos *liberales* e para o baixo nível de questionamento do credo liberal por parte dos nacionalistas. Essa estranha composição só se justificava, a meu ver, porque tanto *legionarios* quanto *lopistas* mostravam muito pouca familiaridade com o povo e as reais condições do caótico Paraguai do pós-guerra.

Por outro lado, os interesses pessoais, pelo que mostram as evidências, sempre estiveram acima das rivalidades políticas entre *legionarios* e *lopistas*. Segundo Efraim Cardozo, se podemos dizer que nos primeiros momentos da vigência da Constituição de 1870 houve tentativas de conduzir a vida política através de organizações partidárias com bases doutrinárias, repudiando-se o personalismo, logo

¹³¹ Idem, p. 9.

¹³² Ibidem.

¹³³ Ibidem.

¹³⁴ Lembrando Bourdieu: “As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade em seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Esse efeito ideológico, produ-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante.” (BOURDIEU. *O poder simbólico*, cit., pp. 10-11.)

essas associações baseadas em princípios iriam desaparecer para dar lugar a nucleações transitórias, organizadas em torno de fortes personalidades civis e militares que dariam escassa ou nenhuma importância a teorias políticas, preferindo as “realidades sociais”.

Surgiu assim o caudilho que não confiava tanto nas idéias para alcançar e conservar posições políticas e o poder, como em sua capacidade de arrastar o povo atrás de si, em sua intuição, nos recursos oficiais em seu círculo de seus amigos e em seu prestígio dentro dos quartéis. Em geral, eram grandes senhores e não correspondiam ao tipo hirsuto de caudilho do Rio da Prata. Quase todos os presidentes designados nas primeiras décadas posteriores à nova Constituição reuniram essas características: Cirilo Antonio Rivarola, Cândido Bareiro e Juan Bautista Gill foram os primeiros. Logo se seguiram os três generais: Bernardino Caballero, Patricio Escobar e Juan Bautista Eguzquiza, os dois primeiros combatentes da guerra sob as ordens do marechal López e o terceiro, membro da Legión. O mais esclarecido principista das primeiras horas, José Segundo Decoud, acreditava que seria patriótico emprestar suas luzes a estes governantes, convertendo-se em principal estadista e em mentor intelectual dos caudilhos durante muitos anos, sem ter as características dos mesmos, Benigno Ferreira e Juan Silvano Godoi preferiram o exílio.¹³⁵

Acompanhemos, por exemplo, a figura de Juan Bautista Gill, ministro do Tesouro de Rivarola, que bem representa esse período, de importância capital na vida política dos anos da ocupação aliada. Um político brilhante mas implacável, ele logo convenceu os brasileiros de que era mais capaz de governar o país segundo os interesses do Império do que o rude e inepto Rivarola. Assim, com o apoio brasileiro, Gill depôs Rivarola e levou ao poder seu vice, Salvador Jovellanos. No entanto, antes que Gill pudesse depor Jovellanos e ele próprio ocupar a Presidência, foi inesperadamente preso e exilado pelo general Benigno Ferreira, comandante da milícia paraguaia. Ferreira era agora a figura dominante, embora Jovellanos continuasse a ocupar a Presidência, e isso representou a ascensão da influência argentina.

Essa influência, no entanto, teria vida curta. Em 1874 uma revolta nacionalista liderada pelo general Bernardino Caballero mandaria Ferreira para o exílio. Novamente intervinham os brasileiros. Ao invés de os *lopistas* tomarem o poder, Gill foi trazido de volta ao Paraguai em um navio de guerra e reconduzido ao palácio presidencial.

Por volta de 1876 os argentinos e brasileiros haviam decidido que os custos da ocupação do Paraguai estavam ficando demasiado altos. Como preço pela assinatura de um tratado de paz, os argentinos vinham pedindo maiores concessões territoriais ao Paraguai que, caso aceitasse, teria dado a Argentina parte maior do Chaco. Agora, no entanto, os argentinos concordavam com uma arbitragem internacional, e quando essa arbitragem favoreceu o Paraguai, eles a aceitaram e se retiraram. Os brasileiros, já tendo negociado um tratado pelo qual o Paraguai se rendia às suas reivindicações com relação a certos territórios do norte e do leste, não viram nenhuma razão maior para ficar. Suas tropas também foram retiradas do Paraguai.

O regime de Gill foi incapaz de sobreviver por muito tempo sem os brasileiros para protegê-lo. Gill foi assassinado em 12 de abril de 1877, quando andava de

¹³⁵ CARDOZO. *Apuntes de historia cultural del Paraguay*, cit., p. 296.

sua casa para o palácio. Seus assassinos eram um grupo de homens que não pertenciam a nenhum grupo político organizado mas que podiam bem ser rotulados, segundo Leslie Bethell¹³⁶, de *lopistas* independentes. Embora se opusessem a Gill, vendo-o como um boneco dos brasileiros, eles também haviam feito oposição a Bareiro e a Caballero. Seus planos agora eram coordenar o assassinato de Gill com uma revolta liderada pelo ex-presidente Rivarola. Infelizmente para eles, a morte de Gill não trouxe a desordem com a qual contavam. Ao invés disso, o vice-presidente Higino Uriarte assumiu como presidente interino com o apoio do general Caballero e de um amigo, o general Patricio Escobar, seu ministro da Guerra. Escobar armou-se e em 17 de abril derrotou os rebeldes. Vários de seus líderes foram presos e trazidos de volta a Asunción.

O passo seguinte para Uriarte foi programar eleições para 1878. Os *lopistas*, que tinham o controle do governo, tiveram sua melhor chance de eleger seu líder, Bareiro. Os legionários não só estavam em desvantagem como seus militantes estavam divididos por uma rixa pessoal entre Facundo Machaín e José Segundo Decoud. De fato, como resultado dessa luta, Decoud abandonou seu antigo grupo e passou a apoiar Bareiro. Entretanto, Machaín era visto como um inimigo perigoso pelos *lopistas*. Ele tinha sido o principal negociador do vantajoso tratado de paz com Argentina e a partir disso havia adquirido grande popularidade. Agora ele agitava a opinião pública ao tomar a defesa dos assassinos de Gill e tornar público o cruel tratamento que eles estavam recebendo na prisão. Afinal, a figura de Gill era desprezível e não se necessitava muito para que seus assassinos fossem apresentados como patriotas. Com esse tipo de fórum público Machaín seria um formidável oponente.

Não havia chance de se impedir Bareiro, Caballero e Escobar de chegarem ao poder. Conseqüentemente, eles acusaram Machaín de estar em contato com Rivarola, que ainda estava ao largo, e de tramar para derrubar o governo. Embora absolutamente falsas, essas acusações forjadas deram ao governo um pretexto para prender Machaín. Assim, em 15 de outubro, ele se juntou a seus clientes na prisão. No entanto, isso não foi suficiente, pois mesmo da cela Machaín continuou a ser o objeto da crescente simpatia pública. Em conseqüência, a polícia de Uriarte encenou uma rebelião no cárcere na noite de 28 para 29 de outubro, que forneceu a eles a desculpa para invadir o prédio e massacrar os prisioneiros indefesos, incluindo Machaín.

Agora ninguém mais ousaria se opor aos *lopistas*, apesar da convulsão pública que se seguiu a esse odioso ato. Bareiro foi devidamente eleito presidente. Havia, no entanto, um homem mais a eliminar antes que ele pudesse se consolidar no poder. O ex-presidente Rivarola ainda tentava liderar uma revolta nas montanhas do leste. Um dos primeiros atos de Bareiro, assim, foi oferecer a ele a anistia. Rivarola foi apanhado por essa manobra e voltou a Asunción em dezembro de 1878. Uma semana depois ele seria assassinado a punhaladas, à noite, em uma rua do centro da cidade, diante de espectadores aterrorizados, que não tiveram coragem de ir em seu socorro. Os *lopistas* eram agora absolutos, mas Bareiro não iria saborear os frutos de seu poder por muito tempo. Ele seria acometido de um mal súbito, morrendo

¹³⁶ Cf. BETHELL. *The Cambridge history of Latin America*, cit., p. 480.

em poucas horas, em setembro de 1880. Imediatamente, o exército tomou o poder, afastou o vice-presidente civil e levou ao poder o general Caballero.

4.2.2. O PERÍODO COLORADO

O golpe do general Caballero trouxe ao Paraguai, pela primeira vez desde o fim da guerra, uma era de estabilidade política. Caballero tinha o firme apoio do exército, o que lhe permitiu controlar o governo, tanto diretamente, como presidente, como indiretamente, a partir da caserna. Depois de completar o período de Bareiro, ele foi reeleito para mais quatro anos, que exerceu até 1886, quando, obedecendo a Constituição, deixou o cargo - mas depois de garantir que o general Patricio Escobar, seu amigo pessoal, o sucedesse.

Sob o governo de Caballero foi posto em prática um amplo programa de venda de todas as terras pertencentes ao Estado. Durante a administração Jovellanos, entre 1871 e 1872, o Paraguai havia contraído pesadas dívidas, a maior parte delas com a casa bancária britânica Baring Brothers, de cerca de 2 milhões de libras. A maior parte desse dinheiro, segundo Bethell, foi abertamente roubada pelo próprio Jovellanos e seus seguidores, e o restante esbanjado ou mal empregado¹³⁷. Por volta de 1880, os juros não pagos sobre a dívida total dos empréstimos feitos por Paraguai chegaram a mais de 3 milhões de libras. Com o Tesouro vazio, Caballero decidiu adotar a venda das terras do Estado como medida de emergência para restaurar o crédito do governo.

Tratava-se de um patrimônio considerável, já que sob o antigo regime quase todas as terras do Paraguai e a maior parte de sua indústria eram propriedades do Estado. Segundo Carlos Pastore¹³⁸, das 16.590 léguas quadradas em que era então estimada a superfície do território nacional paraguaio, apenas 261 léguas quadradas eram de domínio privado de seus habitantes. A superfície das terras de propriedade do Estado, segundo esse autor, era estimada em 16.239 léguas quadradas, das quais 840 léguas eram constituídas de *yerbales*, 7.200 léguas de pastagens e 8.550 léguas de bosques. O valor das terras era estimado, em 1871, em quatro mil pesos para os campos cultiváveis, seis mil pesos a légua para os bosques e vinte mil pesos para os *yerbales*. Os *yerbales* do Estado produziam, a cada três anos, 40 mil arrobas de erva-mate por légua quadrada e seu preço de venda era, em 1871, de um peso por arroba¹³⁹. Além disso, o Estado era proprietário de 72 km de estradas de ferro, 148 edifícios na capital e 352 nas cidades e povoados do interior. O valor das terras, das estradas de ferro e edifícios do Estado foi estimado pelos especialistas da época em cem milhões de pesos¹⁴⁰.

As leis de venda de terras de 1883 e 1885 levaram a uma alienação total dos domínios públicos. Áreas de primeira qualidade foram vendidas por 1.200 pesos a légua quadrada, enquanto terras marginais eram vendidas por quantias absolutamente insignificantes, chegando, em alguns casos, ao valor de 100 pesos. No entan-

¹³⁷ Ibidem, p. 484.

¹³⁸ Cf. PASTORE. *La lucha por la tierra en el Paraguay*, cit., p. 178.

¹³⁹ MORGENSTER, Francisco Wisner de. *El Paraguay en 1871. Informe al Poder Ejecutivo del 15 de mayo de 1871*. *Revista del Instituto Paraguayo*, 4(39):763, 1903.

¹⁴⁰ Cf. PASTORE. *La lucha por la tierra en el Paraguay*, cit., loc. cit.

to, os pequenos compradores eram desencorajados pela exigência legal de terem que comprar pelo menos meia légua quadrada. Mesmo com esses preços de pechincha os camponeses paraguaios, transformados em peões, forçados a dar seu trabalho e produzir para grandes senhores de terra, arruinados pela guerra e pelo caos político, não podiam adquirir do Estado as fazendas em que um dia trabalharam.

Os paraguaios que possuíam de menos de 20 quadras que constituíam a imensa maioria dos camponeses, não estavam, com efeito, preparados para pagar o preço por suas chácaras em moeda de ouro e prata selada no peremptório prazo de doze meses, e os ocupantes paraguaios de campos, bosques e yerbaes de mais de 20 quadras, não tinham, certamente, em sua grande maioria, créditos da dívida interna nem moeda suficiente de ouro e prata selada para melhorar nos leilões públicos as apostas dos agentes dos capitalistas estrangeiros. Ficou assim predeterminado o destino da população das terras que foram vendidas em cumprimento desta lei. Integrariam a legião de paraguaios sem terras de um país de latifundiários estrangeiros, que, com a sanção de leis posteriores, cobririam todo o território da república.¹⁴¹

Enquanto isso, Caballero e seu grupo enriqueciam, já que podiam obter empréstimos do banco estatal para financiar a compra das melhores propriedades. Adquirindo tais títulos, eles podiam escolher entre tocar suas próprias grandes propriedades ou vender a terra com grandes lucros a especuladores estrangeiros.

A transferência da maioria das terras do Paraguai das mãos do Estado a proprietários particulares não resultou em progresso econômico, como poderia supor a teoria liberal clássica. Resultou, como se vê, no aparecimento dos latifúndios: grandes fazendas, freqüentemente propriedade de senhores de terra ausentes. Vários deles lembravam, segundo Leslie Bethell¹⁴², feudos da Idade Média, pois seus poderosos proprietários, fossem ricos estrangeiros ou políticos influentes, quase nunca sofriam interferência em seus negócios por parte do Estado. Eles não pagavam impostos e administravam sua própria forma de justiça para com os desventurados peões, que, mergulhados em dívidas e amarrados à terra, se assemelhavam a ser-vos medievais muito mais do que a cidadãos de uma república.

Com o passar do tempo, novas vendas de terra eram realizadas, promovendo a expansão dos latifúndios. No final do século uns 79 proprietários detinham quase a metade das terras do Paraguai; e por volta de 1930 meros 19 proprietários, a maioria deles empresas estrangeiras, detinham mais de metade do território nacional. Investidores argentinos como as famílias Casado, Sastre e Pinasco adquiriram extensas fazendas no Chaco e ao longo da margem norte do Rio Paraguai. Seus lucros se estendiam à criação de gado e à madeira. Outras grandes extensões de terra passaram para mãos inglesas, francesas e norte-americanas. La Industrial, uma firma britânica, controlava a maior parte do negócio de erva-mate, em grandes *plantations* do sul. Uma empresa norte-americana, a International Products, que detinha vastos ranchos e uma planta de empacotamento de carne, era a maior exportadora de peles e de carne salgada. Os interesses americanos também controlavam a produção do extrato de quebracho, um tanino produzido da árvore chamada “quebrachado”.

¹⁴¹ Idem, p. 181.

¹⁴² Cf. BETHELL. *The Cambridge history of Latin America*, cit., p. 487.

Muitos paraguaios instruídos eram contra a política de Caballero, é claro, e contra a fraude eleitoral e a corrupção oficial que as acompanhava. Em 1887 um movimento de oposição criava o que denominou de *Centro Democrático*. O Centro era formado por velhos Legionários que ainda se opunham a Caballero por suas origens *lopistas*, *ex-lopistas* que haviam rompido com ele e uma nova geração de jovens reformadores idealistas que almejavam por um governo honesto, pela livre empresa e pelo controle civil sobre os militares. Em resposta ao desafio do *Centro*, Caballero começou a organizar seus próprios apoiadores de maneira mais eficiente. Um mês depois da criação do *Centro* ele anunciava a criação de um partido oficial, a *Asociación Republicana Nacional*.

O partido de Caballero, como o *Centro Democrático*, era baseado em uma confusa mistura de interesses: velhos *lopistas* agora misturados a ex-legionários como José Segundo Decoud, que havia se juntado ao regime, ou por oportunismo ou como resultado das querelas com seus aliados de outros tempos. Como a *Asociación Republicana Nacional* havia adotado o vermelho como sua cor, seus membros passaram a ser chamados de *Colorados*. Entrementes, o *Centro Democrático*, que mudou seu nome para *Partido Liberal* em 1894, transformava o azul na cor da oposição. Havia pouco mais para distinguir os dois grupos. Embora os *colorados* envergassem a camisa cor de sangue e dissessem ser os herdeiros políticos de López, as políticas de governo seguiram os mesmos princípios do *laissez-faire* que os liberais professavam. Mesmo assim, as batalhas entre os dois partidos eram frequentemente ásperas e sangrentas, pois a escolha de um dos lados envolvia lealdades pessoais e de família. Assim, os paraguaios literalmente usavam sua política em suas camisas, ostentando as cores de seus companheiros em seus ponchos e blusas. E tais compromissos não eram limitados às elites ilustradas. Em um país onde o patronato e a proteção eram necessários à sobrevivência dos humildes, o envolvimento político chegava até os menores camponeses - que às vezes eram mobilizados como eleitores e às vezes como bucha de canhão nas lutas políticas do país.

Em 1890 havia sinais claros de que o general Caballero perdia poder político. Embora tivesse engendrado a eleição de Juan Gualberto González à Presidência, ele foi incapaz de prevenir a tendência em direção a uma reaproximação com os liberais. O próprio presidente González era um exemplo do novo sentimento entre os *colorados*. Mesmo tendo sido um dos fundadores da *Asociación Nacional Republicana*, ele tinha sido, originalmente, um *legionario*, e de fato vários outros *colorados* o tinham sido. Conseqüentemente, ele tinha muitos amigos entre os liberais, que o tornavam simpático à idéia de buscar algum compromisso que lhes permitisse participar do governo. A partir desse projeto, foi oferecida aos liberais a Vice-Presidência. Alguns deles se inclinaram a aceitar a oferta, mas no final os liberais mais intransigentes prevaleceram e o país permaneceu polarizado.

Enquanto isso, as Forças Armadas tendiam a olhar González com desconfiança. Afinal, ele era um civil. Essa situação colocava um problema, pois todos os governos do Paraguai necessitavam do apoio das Forças Armadas para sobreviver. Embora elas não fossem muito grandes - apenas cerca de 2.500 homens, em uma população de quase 600 mil -, as armas e a organização das Forças Armadas faziam-na um fator decisivo em política. Sua importância para o governo pode ser vista no fato de que sua manutenção constituía o maior item do orçamento anual: cerca de um quinto de todos os gastos. No entanto, o presidente tinha a bênção de Caballero e assim nenhuma rebelião contra ele parecia ser factível. Isso foi verdade até que a revolta liberal de outubro de 1891 mudou a situação. O ataque dos liberais

foi inesperado e quase derrubou González. Somente a rápida e decisiva ação do ministro da Guerra, general Juan Bautista Eguzquiza, salvou ao regime. Depois de uma batalha sangrenta o levante liberal foi esmagado. Eguzquiza saiu dele como o novo herói militar colorado.

Assim como González, Eguzquiza era um antigo *legionario* que tinha se passado para o lado de Caballero. Ele compartilhava dos pontos de vista do presidente. Considerando suas credenciais políticas e sua alta posição militar ele foi, e considerava-se como tal, a escolha óbvia dos *colorados* para concorrer à Presidência em 1894. O presidente González, no entanto, acreditava no poder civil e indicou José Segundo Decoud para seu sucessor. Para afastar Eguzquiza, que já estava em campanha como se fosse o candidato, González anunciou publicamente que Decoud era seu candidato para a indicação do partido. Eguzquiza foi pego de surpresa, pois havia se exonerado do cargo de ministro da Guerra pouco tempo antes, de acordo com a Constituição, que proibia a candidatura de ocupantes de cargos oficiais. No entanto, ele tinha muitos adeptos nas Forças Armadas, que agora atendiam a sua convocação a uma revolta. Assim, em junho de 1893 González era deposto. Seu vice-presidente, Marcos Morínigo realizou um governo vigia até que Eguzquiza fosse eleito.

Uma vez no poder, Eguzquiza tentou formar um governo de composição com elementos moderados dos dois partidos. Os *colorados* de Caballero denunciaram-no como traidor, é claro, e a intransigente Ala Radical do Partido Liberal, liderada por jovens intelectuais como Cecilio Báez e Manuel Gondra, se recusou a aceitar qualquer cargo em um governo que não fosse puramente liberal. Por outro lado, os liberais “Cívicos”, liderados pelo general Benigno Ferreira, concordaram em colaborar.

Com o apoio dos “Cívicos”, junto com o de seus seguidores dentre os *colorados*, Eguzquiza foi capaz de dar ao Paraguai quatro anos de governo política e economicamente estável (1894-1898), embora, evidentemente, sem distribuição de renda. Ao final de seu mandato havia sinais de que Paraguai se havia recuperado pelo menos da guerra e de suas turbulentas conseqüências. Um censo realizado em 1899 mostrou que a população estava em torno de significativas 635 mil pessoas, se comparadas às apenas 231 mil de 1872. Isso se deveu em parte ao crescimento natural e em parte ao constante fluxo de imigrantes, mas também ao retorno de expatriados que tinham fugido do país durante seus piores dias. Imigrantes e expatriados eram encorajados a reviverem o comércio e a produção. Quando os *colorados* chegaram ao poder pela primeira vez, em 1880, o comércio do Paraguai tinha caído a apenas a metade do que era antes da guerra. A partir desse ano, porém, tanto as exportações quanto as importações iriam crescer, em termos reais, em cerca de 250%. Um dos recursos mais importantes do país, seus rebanhos bovinos, por exemplo, fora reconstituído integralmente. De apenas 15 mil cabeças em 1870, os estoques de gado eram agora estimados em cerca de 2,6 milhões. Mais ainda, a qualidade dos rebanhos tinha melhorado graças ao incentivo do governo à importação de matrizes de qualidade superior. Finalmente, podemos dizer que foram dados alguns passos importantes na educação, com a construção de novas escolas primárias e secundárias e a criação do Colégio Nacional, mas não é difícil calcularmos os limites, como vimos, dessa política educacional.

Como seus predecessores, no entanto, Eguzquiza finalmente enfrentou uma crise de sucessão, pois a Constituição lhe proibia de exercer dos períodos consecutivos. Ao invés de apoiar outro oficial das Forças Armadas, que podia se transformar num rival, escolheu um moderado civil colorado, Emilio Aceval, para receber a apro-

vação do partido. Ele também incentivou os liberais a apresentarem um candidato próprio, o que daria ao Paraguai a sua primeira eleição presidencial disputada. Infelizmente, os liberais estavam tão divididos que ambas as facções preferiram não entrar na corrida do que encarar alguma derrota. Em consequência, Aceval assumiu a Presidência sem um mandato claramente popular. Ademais, como civil, ele estava muito menos no controle das Forças Armadas que Eguzquiza tinha estado. O general Caballero tinha agora sua oportunidade de reassumir sua liderança. Ele ainda tinha amigos entre os oficiais e encontrou pouca dificuldade em reacender o tradicional desprezo dos militares pelos políticos civis. Em janeiro de 1902 os *caballeristas* estavam outra vez no poder, após um golpe do coronel Juan Antonio Ezcurra, ministro da Guerra. Com isso, no entanto, *egusquistas*, “cívicos” e radicais uniram suas forças, contando, ainda, com a ajuda de Argentina, que considerava Caballero como extremamente pró-brasileiros. Em 1904, com o general Ferreira à frente, os revolucionários promoveram uma invasão ao Paraguai. A luta durou quatro meses antes que as forças do governo finalmente cedessem, desencorajadas pelas deserções em postos chaves do comando militar e pelas inexoráveis pressões diplomáticas da Argentina. Em dezembro de 1904 Ezcurra assinou uma trégua e entregou o poder aos liberais.

* * *

Este relato razoavelmente detalhado da sucessão de acontecimentos políticos que conduziram a história do Paraguai desde o final da guerra da Tríplice Aliança até o golpe de Estado liberal pode nos dar uma idéia relativamente clara de como denominar aos líderes políticos paraguaios de liberais (ou *legionarios*) ou conservadores (ou *lopistas* e, a partir de 1887, *colorados*) é uma falsa questão. Fica claro que o que está em jogo é muito mais a busca da satisfação de interesses pessoais do que, salvo exceções, da garantia de alguma visão de mundo sobre outras, mais ou menos antagônicas. Seja como for, um bom exemplo da adequação do discurso dos líderes surgidos no Paraguai do pós-guerra a interesses pessoais é o manifesto lançado por Caballero em março de 1873, que visava formar opinião a favor de uma de suas muitas tentativas de golpe. Em seu prólogo, o documento dizia:

Sessenta anos de fechamento, de escuridão e tirania devem ser mas que suficientes para que as tristes lições desses tempos não voltem jamais a se repetir nos hoje despovoados bosques de nossa querida pátria. Acabamos de purgar em uma guerra tremenda contra um poder colossal as culpas que pesavam sobre nós e sobre nossos pais. Nosso isolamento, nosso fechamento, a falta de espírito público entre nós, entregaram os destinos do país a três tiranos, dos quais dois não têm paralelo na história dos séculos. Aproveitando [sic] a sangrenta lição que eles nos legaram para evitar novos desastres no porvir. A hecatombe do povo paraguaio levado ao sacrifício pela férrea vontade de um mandão que ele mesmo deu a si e consentiu é uma herança bastante cruel para que o povo esqueça que é preferível levantar-se e lutar para assegurar a liberdade do que dobrar-se covardemente à vontade dos tiranos. Vencidos pela Aliança [sic] em luta leal à que fomos conduzidos pelas ambições de um homem que lançou ao fogo nosso formoso pavilhão, havia chegado para nosso povo o mo-

mento de colher o fruto de tanto sangue.¹⁴³

É importante ter em conta que trata-se do mesmo “Centauro de Ybycui”, do general que, segundo um de seus biógrafos, teria dito: “De hoje em diante, o Marechal [Solano López] será para nós e para as gerações vindouras o herói legendário que levará nossa Pátria ao encontro de seu destino”¹⁴⁴. Só para deixar clara sua “transformação” - o que não chegava a distingui-lo da maioria dos homens no poder durante o pós-guerra - comparemos o manifesto acima com o relato que o então coronel Juan Crisóstomo Centurión faz de um dos muitos episódios de que Caballero fora protagonista durante a guerra:

*O General Caballero recebeu ordem para que rodeasse o quartel das Escoltas com uma divisão de infantaria e aprisionasse todos os comprometidos [com a chamada “conspiração de San Fernando”], entregando-lhe, para isto, uma lista deles. Uma vez rodeado o quartel, Caballero ordenou que todos saíssem sem armas e que se pusessem em formação. Assim o fizeram e todos os comprometidos ou que constavam da lista, que eram uns sessenta e tantos, a maior parte de **acã vera**¹⁴⁵, foram escoltados ao campo de execução.*

Esta aconteceu em uma baixada a noroeste a curta distância do povoado, comandada pelo Marechal em pessoa a cavalo. Todos foram fuzilados pelas costas, menos Mongelós e Riveros.¹⁴⁶

Ao fim e ao cabo, a história da disputa entre essas duas correntes políticas projeta-se para a própria história política do Paraguai do século XX. Suas idéias básicas freqüentemente se tangenciam e embora a diferença principal entre ambos residisse, formalmente, no constante recurso às soluções autoritárias dos *Colorados* e sua condenação pelos *Liberales*, seria ingênuo afirmar que tal condenação resultasse em soluções muito distintas das de seus adversários... Na verdade, dar-se-ia no Paraguai do pós-guerra uma conveniente conversão dos *lopistas* ao ideário liberal - pelo menos no que toca à condução da economia e à propaganda que a justificasse - e dos *liberales* aos métodos autoritários que condenavam em López e seus antecessores, de quem os *Colorados* deveriam ter sido os sucessores. Por suas evidentes e indissociáveis relações com os trinta anos que se seguiram à guerra contra a Tríplice Aliança, ela marca também, como vimos no início deste trabalho, boa parte da intelectualidade paraguaia.

¹⁴³ *El General Bernardino Caballero á sus compatriotas y amigos*. BR:BN/CRB, doc. 5027, film 429, ref. I-30, 25,20, n.º 2.

¹⁴⁴ PITAUD, Henri. *El general Caballero: relato nivelado de cuarenta y dos años de Historia del Paraguay*. Asunción: Editorial France-Paraguai, 1987, p. 37.

¹⁴⁵ Denominação, em guarani, relativa aos capacetes dos soldados: *acã* = cabeça; *vera* = brilhante.

¹⁴⁶ CENTURIÓN. *Memorias del Coronel...*, cit., T. 4, p. 105.

5. A MULHER NA FORMAÇÃO DA CULTURA PARAGUAIA

5.1. O “PARAÍSO DE MAOMÉ”: A MULHER NA COLÔNIA

Embora haja muito exagero quanto aos números, acredito ser possível afirmar, como vimos, que ao findar a guerra contra a Tríplice Aliança, uma grande maioria dos sobreviventes da escassa população paraguaia era constituída de mulheres. Essa situação preocupava os “regeneradores” não apenas porque ameaçava a hegemonia masculina na direção dos destinos do país que praticamente renascia das cinzas como também porque distanciava o Paraguai dos países “viris e ricos”, como afirmou Juan José Decoud nas páginas de *La Regeneración*. Decoud acreditava ser essa uma razão forte para pedir ao Governo Provisório a aprovação com urgência da simplificação do processo matrimonial e o casamento civil, argumentando que

As circunstâncias assim o exigem.

A moral pública e a população do País o reclamam com urgência.

Todos sabemos que a maioria dos Paraguaioi morreu, tendo sobrevivido quase todas as mulheres.

É nosso dever restabelecer de novo o equilíbrio, que nos países viris e ricos chega a uma proporção de 3 homens para duas mulheres.

O estado atual é completamente anormal.

A população do campo se reduz a 50 mulheres para cada homem, e a da Capital, cuja população é quase transitória, não deve estar abaixo de três mulheres para cada homem.

[...] estes cálculos [...] vêm robustecer a instituição do matrimônio civil, como uma das primeiras condições para aumentar a população e garantir a moralidade pública.

Como o matrimônio civil aumenta a população?

Tornando fácil o enlace dos sexos, não intervindo mais que a autoridade civil, aumentando os casamentos e diminuindo os divórcios tão numerosos nos países católicos onde a autoridade eclesiástica exerce todos os poderes, desde a escola ou o confessorário, até o congresso e os matrimônios.

Hoje conhecemos aos milhares os que querem casar-se e não têm como fazê-lo, porque os gastos com a igreja são exorbitantes [...].

Isto impede que haja casamentos, e onde estes diminuem ou não existem, o concubinato, a corrupção e a despovoamento são conseqüências necessárias e fatais.

[...]

Como garante a moralidade pública?

Vimos que os povos mas corrompidos e imorais são aqueles onde está estabelecida a religião católica como religião obrigatória e em mãos desta o matrimônio.

O Paraguai é o primeiro exemplo desta afirmação [...].

A moralidade pública está em relação direta com a educação e as instituições civis, e o casamento é a mais [ilegível] dessas instituições.¹

¹ Cf. *La Regeneración*,(18):1, 19/11/1869. Vale lembrar que vários trabalhos demonstram não haver nenhuma relação pal-

À parte as fortes preocupações de Juan José Decoud com a institucionalização de um Estado laico, a verdade é que responsabilizar a Igreja e o casamento religioso por todos os problemas relativos à moral pública no Paraguai e, por outro lado, atribuir ao casamento civil o benefício de moralizar as relações entre os sexos e, como conseqüência, proporcionar a repovoamento do país eram julgamentos absolutamente equivocados. Na verdade, “as relações de gênero no Paraguai diferiam, desde o princípio, das normas européias e dos centros da colonização hispânica na América”².

Durante os primeiros anos da conquista, o Paraguai era conhecido na Europa como “o paraíso de Maomé”. A expressão, ao que tudo indica, foi empregada pela primeira vez pelo padre González Paniagua, que em 1545 informava ao cardeal Juan de Tavira que no Paraguai haviam sido superados os costumes do Islã, favorecendo, quanto aos princípios morais, “a Maomé e seu Corão”, já que

[...] *me parece que usam de mais liberdades pois o outro [o Corão] não se estende [a] mais de sete mulheres, e aqui têm alguns até setenta. Digo a Vossa Senhoria Ilustríssima que acontece, assim, que o cristão [espanhol] que está contente com quatro índias é porque não pode haver oito e o que [está contente] com oito é porque não pode haver dezesseis. E assim, aqui [os espanhóis têm] acima de duas e três, senão é alguém muito pobre. Não há quem tenha menos de cinco e de seis; a maior parte [tem] de quinze e de vinte, de trinta e quarenta [...]*³

Após Paniagua as comparações entre as relações de gênero no Paraguai colonial e os costumes islâmicos são referência constante. Em 1621, o padre Marciel de Lorenzana se escandalizava com o fato de a mestiçagem no Paraguai se apresentar indefectivelmente em um contexto de poligamia generalizada:

*Logo os índios e espanhóis chamaram-se de cunhados; e como cada espanhol tinha muitas mancebas, toda a parentela acudia a servir seu cunhado [...]. Vendo-se os espanhóis fartos de comidas da terra e com tantas mancebas, não aspiraram mais do que isso [...]; e como estavam no paraíso de Maomé, se governavam a seu modo.*⁴

Havia uma espécie de autocritica e autocomiseração⁵, que talvez servisse para aplacar parte da ira dos mais recatados, particularmente clérigos, mas que muito provavelmente ocultava bastante cinismo entre a maioria dos quais mencionavam tais relações poligâmicas. J. Ochoa de Eizaguirre, por exemplo, se lamentava de haver

tanta sem-vergonhice e pouco temor a Deus [...] entre nós e estarmos como estamos

pável entre concubinato e despovoamento, como quer fazer crer Decoud. Vários trabalhos utilizados, por exemplo, por Barbara Potthast-Jutkeit (“*Paraíso de Mahoma*”..., cit.) e suas próprias conclusões, sobre o Paraguai (especialmente o capítulo 5: *La esfera privada: la relación entre los sexos en la sociedad y la familia*, pp. 167-202), e por Maria Adenir Peraro (*Farda, saias e batina*, cit., principalmente a parte II, pp. 92-161) mostram, pelo contrário, o alto índice de filhos ilegítimos, decorrentes de uniões, quer estáveis, quer fortuitas, não legitimadas pelo matrimônio religioso e/ou civil.

² POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. “*La moral pública*” en *Paraguay: Iglesia, Estado y relaciones ilícitas en el siglo XIX*. Köln, 1995, p. 1. (Inédito)

³ Carta do presbítero Francisco González Paniagua ao Cardeal Juan de Tavira. [Asunción] 03/03/1545. In: *Documentos históricos y geográficos relativos a la conquista y colonización Rioplatense*. Buenos Aires: Comisión Oficial do IV Centenario da Primeira Fundação de Buenos Aires: 1536-1936, 1941. V. 2, p. 449.

⁴ CORTESÃO, Jaime (org.). *Manuscritos da Coleção de Angelis. I. Jesuítas e bandeirantes não Guairá (1549-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, p. 163.

⁵ Segundo Carlos Pastore (*La lucha por la tierra en el Paraguay*, cit., p. 6), “o início da colonização do Paraguai foi [...] o resultado do fracasso de uma empresa e o fruto de um desengano. Os espanhóis retornaram à nascente cidade de Asunción [depois do fracasso da tentativa de chegar às minas do Alto Peru] para lamentar suas desditas e para enterrar ali suas vidas frustradas.”

com as índias amancebados que não há Alcorão de Maomé que tal falta de vergonha permita [...]e há homens tão enlameados que não pensam em outra coisa nem darão nada para ir [de volta] à Espanha.⁶

Na verdade, esses cronistas, muito provavelmente de forma deliberada, ignoravam o fato de que o isolamento dos colonizadores do Paraguai com relação à metrópole, por um lado, e a economia política das comunidades indígenas guaranis, por outro, propiciavam essa poligamia.

A exogamia constituía, entre vários grupos indígenas da região, o meio tradicional de consolidação de alianças políticas. Entre os guaranis, eram constantes os conflitos com os guaicurus, grupo que habitava a região do Chaco, e os payaguás, que dominavam o norte e o rio Paraguai⁷. Através do intercâmbio de mulheres, os *tovaja*⁸ se comprometiam a se apoiarem e se socorrerem mutuamente. Aliás, apenas através do estabelecimento de relações de parentesco era possível se obter, entre as sociedades indígenas da floresta tropical, garantias para a estabilidade de uma aliança interfamiliar ou interétnica. Do mesmo modo, apenas através dos laços de sangue era possível garantir que o princípio da reciprocidade fosse realmente observado. Aquele que dispusesse de várias mulheres, como era o caso dos chefes, obtinha, deste modo, apoio material e grande influência. O número de mulheres de um homem era o indicador mais forte de seu prestígio político⁹.

No caso dos guaranis, em particular, pode-se agregar outro fator: as parcelas de terra para o cultivo do milho e da mandioca eram repartidas segundo o número de mulheres e de filhos, já que eram estas, acompanhadas de seus filhos, quem cultivavam a terra que os homens haviam roçado¹⁰. Por outro lado, o homem tinha um papel menor na comunidade, já que, ao casar-se, tinha que abandonar a aldeia para residir com a família da esposa. A mulher, ao contrário, gozava de maior prestígio porque constituía um fator aglutinante e de incorporação de novos braços ao grupo familiar. Quanto mais mulheres, mais alimentos, prestígio social e influência política obtinha a comunidade¹¹.

Os espanhóis não tiveram dificuldades de compreender a importância da mulher e da poliginia para seus projetos de colonização. Além de satisfazerem seus instintos sexuais, sua natural necessidade de companhia - pelo menos nos primeiros anos da colonização, quando o número de mulheres européias no Paraguai era insignificante -, as mulheres guaranis se foram transformando também em mão-de-obra servil indispensável à vida doméstica e, mais que isso, em mercadoria. Se, no princípio da colonização, principalmente por razões de segurança, é bastante provável que os espanhóis tivessem cumprido com os princípios de ajuda mútua que os pais e irmãos dessas mulheres esperavam deles, em pouco tempo os brancos se

⁶ Carta de J. Ochoa Eizaguirre à Coroa. [Asunción] 08/05/1545. *Documentos históricos e geográficos...*, cit., V. 2, p. 453.

⁷ SUSNIK, Branislava. *El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1982. V. 2, pp. 34-35.

⁸ Também grafado, antes do acordo ortográfico de 1992, como *tovayá*, a palavra significa, em guarani atual, cunhado ou cunhada. Tradicionalmente, significava membro - referindo-se particularmente ao homem - de um grupo familiar.

⁹ Ver, a esse respeito, CLASTRES, Pierre. *Troca e poder: filosofia da chefia indígena e Independência e exogamia*. In: CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado. Pesquisas de Antropologia Política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, pp. 21-55.

¹⁰ Cf. POTTHAST-JUTKEIT. "*Paraíso de Mahoma*"..., cit., p. 32.

¹¹ Cf. SUSNIK, Branislava. *El rol de los indígenas...*, cit., p. 29.

aperceberam do poder que vinham adquirindo em relação aos enfraquecidos e decepcionados indígenas, valendo-se desse poder - que incluía dispor de suas muitas mulheres como bem entendessem - cada vez com mais frequência.

Evidentemente, aos poucos as comunidades guaranis foram se apercebendo das transformações ocorridas nas relações entre os espanhóis e a população indígena e dos prejuízos econômicos e morais dessas transformações. Já em meados do século XVI não havia mais entre espanhóis e guaranis uma relação de *tovajas*, cunhados, mas de superioridade espanhola. Se sucederam revoltas e rebeliões indígenas, mas já era demasiado tarde. Em pouco tempo, já era comum que espanhóis invadissem sem vacilar as aldeias guaranis para roubar e violar suas mulheres.

Apesar de todas as tensões, no entanto, continuou inalterado o processo de mestiçagem, ao mesmo tempo em que, devido às doenças introduzidas pelos espanhóis, a população indígena diminuía aceleradamente. Esta foi uma das razões pelas quais, apesar da violência física e cultural generalizada contra as populações indígenas, as mulheres guaranis, em geral, preferiram permanecer nos arredores das residências senhoriais espanholas¹². Isso ao mesmo tempo em que os mestiços se orientavam, salvo exceções, pelos padrões culturais de seus pais espanhóis.

No entanto, tornava-se necessário, a partir das novas relações que iam-se estabelecendo entre guaranis e espanhóis, medidas de maior controle colonial. A principal medida adotada, visando a este controle, foi a instauração da *encomienda*, seguindo-se também no Paraguai o modelo colonial implantado pelos espanhóis nas demais colônias americanas. No entanto, se a *encomienda* foi, como nas demais colônias, o principal elemento no processo de destruição da sociedade e da cultura guaranis, ela também foi um requisito primordial para a inegável integração racial e até certo ponto também cultural da população indígena e para o surgimento de uma sociedade mestiça muito especial¹³. Ao contrário do que ocorreu no México e no Peru, a *encomienda* paraguaia acabou propiciando, devido ao isolamento do país e à sua economia eminentemente de subsistência, um estreito relacionamento entre índios e espanhóis, que se manifestou através do domínio político e numérico dos mestiços. Assim, a mulher guarani, mãe da primeira geração de mestiços, pelo menos numericamente predominava nos lares espanhóis, marcou profundamente a mentalidade e os costumes das gerações seguintes.

Entre esses costumes, a mais fundamental deles é, inegavelmente, o idioma guarani. Embora fosse ingênuo acreditar que, por suas particularidades, o processo de colonização do Paraguai fosse radicalmente distinto do que ocorreu nas demais colônias da Espanha, é importante ressaltar, no entanto, que a aquisição do idioma guarani não apenas facilitou o entendimento entre indígenas e colonizadores como tornar-se-ia a característica mais importante dos paraguaios.

No decorrer do século XVII, o papel da mulher na formação da sociedade paraguaia se acentuaria tanto em seus aspectos econômicos quanto culturais. Por uma

¹² Cf. POTTHAST-JUTKEIT. "*Paraíso de Mahoma*"..., cit., p. 36.

¹³ Idem, p. 39.

série de razões que não fazem parte das preocupações centrais deste trabalho¹⁴, a responsabilidade da mulher no sustento da família aumenta consideravelmente. Ao mesmo tempo, a educação dos filhos estava em suas mãos, ao passo que o papel do pai quase que se reduz apenas à função biológica.

O modo de vida de colonos brancos e pobres, cada vez mais semelhante ao dos guaranis, reflete-se principalmente no papel cada vez mais central da mulher no sustento e na educação familiar. Essa situação *sui generis* contribui para que, no final do período colonial, os chefes de aproximadamente 1/5 das unidades domésticas paraguaias, segundo Barbara Potthast-Jutkeit¹⁵, fossem mulheres e que os censos populacionais da época sempre registrassem um excedente feminino considerável. Esses dados trazem à tona uma constatação fundamental para este trabalho: a de que houve no Paraguai um superávit populacional feminino e uma importância da mulher na economia de subsistência e na formação cultural do país muito antes da tragédia da Tríplice Aliança.

Por esta razão as relações de gênero têm, no Paraguai, características muito próprias que, mesmo não tendo sido levadas em consideração pelos “regeneradores” do pós-guerra, foram fundamentais na reconstrução da identidade nacional paraguaiá. Em 1903, o peruano Rey de Castro, que adotaria a Paraguai como sua terra, registrava em uma conferência:

No Paraguai não existem ainda, por sorte, barreiras para o amor legítimo, para as vinculações que partem, irresistíveis e avassaladoras, do coração.

*E isto não é de hoje. Isto é atávico também. Nenhuma instituição, nenhum tipo de disciplina chegou a contrariar os desígnios irrecusáveis da Natureza; da Natureza que não se engana; que impõe, sem dique nem barreiras, a lei suprema da **afinidade eletiva**.*

[...]

Quando virdes que um moço do campo acaricia em público uma moça e, mais ainda, se esta lhe corresponde da mesma forma - o que, dentro de nossas práticas, seria escandaloso, - estejais seguros de que ambos só se encontram ligados pelos laços de uma inocente confraternização.

Desconfiai, ao contrário, de homem e mulher que quase não se olham: que nos bailes não se juntam ou que se dirigem apenas uma ou outra frase displicente. Aí Cupido já pôs tapa-olhos, se é que já não lançou seus incisivos dardos.

E essa maneira de ser, simples e carinhosa da gente do campo, é o que dá margem a que certos viajantes propaguem mil versões precipitadas. Quantas decepções não hão de sofrer os que se dirigem ao campo com fins inconfessáveis!¹⁶

5.2. MULHER, LÍNGUA E CULTURA GUARANI

Tataypype

¹⁴ Incluindo-se entre estas razões, principalmente, a experiência marcante das missões jesuíticas, que dividiu a sociedade paraguaiá colonial em dos polos antagônicos cuja diferença residia fundamentalmente nas concepções a respeito do controle da ação e da mão-de-obra indígena e mestiça.

¹⁵ POTTHAST-JUTKEIT. “*Paraíso de Mahoma*”..., p. 57.

¹⁶ CASTRO, Rey de. *La clase rural paraguaya*. Asunción: Talleres Krauss, 1903, p. 34-36.

[Junto ao fogo]
che ru tuja rupa'úme
 [meu velho pai me pega no colo,]
ko'etĩ, ko'embara, ko'embota
 [desponta, vai clareando,]
mbeguekatu
 [está prestes a amanhecer o dia]
che ñe'áme
 [lentamente,]
Pe ñe'e
 [em minha memória...]
rupa tujápe
 [No coração da língua]

Susy Delgado¹⁷

Pelas razões que vimos anteriormente, a mulher paraguaia sempre foi depositária privilegiada da tradição cultural e do guarani, mesmo que levemos necessariamente em consideração as muitas transformações que sofreu o idioma indígena no contato com o colonizador - ainda que não espontaneamente mas, ao contrário, muitas vezes dada a opressão à qual foi submetida. Esse “novo” guarani, por outro lado, era, no século XVII, segundo várias testemunhas, a língua comum mesmo entre os espanhóis. Entre as mulheres, sequer havia quem falasse o castelhano:

Em uma ou outra cidade a maioria sabe castelhano, mas nas vilas e em todos os povoados do campo, chácaras e estâncias não se fala nem se sabe - especialmente entre as mulheres - mais que esta língua tão corrupta [...] me foi necessário aprender esta tão adulterada língua para me fazer entender, porque o próprio guarani não entendiam, e menos o castelhano.¹⁸

Na jurisdição do Paraguai, onde há uns 20.000 habitantes de sangue espanhol, não se usa comumente outra língua que esta [o guarani], ainda que mal, com muitos solecismos e barbarismos. Das mulheres, poucas há que saibam o castelhano e dos homens o sabem muito mal: e este pouco que sabem é porque nas escolas [...] os obrigam na base do açoite [...]¹⁹

O jesuíta Martín Dobrizhoffer, em 1784, chega mesmo a classificar o guarani cheio de interferências espanholas como uma “terceira língua”:

Todo o vulgo, mesmo as mulheres de classe, meninos e meninas, falam guarani como sua língua natal, embora a maioria fale bastante bem o espanhol. Para dizer a verdade, misturam ambas as línguas e não entendem bem nenhuma. Pois depois que os primeiros espanhóis se apoderaram desta província, que antes estava habitada pelos caríós o guaranis, tomaram em matrimônio as filhas dos habitantes por falta de moças espanholas e pelo trato diário os maridos aprenderam o idioma das esposas e vice-versa, as esposas a dos maridos, mas, como costuma acontecer geralmente quando mesmo na velhice se aprende idiomas, os espanhóis corrompiam miseravelmente a língua indígena e as índias a espanhola. Assim nasceu uma terceira, ou seja, a que usam hoje em dia.²⁰

¹⁷ DELGADO, Susy. *Tataypype. Junto al fuego*. Asunción: Arandurã, 1994, pp. 24-25.

¹⁸ CARDIEL, José. *Declaración de la verdad* Buenos Aires: s.ed, (1758) 1900, apud MELIÀ. *La lengua guaraní del Paraguay*, cit., p. 59.

¹⁹ José Cardiel Y su *Carta Relación (1747)*. Buenos Aires, Guillermo Furlong, 1953, apud MELIÀ, op. cit., loc. cit.

²⁰ DOBRIZHOFFER, Martín. *Historia de los Abipones*. Resistencia: Universidad do Nordeste, 1967-1970. V. 1., pp. 149-150.

Mas, é importante lembrar, não apenas o populacho falava o guarani - ou a mistura predominantemente guarani com o espanhol. A maioria dos “espanhóis”²¹ do Paraguai, incluindo-se dentro do “mundo espanhol” a população mestiça e os índios de serviços, falava o guarani: “Nas jurisdições destas cidades muitas mulheres, mesmo as principais espanholas, não sabem castelhano; ou o sabem muito mal, e os homens espanhóis o sabem malísimamente.”²²

Ao iniciar-se o século XIX tal situação ainda se mantinha: “As mulheres quase invariavelmente falam com dificuldade e a contragosto [o espanhol], preferindo em muito o idioma guarani, no que são mui eloqüentes.”²³

Com a morte do ditador Gaspar Rodríguez de Francia, em 1840, embora se tenha insinuado uma crítica a sua política cultural e uma preocupação em castelhanizar o país através da instrução pública, a situação lingüística mudou pouco. Vários viajantes estrangeiros são testemunhas disso:

Descobri que os homens falavam dificultosamente o espanhol e que sua conversação era feita em guarani, que chamam avañeé²⁴, sendo avá índio e ñeé língua.

[...] Embora pareça estranho, e apesar de o pai [D. Juan Bautista Rivarola] ser, para este país, um homem instruído que esteve a ponto de ser nomeado presidente, nem sua mulher nem suas filhas falavam o espanhol.

*[...] Os decretos e leis do governo são publicados em espanhol, que se usa também para dar ordens no exército, e é ensinado nas escolas, às quais todos os meninos do país devem ir forçosamente [mas não as mulheres], até que aprendam a ler e escrever. Mas depois de deixar a escola, quiçá nunca mais o escutem, pois não têm livros para ler; há muito pouco papel para escrever de vez em quando, com exceção de assinarem os nomes e, geralmente, antes de completarem 21 anos, já esqueceram tudo o que aprenderam na escola.*²⁵

Como se vê, nos primeiros 50 anos de República, não houve nenhuma mudança significativa com relação ao guarani, apesar da ojeriza das elites. Viu-se também que eram as mulheres as que, desde a colônia, estiveram constantemente - é claro, por sua condição de gênero “inferior” - falando guarani, com praticamente nenhum domínio do espanhol. A esse respeito observa Germán de Granda:

*O guarani é, evidentemente, a autêntica língua do Paraguai, falada por todos os seus habitantes sem exceção. O castelhano, ao contrário, é código lingüístico aprendido “na base do açoitê” (Cardiel) nas escolas. Seu conhecimento e utilização está limitado a uma minoria caracterizada pelo seguinte: localização preferencialmente urbana [...], sexo masculino [...], idade adulta [...] e posição social elevada unida a nível cultural alto [...], embora, inclusive nesses casos, o guarani seja a língua de uso primário, manejada até pelo “encomendero e sua família” (Cardiel).*²⁶

²¹ Entenda-se aqui todo aquele que, por variados motivos, reconhecia-se ou era reconhecido como tal, independentemente de sua filiação étnica.

²² *Annus patiens*. 1768. BR:AN, lata Leg. 120j, doc. n.º 82, pp. 44-45.

²³ Carta do viajante e comerciante inglês John Parish Robertson, de 1811, apud MONÍNIGO, Marcos Augusto. *Para la historia del español en la Argentina. Las cartas guaraníes del general Belgrano*. In: *Actas de la Quinta Asamblea interuniversitaria de Filología e Literaturas Hispánicas*. Bahía Blanca: Universidad Nacional del Sur, 1968, p. 202.

²⁴ Segundo a grafia guarani atual, *ava ñe'e*.

²⁵ Relato do viajante José Graham, de 1846, citado por NAGY, Arturo & PÉREZ-MARICEVICH, Francisco. *Paraguay, imagen romántica, 1811-1853*. Asunción: Editorial do Centenario, 1969, pp. 138-139.

²⁶ GRANDA, Germán de. *Sociedad, historia y lengua en el Paraguay*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1988, p. 541.

Observando tais evidências, Bartolomeu Melià²⁷ afirma com segurança que até a guerra de 1865-1970 o Paraguai era um país onde o guarani era a única língua, como fato social nacional, e que nem mesmo os mestiços eram bilíngües. Com a guerra, a política de Solano López vai no sentido de conferir ao guarani o estatuto de língua de unidade nacional. Como visto anteriormente, incentiva-se a literatura, particularmente a de combate, em guarani, associando-a à essência, à beleza e ao valor paraguaios.

Também como verificamos anteriormente, no período que se inicia com o fim da guerra, que, segundo Melià, tem não poucas características de um neocolonialismo implacável²⁸, se reedita uma política anti-guarani, novamente apontada como problema para o desenvolvimento do país. O castelhano é, assim, associado a civilização, enquanto que o guarani está ligado à barbárie. Não é difícil compreendermos a razão dessa rejeição:

*A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não procuramos somente ser compreendidos mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos.*²⁹

Para serem compreendidos, acreditados, respeitados e reconhecidos, os “regeneradores” poderiam ter-se utilizado do guarani - se o soubessem, coisa que não é possível afirmarmos apenas a partir das fontes consultadas. Provavelmente a transição ter-se-ia realizado sem maiores traumas. No entanto, o papel fundamental da língua e da cultura na constituição do Nós - o que possibilita que os atores sociais, em sua origem alheios ao grupo étnico, tenham acesso ao mesmo através da aprendizagem da língua³⁰ - foi ignorado pelos “regeneradores”. Em um **Guía del inmigrante al Paraguay**, de 1889, por exemplo, publicação, ao que tudo indica, oficial, o desaparecimento do guarani era dado como certo:

Embora os jesuítas tenham ensaiado, na época das reduções, dar ao guarani uma forma literária, o idioma espanhol prontamente alcançou a preponderância e o guarani, que diariamente vai se perdendo, não existirá daqui a algum tempo, a não ser como lembrança, ou será isolado em algum distante departamento da República. Diferentemente dos dialetos particulares de Europa, o guarani não conta com nenhum órgão, e os periódicos do país são todos em espanhol.

*Quanto aos idiomas estrangeiros, vão tomando cada dia mas importância no país e se pode dizer que nas colônias são tão utilizados como o idioma oficial.*³¹

Escolha equivocada - poderíamos afirmar hoje, contando com a privilegiada distância de mais de 130 anos - já que, originalmente, a maioria desses líderes detinha laços étnicos com as classes populares que se poderiam facilmente reafirmar. É que essa escolha, porém, certamente os teria afastado de seus tutores brasileiros e do modelo de modernidade e desenvolvimento que os vitoriosos da guerra representavam - modelo, aliás, muito bem assimilado por esses líderes, como venho demonstrando ao longo deste trabalho.

²⁷ Cf. MELIÀ. *La lengua guaraní del Paraguay*, cit., pp. 164-165.

²⁸ Idem, p. 169.

²⁹ Pierre BOURDIEU. *A economia das trocas lingüísticas*. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu. Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994, pp. 160-161.

³⁰ Cf. APAOLAZA. *Lengua, etnicidad y nacionalismo*, cit., p. 25.

³¹ *Guía del inmigrante al Paraguay*, cit., p. 124.

Em todo caso, os “regeneradores” não foram capazes de levar em consideração o valor positivo do guarani na identidade nacional paraguaia. Embora possa ser verdade que a língua é somente parte da bagagem cultural que define uma cultura, ela tem sua própria individualidade, regras próprias que a definem, fatores peculiares que a delimitam e a circunscrevem e uma rede interna do sistema de circuitos que determina a natureza e extensão do impacto sobre ela. A língua e a cultura que a contém formam um todo indissolúvel, fundidas ambas pelas interpretações e co-funções, que se unem em modos dinâmicos que se estendem numa afinidade equilibrada³². Por isso,

[...] *quando os falantes de um grupo têm uma identidade social e étnica fraca e, em comparação, valorizam o outro grupo relevante do meio muito mais positivamente, buscarão, em determinadas condições, assimilá-la e incorporar em seu repertório de condutas os atributos definidores do grupo mais positivamente valorado. Se a língua é um destes atributos, os falantes a incorporarão como veículo de comunicação habitual em suas relações sociais.*³³

Claro está que o conceito de assimilação é diferente do conceito de integração, que implica critérios de igualdade sem perda dos valores e dos atributos da própria identidade. No caso paraguaio não havia sequer, a confirmarmos as evidências, valorização positiva, por parte das pessoas comuns, do espanhol quando confrontado ao guarani. Ou, se havia, sua imposição, sem alternativa ao guarani, pelo menos como língua nacional, pode ter provocado o deslocamento da valorização positiva apenas em direção ao guarani, como resistência não planejada e não sistemática.

Em suas memórias, Ramón Indalecio Cardozo (1873-1943), pai do historiador Efraim Cardozo, considerado como um dos mais importantes pedagogos do Paraguai, contava, sobre o uso do guarani na época de sua educação primária, ocorrida nessa época:

A palmatória continuava exercendo seu senhorio. Esta última turma estava a cargo do preceptor que era amigo de propinar muitos palmadas [...].

*Como instrumento de disciplina se usavam uns vales de madeira, porém o vale não era de abono mas de castigo para aquele em cujo poder se encontrasse. Era para perseguir os que falassem em guarani, que estava proibido terminantemente. Se alguém estava de posse do sinistro valezinho e ouvia seu companheiro falar em guarani, no ato passava o vale para ele. Deste modo, o possuidor do indesejável adminículo se convertia em espião de seus companheiros e amigos do doce idioma nativo para obsequiá-lo com o presente. O professor inspecionava a turma e castigava o portador.*³⁴

Essa política de delação aplicada às salas de aula do novo regime em nada diferia da que era aplicada sob Solano López em San Fernando, motivo de veemente condenação dos líderes do pós-guerra como exemplo de tirania e barbárie. Mesmo assim, os novos líderes paraguaios continuavam arrolando a espionagem e a delação como traços constitutivos do antigo regime, o que nos mostra que, quer por mero ci-

³² Cf. CASSANO, Paul V. *La teoría del sustrato en relación al bilingüismo del Paraguay: problemas y hallazgos*. In: CORVALÁN & GRANDA. *Sociedad y lengua*, cit., pp. 507-508.

³³ VILLADOT, M. Àngels. *Identitat i vitalitat lingüística dels catalans*. Barcelona: Columna, 1993, p. 23.

³⁴ CARDOZO, Ramón Indalecio. *Mi vida de ciudadano y maestro*. Asunción: El Lector, 1991. p. 9. As memórias de Ramón IndalecioCardozo foram escritas no início dos anos 40, pouco antes de sua morte.

nismo, quer por razões conjunturais, os “regeneradores” pareciam ignorar quaisquer ligações entre o Paraguai do “tempo dos tiranos” e o Paraguai liberal, embora diariamente manifestassem em sua prática política o profundo enraizamento dessas não poucas ligações em suas vidas. Em um artigo de 1872, *El Pueblo* denunciava os “maus instintos”, a “perversidade” da gente do povo, que, segundo o jornal, era assim porque “seus pais não tinham podido ensinar-lhes a nova noção do bem, da moral”. E concluía:

[...] povo como o paraguaio, cuja mãe crê que a felicidade de seus filhos consiste em dar-lhes um prato de **locro**³⁵, um charuto na boca, defender o supremo **Karai Guazu**³⁶ e servir de **pyragué**³⁷; eis aí um dos motivos mas poderosos pelos quais é preciso tomar medidas severas para educar as massas e arrancar pela raiz esses maus hábitos.³⁸

Ao mesmo tempo, à época do nascimento de Cardozo, porta-vozes de uma parcela da classe dominante entendiam que não havia razões reais para que o guarani fosse erradicado. Afinal, “[...] muito pouco ou nada se tem feito no sentido do melhoramento da educação popular”³⁹. Além do mais, esses porta-vozes complementavam que

A excelente disposição das crianças paraguayas se esteriliza em estudos deficientes.

Apenas os mui necessários rudimentos da ensino primário, e mesmo assim incompletos.

No campo, em geral, as crianças estão entregues a seus próprios esforços; em muitos lugares nem sequer o idioma espanhol se lhes faz aprender; todas as explicações são dadas em guarani.⁴⁰

E, evidentemente, não poderia ser de outra maneira, o que deixava espaço para que a cultura tradicional, através da mulher real - e não da mulher idealizada apregoada pelos “regeneradores” -, recobrasse seu espaço, apesar das restrições. Essa mulher real seria, sem dúvida, a verdadeira educadora das gerações posteriores à catástrofe da guerra. No entanto, somente meio século depois - e ainda assim como expressão de um nacionalismo “renovado”- esse papel da mulher seria reconhecido. Uma das considerações de Lei n.º 689, sobre o Ensino Público era exatamente sobre essa importância, embora o fizesse apenas para expressar a inevitabilidade de considerar a cultura tradicional paraguaia como elemento indispensável a um programa de Educação pública realmente eficaz. Dizia o documento:

[...] Não nos resta outro recurso - devemos nos convencer disso de uma vez por todas - que lançar mão do passado, de nosso próprio sangue, de nossa raça e tratar de revigorá-la para salvar a nação do histerismo causador dos males presentes. O **filum** de nossa raça vive, vive a vida real não em simples narrativas de nebulosas lendas. A raça guarani, forte e invencível através dos séculos, continua constituindo a trama principal da urdidura do povo paraguaio.

³⁵ Espécie de caldo, típico do Paraguai, que, principalmente no campo, pode ser a refeição principal de uma unidade familiar.

³⁶ Em guarani: *karai* = senhor; *guazu* = grande. Pode ser traduzido como grande chefe. O epíteto de supremo foi herdado por Francisco Solano López do ditador José Gaspar Rodríguez de Francia, antecessor de seu opai.

³⁷ Em guarani: delator, alcagüete.

³⁸ *Educacion primaria obligatoria. El Pueblo*, 3(359):2, 09/02/1872. Os destaques são do articulista.

³⁹ *La educación. LLa Libertad*, (54):1, 15/05/1874.

⁴⁰ *Ibidem*.

[...]

[...] *As condições dos lares paraguaios, sobretudo dos camponeses, são diferentes das do velho mundo, onde a luta pela vida, tão rigorosa, tão tirânica, leva o pai e a mãe às oficinas e às fábricas de dia e de noite, obrigando-os a abandonarem a infância a toda sorte de perigos. Os lares de nossos camponeses não estão ainda sujeitos a tais tiranias; ficam quase sempre sob a tutela da mulher, que permanece em casa [...].*⁴¹

É fundamental observar que, segundo este novo Plano de Estudos, o Estado admitia explicitamente, pela primeira vez, que o professor utilizasse o idioma guarani em sala de aula. Mesmo que tal autorização estivesse vinculada ao ensino da língua espanhola. O objetivo dessa autorização era fazer os alunos compreenderem melhor o espanhol. Mas ainda assim advertia:

*O professor pode empregar o termo equivalente em guarani para fazer compreender melhor o significado de vocábulos novos, em caso de não ter sido capaz de objetivar o aprendizado. Mas somente neste caso; em qualquer outro deve evitar toda conversação em guarani*⁴².

Seja como for, é importante ressaltar que, embora o guarani continuasse fora do currículo, o programa de 1925 era mais condescendente com a cultura guarani-paraguaia, dedicando espaço à “biologia paraguaia (fauna e flora)” e à medicina popular.

Em outro documento, autobiográfico, de 1947, já quase oitenta anos depois da guerra, Justo Pastor Benítez, intelectual liberal, comentava:

O povo [...] estuda e pensa em castelhano, mas ama, odeia e briga em guarani. E o que fazer com um povo que canta suas dores em guarani? Que literatura pedir-lhe, para o Parnaso espanhol, se suas impressões são traduzidas na língua indígena? O guarani é uma força coesiva da nacionalidade: o veículo de sentimentos profundos. As letras paraguaias terão sempre duas vertentes: o robusto espanhol e o guarani agudo, [e terão que] fazer um duplo esforço para sentir em dois idiomas ou para traduzir a emoção de um nas letras do outro. Há poesias da língua vernácula quase intraduzíveis para o castelhano.

*Enquanto isso, o povo canta em guarani...*⁴³

Vale lembrar, para concluir este item, que em todos os planos de estudos implantados nos quase oitenta anos compreendidos entre a década de 1870 e a de

⁴¹ MINISTERIO DE JUSTICIA, CULTO E INSTRUCCIÓN PÚBLICA. *Ley n.º 689 de Enseñanza Primaria. Plan de estudios y programas sintéticos para las escuelas primarias de la República*. Asunción: Imprenta Nacional, 1925, p. 23.

⁴² Idem, p. 11.

⁴³ BENÍTEZ, Justo Pastor. *El solar guaraní. Panorama de la cultura paraguaya en el siglo XX*. Asunción/Buenos Aires: Nizza, 1959, pp. 35-36. A primeira edição é de 1947. É interessante acrescentar que dez anos depois do livro de Benítez, em 1957, o Ministério da Educação e Cultura paraguaio, no documento *Reforma de la educación secundaria en el Paraguay*, que encaminhava o Decreto n.º 24.063, de 27/12/1956, sancionando o Plano de Atividades Educativas para o Ensino Médio, embora comentasse o estabelecimento de uma disciplina denominada *Educación Idiomática*, para todas as séries do *Ciclo Básico* (3 anos) e do *Ciclo de Bachillerato* (também 3 anos), sequer mencionava o guarani. Ao mesmo tempo, o castelhano merecia 5 aulas semanais em cada série do *Ciclo Básico*. No *Bachillerato*, além de 4 aulas semanais de castelhano, os alunos tinham também inglês, francês, alemão ou italiano, também com 4 aulas semanais, e o latim, com a mesma carga horária. É importante notar que, contraditoriamente, no 6º curso (3º ano do *bachillerato*) era ensinada, junto com a disciplina *Historia de la Cultura (Arte, Ciencia, Literatura)*, a disciplina *Historia Cultural del Paraguay* (cf. pp. 3-5). Ao mesmo tempo, em memorando preparado para uma *reunión de prensa* (entrevista coletiva) ocorrida a 29 de novembro de 1956, o ministro da Educação e Cultura, Raúl Peña, afirmava “a idéia de que a educação média é educação da adolescência, cuja formação deve ter uma firme base moral de conteúdo cristão e cujo espírito deve estar moldado pelo amor e pelas tradições e valores paraguaios” (p. 10). Como podemos ver, o anti-guaranitismo permaneceu até bem avançado o século XX, em detrimento da sociedade real paraguaia.

1940 - e não foram poucos -, a única língua que aparece como “idioma nacional” é o espanhol e em nenhum deles existiu sequer um período letivo em que o guarani constasse como disciplina, sequer optativa. Ao mesmo tempo, foram várias as ofertas de idiomas estrangeiros, às vezes em caráter obrigatório, outras em caráter optativo.

E é somente na década de 1940 que são introduzidas disciplinas relacionadas a aspectos, ainda quase sempre muito parciais, da cultura popular guarani-paraguaia. A sua sobrevivência é, portanto, fruto indiscutível da resistência popular, embora não planejada ou mesmo consciente. Lembrando novamente Bourdieu,

A verdade da relação de comunicação nunca está inteiramente no discurso, nem mesmo nas relações de comunicação; uma verdadeira ciência do discurso deve buscá-la no discurso, mas também fora dele, nas condições sociais de produção e de reprodução dos produtores e receptores e da relação entre eles [...].⁴⁴

Essas condições sociais de produção e reprodução apontaram, a meu ver, durante os anos da “*Regeneración*”, para a resistência ao discurso oficial. Por isso a jurista Serafina Dávalos se preocupava, ainda em 1907, ao ingressar na vida acadêmica, com o fato de que a instrução primária obrigatória fosse letra morta, “por incúria das autoridades constituídas e a negligência culpável dos pais de família”, ressaltando que a situação era ainda pior com relação às meninas. Como solução, defendia o conhecido binômio propaganda + repressão:

As autoridades educacionais estão obrigadas a tomar nota destes fatos e retirar de onde for possível o recurso de força necessário para corrigir esse erro dos pais de família, obrigando-os a que mandem às escolas todos seus filhos, meninos e meninas, que se encontram na idade escolar e as escolas respectivas devem fazer propaganda no mesmo sentido e, com sua força moral, logo levarão a convicção a toda a população que, penetrada pela verdade, aflitos correrão para matricular seus filhos.⁴⁵

Nem mesmo os casamentos mistos, que parecem ter sido bastante comuns no pós-guerra - particularmente devido à grande perda populacional masculina, já analisada anteriormente - contribuíram para uma valorização positiva do espanhol, dada a truculência de sua imposição, por parte das autoridades, sobre o guarani. Segundo M. Àngels Viladot, os efeitos no comportamento lingüístico da comunidade produzidos por casamentos mistos podem influenciar significativamente na proporção de retenção de uma língua, isto é, no nível em que uma língua é utilizada de uma geração à seguinte. Segundo essa autora, a tendência geral é que a língua mais importante da comunidade tenha mais probabilidades de constituir-se na língua de casa e, portanto, na língua que os filhos aprenderão para uso normal de comunicação⁴⁶.

Se assim é, e levando-se em consideração as taxas de utilização do guarani apresentadas nos dois quadros abaixo, relativas, respectivamente, a 1962 e 1982,

⁴⁴ BOURDIEU. *A economia das trocas lingüísticas*, cit., p. 162.

⁴⁵ DÁVALOS, Serafina. *Humanismo*. Tesis presentada para optar al grado de Doctora em Derecho y Ciencias Sociales (Universidad Nacional/Facultad de Derecho y Ciencias Sociales). Asunción: Jordan & Villamil, 1907, p. 57. Dávalos é considerada como a primeira feminista paraguaia, embora, como mulher de sua época, seu pensamento ainda estava impregnado de vários elementos da sociedade machista que ela mesma condenava. Em todo caso, sua tese de doutorado, em 1907, quando tinha apenas 24 anos de idade, é um marco histórico da luta pela igualdade entre os sexos no Paraguai. Para se ter uma idéia da sua importância, basta lembrar que apenas em 1962 foi aprovado o sufrágio feminino no país.

⁴⁶ Cf. VILADOT. *Identitat i vitalitat lingüística dels catalans*, cit., p. 32.

chegamos à fácil conclusão de que a língua mais importante no Paraguai permaneceu sendo, antes, durante e após a guerra, o guarani, apesar de todos os esforços - que, como vimos, não foram poucos - no sentido de atribuir-lhe valores negativos associados a “atraso”, “barbárie” etc. E, o que nos interessa, parece ter fundamento a observação que fazíamos, no começo deste item, de que a mulher paraguaia sempre foi depositária privilegiada da tradição cultural e do guarani. Principalmente porque, como na Europa moderna - ou talvez de forma mais significativa do que no continente europeu -

*deve-se acrescentar à lista dos elementos culturais não compartilhados pelas mulheres a palavra escrita, levando-as a começarem a substituir aos homens como guardiãs da tradição oral.*⁴⁷

QUADRO II
DISTRIBUIÇÃO LINGÜÍSTICA SEGUNDO A IDADE - CENSO DE 1962

PRIMEIRA LÍNGUA								
IDADE	MONOLÍNGÜES				BILÍNGÜES		TOTAL	
	CASTELHANO		GUARANI					
	%	Habitantes	%	Habitantes	%	Habitantes	%	Habitantes
3-4	7,85	9.850	69,54	87.244	22,61	28.360	100,0	125.454
5-14	4,80	24.663	51,01	261.960	44,19	226.911	100,0	513.534
15-44	3,83	26.895	36,94	259.455	59,23	416.026	100,0	702.376
45-64	3,99	7.544	46,39	87.728	49,62	93.820	100,0	189.092
65 Y MÁS	3,68	2.530	58,37	40.118	37,95	26.079	100,0	68.727
TOTAL	4,47	71.482	46,06	736.505	49,48	791.196	100,0	1.599.183

Fonte: *Censo Nacional de Población y Vivienda*. Asunción: Dirección General de Estadísticas y Censos, 1962.

QUADRO III

⁴⁷ BURKE, Peter Burke. *La cultura popular en la Europa moderna*. Madrid: Alianza Editorial, 1991, p. 95.

IDIOMA HABITUAL DA POPULAÇÃO SEGUNDO SEXO E REGIÃO - 1982

	TOTAL	SÓ	CASTELHANO	SÓ	OUTROS
		GUARANI	E GUARANI	CASTELHANO	IDIOMAS
TOTAL PAÍS					
Mulheres	100,0	38,4	49,9	7,1	5,1
Homens	100,0	41,6	47,5	5,8	5,1
Ambos os sexos	100,0	40,0	48,4	6,5	5,1
Nº (em milhares)	2.576	1.030	1.248	167	131
URBANO					
Mulheres	100,0	13,8	70,9	13,4	1,9
Homens	100,0	15,3	70,8	11,6	2,3
Ambos os sexos	100,0	14,5	70,8	12,7	2,0
Nº (em milhares)	1.128	164	799	143	22
RURAL					
Mulheres	100,0	59,0	31,5	1,7	7,8
Homens	100,0	60,6	30,6	1,6	7,2
Ambos os sexos	100,0	59,8	31,0	1,7	7,5
Nº (em milhares)	1.448	866	449	24	109
Fonte: <i>Censo Nacional de Población y Vivienda</i> .					
Asunción: Dirección Genral de Estadísticas, 1982.					

Quanto aos demais aspectos da cultura guarani-paraguaia, mais ou menos diretamente ligados à língua guarani, vale dizer que quaisquer afirmações que se pretendam definitivas seriam, no mínimo, ingênuas ou precipitadas. O papel hegemônico da cultura guarani no Paraguai é bastante contestado - às vezes com veemência - por vários estudiosos, embora de outro ponto de vista, sejam estes os que devam ser contestados com veemência. Como, de resto, costuma acontecer com os que se dedicam à rica e polêmica história da cultura paraguaia.

Em estudo de 1990, o antropólogo paraguaio Miguel Chase-Sardi⁴⁸ apresenta de forma sucinta e clara os matizes dessa polêmica. Em um item de seu ensaio denominado *Las falencias de la antropología paraguaya*, Chase-Sardi discute o que chama o “mito guarani” e o “mito hispânico”, antagônicos entre si, sobre que valores culturais realmente predominariam no Paraguai, posicionando-se a favor de que, mesmo se prescindindo de estudos mais aprofundados sobre essa questão, é possível apontar para uma forte e *sui generis* predominância dos valores indígenas na formação cultural paraguaia.

Chase-Sardi rejeita o “mito hispânico”, que tem um de seus mais fortes defensores em Julian H. Steward, que, por sua vez, é tributário das investigações do casal de antropólogos Elman e Helen Service, que entre 1948 e 1949 investigaram o povoado paraguaio de Tobatí. Redator da introdução ao trabalho dos Service, publicado em 1956⁴⁹, Steward afirma que

⁴⁸ CHASE-SARDI, Miguel. *Cultura guaraní y cultura campesina: nexos apenas estudiados*. *Suplemento Antropológico* (Asunción: Universidad Católica – Revista del Centro de Estudios Antropológicos), 25(1):51-84, Junio 1990.

⁴⁹ SERVICE, Elman & SERVICE, Helen. *Tobatí: Paraguayan Town*. Chicago: Chicago University Press, 1956.

Um dos resultados substantivos mais importantes do estudo do casal Service consiste na revelação de que o povo paraguaio, isto é, o núcleo que vive na porção do país circundante à capital e ao qual chamaremos de “população nuclear”, é inteiramente hispânico em cultura, apesar do uso prevalecente do guarani e da ausência, em geral, de muitos traços tidos convencionalmente por espanhóis.⁵⁰

E adiante:

A cultura dos agricultores camponeses não é guarani; tampouco o é a raça do povo. O idioma vernáculo pertence à família lingüística tupi-guarani, que em tempos pré-colombianos se estendia ao sul do Amazonas e era falada por inumeráveis tribos, cada uma com elementos culturais muito distintos. Não há uma raça guarani; biologicamente os guaranis não diferiam dos demais índios americanos. A atual população paraguaia é uma mescla do branco, do tipo caucasiano e do índio aborígene. Sua cultura mal revela outra influência guarani além da língua.⁵¹

Chase-Sardi prefere posicionar-se de acordo com o antropólogo Egon Schaden, um dos maiores especialistas em cultura guarani, que afirma:

*[...] é notório que a cultura Guarani e seu substrato biológico estão profusamente representados na atual população mestiça, mormente a do Paraguai, tendo aí dado origem a uma cultura híbrida íbero-índigena **sui generis**, merecedora de cuidadosa análise antropológico, sobretudo por causa de sua multiplicidade de aspectos, variando entre formas quase-tribais e rurais, de um lado, e culturas urbanas de acentuado caráter civilizatório, de outro.⁵²*

Para fundamentar suas convicções, ainda que provisórias, Chase-Sardi arrola e analisa vários aspectos da cultura paraguaia fortemente impregnados pelos valores guaranis, valendo-se de uma quantidade já bastante significativa de estudos parciais de aspectos culturais paraguaios herdados da tradição guarani, que ele denomina “ilhas em uma grande lagoa em branco do mapa etnográfico paraguaio”⁵³. Analisa, por exemplo, as estreitas relações entre a cozinha guarani e a paraguaia, principalmente quanto à utilização do milho, para o qual os guaranis tinham mais de doze fórmulas culinárias, da mandioca e ao preparo da carne, já estudadas, segundo ele, por A. Métraux em 1948. O autor fala, ainda, das técnicas de fiação, tecelagem e tingimento de tecidos; o cultivo da erva-mate e as maneiras de consumi-la, também estudadas por Métraux⁵⁴ e outros.

Quanto à composição social e estrutura familiar e de poder, Chase-Sardi acredita que, entre outros costumes, a prática de tomada das decisões não por maioria, à maneira ocidental, mas por consenso, ainda hoje (1990) é presença forte na vida política e social paraguaia, inclusive nos partidos políticos tradicionais, embora reconhecendo que, para o modelo ocidental de democracia, vitorioso, afinal de contas, tal costume resulta “sumamente pernicioso”⁵⁵. Lembra que, nesse processo, a família nuclear tem papel fundamental e, dentro dela, especialmente, a opinião da

⁵⁰ STEWARD, Julian H. *El pueblo paraguayo. Historia Paraguaya. Anuario del Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas*. Asunción, 1956, p. 95.

⁵¹ Idem, pp. 97-98.

⁵² SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: Edusp, 1974, p. 11, apud CHASE-SARDI. *Cultura guarani y cultura campesina*, cit., p. 61.

⁵³ CHASE-SARDI, op. cit., p. 62.

⁵⁴ MÉTRAUX, A. *The Guarani*. In: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians*. Washington: s.ed, 1948. V. 3,

cf. CHASE-SARDI, op. cit., loc. cit.

⁵⁵ Idem, p. 69.

mulher.

O autor, evocando estudos da antropóloga Branislava Susnik, lembra, ainda, o que essa autora chama de “ethos do *oguata*”⁵⁶, “o desejo incontível de caminhar, de migrar, de conquistar novas terras”⁵⁷, identificado, segundo observações de Bartolomeu Melià diretamente a Chase-Sardi, entre os atuais paraguaios do campo. Isso talvez explique a pouca resistência da população paraguaia às disposições de Solano López, durante a guerra, conhecidas como “*la residenta*”, analisada no item 3.3. deste trabalho.

Chase-Sardi lembra, ainda, as técnicas agrícolas, com a forte presença da mulher, acrescentando que a única modificação substancial, pelo menos até os anos 50, quando são introduzidas no campo a grande monocultura, maquinaria pesada e agroquímicos, se deu com a introdução do arado. O autor fala, ainda, das técnicas de construção da choça, sempre ligadas ao trabalho coletivo, análogo ao mutirão brasileiro, cuja designação, segundo ele, é também de origem guarani.

Finalmente, analisa os trocas simbólicos entre os guaranis, mencionando a vários observadores e estudiosos, desde os tempos coloniais, dos quais o mais bem fundamentado e também mais conhecido é, sem dúvida, o trabalho de Pierre Clastres⁵⁸. Chase-Sardi vê aí um dos elementos mais fortes da presença guarani na sociedade paraguaia atual.

Com estas concepções de Chase-Sardi comungam vários autores, entre os quais o mais destacado é, indubitavelmente, o jesuíta e antropólogo Bartolomeu Melià, já mencionado em outros momentos deste trabalho, particularmente em seu livro ***Una nación, dos culturas***⁵⁹. O artigo que dá título ao livro, publicado originalmente na revista asuncena ***Acción*** (1975), sintetiza bem suas idéias, mostrando as persistências indígenas na cultura guarani de hoje e as tentativas sistemáticas, ao longo dos anos, de imposição da cultura espanhola sobre a guarani.

Para o que interessa a este trabalho, resalto a idéia de que os autores acima mencionados estão preocupados, fundamentalmente, em identificar e analisar as permanências da cultura guarani indígena no que eu chamo de cultura guarani-paraguaia hoje. Não é necessário realizarmos nenhum exercício de abstração muito apurado para compreender o difícil e subterrâneo processo de resistência cultural necessário para que, vencendo os liberais e *lopistas* da “regeneração”, tais elementos culturais pudessem manter-se com tamanha força às portas do globalizante século XXI.

Em sua conferência de 1903, Rey de Castro registrava:

A primeira coisa que impressiona a quem viaja pelo Paraguai é precisamente a homogeneidade de seus componentes sociais: homogeneidade não apenas de seus tipos, de estrutura física, mas também de idéias, de sentimentos, de costumes.

Há uma cultura média geral, de que todos participam, e é advertir que a fusão dos di-

⁵⁶ Em guarani: *oguata* = ele/ela/eles/elas caminha(m), anda(m), passeia(m).

⁵⁷ Ibidem. O autor refere-se a SUSNIK, Branislava. ***Apuntes de etnografía paraguaya***. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1961.

⁵⁸ CLASTRES. ***A sociedade contra o Estado...***, cit.

⁵⁹ Bartolomeu MELIÀ. ***Una nación, dos culturas***. Asunción: RP Ediciones/CEPAG, 1993.

*versos contingentes étnicos imigrados e dos aborígenes, não diminuiu a energia destes últimos, existindo uma nacionalidade sólida e indestrutível, pelo menos enquanto não for alterada a ordem lógica e racional de sua evolução. A inteligência, os sentimentos, os hábitos não se diferenciam a não ser em casos excepcionais, e isso, antes que em grau de intensidade, na forma em que se exteriorizam. A matéria prima é quase uniforme. As alterações se produzem apenas em um que outro centro urbano principal, e nem sequer de modo muito visível. Essa cultura média, espontânea ou atávica, da qual presenciei numerosos testemunhos, se estende a todas as regiões do país, descartando-se apenas, é claro, aquelas em que vivem tribos não civilizadas*⁶⁰

Evidentemente, há que se descontar o ponto de vista de estrangeiro, de um lado, e algumas concepções herdadas de Gustave le Bon, que o autor diz, em outro momento, não seguir ao pé da letra, mas das quais percebe-se estar ainda bastante impregnado. Seja como for, é um testemunho valioso, trinta e três anos após o fim da guerra, que mostra a força da cultura guaraníca numa sociedade que se quer reconhecer como ocidental.

Mas continuemos acompanhando a trajetória da mulher paraguaia, em quem deposito a responsabilidade primordial por essa resistência, nos tempos da “*Regeneración*” e as representações a ela destinadas pelos “regeneradores”.

5.3. A MULHER IDEAL E A MULHER REAL

Que fazer diante de um tal poder das mulheres? Ouçamos o Persifal de Wagner: "A salvação consiste em exorcizar a ameaça que a mulher representa para que triunfe uma ordem dos homens".

*São duas as soluções: impor silêncio às mulheres, ou então torná-las cúmplices dos homens exaltando A mulher. "A mulher é uma escrava que é preciso colocar num trono" (Balzac).*⁶¹

Com o pós-guerra as novas lideranças político-ideológicas trazem ao Paraguai um modelo de mulher em geral muito distante da maior parte das mulheres paraguaias. Esse modelo, que certamente afetava a vida das mulheres das classes pobres, ainda que não a ponto de transformá-la substancialmente, parece ter encontrado eco mais fortemente nas mulheres da classe dominante. Era, aliás, segundo esse modelo a ser seguido que elas poderiam se diferenciar das *kygua vera*.

É interessante notar, no entanto, que o modelo de mulher que os liberais apregoam e que acredito servir como parâmetro particularmente para as mulheres da classe dominante em sua tentativa de buscar elementos que as diferenciem das mulheres do povo em pouco se distinguia do modelo defendido pelos governos “tirânicos”, especialmente o de Solano López. Durante um dos momentos mais difíceis da guerra, o jornal **Cabichui**, exaltando o heroísmo e a determinação das paraguaias, comentava:

*Dotada de um mais rico caudal de sentimento que o que foi outorgado ao homem, toda mulher acha naturalmente maior encanto no cumprimento do dever por amor; mas a **mulher paraguaia tem** se distinguido de uma maneira excepcional em relação às*

⁶⁰ CASTRO. *La clase rural paraguaya*, cit., p.8.

⁶¹ PERROT, Michelle. *Poder dos homens, potência das mulheres? o exemplo do século XIX*. **Cultura Vozes**, 89(1):6, Jan.-Fev. 1996.

demais do seu sexo [...].

[...]

Chamados os cidadãos ao campo da honra, deixaram o arado, e a enxada para tomarem o fuzil e a lança.

*Então, a **mulher paraguaia**, sem deixar o fuso e a agulha, foi substituir os homens no cultivo da terra.*

*Ela escutou em seu coração a sagrada voz do **dever**, que a chamava a esse trabalho por amor e por gratidão.*

*E, coisa prodigiosa!, a **mulher paraguaia** vem sustentando com o suor de seu rosto, como o soldado com o sangue de sua veia, a santa causa da liberdade da Pátria.*

A República, durante os três anos de tão gigantesca guerra, em completa incomunicabilidade com as demais nações, longe de ter sentido escassearem seus frutos agrícolas, teve que aumentá-los e quase dobrá-los sobre os que antes colhia quando somente os homens lavravam seu fértil solo.

*A terra, sem dúvida, se presta mas à doce influência da **mulher paraguaia**: suas mãos de anjo acariciam mais a seiva da fecundidade e seus pés de pomba não jamais ferem as plantas que brotam.*

[...]

Camaradas! Assim nos sustentam nossas mães, esposas, filhas e irmãs!

[...]

*Honra e glória à **mulher paraguaia!**⁶²*

Na era López, no entanto, parece terem havido - especialmente durante a guerra, por razões óbvias - ensaios no sentido de retirar a mulher da prisão de gênero a que historicamente vinha sendo condenada. Quer por oportunismo, quer por reconhecerem, através dos episódios da guerra, o erro histórico de atribuir à mulher características de fragilidade e sentimento em oposição a supostos atributos de racionalidade e força masculinos, os redatores do **El Centinela** comentavam, alguns meses antes do artigo do **Cabichui**:

O homem, em seu inexplicável orgulho, esquecendo os favores de seu anjo tutelar, de sua doce e fiel companheira, tem traçado para ela uma linha funesta, para que ela nunca vá além das relações familiares, acorrentando sua precoce inteligência e cegando-lhe todas as fontes afetivas, para mantê-la como objeto de suas fruições. Mas ela, que pressente sua futura grandeza, pugna incessantemente por romper os elos dessa cadeia que a mantém em seu estreito círculo familiar e busca com ansiedade um assento na barra onde os negócios públicos são ventilados. Injusto o homem, lhe designa a poltrona doméstica e lhe põe nas mãos o livro da família. Esta é a mulher nas relações civis, que ainda sofre as conseqüências desse fruto amargo que ofereceu a Adão no Paraíso.⁶³

É claro que, também aí, é o homem quem tem o dom de decidir se a mulher deve ou não ocupar a rua, interferir na coisa pública. Esta é a linha de argumentação do jornal, que, ademais, para argumentar a favor de uma tímida emancipação feminina, tece uma série de elogios que, mais uma vez, exaltam nas mulheres exata-

⁶² *La mujer paraguaya. Cabichui*, 1(66):1-2, 19/12/1867.

⁶³ *La muger. El Centinela*, 1(22):1, 19/09/1867.

mente suas “virtudes” de mulher: “amor, ternura, fidelidade e constância”⁶⁴, entre outros.

Por outro lado, não podemos perder de vista que esse modelo era ainda objeto de controvérsias entre os publicistas do pós-guerra. A emancipação, ainda que tímida e parcial, das mulheres, afinal, representava para muitos uma séria ameaça ao poder que milenariamente tinha outorgado ao homem. Contribuir para a emancipação do gênero feminino significava para o homem não apenas perder vantagens quanto à moral e a vida públicas mas também conviver com a ameaça e a concorrência que representavam. A maior dessas ameaças era a de que as mulheres pudessem demonstrar que sua capacidade não era inferior, o que ameaçaria o equilíbrio social tanto a nível da coisa pública quanto da vida privada.

Dentro desse espírito, questões hoje vistas como descabidas renderam polémicas acaloradas no Paraguai do pós-guerra: afinal, a mulher deveria ou não estudar? Se esse direito lhes fosse garantido, o que deveriam estudar? Quais os limites para sua participação na vida pública, nos assuntos “dos homens”?

Há evidências de que tanto estudar quanto dar aulas eram tarefas ainda destinadas aos homens nos primeiros anos do pós-guerra, situação que se modificou apenas pela absoluta superioridade demográfica feminina. Mesmo assim, não sem resistência dos chefes das famílias distinguidas. A historiadora Beatriz Oddone nos conta, por exemplo, que sua bisavó, que havia sido *residenta*, ao regressar enviara sua avó, Clementina Carísimo, para a casa de parentes na região do Paraná para ser instruída, pois ainda não havia escolas em Asunción. Ao terminar o curso primário, Clementina Carísimo regressaria à capital paraguaia, onde iria conhecer a educadora Rosa Peña, que havia sido aluna de Sarmiento em Buenos Aires e se transformaria em uma das primeiras educadoras paraguaias.

*Sabendo de seu retorno [de Clementina], Rosa Peña lhe ofereceu o posto de preceptora, com um salário de 5 \$ mensais. A família Carísimo Jovellanos, como todas as da época, encontrava-se na mais espantosa indigência, mas as autoridades desse gineceu de 19 membros formado por minha bisavó e minhas tias e que tinha seu reduito no velho casarão da rua de la Ribera [...] se negaram rotundamente a permitir que minha avó - com floridos 15 anos -, aceitasse o cargo, por considerarem indigno de uma senhoria de sua qualidade, sair todos os dias de casa. Cinco pesos eram muito para a época e para as terríveis necessidades da família; as ruas a percorrer eram somente 7, os fundos da casa dos Carísimo davam ao que hoje é a casa da Independência, mas a família preferiu passar miséria a claudicar nos princípios [...]*⁶⁵.

No registro que Ramón Indalecio Cardozo fará de sua mãe e de sua tia Balbina, responsáveis por sua educação fundamental, aparece um esboço desse conflito. Cardozo provinha de uma família tradicional de Villa Rica empobrecida pelas agruras da guerra. A confiarmos em seu registro, nota-se em suas preceptoras o perfil da mulher paraguaia idealizada, ainda que abalado pelas circunstâncias.

Ela [sua tia Balbina] era uma mulher muito ilustrada para a época: lia corretamente e falava o espanhol com toda perfeição; mas não sabia escrever, pois naqueles tempos, antes da guerra, não se ensinava às meninas esta arte “para que não se comunicassem com os namorados”. Minha mãe, criada durante os azares da guerra e em

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ ODDONE, Beatriz Rodríguez Alcalá de González. *Rosa Peña*. Asunción: Academia Paraguaya de la Historia, 1970, p. 14.

*meio às angústias econômicas emergentes daquela situação calamitosa, mal e mal recebera a educação do lar.*⁶⁶

Faltam algumas informações importantes no depoimento de Cardozo, como, por exemplo, se sua mãe e sua tia falavam ou não o guarani. Se o faziam, é pouco provável que admitissem fazê-lo diante dos filhos, pois sabiam das conseqüências do uso do guarani para o prestígio social da família, já abalado pelas desgraças da guerra. Ao mesmo tempo - e principalmente no interior -, não saber o guarani era sinônimo de alienação e isolamento em relação à comunidade.

Por outro lado, é falsa ou, pelo menos é uma superestimação, a informação de que as meninas não aprendiam a escrever para não se comunicarem com os namorados⁶⁷. Na verdade, é somente no pós-guerra que as mulheres terão o acesso à escola. A primeira Escola de Meninas, dirigida pela professora Asunción Escalada, foi inaugurada em novembro de 1869. A primeira previsão de gastos com a educação feminina é de 1874, quando são destinadas verbas para um “*Colegio Nacional de señoritas de la Capital*” e para 25 escolas de meninas no interior⁶⁸.

Mesmo assim a educação feminina só passa a ser obrigatória - mas não de ver do Estado -, para meninas entre os 6 e os 14 anos de idade, em 1909⁶⁹. Ademais, a *Escuela de Preceptoras*, primeira instituição “destinada a despertar a vocação magisterial das mulheres”⁷⁰, foi organizada apenas em 1890, pelas irmãs Adela e Celsa Speratti. De qualquer forma, as evidências mostram que a instrução feminina, mesmo sendo uma das muitas novidades liberais advindas do pós-guerra, trazia pouca novidade à relação entre os gêneros. A mulher deveria ser instruída para melhor interpretar e pôr em prática, graças a essa ilustração - que deveria ser parcial, ou pelo menos conter elementos curriculares que tratassem de questões “próprias do belo sexo”.

Essa forma de tratar a relação entre os gêneros, tão impregnada ainda de valores culturais do antigo regime que nem mesmo o primeiro liberalismo era capaz de romper, não era exclusividade do Paraguai o da região do Prata. Parece ter sido característica de, pelo menos, toda a América Latina durante o século XIX⁷¹.

No Paraguai, aliás, um dos quadros mais interessantes sobre o papel feminino seria traçado irônica mas não surpreendentemente por uma mulher, nas páginas do jornal ***El Pueblo***:

A poesia é a companheira inseparável da mulher boa e é ela que embeleza o lar doméstico [sic]. Desgraçada a mulher que a desconhece e desgraçado também o homem que busca para sua companheira sua uma mulher prosaica, e materialista! [...]

Toda mulher que cuida de embelezar sua casa e de torná-la agradável para sua família tem alma poética.

⁶⁶ CARDOZO. *Mi vida de ciudadano y maestro*, cit., p. 7.

⁶⁷ Cf. ODDONE. *Rosa Peña*, cit., p. 11.

⁶⁸ Cf. DECOUD, Arsenio López. *Álbum gráfico de la República del Paraguay 1811-1911*. Buenos Aires: Talleres Gráficos da Compañía General de Fósforos, 1911, p. 274.

⁶⁹ Cf. BENÍTEZ, Luis G. *Historia de la Educación Paraguaya*. Asunción: Comuneros, 1981, p. 99.

⁷⁰ Idem, p. 121.

⁷¹ Ver a esse respeito PASTOR, Brígida. *Una feminista cubano-española: Gertrudis Gómez de Avellaneda ante la sociedad de su tiempo*. *ACIS - Journal of the Association for Contemporary Iberian Studies*, 8(1): 57-62, Spring 1995.

[...]

*O lar doméstico sem poesia é para o espírito forte do homem um cárcere mesquinho e gelado. Se a mulher sabe embelezá-lo, é o oásis onde crescem palmeiras e flores, onde a água murmura docemente, onde a alma repousa das lutas e das dores da vida.*⁷²

Quando autorizada a participar da vida pública, a mulher deve restringir-se à caridade, cujo papel social

*é de tão vital importância que [...] não há sociedade bem e devidamente constituída onde não houver uma ou mais sociedades de senhoras que tenham por objetivo o alívio do infortúnio.*⁷³

Por outro lado, não podemos esquecer que o modelo de mulher para a sociedade paraguaia da “*Regeneración*” talvez tivesse como objetivo primeiro convencer e moldar as mulheres da classe dominante, a partir das quais esse modelo se irradiaria a toda a sociedade. Não é por outra razão que os documentos sempre exaltam as ações exemplares de mulheres da classe dominante ao mesmo tempo em que estão lançando suspeitas sobre, ou mesmo denunciando, mulheres das classes subalternas.

Com relação, particularmente, à caridade, exaltada quando da criação do Hospital Italiano em Asunción, o jornal ***La Patria*** dizia:

*Esta manifestação; este sinal de vida, é na verdade brilhante, posto que, entre os nomes das virtuosas senhoras que a levaram a cabo se encontra, em sua maior parte, tudo o que a Asunción tem de seletto e distinguido, tanto com relação às damas paraguaias quanto com relação às damas estrangeiras; encabeçando a lista [de doações para a construção do hospital] o nome da senhora do primeiro Magistrado da Nação.*⁷⁴

O papel social dessas mulheres, que deveriam transformar o lar num ambiente poético, um “oásis onde crescem palmeiras e flores” e onde a água murmuraria docemente, lugar de repouso para o alma (masculina) “das lutas e das dores da vida” e cujo papel, na vida pública, deveria restringir-se à caridade era apresentado como inerente à natureza feminina. Era, em outras palavras, biológico, do qual não era possível fugir. A produção de consenso respeito dessa constituição física e mental frágil e dependente era uma tarefa levada a cabo mesmo por uma incipiente indústria de bens femininos e sua correspondente propaganda comercial. Em maio de 1872 os jornais asuncenos anunciavam, por exemplo, o lançamento de um novo laxante, fabricado pela multinacional farmacêutica Bristol, que tinha a pretensão de servir às peculiaridades da biologia e mentalidade femininas.

[As mulheres] não podem usar os catárticos comuns sem correrem algum perigo. As Pílulas Açucaradas de Bristol unem as propriedades de um laxante suave, e um [produto] estomacal que parece estar especialmente adaptado às necessidades do belo sexo. Em casos de histeria, hipocondria, e outros males mentais e corporais que nascem de irregularidades funcionais, as pílulas sempre obtiveram bons resultados alcançaram, assim, uma alta reputação entre as Senhoras enfermas. As ocupações das Senhoras as predispõem a enfermidades do estômago e intestinos e contra es-

⁷² MARCO, María del Pilar Sinués de. *La poesía del hogar doméstico*. ***El Pueblo***, 3(512):1, 21/08/1872.

⁷³ MANÓ, José C. *Las señoras de la Asuncion y el Hospital Italiano*. ***La Patria***, 2(229):1, 05/02/1875.

⁷⁴ *Ibidem*.

ses males as Pílulas são o [tratamento] específico mas aprovado.⁷⁵

Fica clara aqui a intenção do autor do anúncio em sugerir que alguns dos males que a mulher sofreria, exclusivos do sexo feminino, estavam relacionados com seu papel social. Suas “irregularidades funcionais” seriam as responsáveis por vários males físicos e mentais. Por outro lado, suas atividades profissionais - domésticas, claro está - as predisporiam, mais que os homens, a doenças do estômago e dos intestinos, as quais, pela fragilidade feminina, deveriam ser tratados com remédios também suaves...⁷⁶

É importante lembrar que anúncios como este - como, de resto, todo o discurso sobre a mulher do século XIX e começos do século XX - era amplamente respaldado pelo discurso médico, cujo poder de decisão sobre os corpos era conferido pelos “tempos modernos”. Em 1873, por exemplo, Edward H. Clarke, conceituado médico norte-americano, publicaria *Sex in Education*, no qual defendia a tese de que o esforço mental empregado no estudo prejudicava a saúde feminina quanto à reprodução. Cinco anos mais tarde, em 1878, o doutor Max Runge, professor de ginecologia e obstetrícia na Universidade de Gottingen, analisando “a natureza feminina”, afirmava: “Consideremos, portanto, ponto pacífico que a vocação da mulher consiste em ser esposa e mãe e que todo mais está além de seu alcance”. Stuart Mill, que publicou *The subjection of women*, escreveu: “A esposa é de fato uma criada de seu marido [...] no altar ela jura obediência a ele por toda a vida e durante a vida as leis a mantêm sob o jugo desse juramento”⁷⁷.

Nesse contexto, distinguir a mulher ideal da mulher real não é uma tarefa das mais fáceis, principalmente porque a real mulher paraguaia praticamente não deixou registros de sua existência. Pode-se encontrá-la, no entanto, no discurso da imprensa sobre como eram as mulheres que freqüentavam os bailes (das “famílias distinguidas”) e as delinqüentes (da “gente baixa”). Em ambos os casos se coloca, sem dúvida, a questão de classes, assim como em razão da classe social a que pertenciam, salvo exceções, o governo desesperado de Solano López as dividiria entre “residentas” e “destinadas”. Através das situações atípicas em que as encontramos podemos perceber o que suas atitudes dizem do que realmente foram e/ou do que se esperava que elas fossem, num jogo de luz e de sombra muito próprio do método de investigação que Ginzburg chamou de “indiciário”. Assim Edward Thompson, com outras palavras, o define:

Um modo de descobrir normas não expressas é, com freqüência, examinar uma situação ou episódio atípico. Um motim lança luz sobre as normas dos anos tranqüilos e

⁷⁵ *Las Señoras de natureza delicada. El Pueblo*, 3(426):2, 04/05/1872. Esse anúncio foi publicado também no *El Orden* e no *La Patria*, aparecendo em várias datas. Ver, por exemplo, a edição 2(214):2, de 15/01/1875, deste último diário.

⁷⁶ Sobre a construção da imagem de homem e de mulher no discurso médico - que, afinal de contas, era o elemento “científico” de sustentação das teses sobre a superioridade do gênero masculino sobre o feminino - ver COSTA, Sylvia Maria da. *Ego e Outro: uma apreensão do corpo - O masculino e o feminino não discurso médico produzido nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1838-1887)*. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF/ICHF, 1989. O trabalho, embora lide especificamente com o contexto brasileiro, abre perspectivas para a análise dos papéis de gênero no século XIX e os discursos que os justificam. Analisando as relações entre o saber e o poder na normatização do comportamento da mulher e do homem presente nas teses defendidas pelos doutorandos da Faculdade de Medicina de Rio de Janeiro, Sylvia Costa demonstra os limites entre o “científico” e o ideológico no discurso médico da época.

⁷⁷ As informações deste parágrafo encontram-se em GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 142-143, 147, 170, e em BORGES, Urquiza Maria. *Modelando a mulher urbana (Correio Paulistano, 1850-1890)*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995, especialmente p. 104.

uma quebra repentina de uma observância nos permite entender melhor os hábitos da mesma já desprezados. Isto pode ser igualmente válido tanto para as condutas públicas e sociais como para as mais privadas e domésticas..

[...]

*Um ritual altamente atípico pode, deste modo, nos proporcionar um valioso mirante de onde observar as normas.*⁷⁸

No caso dos bailes promovidos pela classe dominante, nas casas de seus membros mais destacados e principalmente no Teatro Nacional, sobre a moral pública do pós-guerra, encontramos com o esforço da mulher da classe social detentora do poder econômico e político no sentido de, atendendo às exigências que lhes eram impostas por seus homens, diferenciarem-se da imensa massa de mulheres do povo, cujos hábitos, costumes e tradições eram, aos olhos do pensamento liberal, símbolos de barbárie e atraso social. No entanto, no recesso sacrossanto do lar, seu dever era o da anulação. Assim o descreve uma mulher, já em 1907:

*Como esposa não tem nenhuma personalidade, a aparente grande importância que se dá a ela é pura decoração: na realidade, seu valor é meramente formal, não tem significado próprio, vale o que [vale] o marido e tal é, em geral, seu grau de ignorância, que se pavoneia, orgulhosa de sua triste condição de escrava.*⁷⁹

Nos episódios relativos às mulheres delinquentes e infratoras, tomamos contato, ainda que breve, com um outro extremo da atuação feminina no pós-guerra da Tríplice Aliança. Aqui, vemo-las sair do anonimato que os porta-vozes da classe dominante lhes haviam reservado para, contestando a “ordem” e o “progresso”, denunciarem com suas atitudes desesperadas a iniquidade de um nova ordem que as desprezava ainda mais do que os regimes “tirânicos” que esses líderes diziam haver enterrado quando da ocupação Aliada de Asunción.

Por outro lado, não podemos nos esquecer das mulheres comuns, as que não aparecem nos registros policiais. É exatamente a designação de um papel social exclusivamente doméstico para a mulher - e sua aceitação - que alimenta a contradição que dá brecha à manutenção da cultura guarani-paraguaia. É na intimidade e na informalidade do lar que se dão as maiores vitórias na luta contra a nova ordem imposta pelos “regeneradores”. Numa sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres pelo menos exercem, segundo Michelle Perrot, todo o poder possível. As mulheres do século XIX - e, sem dúvida, as de todos os tempos - não foram apenas as vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixadas ou confiadas, elas às vezes elaboraram contra-poderes que podiam subverter os papéis visíveis.⁸⁰ É o que tentarei demonstrar a seguir.

⁷⁸ THOMPSON. *Folclor, antropología e historia social*, cit., p. 61.

⁷⁹ DÁVALOS. *Humanismo*, cit., p. 41.

⁸⁰ Cf. PERROT. *Poder dos homens, potência das mulheres*, cit., p. 10.

6. O PÚBLICO E O PRIVADO NO PARAGUAI DO PÓS-GUERRA

6.1. AS CONDIÇÕES SOCIAIS DO PAÍS SOB A OCUPAÇÃO

Já foram descritos nos capítulos anteriores as condições em que se encontrava o Paraguai quando da chegada das forças aliadas a Asunción. Também procurei mostrar como a vida pública paraguaia do pós-guerra é um emaranhado de lutas intestinas, defecções, golpes e busca pelo poder entre *lopistas* e *legionarios*, que muitas vezes se confundiam e se reorganizavam, ao sabor, muito freqüentemente, das ambições pessoais. A tudo isso assistiam os Aliados, imersos em seus próprios jogos de poder e impotentes ou indiferentes diante da situação caótica em que vivia o país ocupado, que abandonariam definitivamente em 1876.

A ocupação aliada, aliás, era vista por vários observadores como o representante plenipotenciário britânico em Buenos Aires, em 1872, como uma das próprias causas da miséria do país:

*[...] se [...] considerarmos que os recursos naturais do país estão paralisados, seu comércio e sua renda quase insignificantes, culminando com uma dívida de guerra absolutamente acima das possibilidades de sua população e de seus recursos, e ainda mais com a obrigação de manter um exército de ocupação e, finalmente - mas não só isso -, tendo que garantir o retorno das consideráveis somas que foram tomadas de empréstimo ultimamente e das que estão por ser feitas na Inglaterra, logo fica patente que os habitantes dessa República terão que carregar um fardo extremamente pesado.*¹

O mesmo ponto de vista era mentido ainda em 1875, às vésperas da saída definitiva das tropas brasileiras de Asunción:

*A situação política deste país é a mais infeliz que se possa imaginar. [...] o país desfalece sob uma ocupação estrangeira que está gradualmente extinguindo seus já poucos recursos e que deve, assim, terminar sendo anexado a uma ou a outra das forças de ocupação.*²

Ao que tudo indica, apesar da absoluta necessidade da permanência dos Aliados no país como garantidores da estabilidade política mínima à reorganização da vida pública, tanto entre os novos líderes políticos quanto entre a gente comum o sentimento de incômodo e, em muitos casos, mesmo de rejeição e ojeriza à ocupação aliada parece ter sido relativamente generalizado. Em um documento encaminhado ao Conselheiro Azambuja, chefe da missão brasileira em Asunción, em agosto de 1872, o major honorário do Exército brasileiro Jorge Lopes da Costa Moreira reclamava,

*em nome e representação dos brasileiros que residem nesta República nos departamentos de Villa Rica, Caazapá e Yatý [que] os direitos que a Constituição da república [do Paraguai] garante a todos os seus habitantes é uma quimera para os brasileiros.*³

¹ McDonell ao Conde de Grenville, 02/08/1872, **GB:PRO/FO:59** (Paraguay), doc. n.º 35, f. 20-21.

² Mr. West ao Conde de Derby, 14/09/1875, **GB:PRO/FO: 118** (Argentina), doc. n.º 157, f. 195.

³ Carta de Jorge Lopes da Costa Moreira ao Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja. Villa Rica, 30/08/1872,

Segundo Moreira, ao passo que os que cometiam crimes contra os brasileiros sequer eram perseguidos, as autoridades departamentais os obrigavam a realizar serviços de guarda e limpeza pública, que os paraguaios chamavam de “*servicios de la patria*”.

Ainda segundo o major, a principal arma das autoridades locais paraguaias contra a permanência dos brasileiros em Villa Rica era a burocracia:

[...] *quando a elas nos dirigimos, ou atiram ao esquecimento nossas pretensões, ou não as atendem por não virem pelos canais competentes, que as não quiseram receber, ou, finalmente, nos obrigam a abandonar nosso direito, cansando-nos com uma protelação sem exemplo.*⁴

Concomitante a isso, era comum a divulgação nas ruas de Asunción de panfletos anônimos denunciando os malefícios da existência de estrangeiros no país e da ocupação aliada em particular. Ainda no próprio dia da desocupação do Paraguai, 28 de maio de 1876, um desses *sueños*, como eram denominados, irado e malcriado, era distribuído aos transeuntes nas ruas da capital paraguaia, demonstrando o sentimento geral contra os brasileiros:

Alguns negros⁵ brasileiros distribuíram em Asunción um asqueroso pasquim impresso no Império, no qual insultam grosseiramente a sociedade paraguaia que dá generosa hospitalidade a esses imbecis.

Sob pretexto de que o Redator de “La Reforma”, atualmente ausente, os insultou por ter pedido a desocupação brasileira, eles, os negros catíngentos, se crêem com direito a denegrir covardemente o nome paraguaio.

Mas saibam que haveremos de responder olho por olho e dente por dente. Dizem vocês, vis escravos do Império, que o paraguaio é um ser degradado, corrompido, luxurioso e selvagem.

Pois bem: eu, que não sou paraguaio nem brasileiro⁶, lhes respondo que o brasileiro é descendente do africano antropófago, que atualmente leva nas costas os sinais do látigo com que seus amos os açoitam [...].

BR:AHMRE, pasta n.º 201-1-10.

⁴ Ibidem.

⁵ Referência à grande quantidade de escravos no exército brasileiro. Embora evidentemente marcada por um forte preconceito, a menção, em vários momentos do texto, aos negros nas forças brasileiras não está longe de refletir a realidade. São já bastante conhecidos os expedientes utilizados no Brasil, principalmente entre os senhores de engenho em idade militar ou que tinham filhos nessa idade, que “trocam” seu engajamento como “voluntários da Pátria” pelo envio de alguns de seus escravos, expediente em grande parte responsável pela intensificação da campanha abolicionista no Brasil ao término da guerra. A presença em massa de escravos nas tropas brasileiras já havia sido amplamente usada como instrumento de propaganda de guerra nos jornais *Cabichuí* (redigido e impresso na frente de batalha, primeiro em Paso Pucú e depois em San Fernando, entre maio de 1867 e julho de 1868), *Cacique Lambare* (surgido em Asunción em julho de 1867 e que duraria até setembro de 1868, editado em Luque), *El Centinela* (Asunción, abril de 1867 a janeiro [?] de 1868) e *La Estrella* (Asunción, fevereiro a julho de 1869). Sobre os escravos brasileiros na guerra, além do livro de Jorge Prata de Souza (*Escravidão ou morte...*, cit.), ver também CHIAVENATTO (*Os Voluntários da Pátria*, cit.). Dos periódicos da guerra, exceto *La Estrella*, há edições facsimilares: *Cabichuí: periódico de la guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Museo do Barro, 1984; *Lambare, cuatia ñeê ybytyrusu ôsé bae*. Asunción: Imprenta del Estado, 1967; *El Centinela. Colección del semanario de los paraguayos en la guerra de la Triple Alianza, 1867*. Buenos Aires: Fondo Editorial Paraguariae, 1964. Excelentes análises sobre o papel desses periódicos na guerra acompanham as reproduções facsimilares de *Cabichuí* e *El Centinela* citadas e em BOVIER, Víctor Simon. *El periodismo combatiente del Paraguai durante la guerra contra la Triple Alianza*. In: *Historia Paraguaya*. Asunción: s.ed, 1968. V. 12; e ESCOBAR, Ticio. *Una interpretación de las artes visuales en el Paraguay*. Asunción: s.ed, 1982.

⁶ Embora não se identifique, é pouco provável, pelo teor da defesa apresentado e também pelo sentimento anti-estrangeiro generalizado que reinava em Asunción, que o autor do panfleto não fosse paraguaio. Vários autores referem-se a esse sentimento anti-estrangeiro, embora a posição oficial do governo, como veremos, fosse a de incentivar fortemente a imigração como fator de desenvolvimento nacional. A afirmação do autor anônimo de que não é brasileiro nem paraguaio provavelmente tinha como objectivo reforçar a ocultação de sua identidade.

Querem provas de que são corrompidos? e de que foram os introdutores da prostituição no Paraguai?

Pois aí vão:

Paranhos, o grande Ministro do Império e o primeiro que Pedro II mandou ao Paraguai, andou publicamente com uma querida, que se chama Antonia López e é moradora de Paraguairí.

Cotegipe, o autor dos célebres tratados, pouco lhe faltou para andar amancebado.

E, por último, o grande e astuto Gondin, o jesuíta Gondin, vai todas as noites a um rancho de Icuará, onde faz coisas muito pouco santas.

Mas isto não é tudo.

Ninguém ignora que o macaco brasileiro, por seu clima, por seus costumes e tendências, é o ser mais luxurioso que pisa a terra.

Mas esta luxúria é especial, como especial é o sangue que corre pelas veias destes novos descendentes de Sodoma.

Conheceram recentemente no Paraguai mulheres; no entanto não abandonaram o velho costume, pois não faz muito que estabeleceram em Asunción uma pequena casa de tolerância, em que só apreciam, em vez das deusas do Olimpo pagão, rapazes imberbes misturados a negros desavergonhados e hediondos.

Esta é a verdade que conhece bem o Padre Duarte, que foi também uma vítima dos negros em Uruguaiana.

Agora rasguem-se, seus merdas.

[...]

Fora, fora, brasileiros.

Escravos, vão sair do Paraguai. Pois bem, levem a maldição desta terra e da América toda.

Esta é a despedida que lhes manda

Alguém que não suporta vê-los.⁷

Em meio às disputas pelo poder e ao sentimento anti-ocupação, os novos líderes paraguaios, mesmo os que se importavam, tinham muito poucos meios para aliviar as necessidades da população. O governo não podia arrecadar impostos e a princípio só dispunha dos aluguéis dos imóveis públicos, assim como do produto da venda de tabaco, couro, erva-mate e outros poucos produtos capturados pelos Aliados e que foram cedidos por estes para esse fim⁸. Havia doações brasileiras e dos emigrantes que regressavam, mas eram absolutamente inexpressivas.

Mediante uma série de decretos mais ou menos realistas o governo esforçava-se por conseguir uma paulatina melhoria da situação. Tais medidas, no entanto, mais que demonstrar a boa intenção dos governantes, revelavam as debilidades de um governo que, marcado por sua filiação às classes altas, por sua ideologia liberal e em parte pelo próprio desconhecimento da realidade paraguaia, da qual viveram afastados por alguns anos, particularmente em Buenos Aires, não conseguiam atender às reais necessidades da população e tampouco eram assimiladas pela

⁷ *Los brasileiros en el Paraguay*. Asunción, 28/05/1876. PY:BNA/BPSL, pasta 19-N-24, doc. n.º 149.

⁸ Carlos Loizaga ao ministro das Relações Exteriores, Varela, 18/11/1870. AIRE:AMRE/SDC, caixa 51.

mentalidade do país. Esse distanciamento fica claro, por exemplo, no artigo de **La Regeneración**, que já em 1869 se queixava sobre a mudança de costumes e de caráter do povo sob a ocupação aliada. Segundo o jornal, devido

*ao abatimento de tantos anos de terror e de trabalhos, o incentivo dos prazeres que vêm com a civilização e a atividade do estrangeiro que supera os esforços do Paraguai, cheio de fadigas e enfermidades [...] quase toda a população pobre não trabalha e é necessário que sejam vigiados [...] há muitos que não trabalham [...] por preguiça ou abatimento e se deixam morrer de fome por não tomarem a enxada ou o arado.*⁹

Evidentemente, era impossível esperar estabilidade e ordem de pessoas absolutamente perdidas em consequência da guerra. Além do mais, ocupada com a mera luta pela sobrevivência, era improvável que a população paraguaia das classes baixas pudesse sequer se preocupar com os “prazeres” advindos da “civilização e a atividade” estrangeiras. A antropóloga Branislava Susnik observa:

*No campo, a crise era total e a reação era um amálgama de luta pela sobrevivência, criminalidade, apatia, ociosidade e irritação contra as forças de ocupação; a catástrofe demográfica depois da guerra provocou a destruição da estrutura familiar; devido às penúrias da guerra e do pós-guerra [as pessoas] tinham que se reagrupar [em] muitos novos núcleos familiares. Os homens sobreviventes, muitos velhos, mutilados e "crianças-jovens" desconfiavam apaticamente da "nova pátria", onde já não vigorava uma ordem pautada da produção - o costume desde a época do Supremo -, sentindo-se a população abandonada pelo "governo-autoridade"; nem **La Regeneración**, nem a **Voz del Pueblo**, nem os liberais, nem os "tradicionalistas" falavam "o guarani" sociocultural do campesinato para estimular sua "reafirmação patriótica". A produção agrícola de subsistência pesava desde o final do século XVIII sobre a mulher; e havia nisto também um fator psicossocial importante [...].*¹⁰

Em artigo de 1879, o jornal **La Reforma** ainda se preocupava com a questão, fazendo a correta análise do problema, sem, no entanto, atinar ainda com a solução:

*[...] nos tempos dos governos despóticos e tirânicos [...] o homem sempre foi considerado como um instrumento do governo ou do Estado, como se dizia: nunca podia trabalhar tranqüilo, ou estava em armas no serviço militar ou nos trabalhos públicos, onde nunca era pago [...].*¹¹

A mulher, ao contrário, era quem trabalhava pela subsistência. “[...] a mulher sempre foi livre no Paraguai, precisamente por seu sexo, e isto lhe deu essa espécie de superioridade sobre o homem.”¹²

Rey de Castro, no entanto, contestaria essa visão em sua conferência de 1903:

Os excursionistas que incidentalmente chegam a algum povoado no campo e encontram os donos de modestas palhoças ocupados em tomar o mate, dançar, dedilhar o violão e cantar, ou ainda dormitando na rede, ou deitados sobre seus ponchos são os que mais contribuem para difundir a crença de que a classe rural paraguaia está perdida, que não trabalha, que se acha devorada pela preguiça e os vícios.

Será, no entanto, rara a pessoa que tendo relações comerciais constantes com essa

⁹ **La Regeneración**, (23), de 01/12/1869.

¹⁰ Ver SUSNIK. *Una visión socio-antropológica...*, cit., p. 68.

¹¹ *Nuestro deber. La Reforma*, 2(236):1, 21/07/1876.

¹² *Ibidem*.

gente e tendo observado por algum tempo seus costumes, conserve semelhante crença.

De mim, sei dizer, pelo que vi e observei em todos os povoados que percorri - e são já numerosos -, que não só rechaço como me irrita essa crença.

É verdade que freqüentemente se oferece o espetáculo de gente que se diverte, que em grandes grupos toma o mate, que dorme em pleno dia ou que canta e toca algum instrumento.

Mas o que isto significa?

*Essa mesma gente, incluindo crianças de pouquíssima idade e velhos bastante idosos, sem distinção de sexo, desde o clarear do dia acorre à sua **capuera** e, com inteligência e garra, trabalha até a hora do almoço, às vezes cinco horas consecutivas. Depois, à tarde, quando diminui o calor, regressam a suas interrompidas fainas e lhes consagram outras três ou quatro horas.*

E é preciso ver a atividade e energias que despendem. Homens e mulheres, velhos e crianças, todos trabalham, felizes e contentes, em meio a grandes sorrisos e contínuas brincadeiras, aspirando a plenos pulmões o ar puro de sua comarca e os perfumes tênues e suaves que se desprendem de seus formosos cultivos.

Naturalmente, desde as nove da manhã, quando almoçam, até as três ou quatro da tarde, quando retornam ao trabalho, descansam e procuram entretenimento.

Para as mulheres este descanso e outros entretenimentos consistem, salvo uma hora ou meia de siesta, em cozinhar para os homens, fiar, tecer e confeccionar seus trajés simples, não isentos de coquetaria e bom gosto, bem como em arrumar ou preparar a roupa dos homens.

E como estes, que não podem se ocupar desse tipo de tarefa e que se fatigaram escolhendo as mais rudes da capuera, descansam, de fato - dormem, conversam, cantam ou tocam algum instrumento -, são as primeiras vítimas dos juízos errôneos e adquirem a fama de ociosos é inúteis. Os que não sabem ver, ou fazem que não vêem, dizem que eles não trabalham e que vivem às expensas das mulheres.¹³

Evidentemente, trata-se de uma visão bastante idealizada e, ademais, de um estrangeiro. Mas mostra, de forma bastante clara, trinta anos depois do fim da guerra, que não era possível tomar ao pé da letra as interpretações que viam o homem comum, em geral, e o do campo, em particular, como folgazões e preguiçosos e que, por outro lado, nada havia sido feito no sentido de as elites paraguaias do pós-guerra se aproximarem minimamente da realidade social do país que dirigiam.

Por isso, ao que parece, como era claramente impossível esperar da população adesão ao modelo político-ideológico imposto pelos novos donos do poder, particularmente no que dizia respeito a atitudes concretas da vida cotidiana, era cada vez mais forte entre eles a tomada de posições e de medidas que nem apontavam para a democratização nem tampouco para a modernização do país que esses mesmos líderes apregoavam. Essa maneira de agir quanto à reorganização social do Paraguai, ao contrário, acabava por colocar-se em frontal contradição com os preceitos do pensamento liberal clássico, formalmente presente nos discursos e escritos dos novos líderes e oficializado em grande parte da legislação e na própria Constituição de 1870. Mesmo para o mais ignorante dos camponeses estava claro que a “regeneração” não era para todos. E isso os próprios membros da elite o re-

¹³ CASTRO. *La clase rural paraguaya*, cit., p.18.

conheciam, embora tal constatação resvalasse no imobilismo e na luta pelo poder.

Alto o fogo! que o tempo passa, e com ele as laudas; e considere que “A Liberdade” [o autor faz um trocadilho com o nome do jornal] é pequena...

Não me digas pois eu sei muito bem, a liberdade é tão pequena que só cabe [nela] um reduzido número de seres privilegiados que gozam dos benefícios desta moderna conquista. Os demais que vaguem à mercê de suas necessidades por este deserto que chamam, por ironia, povo.¹⁴

Particularmente durante os primeiros momentos do governo provisório, compreensivelmente, sucediam-se os decretos numa velocidade que tentava rapidamente dar ordem ao país segundo os novos preceitos, ainda que recorrendo a medidas que acabaram por reproduzir, quase que integralmente, atitudes que essas lideranças condenaram como símbolos das administrações tirânicas antes e durante a guerra. Entre estas, por exemplo, a determinação quanto aos produtos a serem cultivados pelos pequenos agricultores, a regulamentação do seu trabalho e a proibição do uso do idioma guarani inclusive nas escolas rurais.

Algumas dessas medidas beiravam no ridículo, como um decreto de 17 de novembro de 1869, por exemplo, em que o governo provisório proibia a tradicional *siesta*, instituição herdada do colonizador e tranqüilamente incorporada aos hábitos da população paraguaia desde a colônia, por ser “prejudicial à atividade que o comércio, que cresce notavelmente, demanda”, ao mesmo tempo que estabelecia um horário comercial das 9 da manhã às 3 da tarde¹⁵.

Ainda levaria algum tempo para que tanto os governos constitucionais quanto os órgãos da administração pública pudessem se livrar da contradição entre o ideário liberal e a necessidade de medidas autoritárias para regular, particularmente, a vida cotidiana no Paraguai. Com relação à instrução pública, por exemplo, embora voltassem a funcionar as escolas, fossem criadas novas escolas públicas, inclusive para as mulheres (em todo caso, de qualidade ainda muito duvidosa), o uso do idioma guarani era absolutamente proibido, sob o argumento de que representavam o atraso, o “jesuitismo” e que, ademais, contribuíam para o “entorpecimento” da língua castelhana. Essa argumentação, liberal em sua essência, mas que resultaria em medidas tão autoritárias quanto as dos governos “tirânicos” de Francia e dos López, está no primeiro número de **La Regeneración**, representante dos liberais advindos do exílio de Buenos Aires, onde Adolfo Decoud expõe com clareza esses ideais, em uma declaração grandiloqüente contra todo o passado do povo paraguaio:

[...] já se disse que nosso passado é o jesuitismo, o feudalismo da Idade Média, o terror, o fanatismo, os dogmas de ódio e o guarani, espantosa criação da ignorância, do retrocesso, digno de ser aprendido pelos apóstatas, que se serviam dele como inimigos de todo progresso e civilização [...]¹⁶.

No decreto de 7 de março de 1870, que ordenava aos chefes políticos do interior a criação de escolas primárias, o guarani era expressamente excluído do currículo, além de ser proibida a sua utilização em sala de aula tanto pelos alunos quanto

¹⁴ *Uma hermosa fiesta. La Libertad*, 1(159):2, 05/09/1874.

¹⁵ *Registro oficial de la República del Paraguay correspondiente a los años 1869 a 1875*. Asunción: Talleres Nacionales H. Krauss, 1887, p. 36; *La Regeneración*, (18):1, 19/11/1869.

¹⁶ *La Regeneración*, (1):1, 01/10/1869.

pelos professores, qualificado como uma aberração social.¹⁷ Poucos meses depois, num sábado, 20 de agosto, durante a sexta reunião da Convenção Nacional Constituinte, o deputado Pedro Recalde, por Paraguairí, apresentou uma moção para que se permitisse, pelo menos a alguns dos convencionais do interior, expressarem-se em guarani. A reação foi de escárnio:

*Esta moção produziu entre os convencionais uma grande hilaridade e foi combatida energicamente pelos deputados Decoud (Juan José), Godoi (Juan Silvano), Recalde (Bernardo), Machaín (León), Decoud (Antonio) e Collar (Mateo), que pediram não apenas que ela fosse rejeitada mas também que fosse proibido terminantemente promover o assunto em futuras sessões. A Assembléia, por maioria das duas terceiras partes de seus membros, aprovou a rejeição nos termos propostos.*¹⁸

A atitude de deboche quanto ao guarani repetir-se-ia outras vezes. Em uma delas, o jornal **Los Debates** ridicularizava a iniciativa de uma empresa multinacional inglesa de ensinar o guarani a seus empregados vindos de Inglaterra e, ao mesmo tempo, inglês aos empregados paraguaios, dizendo que “deve ser muito agradável ouvir um inglês falando guarani”¹⁹.

Ainda em junho de 1877, o jornal **La Reforma** noticiava a prisão de uma mulher que, interpelada por um policial, não soube responder-lhe em castelhano²⁰. Trinta e quatro anos depois, a 26 de fevereiro de 1904, às vésperas da instauração da chamada “Segunda República” paraguaia, o coronel José C. Meza, então chefe de polícia, proibia o uso do poncho *ñemondé*²¹ pelos homens e do charuto *poguasú*²² pelas mulheres, símbolos típicos da cultura paraguaia. O édito também vedava ao pessoal da administração pública e aos soldados a utilização do idioma guarani.²³

Outra fonte de avaliação do dilema entre uma nova sociedade liberal e a necessidade de medidas autoritárias que desciam às minúcias da vida cotidiana são as medidas decretadas a 15 de fevereiro de 1876 para tentar dar a Asunción características de uma cidade moderna, que abandonasse de vez seus ares de vila colonial que a capital paraguaia ainda mantinha. Sob o título de **Disposiciones generales de Policía**, o chefe do Departamento de Polícia de Asunción, José M. Delgado, decretava:

Art. 1º É proibido dentro do Município todo tipo de jogo de azar [...].

Art. 2º É proibido vender bebidas para serem consumidas no balcão [...].

[...]

Art. 4º O andar a galope em carros ou veículos de rodas pelas ruas e tê-los ociosos [...].

Art. 5º Cruzar ou dar a volta nas bocas ruas [esquinas?] com as carruagens ou veículos de rodas por outro caminho que não seja o natural dos cavalos.

¹⁷ Cf. CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años...*, cit., Tomo XIII: 1º de Octubre de 1869 a 1º de Marzo de 1870. Asunción: EMA-SA, 1982. p. 10. Ver também SPERATI, Juan. *Historia de la Educación Pública en el Paraguay*. Asunción: Escuela Técnica Salesiana, 1979, pp. 64-65.

¹⁸ PY:BNA/BPSL. *Actas de la Convención Nacional Constituyente - Sesión sexta*. Asunción, 20 de agosto de 1870.

¹⁹ *Humoradas. Los Debates*, 1(1):2, 16/07/1876.

²⁰ Cf. *La Reforma*, 09/06/1877.

²¹ Do guarani: vestir-se.

²² Em guarani: *po* = mão; *guasú* = grande; remetendo, talvez, ao tamanho dos *cigarros* (charutos).

²³ Cf. HERMOSILLA, Ida Beatriz Genes. *Actitudes hacia el idioma guaraní. Ñemity*, (3):9, 1978.

Art. 6º *Todo aquele que galope pelas ruas dentro do radio de duas quadras do mercado central pagará uma multa de dez pesos fortes. Ficam excetuados desta disposição os médicos e as pessoas ocupadas com serviços públicos.*

Art. 7º *É proibido fazer circular volumes pela rua ou arrastá-los [...], bem como transitar com eles pela calçada [...].*

Art. 8º *Manter soltos cães bravos, maltratar os animais [...], bem como jogá-los mortos, sob a multa de cinco pesos fortes.*

Art. 9º *Disparar armas de fogo, como soltar foguetes sem o permissão competente [...]. É igualmente [proibido] ter nas casas comerciais mais de duas arrobas de pólvora para a venda ao varejo [...].*

Art. 10. *Proferir em público palavras obscenas [...].*

Art. 11. *Urinar nas ruas [...].*

Art. 12. *Admitir menores nas mesas de jogo de bilhar, loteria etc. [...]*

Art. 13. *Dar bailes públicos sem licença da Polícia [...].*

Art. 14. *Banhar-se nu em público [...].*

[...]

Art. 16. *A direita no trânsito das calçadas é preferencial e toda pessoa que, tendo a parede à sua esquerda, a disputar com o que a traz à sua direita será considerada agressora na contenda; o belo sexo tem, em todos os casos, a preferência. Caso se encontrem duas senhoras acompanhadas de cavalheiros, os senhores descerão e as senhoras passarão pela calçada, guardando-se a ordem que lhes caiba, de direita e esquerda.*

Art. 17. *Ninguém tem direito de obstruir a calçada, parando nela para conversar, pois em caso de querer fazê-lo deverão descer do cordão para deixar a passagem livre, e o que assim não fizer será considerado como agressor em caso de disputa.*

Art. 18. *Nenhuma pessoa com carga volumosa o capaz de manchar, como carne, pescado, lenha, bandeja ou outra carga capaz de ferir ou molestar o trânsito, poderá andar pela calçada e, em caso de contendas, toda pessoa que intimar o mandato de descer dela, segundo esta disposição, será obedecida, e que quem não o fizer será considerado como agressor [...].*

Art. 19. *É proibido deitar na calçada e também comer carnes e frutas nelas.*

Art. 20. *Os carros de reboque não poderão ser atravessados nas ruas, pois esse tipo de veículo só é permitido para facilitar o modo de carregar os volumes. [...]*

Art. 21. *Está proibido jogar animais mortos nas ruas, locais públicos e margem do rio [...].*

Art. 22. *Dar de comer aos cavalos nas ruas e amarrá-los nos postes [...].*

Art. 23. *Os donos de tavernas²⁴ e mercados que, nas horas em que estas permanecerem abertas, permitirem reuniões de ébrios ou qualquer desordem, pagarão uma multa de cinco pesos fortes; e [multa] dobrada em caso de reincidência.*

Art. 24. *Toda pessoa que for encontrada ébria nas ruas ou praças públicas será imediatamente conduzida ao Departamento de Polícia, onde permanecerá até que se dissipe a embriaguez, sob a multa de cinco fortes [...] ou, na falta destes, a cinco dias de prisão sem prejuízo de ser separadamente punido por qualquer outra desordem que por efeito da embriaguez tiver cometido.*

²⁴ Mais propriamente, a palavra - *pulperia*, em espanhol - refere-se a uma espécie de armazém no qual se vende também bebidas alcoólicas.

Art. 25. Todo vagabundo ou desocupado que ande pela cidade sem ocupação lícita ou ofício conhecido será conduzido ao Departamento geral de Polícia, onde, uma vez averiguada sua conduta e antecedentes, não sendo menor, de acordo com as prescrições regulamentares, lhe será proporcionado o tipo de trabalho ou ocupação que lhe for adequado, sob a inspeção e vigilância do Departamento; e sendo menor de idade será posto à disposição do Defensor Geral para que este o entregue a família de reconhecida probidade e bons costumes para cuidar dele e [dar-lhe] educação.

[...]

Art. 27. É proibido a qualquer pessoa portar armas de qualquer tipo. [...] Se excetuam desta disposição os militares em serviço. Os açougueiros poderão ter [...] armas brancas para o uso exclusivo do corte da carne.

Art. 28. Quem tiver cães bravos os manterá presos com segurança para evitar ocasiões perigosas aos transeuntes, e se, neste caso, houver dano por descuido de seu dono, pagará uma multa de cinqüenta pesos fortes, além de [ressarcir] os danos e prejuízos.

Art. 29. As presentes disposições policiais serão publicadas pela imprensa por um mês consecutivo e fixadas nos locais públicos e nas distintas repartições do Departamento de Polícia para que chegue ao conhecimento de todos; devendo entrar em vigor a partir desta data.²⁵

É importante observar, dentre essas disposições, a recorrente preocupação com a existência de animais mortos nas ruas (Arts. 8 e 21), com porte de armas (Arts. 9 e 27), com os desentendimentos causados pela obstrução das ruas e calçadas (Arts. 4 a 7, 11, 16 a 22 e 24) e com os bêbados, vagabundos e desempregados (Arts. 23 e 25), que pode nos dar uma idéia de como, ainda em 1876, Asunción era uma cidade oscilante entre a “modernidade” dos “regeneradores” e *reconstructores* e a capital tradicional dos ditadores pré-guerra, embora parte substancial de sua população tivesse sido “renovada” graças à catástrofe da guerra.

Outros indicadores importantes sobre o Paraguai dos primeiros anos do pós-guerra estão na extensão dos artigos e no valor das multas. Os dois maiores parágrafos do texto pertencem ao Art. 25, que trata de pessoas desocupadas, e ao Art. 16, que trata da circulação de pessoas pelas calçadas. Nenhum dos dois prescreve prisões ou multas. O primeiro trata do controle social sobre os quais, por não terem lugar no mercado de trabalho, ferem a ordem pública. O último preocupa-se com noções de civilidade, tão caras aos novos padrões político-ideológicos, estabelecendo quem seria considerado como agressor e quem seria o agredido no caso de algum desentendimento causado pela insistência de algum transeunte em não dar passagem ao que viesse em sentido contrário.

Quanto aos valores das multas, é interessante observar que dentre as inúmeras prescrições, tratando dos mais diversos temas relativos à transformação de Asunción em uma metrópole “civilizada”, as que mereceram multas mais altas, de \$F 50 (cinqüenta *pesos fuertes*), são aparentemente incomparáveis: o proprietário de estabelecimento comercial que tivesse mais de duas arrobas de pólvora para vender no varejo (Art. 9); o responsável pela realização de bailes públicos sem autorização (Art. 13); e o proprietário de cão bravo que causasse dano a outras pessoas, que, além dos \$F 50, deveria pagar os prejuízos sofridos pela pessoa atacada (Art. 28).

²⁵ *La Reforma*, 3(114):3, 20/02/1876.

No entanto, um olhar apenas um pouco mais atento notará a conexão entre esses três artigos: ambos representam perigos potenciais para a segurança e a ordem na cidade. Em outras palavras, bailes públicos fora do controle da Polícia eram, na Asunción de 1876, potencialmente tão perigosos quanto cães ferozes soltos pelas ruas ou eventuais explosões causadas pelo acúmulo de pólvora em um mesmo local dentro do perímetro urbano. Afinal, seres humanos pobres, incultos e exaltados pela bebida e pela sensualidade dos bailes públicos eram, para os “regeneradores”, animais tão bravos como os cães, tão explosivos como pólvora.

Contraponto interessante: em São Luís do Maranhão, aparentemente tão distante, também a polícia era a garantidora da “nova ordem”, que as classes baixas insistiam em ignorar:

*Civilização que então se entendia como um modo de ser em todo outro em relação ao até então vivido pela grande maioria, e que impunha mesmo a colaboração da polícia para se fazer implantar, como no caso da ordem de não se permitir ensaios e dissolver cheganças, turês e congos que por acaso ganhassem as ruas, por deponentes contra a civilização, contra os foros de gente civilizada da capital.*²⁶

De qualquer forma, voltando a Asunción, não era a primeira vez que se ensaiavam medidas reguladoras das formas aceitáveis de permanência ou simples passagem da gente comum pelas ruas da capital (e, por extensão, de todo aglomerado urbano do país). Em janeiro de 1874, a Junta Econômico-Administrativa da capital, no prólogo a mais um pacote de medidas relativas à higiene pública, mencionava que já havia ensaiado medidas nesse sentido, sem nenhum resultado:

*A Junta Econômico-Administrativa desta Capital tem visto com bastante pesar os poucos resultados obtidos com as medidas tomadas na ordem municipal com data de 10 de setembro do ano ppdo. 1873 que com o louvável objetivo de tomar a tempo as medidas higiênicas conducentes a evitar toda infecção produzida pelas imundices e desasseio das ruas e terrenos baldios desta Cidade foi publicada repetidamente nos jornais, que se manda lembrar ao povo novamente com esta ordem, a fim de que se leve a devido efeito o que nela se prevê em precaução dos males que podem trazer a esta população o terrível flagelo do Cólera que já se anuncia aproximar-se, com alguns casos em Províncias vizinhas do Rio da Prata, contra a qual devemos tomar a tempo todas as medidas de precaução, para que não sejamos surpreendidos com esta funestíssima epidemia devido ao abandono da higiene pública.*²⁷

A ordem municipal estabelecia, entre outras coisas, que a empresa contratada pelo município para efetuar a limpeza pública cumprisse o contrato assinado, jogando a uma

*distância conveniente [...], fazendo remover o [lixo] que, por omissão ou má vontade dos lixeiros, tem sido jogado em lugares muito próximos [da cidade], cuja putrefação deverá ser muito nociva à saúde*²⁸.

Além disso, a ordem proibia a existência de curtumes dentro dos limites urbanos, a criação de porcos, além de recomendar à população “mandar limpar, branquear e conservar com asseio seus domicílios”²⁹, estabelecendo multas aos casos de

²⁶ CORREIA. *Representações femininas em meio à “loucura industrial”*, cit., p. 3.

²⁷ Ordenanza Municipal. *Nación Paraguaya*, 3(343):2, 09/01/1874.

²⁸ Idem, Art. 3º.

²⁹ Idem, Arts. 4º e 5º.

negligência.

Também não era a primeira vez que o governo tentava medidas contra a existência de vagabundos e desocupados. Em 1872, o presidente em exercício, Salvador Jovellanos, já havia decretado medidas nesse sentido, lembrando que “os decretos sobre desocupados ditados até hoje não produziram o bom resultado que o governo se propôs” e que era necessário

*tomar medidas enérgicas para neutralizar os maus efeitos da vida vagabunda e licenciosa a que se entrega uma porção de pessoas que não têm domicilio fixo nem modo de viver conhecido*³⁰.

No entanto, entre as medidas decretadas não havia nenhuma que ensiasse minimamente resolver o problema real dos desocupados, que era a falta de condições mínimas de moradia e trabalho. O decreto, ao contrário, acreditava que

*o meio mas breve e conducente para alcançar esse objetivo é estabelecer a prática de que todos os habitantes da capital se provejam de algum documento consular ou policial que ateste suas circunstâncias pessoais*³¹,

instituindo, para nacionais e estrangeiros, a obrigatoriedade de portar passaportes. Estavam, no entanto, excluídos do decreto, segundo seu Art. 7º, os militares, marinheiros e empregados das forças aliadas e militares do exército nacional. Além disso, o Art. 10. estabelecia que cabia ao chefe político expedir o documento mas, no caso de pessoa desconhecida, apenas mediante a apresentação de duas testemunhas que pudessem declarar seu domicilio e ocupação, numa clara demonstração de absoluta má vontade para com a solução do problema real dos milhares de desocupados e sem moradia que perambulavam pelas ruas de Asunción e dos demais povoados do país.

Vale a pena lembrar que embora não haja estatísticas precisas, é possível assegurar que a grande maioria dos infratores potenciais mencionados nas **Ordenanzas Municipales** de 1874 e nas **Disposiciones** de 1876 ou eram analfabetos ou expressavam-se, em geral, em guarani, ou ambas as coisas, sendo, portanto, pouco eficaz sua publicação nos jornais asuncenos ou a fixação de cartazes em locais públicos para divulgá-las. Vale lembrar também que, dessa forma, é pouco provável que tenham servido de fatores coercitivos o valor relativamente alto de muitas das multas e a prisão como alternativa aos que não pudessem pagá-las. Na luta entre o medo e a ignorância, a precária documentação disponível demonstra que prevalecia esta última.

Ao mesmo tempo, no entanto, precisamos nos perguntar se não era exatamente esse o efeito desejado, ou pelo menos consequência inevitável da “regeneração”, ao conceber como língua nacional unificada não o guarani, mas o castelhano. Em uma formulação já bastante conhecida, Nicos Poulantzas assim apresenta o papel da escrita no Estado capitalista:

[Ela] não é mais uma escrita de retranscrição, puro decalque do fala (real ou suposta) do soberano, escrita de revelação e de memorialização, escrita monumental. Trata-se de uma escrita anônima, que não repete um discurso mas torna-se trajeto de um per-

³⁰ *Disposiciones Gubernativas. El Orden*, 1(35):2, 05/07/1872.

³¹ *Ibidem*.

curso, que traça os lugares e os dispositivos burocráticos, percorre e figura o espaço centralizado-hierárquico deste Estado. Escrita que ao mesmo tempo espacializa e cria espaços lineares e reversíveis nesta cadeia consecutiva e segmentarizada que é a burocratização. Papelada da organização estatal moderna que não é simples detalhe pitoresco mas um traço material essencial à sua existência e funcionamento, cimento interno de seus intelectuais-funcionários, encarnando a relação deste Estado e do trabalho intelectual. Esse Estado não monopoliza, não retém para si a escrita como no caso dos Estados pré-capitalistas ou da Igreja: propaga-a (escolas) por necessidades muito concretas de formação da força de trabalho. Mas, ao fazer isso, ele **desdobra-a**, tanto mais que o discurso-fala do Estado deve ser compreendido e entendido. Tudo se passa como se nesse Estado de fala aberta e língua nacional unificada, o segredo em relação às massas populares e a cristalização do saber-poder estivessem passados inteiramente na escrita do Estado, cujo hermetismo com referência às massas populares, excluídas dessa escrita, é assaz conhecido. Foi esse Estado que sistematizou, quando não descobriu, a gramática e a ortografia montando-as em redes de poder.³²

Impossibilitados de ler em sua própria língua, é pouco provável que os paraguaios soubessem com precisão quais as implicações e conseqüências de atos que, ademais, até há pouco haviam sido hábitos comuns da vila colonial de Asunción, agora transformada em capital de uma Nação cujo Estado buscava, a qualquer preço, a inserção no progresso e na modernidade

6.2. IMIGRANTES E MODERNIDADE

Outra preocupação no sentido de “neutralizar os maus efeitos da vida vagabunda e licenciosa” - desta vez com implicações ao nível estrutural de maior relevância - era promover a imigração estrangeira para “reerguer, de uma vez por todas, o nível geral das luzes e dos sentimentos das massas populares, que constituem as bases sólidas para o porvir das nações”³³. Tratava-se de, junto com a privatização das terras estatais, pôr em prática uma política agrária e fundiária compatível com os “novos tempos”, ao passo que a instrução pública faria o papel de “educar as massas”.

Charles Washburn assim defendia a imigração europeia massiva como solução para a regeneração do país:

O futuro do Paraguai vai depender inteiramente da extensão e caráter dos imigrantes que vierem para repovoar seus campos destruídos. A nação, com sua civilização peculiar, está destruída. O povo paraguaio não existe mais em número suficiente para controlar os destinos do país, e da população nativa remanescente há talvez sete mulheres para cada homem. A desigualdade dos sexos diminui consideravelmente devido aos vários desertores e homens que acompanharam as forças aliadas nos campos de batalha, que foram deixados pelo caminho quando as tropas foram retiradas e que provavelmente irão permanecer nesses locais em grande número, para serem uma peste e um estorvo à redenção e desenvolvimento do país. Deveria haver uma grande imigração a partir da Europa central e do norte de pessoas educadas para respeitar e fazer cumprir as leis. O Paraguai logo se tornará um paraíso da América do Sul. [...] O país oferece aos imigrantes do Velho Mundo incentivos maiores do que qualquer outra parte da América do Sul, se não do mundo. Milhares de casas abandonadas podem, com gastos medíocres, ser transformadas em confortáveis habi-

³² POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder, o socialismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 67.

³³ *La Regeneración*, (5):2, 14/10/1869.

tações e os campos, uma vez cultivados mas mais recentemente abandonados, iriam produzir novamente, com pouco trabalho, amplos suprimentos de alimento para uma grande população; e os incontáveis acres de campos ainda não destruídos apenas esperam pelo arado e pelo lavrador para produzir magníficas colheitas de milho, algodão, tabaco e cana-de-açúcar. As matas prometem imensos lucros ao capitalista que erigir serrarias e exportar a madeira; as planícies são capazes de suportar vastos rebanhos de gado durante todo o ano, sujeitando seus proprietários a não outro trabalho que marcá-lo e não deixá-lo se desgarrar.³⁴

Na prática, desde a tomada de Asunción pelos Aliados, essa imigração já estava acontecendo. A exígua população paraguaia, dispersa pelo campo, tendo as mulheres como praticamente a única força de trabalho ativa, significava limites bastante precisos e estreitos a uma expansão da produção agrícola, embora do ponto de vista da nova classe dominante fosse fundamental consolidar uma divisão social do trabalho que desse ênfase à agricultura. Neste quadro, um projeto de imigração era, para os grupos dirigentes, a única alternativa.

É importante lembrar, também, que além de acreditar que a imigração seria uma forma indispensável de reorganizar o quadro da mão-de-obra no Paraguai, o pensamento vitorioso após a guerra defendia que por esse meio seria também possível transformar ideologicamente o país. Esta postura ideológica respondia a conceitos filosóficos que a questão racial havia levantado na Europa, através do positivismo e do spencerianismo³⁵. Sobre os supostos benefícios da mistura de raças,

alguns intelectuais racistas depositavam suas esperanças nos efeitos benéficos da imigração européia [já que] devido a sua superioridade biológica, a raça branca se imporia às outras³⁶.

Essa associação entre progresso e imigração tinha, assim, fortes vínculos com o preconceito e o pessimismo raciais, embora alguns indivíduos devotados acreditassem na educação prática bem planejada, baseada na ciência e na tecnologia, como capaz de transformar a incapacidade das massas diante desse desafio de mudança³⁷, como veremos, para o caso paraguaio, no próximo item.

O primeiro desses projetos de imigração data já de 1870. Ocorreu em Yaguarón, com colonos alemães. Segundo Lyra Pidoux de Drachenberg, “a fugaz colônia alemã de Yaguarón [...] foi diretamente ao fracasso, apesar do apoio oficial recebido”³⁸. O fracasso da colônia alemã de Yaguarón, porém, não seria um acontecimento isolado. A falta de obras públicas, a inexistência de uma vida cultural fora de Asunción, as condições precárias da educação formal no país, uma legislação agrária deficiente e o clima de instabilidade³⁹ e exacerbamento da vida política paraguaia

³⁴ WASHBURN. *The history of Paraguay*, cit., pp. 605-606.

³⁵ Cf. DRACHENBERG, Lyra Pidoux de. *Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970. Revista Paraguaya de Sociología*, 12(34):65-123, Set.-Dez. 1975, pp. 71-72. É interessante observar a contradição existente entre os vários elementos do positivismo dos “regeneradores” e o repúdio ao Paraguai de antes da guerra contra a Tríplice Aliança, particularmente o governo do Supremo José Gaspar Rodríguez de Francia. Segundo Chiavenatto (*Genocídio americano*, cit., p. 28), por exemplo, Francia teria sido o primeiro estadista americano a lançar mão do lema *Ordem e Progresso*, tão caro aos positivistas comtianos, depois adotados por outros países, inclusive o Brasil. O mesmo autor afirma que Francia teria sido, em um certo sentido, um positivista *avant a lettre*, que teria merecido a admiração do próprio Auguste Comte.

³⁶ MÖRNER, Magnus. *La mezcla de razas en América Latina*. Buenos Aires, Paidós, 1969, p. 135.

³⁷ Cf. STEIN, Stanley J. & STEIN, Barbara H. *A herança colonial da América Latina*, cit., p. 139.

³⁸ DRACHENBERG. *Inmigración y colonización en el Paraguay*, cit., pp. 71-72.

³⁹ A instabilidade foi a marca mais característica do pós-guerra. Segundo Efraim Cardozo (*Apuntes de historia cultural del*

foram fatores decisivos ao fracasso dos projetos de imigração no pós-guerra, ainda quando, teoricamente, o imigrante gozasse de certos privilégios⁴⁰. Além disso, não se pode perder de vista as condições externas que contribuíram para o agravamento desse quadro, tais como o destino das inversões estrangeiras no país e as condições do mercado internacional para a produção agropecuária paraguaia⁴¹.

Abaixo, o quadro dos principais projetos de imigração paraguaios em consequência da guerra⁴²:

QUADRO IV
PRINCIPAIS PROJETOS DE IMIGRAÇÃO DO PÓS-GUERRA

PROJETO	ORIGEM NACIONAL DA MAIORIA DOS IMIGRANTES	QUANTIDADE DE COLONOS	PERÍODO
1. Yaguarón	Alemanha	c. 150	1870-1872
2. <i>Lincolnshire Farmers</i> Itapé e Itá	Grã-Bretanha, Alemanha e outros	888	1872-1873
3. San Bernardino	Alemanha	c. 200	1881-
4. Altos	Alemanha	c. 70	1883-
5. Nueva Germania	Alemanha	c. 160	1887-
6. Yegros	França e Alemanha	c. 200	1888-
7. Colonia Elisa	Suécia e outros países europeus	c. 80	1890-
8. Nueva Australia y Cosme	Austrália e Grã-Bretanha	480 140	1893-1897
9. Trinacria	Itália	c. 600	1898-1899
10. Hohenau	Alemanha	c. 15	1899-

É bastante provável que, paralelamente a estes esforços maiores, tenham sido registrados esforços menores espontâneos ou familiares, quer relacionados e dependentes daqueles, quer isoladamente. É ainda provável que tenham acontecido reagrupamentos menores decorrentes da dispersão de projetos mais ambiciosos, que em alguns casos foi acelerada⁴³.

De acordo com o censo de 1899, o total de estrangeiros registrados no Paraguai era de 18.286 pessoas, o que significava cerca de 3,7% do total populacional. Ainda assim, 51% dessa população estrangeira provinha da vizinha Argentina. Deve-se considerar que a Argentina, além de ser um dos países vencedores da guerra, tendo promovido a ocupação do país, junto com o Brasil, entre 1869 e 1878, tinha

Paraguay, cit.), "desde o momento da promulgação da nova Constituição o Paraguai conheceu a luta política em suas mais variadas formas. Se já não era possível a perpetuação de nenhum governante, chegou-se ao outro extremo: a instabilidade. Nos primeiros cinquenta anos de vigência da Constituição apenas quatro presidentes puderam completar seus mandatos, e posteriormente, até a sua substituição, em 1940, outros dois. Nesse lapso de tempo se sucederam trinta e três presidentes, e foram numerosos os golpes de Estado e revoluções". (P. 295; o destaque é meu.)

⁴⁰ Idem, p. 67.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Cf. KRAUER. *La inmigración en el Paraguay de posguerra*, cit., p. 40.

⁴³ Ibidem.

interesses no Paraguai. Afinal, a independência do Paraguai era o resultado de um desmembramento da Argentina, então Vice-Reino do Prata (1811). Obviamente, tais dados devem ser relativizados, levando-se em conta as especificidades do contato entre a população branca de origem européia espanhola. Mas, sem dúvida, isso atenua o impacto do argentino como "imigrante"⁴⁴. Por outro lado, como vimos, tudo indica que a gente comum paraguaia nutria pelo imigrante o mesmo sentimento de temor e/ou desprezo que pelos Aliados. De certa forma, o país estava sendo tomado por gente absolutamente estranha, que falava outras línguas, tinha outros hábitos e que possuía relações com o cultivo e a terra absolutamente outros, não bastassem os problemas - não poucos - que os próprios paraguaios enfrentavam para reaver suas terras tradicionais. A classe dominante tentava, através da imprensa, impor idéias favoráveis à imigração, mas esbarrava, mais uma vez, na falta de comunicação. No início de 1872, o editor de **El Pueblo** argumentava:

Que se faça compreender o povo paraguaio que o estrangeiro que chega a seu seio não vem usurpar-lhe seus direitos; que só chega buscando em seu campo o carinho que deixa em sua pátria ausente.

*De nada serve trazer homens às custas dos dinheiros da Nação se eles não forem respeitados em seus direitos.*⁴⁵

Ao que tudo indica, o artigo fazia eco a problemas com imigrantes. Se não, tais problemas eram pelo menos vislumbráveis, já que meses mais tarde **El Pueblo** registraria reações contra imigrantes que não a esperada por seu editor. O italiano Bartolomei Ceppi, por exemplo, fora detido por um policial em Villa Rica, do qual sofreu maus tratos. Ao ser libertado, resolveu recorrer ao chefe político local, a quem disse que reclamaria com o cônsul de seu país os maus tratos, caso o chefe político não punisse o policial agressor. Ao invés de abrandar o tratamento, Polícia só fez agredi-lo ainda mais, sob o comando do próprio chefe político local.

[...]disse a ele que o agente Consular de minha nacionalidade havia presenciado o escândalo e que talvez estivesse redigindo um protesto que seguramente haveria de acarretar-lhe sérios desgostos, o que podia evitar castigando o soldado [...].

Pode parecer incrível! Por haver invocado, com direito e em termos convenientes, o nome do Agente Consular de minha nacionalidade, o Chefe teve a audácia de pular como uma onça em cima de mim e de me dar vários socos no peito.

[...]

*O que se pode esperar de um Chefe Político que em sua presença ou na de alguma pessoa respeitável e no recinto da Delegacia, permite a um subalterno pronunciar as seguintes palavras, dignas dos lábios imundos de onde saíram: ca... para estes gringos canalhas...? Tendo o Chefe aprovado tacitamente as palavras que acabo de citar, é prova de que lhes pareceram bem ditas, e se não é assim, diga-nos o senhor Chefe: que mal lhe fizeram os estrangeiros? Lembre-se o senhor Chefe Político que se em Villa Rica há um pouco de conhecimento comercial, em sua maior parte é estrangeiro; se tiveram um bom Juiz de Paz, foi estrangeiro; se têm um bom sacerdote, é estrangeiro; e, por último, se terão um dia uma ferrovia, será devido ao elemento estrangeiro.*⁴⁶

⁴⁴ Idem, p. 57.

⁴⁵ Inmigracion. **El Pueblo**, 3(340):1, 16/01/1872.

⁴⁶ Las autoridades de Villa Rica. **El Pueblo**, 3(424):2, 02/05/1872.

Poucos dias depois de publicado o relato, “um comerciante do campo” escreve a outro jornal ameaçando:

[...] se o Governo não tomar medidas enérgicas para com alguns funcionários públicos sucederá com os colonos o que sucede conosco: isto é, abandonar o Paraguai antes de tê-lo conhecido.⁴⁷

Na mesma edição o jornal noticiava um “fato bárbaro” ocorrido em San Estanislao: como reação ao interesse de um português e um oriental (uruguaio) chamado Balberde por um *yerbal*, pessoas da localidade atearam fogo à plantação, “fazendo mil outras diabruras”⁴⁸.

Seja como for, o impacto da imigração estrangeira (européia) foi ínfimo. Além disso, um censo anterior, de 1886-1887, informava que a população estrangeira era de 7.800 pessoas, cerca de 2,3% da população total da época⁴⁹.

Por outro lado, excluindo-se a presença das tropas aliadas, as diversas estimativas e cifras oficiais possibilitam afirmar que entre 1872-1875 a população de origem estrangeira no país chegava a uma média entre o 6 e o 10% do total populacional⁵⁰, o que mostra que seu impacto no período imediatamente após a guerra foi muito maior do que décadas depois. Ao fracasso das colônias agrícolas da década de 1870 soma-se a reemigração de imigrantes espontâneos, em sua grande maioria comerciantes e artesãos argentinos, “expulsos” de volta à Argentina dadas as condições estruturais do Paraguai, o seu escasso dinamismo comercial e as crises políticas.

Como vemos, também quanto ao aspecto da imigração as dificuldades estruturais impõem limites ao ideário da “regeneração”. Apesar disso, o discurso dos “regeneradores” é extremamente pouco flexível, como veremos adiante com relação à moral pública.

Essa tradição autoritária parece manter-se viva no Paraguai de hoje. Para muitos pesquisadores, somente a imigração teria tirado ao Paraguai da miséria a que a guerra o havia conduzido. Carlos José Ardissonne, por exemplo, assim se manifesta, em trabalho recente, sobre a questão:

*A mentalidade de pobre se converteu em uma cultura da miséria que freia as saudáveis ambições e projetos ousados; é como uma amputação mental resultado de vícios, como a preguiça e a ignorância, e de maus governos. O imigrante, no entanto, mesmo o menos instruído, não se rendeu à pobreza e, salvo poucas exceções, a venceu.*⁵¹

6.3. A EDUCAÇÃO PÚBLICA

Paralelamente à imigração, outra questão vista como fundamental, mas nunca adequadamente tratada, no sentido da reconstrução do Paraguai, era a Educa-

⁴⁷ *Un comerciante de Campaña. El Orden*, 1(9):1, 05/05/1872.

⁴⁸ *Hecho bárbaro. El Orden*, 1(9):2, 05/05/1872.

⁴⁹ Cf. KRAUER. *La inmigración en el Paraguay de posguerra*, cit., p. 40.

⁵⁰ CARRASCO, Gabriel. *La población del Paraguay antes y después de la guerra. Estudio sobre el último censo*. (Asunción) República, 1915, pp. 85-94, apud KRAUER. *La inmigración en el Paraguay de posguerra*, cit., p. 58.

⁵¹ ARDISSONE. *Reflexiones sobre el Paraguay*, cit., p. 74.

ção. Novamente, a inadequação consistia em que a classe dominante, ao mesmo tempo em que apregoava a Educação como um bem universal e direito dos paraguaios, não caracterizava a instrução pública como dever do Estado, não propiciando, portanto, as condições necessárias a que fosse levada a todos.

Além desse, havia vários outros obstáculos à universalização da instrução pública, entre os quais um dos principais eram os baixos salários dos professores nativos, ao passo se os estrangeiros eram contratados a peso de ouro. Em 1876, por exemplo, **La Reforma** comentava um aviso, publicado no próprio jornal, convocando os professores do interior a irem a Asunción receber seus salários atrasados. Por essa época, o pagamento dos salários de todos os professores públicos era feito apenas na capital. No comentário, de abril daquele ano, o jornal ironizava:

Por um aviso oficial publicado hoje, os preceptores de escola do interior são convocados para receberem seus salários do mês de janeiro.

O salário dos preceptores é \$ 25, metade em moeda, metade em papel.

Será que [os professores] terão que viajar, por exemplo, de Villa Rica a Asunción para receber tão pouco dinheiro?

Seria necessário estar muito desejoso de ver alguns pesos para que alguém se deslocasse de tão longe para receber uma insignificância como essa.⁵²

O *peso fuerte* (\$F ou, mais comumente, \$f), então a moeda corrente, era, evidentemente, por si só uma moeda fraca, apesar de sua denominação. Não sabemos qual o poder de compra desses \$f 25 nem quanto ganharia um professor estrangeiro, mas é possível avaliarmos o valor simbólico atribuído ao professor estrangeiro face à mão-de-obra nativa. Anos antes, em 1872, em um debate entre o senador Juan José Brizuela e Carlos Loizaga, então ministro da Justiça, Cultura e Instrução Pública, já estavam presentes não apenas a discussão sobre esse valor como também o papel do Estado na Educação e a importância do idioma guarani na sociedade paraguaia do pós-guerra e como, segundo os “regeneradores”, essa questão deveria ser tratada. Tendo em mente as mesmas idéias liberais presentes na maioria dos “regeneradores”, Brizuela inicia seu discurso solicitando ao governo a contratação de professores estrangeiros “de reconhecida moralidade e competência na ensino” para serem enviados ao interior do país. Seu argumento é de que só professores estrangeiros (e parece pensar particularmente em professores espanhóis) poderiam resolver o problema representado pelo fato de a quase totalidade de alunos e professores expressarem-se em guarani nas escolas do interior. E argumentava:

A base da instrução pública é trazer bons professores que sobretudo saibam bem o idioma castelhano, que é o nosso idioma: é preciso desenganá-los [aos alunos] e desterrar de nossas escolas esse costume de falar guarani, posto que nossos professores do interior, embora ensinem a ler, não sabem explicar o que lêem por não compreenderem o idioma castelhano.

[...]

Nosso idioma é o espanhol e precisamos de professores que o saibam; que o guarani lhes seja arrancado de uma vez por todas; é preciso compreender que as bases da construção [do país?] consiste no conhecimento do idioma.⁵³

⁵² Floresta. **La Reforma**, 2(164):2, 23/04/1876.

⁵³ Seccion Parlamentaria. **El Pueblo**, 3(50):1, 09/08/1872. Diário de Sessões do Senado do dia 29 de julho de 1872.

Além disso, Brizuela argumentava que a ensino deveria passar a ser obrigatória, desde que fosse estabelecido um sistema educacional baseado na disciplina, em um método uniforme e que o Conselho de Instrução Pública, “composto de homens de ilustração”, buscasse levar para o Paraguai os sistemas de ensino mais adiantados de sua época. Essa era, para ele, a única maneira de os resultados serem imediatos e levarem benefícios a toda a juventude. Evidentemente, a obrigatoriedade da Educação pouco tinha a ver com a extensão da cidadania a todos os paraguaios, mas com a necessidade de se garantir a implantação menos traumática possível do novo regime que, como vimos, já tardava. Por isso, propunha um regime escolar baseado na disciplina, em um método uniforme e ministrado por estrangeiros. Embora “não [...] querendo ferir a susceptibilidade dos professores paraguaios” e aplaudindo “a honradez e a virtude de todos os paisanos que têm se dedicado a tão penosa carreira”, via que

*[...] como a base da tirania de nossos Governos anteriores foi precisamente o embrutecimento deste desgraçado povo, eles não têm culpa de não saberem, e dificilmente poderia ensinar, senhores, aquele que não sabe. Continuarão como até aqui, com a rotina que lhe ensinaram e nada mas.*⁵⁴

No debate, Loizaga reconhecia que as propostas de Brizuela poderiam trazer resultados mais imediatos, mas apresentava dois inconvenientes:

*[...] 1º que a educação se tornaria mais cara e 2º que aqui necessitamos de professores que dominam o castelhano e o **guarani**; porque, como no interior do nosso país não se fala outra língua a não ser o **guarani**, será um obstáculo para a educação se o professor não o souber para poder dar suas explicações até que o menino saiba o idioma castelhano. Não haveria esse inconveniente se existisse uma gramática do guarani em castelhano e vice-versa, e já que não existe, é preciso que o professor supra esta falta.*

*Chega um estrangeiro e não vai saber dar aulas ao menino em guarani; porque se a der em castelhano ele não vai entendê-la e daí resultaria um grande prejuízo.*⁵⁵

De qualquer forma, a divergência entre Loizaga e Brizuela a respeito de os professores falarem ou não em guarani e, conseqüentemente, da propriedade ou não da contratação de professores estrangeiros não está ligada à preservação do guarani como idioma nacional. Embora ambos reconheçam que, na prática, o guarani é o único idioma falado pelo menos no campo (onde estava - e ainda está, hoje em dia - a maior parte da população paraguaia, eminentemente rural), ambos concordam, porém, na necessidade de eliminá-lo, mais cedo (Brizuela) ou mais tarde (Loizaga) da vida nacional.

Outra questão relativamente à Educação paraguaia do pós-guerra é a dos conteúdos diferenciados para meninos e meninas. Acompanhemos, embora muito sumariamente, como o papel da mulher foi tratado no **Plan de Estudios para las escuelas públicas**, de 1888.

Aprovado a 14 de agosto daquele ano, o Plano de Estudos dividia a instrução primária nas escolas públicas em três graus e dez seções. Em praticamente todas as seções são detalhados conteúdos bastante diferenciados para meninos e meni-

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Ibidem. Destaques do jornal (ou da ata do Senado).

nas, o que ocorre mais detalhadamente e com maior rigor a partir da Quarta Seção. Nessa seção, enquanto os *varones* estariam recebendo instrução cívica e aulas de agricultura, as meninas deveriam estar aprendendo economia doméstica e “labores”: costura, crochê, bordado etc. Além disso, deviam aprender os “princípios de uma boa administração doméstica” e suas tarefas, além de aprenderem a “distribuição proporcional do tempo” e questões mais práticas como a “limpeza, ventilação e arrumação das casas”, a “conservação dos alimentos, das roupas e dos móveis”, “remédios caseiros” e, principalmente, a “limitação racional dos gastos de acordo com a renda da casa”⁵⁶. Estavam também destinados aos meninos os “exercícios militares”. Na Quinta Seção, a disciplina Economia Doméstica, obviamente para meninas, se sofisticava, devendo dar a elas uma “idéia sobre o manejo e direção de uma família”, além do aprendizado das “tarefas de uma mãe de família com relação a seu marido e a seus filhos”.⁵⁷

Depois de um ano em que os temas até então ensinados deveriam ser revistos e aprofundados, a Sétima Seção preocupava-se com a educação dos futuros filhos. A disciplina fornecia informações, conselhos e dicas, além de impor normas quanto à educação física das crianças, à alimentação, vestuário e brincadeiras. Além disso, a disciplina ensinava à futura dona-de-casa a cuidar da educação moral dos filhos, a observar com atenção a formação de seus hábitos, sua tendência a imitar os pais e a tomar precauções quanto ao contato das crianças com os trabalhadores domésticos (*servientes*)⁵⁸. Tais instruções não apenas deixam clara a preocupação detalhista com o controle sobre a mulher, escamoteado através da forte preocupação em transformá-la, quase desde a infância, em boa dona-de-casa, como também denunciam o caráter de classe do documento.

Outro elemento importante nas prescrições para a Sétima Seção é o “cultivo dos sentimentos”, várias vezes admitidos como próprios da mulher, enquanto que o homem seria portador da razão - duas características, segundo a ideologia dominante do final do século XIX, complementares, não antagônicas.

Já neste século, também o ***Plan de Estudios y programas sintéticos para las escuelas primarias de la República*** de 1915 previa, para a disciplina Moral, a ser ministrada no Quinto Grau, o seguinte conteúdo:

*V - Deveres domésticos - [...] Deveres do marido para com a mulher. [...] A bondade e o respeito como bases da felicidade doméstica. A discrição e a prudência. Conduta que devem observar os cônjuges em presença de estranhos. Deveres da mulher para com seu marido. A submissão racional e a afetuosidade, condições essenciais da mulher. A economia. A prudência. A moderação e a escrupulosidade devem constituir a norma de sua conduta sob todos os aspectos. [...].*⁵⁹

Fica evidente que até ainda o começo deste século todas as vezes em que a mulher foi considerada, no Paraguai, como capaz e/ou merecedora do acesso à ins-

⁵⁶ Cf. *Plan de Estudios para las escuelas públicas*. In: **Ley, Plan de Estudios y Reglamentos de Educación Común**. Asunción: El Independiente, 1888, p. 54.

⁵⁷ Idem, p. 58.

⁵⁸ Idem, p. 67.

⁵⁹ **MINISTERIO DE JUSTICIA, CULTO E INSTRUCCIÓN PÚBLICA. *Plan de estudios y programas sintéticos para las escuelas primarias de la República***. Asunción: Talleres Gráficos do Estado, 1915, p. 135.

trução, os temas e conteúdos considerados como “próprios” a ela tiveram a ver com um tipo de educação que, ao invés de pretender abrir-lhe possíveis vias de emancipação, apontaram a que ela desempenhasse seu papel socialmente aprovado e glorificado: o de esposa complacente e mãe dedicada à família. “Desta maneira, a Educação representava para a mulher um instrumento que lhe ensinava a aceitar um sistema social que lhe impunha o papel da submissão.”⁶⁰

*Os atributos da Verdadeira Feminilidade, pelo qual uma mulher julgava a si mesma e era julgada por seu marido, pela vizinhança e pela sociedade podiam ser divididos em quatro virtudes cardeais; piedade, pureza, submissão e domesticidade. Juntemo-las e podemos chamá-las mãe, filha, irmã, esposa - mulher. Sem estes quatro atributos, não importa se eram famosas, realizadas o ricas - tudo eram cinzas. Com eles, ela tinha a promessa de felicidade e poder.*⁶¹

Cabe lembrar, por outro lado, que períodos de crises demográficas causadas por fome, pestes, guerras por vezes colocam em questão não apenas as visões normativas quanto ao casamento heterossexual (como foi o caso, segundo Joan Scott, em certos meios de alguns países no decorrer dos anos 20) mas também provocaram políticas natalistas que insistiram na importância exclusiva das funções maternas e reprodutivas das mulheres⁶². Embora falando da sociedade espanhola do mesmo período, a investigadora Susan Kirkpatrick descreve com precisão o dilema dos liberais paraguaios do pós-guerra:

*Num tempo em que as idéias liberais e românticas de autonomia pessoal e liberdade individual estavam começando a ser introduzidas nas estruturas culturais da Espanha tradicional, qualquer mulher que estivesse atenta para esse desenvolvimento enfrentaria uma amarga realidade: mesmo os esquemas ideológicos mais progressistas adotados pela elite cultural e política espanhola negavam às mulheres o status do individualismo autônomo na arena pública e predicavam sua subjetividade nas funções domésticas e reprodutivas que a sociedade tradicional lhe havia designado.*⁶³

Outra questão fundamental da ensino pública paraguaia no pós-guerra é a do idioma guarani, já discutido em outros itens deste trabalho. O **Plan** de 1888 sequer menciona sua existência como língua nacional, nem mesmo para proibi-la, como já o haviam feito na década anterior. O idioma tratado como se fosse o único nacional é, evidentemente, o castelhano. No entanto, em um memorial sobre o ano letivo de 1890, o professor espanhol Ramón Zubizarreta, reitor interino da *Universidad Nacional*, comentava:

A primeira e mais grave dificuldade com que se tropeça é a de que o idioma Castelhanho não é a língua materna da generalidade de nossos jovens. O interior do Paraguai sem exceção usa o guarani como língua, enquanto o primeiro e mas importante nível escolar tem que ser a d[a alfabetização n]o idioma espanhol. A passagem que é necessário que se produza nos jovens para que sejam acostumbrados a pensar em outra língua que aquela na qual estão habituados à expressão familiar de suas idéias, não apenas tem que ser lenta e trabalhosa como também tem que servir de obstáculo

⁶⁰ PASTOR. *Una feminista cubano-española*, cit., p. 57.

⁶¹ WELTER, Barbara. *The cult of true womanhood*. *American Quarterly*, (18):152, 1966, apud PASTOR. *Una feminista cubano-española*, cit., loc. cit.

⁶² Cf. SCOTT. *Gênero*, cit., p. 20.

⁶³ KIRKPATRICK, Susan. *Las románticas: women writers and subjectivite in Spain, 1835-1850*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1989, p. 62, apud PASTOR. *Cuba's covert cultural critic*, cit. p. 180.

ao es [ilegível] as demais matérias do ensino médio.

*Em todo plano de estudos a seção de Humanidades e Letras é dedicada ao estudo da língua fundamental, que deverá servir de veículo principal para o pensamento científico dos que estudam; e se antigamente, por exemplo, os estudos clássicos tinham por língua fundamental o Latim e como auxiliar o Grego; se em tempos posteriores foram reputadas como línguas fundamentais da ciência moderna o Alemão, o Francês e o Inglês, no Paraguai, infelizmente, enquanto não melhorar a instrução primária, enquanto o conhecimento do espanhol não se fizer mais familiar e enquanto suas regras gramaticais não forem vulgarizadas, a língua fundamental do ensino médio não pode ser outra que a castelhana.*⁶⁴

O documento de Zubizarreta é interessantíssimo porque mostra que, ainda em 1890, a questão do idioma guarani estava longe de ser resolvida. Por isso, esse educador sugeria a manutenção do espanhol, a qualquer preço, como língua fundamental da ensino médio como único meio de, ao mesmo tempo, combater o guarani e inserir os estudantes minimamente nas benesses da sociedade ocidental, através do pensamento científico. Por outro lado, as memórias, com data de janeiro de 1891, mostram que o número de alunos matriculados nos colégios de ensino médio do Estado era insignificante para uma população que, nesse ano, devia estar por volta dos 500 mil habitantes.

QUADRO V

ESTATÍSTICA DO ENSINO MÉDIO. ALUNOS MATRICULADOS - 1890⁶⁵

INSTITUIÇÃO	SÉRIE	N.º ALUNOS	APROVADOS
Colégio da Capital	1º ano	75	34
Colégio da Capital	2º ano	69	22
Colégio da Capital	3º ano	24	10
Colégio da Capital	4º ano	22	11
Colégio da Capital	5º ano	12	7
Colégio da Capital	6º ano	13	2
Colégio de Villa Rica	1º ano	73	31
Colégio de Concepción	1º ano	34	11
Colégio de Villa del Pilar	1º ano	36	15
Colégio de Encarnación	1º ano	18	8
Instituto Paraguayo	1º ano	20	14
Colégio Primário e Secundário	1º ano	9	3
Colégio de San Vicente de Paul	1º ano	18	12
Total		423	180

⁶⁴ ZUBIZARRETA, Ramón. *Memoria de la Enseñanza Secundaria y Superior de la República durante el curso académico de 1890*. Asunción, 1900. PY:BNA-BPSL, doc. n.º 1582. Segundo o historiador Raúl Amaral, em 1870 chegam ao Paraguai não poucos professores estrangeiros, sobretudo espanhóis, convidados pelos líderes do pós-guerra para contribuírem na tarefa da "Regeneración". Ramón Zubizarreta foi o primeiro deles. Imigrou ao Paraguai em 1871, onde seria o principal responsável pela implantação e desenvolvimento do Direito Penal, além de ter sido fundador, em 1877, do *Colegio Nacional* e, em 1889, da *Universidad Nacional*, da qual foi reitor até sua morte, em 1902.

⁶⁵ Fonte: ZUBIZARRETA. *Memoria de la Enseñanza Secundaria y Superior...*, cit., p. 140.

Observando o quadro acima podemos verificar que o número de alunos matriculados nos colégios públicos de ensino médio era absolutamente insignificante, não devendo ter representado mais que 0,08% da população, considerando-se para a época uma população por volta de 500 mil habitantes (Ver **Quadro IX**, em anexo). Por outro lado, embora Zubizarreta informe que o baixo índice de aprovação naquele ano, pelo menos na capital, tenha tido como uma causa importante uma epidemia de varíola, que matou várias crianças e prendeu muitas outras em casa, a verdade pode estar no fato de que, sendo sempre e obrigatoriamente ministradas em castelhano, as disciplinas podem ter sido obstáculos difíceis de transpor, aumentando ainda mais a distância entre o Paraguai do “atraso” e o da “modernidade”.

Não podemos nos esquecer nos de que trata-se da ensino médio, e não do básico, sobre o qual, infelizmente, não dispomos de qualquer dado, de nenhum dos anos do período que estamos estudando. Seja como for, é importante frisar, finalmente, que o relatório analisa uma situação ocorrida vinte anos após o fim da guerra contra a Tríplice Aliança e que, portanto, trata-se de uma situação que dá sinais de que ainda por muito tempo ou a atenção dedicada pelo Estado à Educação foi insignificante ou houve tal atenção - o que me parece mais provável -, mas absolutamente inadequada, pelas razões que venho expondo.

6.4. A MORAL PÚBLICA

Moóiko oiméne vy'a añetegua, mboriahúpe guãã.

[Onde estará a alegria verdadeira para o pobre?]

Susy Delgado⁶⁶

Um dos principais dilemas dos “regeneradores” era a estão da moral pública, resumo, traduzido para a vida cotidiana, das relações entre a almejada “nova ordem” e a população real do Paraguai do pós-guerra. O problema, no entanto, era que apesar de apregoarem os pressupostos básicos do pensamento liberal, os grupos dominantes do Paraguai do pós-guerra estavam ainda bastante impregnados pelo pensamento patriarcal, que atingia de maneira particular as mulheres.

Para os “regeneradores”, cabia à mulher apenas ser a “progenitora da [...] regeneração, a reedificadora da [...] nacionalidade caída”⁶⁷, nas palavras, por exemplo, de Juan R. Dahlquist, Professor Normal e Inspetor Geral de Escolas entre 1906 e 1910. Evidentemente, essa tarefa tinha a ver apenas com aquelas mulheres identificadas com a “missão de labor doméstico e de carinho; deixando aos homens as rudes tarefas da política e da guerra”. Esse papel era predicado como o único possível em artigo do jornal *La Libertad* de 27 de abril de 1874, enquanto que qualquer participação feminina na vida pública era condenada com veemência como “ridícula”:

Na manhã de ontem um grupo de mulheres se apresentou ante o General Guimarães primeiro, depois ante o Ministro Brasileiro e fomos informados que até mesmo ao

⁶⁶ DELGADO, Susy. *Tesarái mboyve. Antes del olvido*. Asunción: Alcántara, 1987, p. 69.

⁶⁷ DAHLQUIST, Juan R. *La mujer paraguaya de la residenta (Paraná, mayo de 1904)*. In: DAHLQUIST, Juan R. *Páginas de un Maestro. Colección de artículos, conferencias y discursos*. Asunción: Talleres Gráficos do Estado, 1912, p. 173.

Cônsul de Itália, solicitando nada menos que uma mudança radical no pessoal do P.E. [Poder Executivo]

Quem inspirou semelhante disparate a essas infelizes mulheres?

Por que fazer pôr em ridículo essas pessoas abusando de sua ignorância?

Quantas delas, aconselhadas pelo carinho de mães, esposos; a filhas, a cujos filhos, esposos ou pais seriam apresentadas como vítimas, acreditavam cumprir com um duplo dever de patriotismo e amor à família e deram tão inoportuno passo.

É um [ato] criminoso abusar assim de sentimentos tão nobres; exaltando-as para satisfazer uma idéia política irrealizável pelo meio proposto.

Por acaso ignoram os que mandaram essas mulheres [organizarem a comissão] que a questão proposta era um sarcasmo?

Ou acreditavam que estavam fazendo gracinha pregando uma peça na ignorância?

Não sabem que por nossas leis e costumes a mulher não tem direitos civis?

Empreguem em boa hora as mulheres o recurso de súplica para comover o coração do magistrado e arrancar um semelhante da ação da lei; ou empreguem esse mesmo recurso para todo ato que se ligue a seu sexo e caracter social, em que as leis e costumes admitam a intervenção humanitária da mulher; mas não é razoável impulsionar esta parte preciosa de nossa sociedade a cometer atos que, como este de que nos ocupamos, não é dado nem mesmo ao cidadão praticar.

O assunto é mais digno de risos do que de ser tratado com seriedade, mas nos propomos explicar às autoras desse ato o passo ridículo a que se prestaram.

[...]

Corresponde a nossas mulheres o cuidado interno do lar, a direção dos ternos filhos, elevar preces ao Senhor pelo bem da humanidade, coser, passar e o trabalho [doméstico], preparar a comida, condimentar o queijo, varrer a casa, cuidar da roupa do marido etc. etc.; e não intrometer-se em quem é melhor para Presidente ou Juiz de Paz.

[...]

A mulher, se se afasta dos deveres que a sociedade cristã lhe impôs, perde a dignidade [...] e a própria sociedade passa a olhá-la como um ser estranho que não lhe pertence.

[...]

Voltem as bem intencionadas, ou melhor, ludibriadas mulheres ao seio do lar, que os homens se bastam para cumprir, até o fim dos séculos, a dura missão de sua combatida existência.

A humanidade, com suas imperfeições, segue seu rumo; deixemos, então, que continue sua peregrinação.⁶⁸

Descontada a veemência - e virulência - deste artigo, o que prega representa perfeitamente o pensamento dos publicistas da época sobre as relações entre os gêneros na sociedade paraguaia do pós-guerra. Mesmo que o autor, anônimo, se empenhe em demonstrar que o alvo de suas críticas eram os homens que supostamente incentivaram essas mulheres a procurar as autoridades para reclamarem da atuação do Poder Executivo e não contra elas, que, afinal, não seriam capazes de discernir entre certo e errado, o bem e o mal. Afinal, cabiam ao homem - e ao ho-

⁶⁸ *Ridicula. La Libertad*, 1(40):1, segunda-feira, 27/04/1874.

mem das classes dominantes, especialmente - e apenas ao homem os assuntos da política, que eram a condição necessária e suficiente para sua libertação.

*O homem distinguia-se da massa de seres submersos nas tarefas necessárias à sobrevivência da espécie, ganhando individualmente e assumindo sua plena condição humana através da ação política, expressa na palavra e no pensamento cultivado.*⁶⁹

No entanto, a realidade do Paraguai de pelo menos toda a segunda metade do século XIX e particularmente após 1870 pouco tinha a ver com essa mulher idealizada, mesmo em Asunción. Na capital era mais fácil para as mulheres ganhar seu sustento trabalhando como domésticas e exercendo pequenas atividades comerciais do que nos distritos rurais, onde a maioria da população praticava uma agricultura de subsistência. A isto se somava a existência de grandes quartéis militares nas cercanias da cidade. As mulheres se trasladavam a Asunción para cuidarem de um irmão, um filho ou um tio que estava servindo o exército, se estabeleciam em um pequeno rancho, geralmente situado em terrenos que anteriormente haviam pertencido aos conventos que o Estado havia confiscado, que sublocavam em troca de valores quase simbólicos. A partir daí começavam a cozinhar, lavar e passar não só para sua própria família mas também para outros homens que não tinham quem cuidasse deles. Esses outros homens logo se convertiam em amantes ou, ao contrário, um amante passava a ser um cliente que pagava a mulher por seus serviços domésticos. Paulatinamente, a relação se convertia em algo intermediário entre o concubinato e uma união livre. O homem ia comer, fazer a *siesta* e passar a tarde na casa de sua amante, mas não residia ali permanentemente⁷⁰. Victorio Ceballo de San Salvador, por exemplo, vivia e comia com a mãe, mas normalmente fazia a *siesta* na casa de sua amante, María de la Cruz Canteros. Ela, por sua vez, lavava roupa para Don Carlos Lara e em troca recebia alimentos em sua casa⁷¹.

Além do serviço doméstico, especialmente nas áreas urbanas, as mulheres exerciam um pequeno comércio, vendendo principalmente frutas e laticínios. A preparação e a venda de *chipa* ou de doces feitos em casa representavam também uma ocupação tipicamente feminina. Como vimos anteriormente, era comum os viajantes descreverem o movimentado mercado de Asunción, dominado por mulheres vestidas com *typóis* brancos que vendiam todo tipo de comida e fumavam grandes charutos. Enrolar charutos era outra ocupação feminina, tanto na cidade como no campo. Não obstante, nas zonas rurais esta ocupação não era suficiente para que as mulheres ganhassem seu próprio sustento, pois a fonte típica de renda era o trabalho agrícola e a tecelagem.

Antes da guerra, a abundância de terras baratas no campo para a agricultura e de pequenas parcelas na capital, mais rural que urbana, brindou as mulheres paraguaias com a oportunidade de se manterem por si mesmas em lares independentes. Isso conduziu a que as mulheres dispusessem de uma considerável liberdade social e de campo de ação.

⁶⁹ BRESCIANI. *A mulher e o espaço público*, cit., p. 69.

⁷⁰ Cf. Barbara POTTHAST-JUTKEIT. *Relaciones matrimoniales y extramaritales en Paraguay en el siglo XIX*. In: COONEY, Jerry W. & WHIGHAM, Thomas L. (orgs.). *El Paraguay bajo los López. Ensayos de historia social y política*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1994, pp. 88-90.

⁷¹ Processo contra Victoriano Ceballo e María de la Cruz Canteros. PY:ANA/SJC, pasta 1507.

O ideal paternalista da mulher protegida, que permanece no lar, onde os membros do sexo masculino da família velam pelo seu comportamento, só era factível para uma ínfima minoria da classe alta paraguaia. A necessidade e a possibilidade de ganhar seu próprio sustento desde idade muito tenra não só expunha as moças e as mulheres a um contato diário com homens sem serem observadas por seus pais como também lhes proporcionava certa independência. A esta independência se somava a bastante comum ausência de homens, que normalmente deixavam suas casas para trabalhar nos *yerbales* ou servirem o exército, o que também contribuiu para que as mulheres, geralmente sozinhas, garantissem a continuidade e a estabilidade tanto para a família como para a sociedade. As mulheres paraguaias se acostumaram a contar consigo mesmas e a ser quase as únicas responsáveis por sua prole. Tornava-se absurdamente destituída de sentido a prédica do articulista de *La Libertad*.

BURRERAS EM ASUNCIÓN⁷²



Ainda na primeira década deste século, a jurista e cientista social Serafina Dávalos reclamava que

Com efeito, as famílias paraguaias em sua maior parte continuam sendo famílias sem chefes, os filhos são naturais e abundam os de pais desconhecidos; e os homens, ao invés de ser seus sustentáculos naturais, são, pelo contrário, na sua condição de sedutores de rua, seus mais tenazes perseguidores.⁷³

Voltemos aos anos 1870. Apesar das evidências, nem as **Ordenanzas Municipales** de 1874 nem tampouco as **Disposiciones** de 1876 dedicam algum artigo às

⁷² Extraído de RIVAROLA. *Obreros, utopías & revoluciones*, cit. A foto, tirada por volta do 1890, retrata o comércio de pequenos objetos e alimentos realizado pelas mulheres, que utilizavam burros para seu transporte, para carregar os filhos e as mercadorias, prática comum na capital e outras povoações paraguaias.

⁷³ DÁVALOS. *Humanismo*, cit., p. 71.

múltiplas e várias atividades femininas. Ao contrário, as únicas mulheres mencionadas no documento do Departamento de Polícia são as que, acompanhadas de cavalheiros, deveriam ter preferência no trânsito pelas calçadas (Art. 16), numa demonstração, sintomática para nosso trabalho, de que as únicas mulheres que realmente importavam eram as “senhoras” e “damas”, especialmente, como dá a entender o documento, aquelas sob a proteção de algum cavalheiro, categoria bastante diversa da realidade de Asunción, por onde circulavam milhares de mulheres ocupadas com atividades produtivas “menores”.

Enquanto isso, a dura realidade do pós-guerra empurraria as mais desafortunadas para o recurso a expedientes ilícitos ou moralmente condenáveis como o roubo, a prostituição e a mendicância. Os jornais da época, ao condenarem a quantidade de mulheres que vadiavam por Asunción, exortando o governo a obrigá-las a buscarem no campo, no trabalho agrícola, ocupação e sustento, o fazem menos com a intenção de solucionar esse problema social do que com o objetivo de evitar “os repugnantes espetáculos que a cada passo se apresentam nas ruas desta cidade”⁷⁴.

É importante lembrar, com respeito à prostituição e, de uma maneira geral, aos “escândalos públicos” que envolviam mulheres, que era bastante frágil a posição das elites dirigentes paraguaias. A principal razão é que nem sempre era fácil distinguir até que ponto tratava-se, realmente, de prostituição, em que nível a participação feminina nessas atitudes “escandalosas” era voluntária - embora essa hipótese não deva ser absolutamente descartada. Em muitos casos, entretanto, tratava-se de violações perpetradas por soldados das forças de ocupação, que gozavam de inúmeras regalias e privilégios.

Em sua edição de 12 de dezembro de 1869, **La Regeneración** denunciava

*o escândalo que se presencia não apenas no Mercado como em todo lugar onde há reunião de mulheres, escândalo que consiste na imoralidade dos homens sem pudor, que crêem lícito saborear o amor nos lugares públicos.*⁷⁵

Na edição de 5 de janeiro de 1870, o jornal novamente chamava a atenção da Polícia e da Municipalidade para

*a imoralidade que quase em todas as partes da população temos que presenciar. Homens sem pudor que mais se parecem a bestas que a seres racionais, podemos encontrá-los nos corredores das Igrejas [...] escandalizando atrozmente mesmo durante o dia, para saciar suas brutais paixões.*⁷⁶

Em edição desse mesmo mês, um missivista escreveu ao jornal **La Nación** afirmando que o rapto era tão comum em Asunción que nenhuma mulher estava segura sem a proteção de um forte acompanhante⁷⁷. Em fevereiro, **La Regeneración** divulgava um decreto do Governo Provisório no sentido de atender a suas reclamações. O decreto estipulava uma multa de um patacão o três dias de prisão a todos

⁷⁴ **La Regeneración**, (95):2, 22/05/1870.

⁷⁵ **La Regeneración**, (28):2, 12/12/1869.

⁷⁶ **La Regeneración**, (38):2, 05/01/1870.

⁷⁷ **La Nación**, (?):2, 29/01/1870.

os “indivíduos que perpetrassem ataques à honra e pudor das mulheres”⁷⁸ em lugares públicos, mas não se tem informações sobre a eficácia dessa medida.

A julgar pelo artigo publicado no jornal *El Fénix* em maio de 1873, a situação pouco mudara:

Agentes da imoralidade

*Assim se pode chamar a uma chusma de indivíduos de blusas coloridas que perseguem as kygua veras pelas ruas, praticando sem o menor respeito atos que a decência manda calar.*⁷⁹

É preciso levar em consideração, porém, como já chamamos a atenção anteriormente, que resultava extremamente difícil identificar até aonde iam os abusos dos homens do povo e dos soldados brasileiros e até que ponto houve a convivência das mulheres. Em outras palavras, estavam em jogo padrões de moralidade distintos, com os quais as elites eram muito pouco tolerantes, dada a intransigência que impunham o “progresso” e a “civilização”. Para alcançá-los era fundamental a repressão. *La Reforma*, por exemplo, reclamava do escândalo propiciado pelas mulheres que ocupavam um vagão de carga nas proximidades da Alfândega:

*Faz muitíssimo tempo que na pracinha da Aduana existe um “wagon” vazio, que está servindo de guarida para vagabundos e mulherezinhas cometerem todo tipo de escândalos. Seria conveniente que os que têm sob sua responsabilidade o referido “wagon” mandassem retirá-lo e colocá-lo em outra paragem mais conveniente.*⁸⁰

No dia seguinte, o mesmo jornal comentava elogiosamente a atitude da polícia com relação a algumas mulheres:

Há uns dias que lhe avisamos [ao Comissário da 2ª Seção de Polícia da capital] que numa esquina da rua de 25 de Noviembre, uma quadra antes de chegar à casa em que vive o general Resquín, se reunia uma porção de mulheres dando escândalos à vizinhança: nos consta que imediatamente o Sr. Rojas tomou as devidas providências para que isso não se repetisse.

*É assim que deve proceder um bom funcionário público.*⁸¹

O problema, na verdade, residia em que era imensa a distância entre as concepções políticas e sociais da elite paraguaia - bem como, conseqüentemente, suas políticas públicas - e o povo, cuja miséria não tinha como minorar e cuja lógica sequer compreendiam.

Trata-se de organizar o país cimentando a obra em exemplos modernos [...]. Mas [...] o povo [...] não tem tido nenhuma participação e continua adotando os mesmos costumes do tempo da tirania [...].

*Temos uma Constituição, leis liberais, método administrativo; e ainda contemplamos pelas ruas cenas repulsivas à moral social. Observamos homens e mulheres em públicas manifestações [de] obscenas carícias. [...] Observamos que esses mesmos seres proferem em alta voz obscenas palavras. Observamos, por fim, que essa classe terceira da sociedade, se encontra no mesmo lugar onde a deixaram os tiranos.*⁸²

⁷⁸ *La Regeneración*, (61):3, 27/02/1870.

⁷⁹ *El Fénix*, (?):2, 16/05/1873.

⁸⁰ *Que se quite. La Reforma*, 2(159):2, 18/04/1876.

⁸¹ *Se porta. La Reforma*, 2(160):2, 19/04/1876.

⁸² *El Pueblo*, (168):2, 15/06/1871.

É preciso registrar que a indignação das elites com relação ao comportamento das classes populares quanto à moral pública não se restringia aos escândalos vinculados ao relacionamento sexual. Era-lhes absolutamente incompreensível uma ampla gama de comportamentos que, do ponto de vista da classe dominante, eram incompatíveis com a modernidade. No mesmo artigo mencionado acima ***El Pueblo*** lista os objetos de sua ojeriza:

Observamos crianças de cinco e mais anos completamente nuas revirando-se na areia no meio da rua. Observamos que certas mulheres enlodam as ruas com imundices. Observamos que essas classes abandonadas convertem vários pontos centrais da cidade em latrinas públicas.⁸³

Como conviver com hábitos tão incivilizados? Para esses homens, absolutamente desinformados sobre a realidade de seu próprio país, do qual muitos viveram exilados por vários anos, era inconcebível que se mantivessem, nas ruas da capital, hábitos tão primitivos como o de permitir que as crianças andassem nuas pelos lugares públicos até quase à puberdade. Por isso, em várias edições ***El Pueblo*** propôs reiteradamente que a polícia distribuisse roupas para as crianças e adolescentes com o objetivo de impedir que elas continuassem ofendendo o pudor público. A campanha, no entanto, parece não ter sido eficaz. No final do ano o jornal ainda publicava o seguinte comentário:

A nudez

Não sabemos por que se permite que crianças de ambos os sexos andem [por aí] escandalizando com sua completa nudez. Não é por miséria, mas por uma escandaloso costume. Muitos carregam a roupa debaixo do braço e rolam pela terra ostentando sua repugnante nudez.⁸⁴

6.5. BAILES E FESTAS POPULARES

Outro aspecto da indignação das elites quanto ao comportamento da gente simples era quanto às diversões públicas. Frequentemente vemos os jornais manifestarem seu descontentamento quanto aos festejos populares, considerando essas manifestações como “centros de escândalo e corrupção”⁸⁵ e exigindo da polícia a sua proibição. Ao mesmo tempo, essa mesma classe dominante constantemente divulgava em seus órgãos de comunicação a realização de bailes e depois de sua realização tecia extensos e enfadonhos comentários sobre a beleza das jovens, sua elegância, o bom gosto das roupas etc.:

[...] e a senhorita A.D.! seu talhe gentil, sua face rosada, sua amabilidade e seu todo, enfim, revelavam a moça mais espirituosa e simpática que se possa imaginar. [...] A Srta. J.R. estava perfeitamente bem com seu vestido branco com adornos do mesma cor. Chama muito a atenção por seu formoso decote e lindos braços. [...] E de R.D., que diremos? Há palavras com as quais elogiar sua beleza física e suas anedotas espirituosas? Usava um vestido elegantemente enfeitado [...]. [...] é muito cortejada [...] que felizarda! Se souber escolher o menos turbulento e mais amante [...].⁸⁶

⁸³ Ibidem.

⁸⁴ ***El Pueblo***, (323):2, 23/12/1871.

⁸⁵ ***La Reforma***, 2(111):2, 17/02/1876.

⁸⁶ ***La Regeneración***, (1):2, 01/10/1869.

Em outro desses momentos, o jornal **La Libertad** concluía, ao comentar sobre um baile imaginário, não diferente dos muitos bailes que faziam parte do cotidiano das “famílias distinguidas”:

Agregai a isto o atrativo mais precioso da humanidade: a mulher; mas a mulher em baile; como quem dissesse: o anjo em comunicação com o mundo. Acercai-vos mais do real e contemplai esses seres em quem o criador fixou seus mais escrupulosos cuidados; vede-os cobertos de gases e flores; o semblante animado, os seios palpitantes pela excitação, os olhos pela emoção luzentes, envoltas nessa atmosfera de luz e perfumes, sustentados pelo braço do homem e girando ao compasso de uma dulcíssima música; contemplai e dizei-nos se há algo que mais nos aproxime dessa vida do paraíso que nos oferecem como recompensa eterna a nossas virtudes.⁸⁷

Ao mesmo tempo, nas ruas, o populacho se esbaldava com seus bailes públicos onde, segundo a classe dominante, prevaleciam a imoralidade e os vícios, tornando-se urgente sua proibição sumária:

Voltamos a pedir, em nome da moralidade e da ordem pública, que sejam proibidos os bailes noturnos que se repetem a cada noite e que são fruto da prostituição, da desordem, da imoralidade e de todos os vícios que corrompem a juventude. Uma única vez por semana, como um favor especial, acreditamos ser o bastante para saciar o apetite veemente dos bailarinos e damas que quase sempre não revelam em seus rostos mais que a mais desordenada volúpia.⁸⁸

É importante registrar que havia no Paraguai uma tradição já consolidada de bailes e festas públicas, quase sempre patrocinados ou incentivados pelo Estado. Embora não se possa falar exatamente de bailes mistos, eram comuns os bailes simultâneos, que ocorriam em comemoração a um mesmo fato, durante os governos de Francia e dos López. Um artigo de **El Centinela** assim descreve a um desses bailes, já durante a guerra, em consequência de mais uma das várias cerimônias de entrega de jóias e adornos pessoais femininos para ajudar na sua manutenção:

Domingo à noite aconteceu no distrito da Catedral, bairro de Santa Catalina, na casa do Brigadeiro Resquín, uma iluminada e esplendorosa reunião do belo sexo com o grandioso objetivo de realizar a oferenda das jóias e adornos [...].

[...]

Concluídas as alocações caiu sobre o busto de S. E. [Solano López] um dilúvio de formosas coroas que lhe apresentaram as participantes [do encontro], depois de cuja cerimônia foi iniciado o baile, distribuído nos seguintes locais: no salão principal, em dos salas laterais, no pátio interior e na rua, onde alguns jovens funcionários [públicos] se confundiram com o povo e dançaram, entusiastas, com as mulheres honestas e pobres, mas que também abrigam os sentimentos mais nobres e patrióticos.⁸⁹

Nos primeiros momentos da ocupação aliada chegou a haver uma certa complacência - e em muitas ocasiões até mesmo incentivo - para com esses bailes mistos, nos quais era bem vinda a presença das *kygua vera*. Essa tolerância pode ter

⁸⁷ Un baile. **La Libertad**, (55):1-2, 16/05/1874. Sobre a trivialidade imposta às mulheres - e, em geral, bem aceita - é bastante significativo o desabafo da escritora cubano-espanhola Getrudis Gómez de Avellaneda, nascida em 1814 e falecida em 1873. Em seu diário íntimo, ante a atitude crítica de seus familiares quanto a sua vida afetiva, ela se lamentava: “[Invejo] a sorte dessas mulheres que não sentem nem pensam; que comem, dormem, vegetam e às quais o mundo chama muitas vezes mulheres sensatas.” (AVELLANEDA, Getrudis Gómez de. **Diário íntimo**. Comp. Lorenzo Cruz de Fuentes. Buenos Aires: Universal, 1945, apud PASTOR. **Una feminista cubano-española**, cit., p. 58.)

⁸⁸ **La Regeneración**, (46):2, 23/01/1870.

⁸⁹ Reunion parcial. **El Centinela**, 1(8):2, 13/06/1867.

acontecido devido à imensa superioridade feminina nas classes populares, à escassez de mulheres jovens da classe dominante, o que provavelmente atendia às exigências dos milhares de soldados e oficiais menores aliados que a cada dia chegavam a Asunción. Depois de meses ou mesmo anos embrenhados no inóspito interior paraguaio, cuja única diversão era a batalha campal, talvez a única forma de controle sobre as tropas fosse proporcionar aos soldados alguma diversão - o que incluía, certamente, alguma permissividade sexual, para dizer o mínimo. Talvez por isso não fosse muito raro encontrarmos na imprensa elogios à beleza e à dedicação amorosa dessas mulheres do povo, segundo alguns comentaristas, típicas representantes do Paraguai, na mesma linha de argumentação dos tempos de "tirania".

A classe dominante paraguaia, ademais, tinha fortes vínculos com a oficialidade brasileira e, embora tenhamos afirmado anteriormente a existência de um sentimento generalizado de aversão às forças de ocupação, não podemos esquecer do seu papel fundamental na condução dos ex-exilados ao poder econômico e, principalmente, político, ainda que por muito tempo absolutamente tutelado. Por essa razão, não eram raras, ao lado das manifestações de descontentamento, exteriorizações de agradecimento e satisfação com a permanência dos Aliados vindas de representantes das "famílias distinguidas". É o caso, por exemplo, da notícia publicada em *El Pueblo*, em maio de 1872, elogiando a participação de toda a oficialidade da Marinha brasileira, liderada por seu almirante, ao *Tedeum* comemorativo da Independência paraguaia. O jornal agradecia, em nome do "povo" paraguaio, a participação dos oficiais na comemoração da data, mostrando-se cúmplice da gritante contradição de ter como parte significativa dos presentes ao ato religioso comemorativo da Independência do país representantes do contingente militar invasor, vitorioso na guerra e responsável por uma ocupação militar e administrativa que já durava três anos⁹⁰.

Por isso, certamente, parte dessa classe dominante, absolutamente comprometida e tributária da ocupação, se esforçava para tornar mais agradável a permanência aliada em Asunción. Segundo Warren⁹¹, essa estreita relação se manifestava também em uma série de casamentos entre damas da sociedade paraguaia e oficiais brasileiros, dentre os quais o caso mais conhecido é o de uma das próprias irmãs de Solano López, cujo primeiro marido fora executado nos processos de San Fernando.

À esperança de encontrar casamento entre os oficiais brasileiros, vistos como verdadeiros "messias"⁹² das mulheres das "famílias distinguidas", correspondiam aspirações semelhantes, por parte das *kygua vera*, para com os soldados, embora a corte entre esses pares fosse muito mais "rude" que entre os da elite. Segundo Carlos José Ardisson, matrimônio e família, nunca generalizados antes, praticamente desapareceram em 1870, além do fato de a figura do pai ser praticamente desconhecida para a maioria dos meninos jovens. Segundo esse autor, em algumas co-

⁹⁰ Mas sobre um día solemne. *El Pueblo*, 3(435):2, 17/05/1872.

⁹¹ Cf. WARREN. *Paraguay and the Triple Alliance War*, cit., pp. 156-157.

⁹² Em artigo de 03/10/1869 *La Regeneración* (3) descrevia o entusiasmo das mulheres de Villa Rica com relação à chegada das tropas brasileiras àquela cidade: "Não é possível descrever o entusiasmo, o agradecimento e os aplausos com que foram recibidos [...]. As Senhoritas e todas as [demais] da vila jogavam guirlandas de flores a seus salvadores, ou melhor dito, a seus novos messias em sua entrada triunfal".

munidades as mulheres se revezavam para usar o único homem mais ou menos inteiro e hábil com fins procriadores⁹³.

Entre a classe dominante, aliás, uma forte razão para o casamento era a conveniência. Uma carta de uma certa Teodosia, publicada no **La Reforma** em março de 1876 bem o demonstra. O próprio responsável pela coluna ironiza: “Publico sem comentários”.

Sou solteira, jovem de 18 anos e com um capital de três mil pesos fortes, que me deu um [jovem] que era meu noivo em sinal de compromisso.

Mas acontece que esse jovem tem feito algumas coisas de que não gosto e por isso decidi deixá-lo de lado.

[...]

Por este motivo lhe peço que faça saber que estou disposta a aceitar a mão de qualquer jovem bom moço, que seja apaixonado, ardente e de bons costumes e que, além disso, conte com um capital dez vezes maior que o meu, porque a felicidade conjugal está em relação direta com a quantidade de pesos.

Se alguém se apresentar, espero que me avise para que eu possa arranjar o encontro.⁹⁴

Ainda com relação ao comportamento feminino, é preciso lembrar que a visão a respeito das *kygua vera* talvez tenha sido o único ponto em que *legionarios* e *lopistas* demonstraram nutrir alguma real divergência. Segundo a observação de Barbara Potthast-Jutkeit⁹⁵, enquanto **La Regeneración** via poucas coisas dignas de menção sobre as diversões populares além de serem verdadeiros escândalos, **El Pueblo** fazia distinção entre a “terceira classe”, que era moralmente pervertida, e as *kygua vera*, glorificadas como encarnação do povo humilde mas decente e íntegro. Para os propósitos do nosso trabalho, no entanto, tais divergências são de pouca relevância, já que no geral tanto os conservadores como os liberais do pós-guerra têm visões semelhantes sobre o papel da mulher, valendo resguardar apenas suas hesitações quanto a uma mulher idealizada e a realidade paraguaia, principalmente quanto à mulher das classes populares.

Ainda em 1877 era possível encontrar nas páginas de **El Comercio**⁹⁶ a seguinte informação:

Hoje à tarde, na Plaza de la Libertad, a banda da Plana Mayor, estreará uma magnífica peça de música composta pelo inteligente maestro Sr. Cavedogni, intitulada La Quiguaberá [A Kygua Vera].

A letra pertence a nosso amigo Victorino Abende, e é a seguinte:

CANÇÃO

A KYGUA VERA

⁹³ Cf. ARDISSONE. *Reflexiones sobre el Paraguay*, cit., pp. 34-35. Não foi possível encontrar evidências dessa prática de “revezamento”, mas ela é constantemente citada por vários historiadores, memorialistas e autores de obras de ficção. Seja como for, me parece que esta afirmação não chega a ser descabida, pelas razões já expostas.

⁹⁴ **La Reforma**, 2(125):2, 05/03/1876.

⁹⁵ Cf. POTTHAST-JUTKEIT. “*Paraíso de Mahoma*”..., cit., p. 309. A autora menciona, em especial, o artigo *El amor de la Qui-gua-Bera*. **El Pueblo**, 22/10/1870, assim como vários artigos do mesmo jornal sob o título *Silvia*, que tinham como tema uma *kygua vera* com esse nome, provavelmente um personagem fictício, como protótipo da paraguaia simples e decente.

⁹⁶ **El Comercio**, 1(95):1, 29/07/1877.

*Uso travessa dourada
Em meu trançado cabelo,
E em torno de meu branco pescoço,
Colares de ouro e coral.
Em meu disfarce embuçada,
Me esgueiro pela rua,
Luzindo meu reto talhe
Com seu garbo natural.*

*Qualquer bom moço
Que amável olho,
De minha beleza
Deixo cativo,
E se com graça
eu lhe sorrio,
Sem esperança,
Fica perdido.*

*Reluzo um typói de manga solta
Com rendas, negro bordado,
E meu alvo seio decotado
Ostento com majestade.
De postiças perfeições
Minha beleza não atavio;
Como uma louca me rio
Dessa néscia vaidade.*

*E quando airosa
Saracoteio,
Vou derramando
Graça e simpatia
E exclamam todos:
Bendito céu!
Quanto donaire
Carrega esse corpo!*

*Mostro-me a todos amável,
Jamais desprezo ninguém;
Mas só consagro a um [homem]
Meu sincero e puro amor.
Meu typói e minha travessa,
São meu único tesouro;
O único bem que adoro,
Mi piscoiro [?] encantador.*

*Se um pretendente
Pede meu amor,
E está ocupado
Meu coração;
eu lhe respondo:
Tobé catú⁹⁷,
Para meu amigo
Che rohájú⁹⁸*

É interessante observar que a letra dessa canção traça para a *kygua vera* um perfil ideal eivado de representações que mais correspondem às classes dominantes que à mulher do povo real, entre eles principalmente a dissimulação da jovem des-

⁹⁷ Em guarani atual: *tove katu*. A expressão tem muitos significados, entre eles os de "pode ser, talvez" e de "não mesmo, de maneira alguma", dependendo da situação em que é empregada.

⁹⁸ Em guarani atual: *che rohayhu*: eu te amo.

comprometida e a fidelidade a toda prova da mulher comprometida. Aliás, na semana anterior à publicação dessa canção, o mesmo **El Comercio** traçava com detalhes o perfil das *kygua vera* em sua seção *Omnubis*, de variedades. Segundo o autor, titular da coluna e que se assinava Pacheco, o artigo era uma republicação, a pedido de um amigo, do original que havia publicado anteriormente havia alguns anos já:

A kygua vera é o tipo mas notável do povo paraguaio.

A condição que mais se faz notar neste belo e gracioso tipo da mulher paraguaia, quando promete amores a seu piscoiro, é a fidelidade até o extremo.

A franqueza é nela tão natural que não vacila um instante em manifestar, a quem a pretende, se está ou não comprometida.

O tubé [tove] (não) é inflexível, quando o pronunciam; o neí [neĩ] (sim) é sincero e sem duplicidade.

Feliz do pretendente que consegue de sua pretendida um neí; desgraçado do que obtém um tobé.

Extremamente ciumenta, não pode ocultar o ciúme se vê seu amante simplesmente entretido com outra. Então, seus olhos de azeviche, doces e expressivos como os da gazela, se cravam intensos, penetrantes, vertendo ódio e recriminação sobre seu amado.

Toleram até certo ponto a ingratidão deles; mas uma vez cheia a taça de sua paciência, seu amor se converte em implacável ressentimento, orgulhoso desdém, para com o falso.

O exclusivismo no amor é sua única ambição, seu único objetivo; sendo assim, sacrificam tudo no altar de sua ardente paixão.

Em seus cantos guaranis revelam bem essas tendências. A poesia popular é a sincera expressão do caráter dos povos. A kygua vera se expressa deste modo:

*“O amor che aposeeba
Ndebe añoitepe guará;
Arecoba a firmeza
Amonó mebé guará.
Che vida che corazó
Sempre firme chendibé;
Ahasone ahasabá
Amonone nendibé”⁹⁹*

1º “O amor que eu possuo é para ti somente. Serei constante até a morte.”

2º “Minha vida, meu coração: serei sempre firme contigo: seja na alegria, seja no sofrimento, morrerei ao teu lado.”

Graça e formosura em seu físico; ternura, amor e constância em seus corações, que mais pode ambicionar um homem? Com razão elas exigem uma recíproca recompensa.

Benditas sejas, clássicas filhas do solo paraguaio, que, cheias de naturais graças, sois o encanto de quem vos contempla, e cheias de ternura e amor sem fingimento, e sem coquetaria, constituís a dádiva de quem amais.

Quando nas tardes de verão eu visitar vossas humildes moradas, dai-me um assento

⁹⁹ O poema, na verdade, está em *jopara*, mistura bastante aleatória entre vocábulos, sintaxe e semântica guarani e castelhana, bastante comum entre as classes populares paraguaias, considerada por alguns como uma terceira língua híbrida. Segundo Wolf Lustig, no entanto, carece de sentido afirmá-lo, visto que não há nenhuma sistematização conhecida para o *jopara*, além do que palavras e expressões das duas línguas são intercambiáveis. (Cf. LUSTIG, Wolf. *Mba'éichapa oiko la guarani? Guarani y jopara en el Paraguay*. Mainz, out. 1995. Inédito.)

*na ondulante rede, convidai-me para um mate e então serei feliz entre vós.*¹⁰⁰

É evidente o tom afetado e irreal da *kygua vera* apresentado por Pacheco. Além do mais, pouco tinha a ver com a dura realidade a que a imensa maioria das mulheres do povo estava submetida no Paraguai, particularmente após a guerra. A realidade do cotidiano feminino das classes populares era bem outra.

Seja como for, prevaleceu a lógica do isolamento, talvez aí residindo a novidade da lógica liberal: sua ojeriza e, ao mesmo tempo, medo das festas públicas, das quais participavam as “classes perigosas”. Como nos mostra Bakhtin, ao fim da Idade Média e no Renascimento a praça pública

*formava um mundo único e coeso onde todas as “tomadas de palavra” (desde as interpelações em altos brados até os espetáculos organizados) possuíam alguma coisa em comum, pois estavam impregnadas do mesmo ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade.*¹⁰¹

Bakhtin mostra, ainda, que essas manifestações da alegria pública eram perfeitamente legalizadas na praça pública e que infiltravam-se facilmente em todos os gêneros festivos que gravitavam em torno dela, inclusive o drama religioso.

*A praça pública era o ponto de convergência de tudo o que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de “extraterritorialidade” no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra.*¹⁰²

Bakhtin lembra que, evidentemente, tais manifestações só se revelavam inteiramente nos dias de festa. No Paraguai, até durante a guerra, essa “extraterritorialidade” dos dias de festa seria incorporada e mesmo incentivada pelo poder oficial, certamente com efeitos propagandísticos, mas, em todo caso, de acordo com uma visão pré-capitalista e, ao que parece, como fruto de um esforço por identificar o populacho como, de alguma maneira, parte inseparável da “*paraguaidad*”.

No Paraguai do pós-guerra, ao contrário, as reclamações quanto à moralidade dessas festas eram constantes.

Bailes públicos

Até quando terão que continuar estes centros de escândalo e corrupção? Já se vão cinco dias seguidos que eles se repetem.

*A Polícia deve proibir imediatamente que voltem a se repetir, porque são um atentado à conservação da ordem e moralidade.*¹⁰³

No entanto, a distância entre a classe dominante e o povo era tão grande que o jornal **La Reforma**, na mesma edição e na mesma página em que fora publicada a reclamação, não tinha o menor constrangimento em anunciar a formação de um bloco (era carnaval), denominado, ironicamente, de “*Los hijos del pueblo*”, composto de “*distinguidos*” jovens da sociedade paraguaia, informando, ainda, que esse já era o segundo bloco organizado para aquele ano. Mais adiante, o jornal anunciava a venda, na casa de um tal D. Sabas Riquelme, de “ovos de cera com água para o carna-

¹⁰⁰ *El Comercio*, 1(83):2, 15/07/1877.

¹⁰¹ BAKHTIN. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, cit., p. 132.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ *La Reforma*, 2(117):2, 24/02/1876.

val” para os “aficionados em jogar o entrudo”. Ainda na mesma edição, cobrava a promessa não cumprida de que na rua Villa Rica haveria uma “tertúlia” no começo da semana (a edição saiu na quinta-feira anterior ao carnaval), repreendendo o responsável: “Vamos, senhor [...], menos promessas e mais fatos”.

Algumas linhas abaixo, o jornal continuava informando a realização, no sábado de carnaval, de “um grande baile nos salões do Teatro Nacional, que estão sendo convenientemente decorados para dar-lhe maior esplendor” e aconselhava os leitores: “Vão se preparando para o Sábado à noite”. E concluía a edição tecendo comentários absolutamente pueris sobre o bloco “*La Marina*”, que apesar do nome desfilaria a cavalo.

O dia seguinte, **La Reforma** novamente convocava a “população” para os bailes de carnaval:

No sábado à noite haverá um esplêndido baile de máscaras e particulares nos espaçosos salões do Teatro [Nacional], que foram competentemente decorados para este fim.

A Comissão diretora, com o objetivo de evitar tumulto na entrada, decidiu enviar às senhoras um convite que servirá de ingresso.

*Há muita animação para o carnaval: os bailes estarão concorridos. Prepare-se.*¹⁰⁴

Evidentemente, é necessário reconhecer que a série de convocatórias e comentários sobre bailes nas edições de fevereiro devem-se à situação especial da aproximação do carnaval. Isto não invalida, porém, o caráter geral do antagonismo entre a veemente condenação aos bailes públicos e a euforia da expectativa quanto aos bailes de caráter privado. Ademais, mesmo fora do carnaval várias concentrações, inclusive em logradouros públicos, mereceram a atenção, o elogio e a convocatória da imprensa, como as que ocorriam na Plaza de la Libertad, nem mesmo nos quais a presença do populacho era bem vista:

Bastante numerosa foi a reunião que levou a banda de música à praça de “la Libertad” na quinta-feira à noite.

Nos felicitamos por termos sido ouvidos tanto pela Polícia como pelas elegantes e formosas senhoras e senhoritas que acudiram a nossas indicações. Esta noite, assim como na do Domingo, a banda também tocará nesta praça, esperando-se que continue desse modo e saia cada qual de sua casa para ventilar-se.

Já se formou uma turma que será perene nos dias marcados, que são as quintas-feiras e domingos.

Recomendamos à Polícia que faça essa penca de mulheres que a banda sempre carrega atrás de si observarem a moralidade e que sejam castigadas, porque não somos obrigados a ver cenas imorais.

À Polícia com elas.

Assim, pois, esta noite será muito concorrida.

*À praça esta noite.*¹⁰⁵

Apesar da repulsa quanto ao convívio com as mulheres do povo, os bailes

¹⁰⁴ Baile de máscaras. **La Reforma**, 2(118):2, 25/02/1876.

¹⁰⁵ Reunion. **La Reforma**, 2(142):2, 25/03/1876.

continuam e **La Reforma** segue realizando convocatórias:

A praça da Libertad estará concorridíssima.

Todas as noites de retreta aquele delicioso lugar de recreio é o ponto de reunião de belas asuncenas.

Por conseguinte, os elegantes não hão de faltar.

A banda de gendarmes obsequiará os presentes tocando uma nova peça de música.¹⁰⁶

O artigo, ademais, deixa vislumbrar que, talvez por insuficiência de espaços privados, a classe dominante paraguaia reservava também para si logradouros públicos, numa disputa de territórios com o populacho que aponta também para uma complicada e limitadora geografia das festas populares.

Também no Teatro Nacional, espaço reservado à classe dominante, os bailes são constantes. Chega a ser impressionante constatar como os autores dessas convocatórias são incapazes - ou parecem sê-lo - de perceber o quanto têm em comum suas festas com as do povo. Ao mesmo tempo, fica-nos uma sensação de que a profusão de bailes, fossem eles públicos ou reservados à juventude da elite, refletiam um sentimento de urgência, como que a denunciar que os horrores da guerra haviam levado ao Paraguai uma enorme e inexorável percepção da vida como algo frágil e extremamente provisório.

Estão sendo preparados dois grandes bailes para as noites do próximo sábado e domingo.

A concorrência será numerosa, a julgar pelos bailes anteriores.

Preparar-se com tempo: a vida é curta e há que tratar de passar por ela do melhor modo possível.¹⁰⁷

Ademais, da mesma forma como assinala Bakhtin para a Idade Média, parece que para o Paraguai do pós-guerra é possível também afirmar que

Na praça pública do carnaval, o corpo do povo sente, antes de mais nada, a sua unidade no tempo, a sua duração ininterrupta nele, a sua imortalidade histórica relativa. Por conseqüência, o que o povo sente não é a imagem estática de sua unidade [...] mas a unidade e a continuidade de seu devir e de seu crescimento. Assim, todas as imagens da festa popular fixam o momento do devir e do crescimento, da metamorfose inacabada, da morte-renovação [...].

Com todas as suas imagens, cenas, obscenidades, imprecações afirmativas, o carnaval representa o drama da imortalidade e da indestrutibilidade do povo. Nesse universo, a sensação de imortalidade do povo associa-se à da relatividade do poder existente e da verdade dominante.¹⁰⁸

Não me parece exagerado associar o sentimento de urgência sugerido acima com esse, de que fala Bakhtin, de imortalidade do povo *versus* relatividade do poder existente. Ainda assim, apesar da evidente presença desse espírito “medieval” nos bailes da classe dominante paraguaia do pós-guerra, sua impossibilidade histórica de reconhecê-lo, por um lado, e o medo do populacho, por outro, fazem com que os

¹⁰⁶ Esta noite. **La Reforma**, 2(148):2, 02/04/1876.

¹⁰⁷ Teatro Nacional. **La Reforma**, 2(135):1, 17/03/1876.

¹⁰⁸ BAKHTIN. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, p. 223.

bailes públicos não possam ser vistos senão como questão de polícia. Afinal, “da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação”¹⁰⁹.

As **Disposiciones generales de Policía** de fevereiro de 1876, mencionadas anteriormente, limitavam, em seu Art. 13, a existência dos bailes públicos à obtenção de uma licença policial, que, caso desrespeitada, submetia os organizadores a uma pena de cinquenta pesos fortes. Ainda assim, tal disposição parece ter sido insuficiente para aplacar a indignação das “boas famílias”. Dois dias após a publicação das **Disposiciones** o jornal **La Reforma** reclamava que “começaram de novo a se repetir estes bailes, centros de escândalo e corrupção”¹¹⁰, acrescentando que era dever da polícia não autorizá-los, mas proibi-los sumariamente.

O resultado da campanha parece ter sido positivo. Em abril, o jornal informava:

A Policía determinou que até as próximas festas de Páscoa não serão mais realizados bailes públicos.

*Pouco se perde com a determinação tomada pela Policía, antes bem ganham a moral e a ordem pública.*¹¹¹

Tomar contato com a documentação que nos revela a luta pela legitimidade entre as tão distantes e ao mesmo tempo tão semelhantes manifestações festivas dos filhos da elite e dos membros das “classes perigosas” coloca para o pesquisador a questão da relação de mimetismo entre os “regeneradores” e a intelectualidade européia e suas contradições. Ao mesmo tempo que desejavam ardentemente o “progresso” representado pelos avanços do capitalismo na Europa, particularmente na França, com seu modelo de urbanidade/civilidade, e na Inglaterra, com o avanço industrial, viam o populacho - em todo caso, muito pouco semelhante às multidões de Londres ou Paris - com talvez maior temor ainda que os pensadores da metrópole a suas gentes baixas. De um certo modo, imitam Paris, onde à ação repressiva explícita sobrepõe-se toda uma política insidiosa de uma olhar constante que detalha, esquadrinha, classifica a vida cotidiana dessa colméia popular, acompanhando o homem pobre desde a residência até o trabalho, vigiando, passo a passo, todos os seus movimentos pelos espaços públicos¹¹².

No Paraguai do pós-guerra, como porta-vozes privilegiados dessa intelectualidade que justifica a vigilância e condena as festas públicas, preocupada, particularmente, com as mulheres do povo e sua liberdade desmedida, estão os jornalistas, na defesa apaixonada do espaço privado e, portanto, burguês por excelência, como local privilegiado para o que, historicamente, é essencialmente público. Mas

A festa privada, do interior, que é a do indivíduo na época da burguesia, conserva, apesar de tudo sua verdadeira natureza, embora desnaturalizada: nos dias festivos, as portas da casa abrem-se de par em par aos convidados (no limite, a todos, ao mundo inteiro); nos dias de festa, tudo se distribui em profusão (alimentos, vestimentas, decoração dos cômodos), os desejos de felicidade de toda espécie subsistem a-

¹⁰⁹ GINZBURG. *O queijo e os vermes*, cit., p. 27.

¹¹⁰ *Bailes públicos*. **La Reforma**, 2(111):2, 17/02/1876.

¹¹¹ *No hay mas bailes*. **La Reforma**, 2(149):2, 04/04/1876.

¹¹² Cf. BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 120.

*inda (mas perderam quase totalmente seu valor ambivalente), da mesma forma que os votos, os jogos e os disfarces, o riso alegre, os gracejos, as danças, etc.*¹¹³

É dessa contradição que tentei falar neste item.

6.6. A DELINQUÊNCIA FEMININA

Junto com a destruição física e a devastação da paisagem a confusão da guerra trouxe também - e não poderia ser de outra forma - a desorientação. Muito provavelmente, descontados os elementos da cultura popular que a classe dominante pouco se empenharia para compreender, muitos dos “desvios” de conduta moral foram conseqüências no cotidiano dessa desorientação. A busca de novos padrões de sobrevivência, de formas de enfrentar o dia-a-dia, de divertir-se, de produzir e reproduzir quase nunca era tarefa fácil e sem conflitos.

Suicídios e distúrbios psíquicos entre a população pobre eram constantemente registrados pelos jornais. Além disso, a imprensa da época registra um aumento substancial da violência e da marginalidade, particularmente entre as mulheres, que os jornais registravam quase sempre em tom jocoso, embora não sem preocupação. São vários os registros, particularmente no jornal **La Reforma**, de mulheres bêbadas que provocavam arruaças ou que brigavam entre si e de roubos, em alguns casos com conseqüências fatais. Quase sempre as suspeitas recaíam sobre mulheres, como é o caso do roubo ocorrido em abril de 1876 na residência de uma tal Marcelina González:

Na quarta-feira passada foi encontrada uma casa da rua Azara, esquina com Uruguay, com as portas abertas e arrombadas, tendo sido roubado tudo o que havia nela.

A dona da casa, chamada Marcelina González, há alguns dias foi a Corrientes deixando-a aos cuidados de duas mulheres de sua confiança.

Parece que os ladrões espreitaram o momento em que estas estavam na praça e, por conseguinte, a casa sozinha, para efetuar o roubo.

*Graças às ativas diligências do diligente [sic] e incansável Comissário Espíndola, foi possível apreender uma mulher que se supõe ser uma das autoras do roubo.*¹¹⁴

A proliferação de ladras, bem como a agilidade, esperteza, e às vezes até força descomunal a elas atribuídas, prato cheio para a imprensa, criaram verdadeiros mitos de delinquência feminina.

Uma das mulheres que se encontram presas no Departamento Geral de Polícia em conseqüência do roubo sofrido por D. Asunción Doldan é, na verdade, uma famosa criminosa.

Fazem já dois anos que, estando presa e acorrentada em Humaitá, [ela] fugiu da prisão; anos depois, quando era Chefe Político o Coronel Dr. Luis González, foi presa por dois roubos cometidos e, poucos dias depois de sua prisão, burlando a vigilância dos sentinelas, escalou as paredes do pátio da Polícia e se evadiu pela 2ª vez.

A Polícia que abra o olho para que não se evapore de novo esta espécie de duende de saias.

¹¹³ BAKHTIN. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, cit., p. 241.

¹¹⁴ *Robo con fractura. La Reforma*, 2(163):2, 22/04/1876.

*A referida indivíduo tem uma estatura colossal e cor negra; falando com ela ninguém saberia o que [realmente] é aquela mulher, devido a sua voz melíflua e fisionomia humilde.*¹¹⁵

Uma semana depois o jornal registrava terem sido confirmados seus temores, noticiando a fuga da ladra:

A famosa ladra e já célebre escaladora de muralhas zombou de novo das autoridades.

Na madrugada de sexta-feira, burlando a vigilância dos sentinelas que há nos pátios, saiu do quarto em que estava presa e, escalando as paredes da cadeia, passou pelo pátio da casa contígua à que vive o Sr. Chefe de Polícia e em cujos corredores havia uma porção de gente dormindo.

[...]

*É altamente original o que acontece com esta mulher, pois parece impossível que com tanta vigilância como a que se tinha com ela, tenha podido escapar pela terceira vez.*¹¹⁶

Outra ladra famosa é Valentina López, que, em abril de 1876,

foi conduzida ao Departamento Geral de Polícia pela delegacia da 3ª seção [...], em poder da qual foi encontrado um riquíssimo ñanduti que havia sido roubado de uma de nossas Igrejas.

Há outra cúmplice, ainda não encontrada, chamada Maria Pilé.

[...] *é a quarta ou quinta vez que foram alojadas na casa grande pela única mania de apoderar-se da propriedade alheia contra a vontade de seu dono.*¹¹⁷

Três meses depois, Valentina - ou Valé, como era mais conhecida - reaparece nas páginas do jornal:

Encontra-se na polícia uma mulher conhecida pelo nome de "Valé". É a quinta ou sexta vez que é conduzida àquele departamento por ter pecado no 7º mandamento.

Na segunda-feira à noite, levando em conta que está grávida, em consideração a seu estado, foi posta em liberdade: na quarta-feira pela manhã era conduzida pelos agentes à Polícia, por ter sido encontrada abrindo [...] a porta de uma casa que não era a sua.

A polícia já não sabe que medidas tomar com [relação a] ela.

*É incorrigível.*¹¹⁸

Em agosto, Valé aparece novamente, desta vez como recapturada, depois de ter fugido da delegacia de polícia:

A polícia deu caça, ontem, à famosa ladra Valentina López. Já é a 7ª vez que entra naquele asilo por sua mania de apropriar-se dos bens alheios.

*"Valé", que é o nome pelo qual é conhecida, há alguns dias havia fugido da cadeia e ontem foi presa em um lugar chamado "La Mercé".*¹¹⁹

¹¹⁵ Pájaro gordo. *La Reforma*, 2(148):2, 02/04/1876.

¹¹⁶ Lo temíamos. *La Reforma*, 2(154):2, 09/04/1876.

¹¹⁷ Por ladrona. *La Reforma*, 2(163):2, 22/04/1876.

¹¹⁸ Incorregible. *La Reforma*, 2(228):2, 12/07/1876.

¹¹⁹ Famosa ladrona. *La Reforma*, 2(?):2, 15/08/1876.

O tom irônico pelo qual as recorrentes notícias de seus delitos, prisões e fugas é tratado é característica comum às demais notícias de delitos cometidos por populares, particularmente quando envolvem mulheres. Em março de 1876, por exemplo, duas lavadeiras são presas por brigarem na rua. Além do mais, uma delas, segundo o repórter - que ressalta o fato de serem mulheres, e não homens, as protagonistas da contenda -, estava embriagada:

Já não são os homens os que, por um dá cá aquela palha, se dão trombadas em plena rua.

Ontem duas lavadeiras, por não sabemos que questões, das palavras passaram às vias de fato e trocaram muitos socos, arrancaram-se os cabelos, dando um escândalo dos maiores.

Uma das combatentes, de bastante idade, estava em estado de embriaguez. Foi a que levou a pior parte no combate.

A briga foi parar às margens do rio perto do cais de descarga.¹²⁰

Em outra briga, as mulheres são jocosamente tratadas por “dulcinéias”, que foram conduzidas ao “hotel” da 2ª seção de polícia:

Ontem à tarde, na rua de Atajo, duas mulheres armaram um escândalo dos maiores, chegando ao extremo de trocarem trombadas em profusão.

Não conhecemos o motivo que induziu aquelas dulcinéias a promoverem o escândalo; mas vimos o resultado: isto é, uma delas saiu sem algumas mechas de cabelo e a outra com uma boa dose de arranhões e marcas da agressão.

Os vigilantes da delegacia da 2ª seção de polícia acudiram ao barulho e as promotoras da desordem foram conduzidas ao hotel de pouco trigo.¹²¹

Em outro caso de roubo, também protagonizado por uma mulher, o texto do jornalista é cheio de jogos de palavras, revelando o tom pouco sério no qual a questão é tratada:

Ontem, por volta das 2 da madrugada, uma das rondas que à noite vigiam a cidade apreendeu em flagrante uma mulher que estava roubando as aves do curral da casa do Sr. Montefilpo, situada na rua Pilcomayo.

O dono da casa, com o ruído que fizeram as aves ao quererem mudá-las de vivenda, acudiu e, chamando a referida patrulha, que felizmente passava pela rua, prendeu a larápia, que foi alojada no hotel do galo, onde seguramente não a manterão junto com as aves.¹²²

Em praticamente todos os episódios, **La Reforma** sempre elogia o papel da polícia, como no caso em que duas mulheres são presas acusadas de cúmplices no roubo das jóias da Sra. Doldan, já mencionado, que “se portou maravilhosamente”¹²³. O trabalho da polícia, aliás, não devia ser dos mais fáceis, já que a economia, a política e a moral pública tramavam constantemente contra a população pobre em geral e as mulheres em particular.

Não por outra razão uma das formas mais comuns de roubo, segundo os jor-

¹²⁰ *Pelea mujeril. La Reforma, 2(146):2, 31/03/1876.*

¹²¹ *Reyerta. La Reforma, 2(205):2, 11/06/1876.*

¹²² *Ratera. La Reforma, 2(149):2, 04/04/1876.*

¹²³ *Mas presas. La Reforma, 2(146):1, 31/03/1876.*

nais, era a que envolvia criadas, que se aproveitavam da ausência dos patrões ou de situações de doença ou imobilidade de algum dos donos da casa para roubar, numa estratégia de sobrevivência que parecia ser bastante corriqueira. Falando de um desses casos, em que duas criadas da residência do Sr. Fernández Narváez roubaram do patrão vários objetos, roupas, livros e documentos importantes, cuja devolução o proprietário prometia gratificar generosamente, o jornal comentava a necessidade de se aplicar “o condigno castigo, para evitar que continuem se sucedendo fatos que, como este, se repetem com freqüência”¹²⁴.

Vemos passar, no entanto, toda a década de 1870 sem que os sucessivos governos - e foram muitos - e as frações da classe dominante que os apoiavam tomassem medidas concretas no sentido de solucionar os problemas da “vida real”. Enquanto divertiam-se com as festas pueris do Teatro Nacional ou, por outro lado, lutavam, às vezes até a morte, nas disputas pelo poder, pouco fizeram além da repressão e do escárnio. Raramente, como em um artigo de *El Pueblo* de 1872, reconheciam que da “gente baixa”, da “3ª classe”, particularmente de suas mulheres, é que era preciso reunir as forças para “regenerar” o Paraguai. Dizia o artigo:

A nação paraguaia, a mais desgraçada das repúblicas hispano-americanas, oferece atualmente um espetáculo desolador a todo homem humanitário e medianamente reflexivo.

A parte viril da nação sucumbiu nos combates ou sob o punhal dos sicários do Tirano: só uma pequena fração sobreviveu à catástrofe imensa atraída sobre a pátria paraguaia pelos crimes e pela estupidez de seus verdugos.

[...]

Que resta? O que sobreviveu a esta série de catástrofes que se chama História do Paraguai?

Triste é dizê-lo.

Um fragmento heróico de uma geração grande porque grande é tudo o que é desgraçado.

[...]

E lá abaixo, nos últimos graus da escala social, a multidão extenuada pela miséria, envilecida pela ignorância, degradada pela superstição e pelo vício.

*No entanto: nessa multidão é onde se deve buscar o germe da vida nesta sociedade renascente; dessa plebe há de sair o futuro Povo; sobre essa base há de descansar a Nação paraguaia do porvir.*¹²⁵

Mas como alimentar o sentimento de esperança para com uma população que ao mesmo tempo inspirava medo, asco e desprezo? Como lembra Maria Stella Bresciani,

*Um elo mantém as mulheres e os homens pobres atados a um destino comum; o mesmo círculo de ferro os aprisiona à esfera da vida privada, ocupados com as tarefas necessárias à reprodução da espécie. Seres dominados pelos atributos restritivos do **campo da necessidade**, neles prevalecem os instintos, a irracionalidade, os sentimentos. Seres incapazes de se sobreporem aos imperativos da natureza, a eles fica vedado o acesso ao domínio da palavra, da razão e da ação política, em uma pala-*

¹²⁴ Robo. *La Reforma*, 2(129):2, 10/03/1876.

¹²⁵ Estudios sociales. *El Pueblo*, 3(426):1, 04/05/1872.

*vra, ao campo das convenções que racionalizam a convivência entre os homens, tornando possível a própria sociedade civilizada.*¹²⁶

Porém, entre os mais pobres, os mais fortemente atados ao círculo de ferro que aprisiona à esfera privada estava a imensa quantidade de mulheres paraguaias do pós-guerra, realizando, talvez com maior propriedade e autoridade, a “outra produção, qualificada de consumo”, como dizia Michel de Certeau¹²⁷, ou fazendo realizá-la sob sua orientação. Neste sentido, é importante o testemunho de Rey de Castro, em sua conferência de 1903, sobre a mulher rural:

Constantemente dizem os que querem tratar com benevolência os habitantes do campo, como que para não perder a galanteria: “Certo, as mulheres são bonitas, trabalhadoras, ativas; mas os homens não, amigo, os homens são uma calamidade, são uns grandes preguiçosos”.

Prescindindo de que esta última afirmação é falsa, totalmente falsa, se pode replicar: supondo fossem assim; que efetivamente os homens estivessem carregados de defeitos e de vícios, em quem jogar a culpa?

*No Paraguai, entre as classes rurais, a cabeça da família, formada adventiciamente depois da guerra, é a mãe; e é a mãe quem dá nome, educação, tudo.*¹²⁸

E propunha:

*Logo, se a mãe tem as virtudes que se reconhecem nela, só dependeria de muito pouca coisa fazê-la apta a elevar a condição de seus filhos, de fazê-los ativos, trabalhadores, sóbrios.*¹²⁹

Embora, como vimos, esse papel representasse uma constante na história da mulher paraguaia, tentei demonstrar neste trabalho sua especificidade e sua importância no Paraguai do pós-guerra.

¹²⁶ BRESCIANI. *A mulher e o espaço público*, cit., p. 76. O destaque é da autora.

¹²⁷ Cf. CERTEAU. *A invenção do cotidiano*, cit., p. 39.

¹²⁸ CASTRO. *La clase rural paraguaya*, cit., p.22.

¹²⁹ *Ibidem*.

7. CONCLUSÕES

Monta guarda e espera. E nada há de tão poderoso e invencível como quando alguém, habitando a morte, monta guarda e espera.

Augusto Roa Bastos¹

Espero ter podido demonstrar o quanto o liberalismo imposto ao Paraguai do pós-guerra contra a Tríplice Aliança é contraditório. Os “regeneradores”, em nome da modernidade e do progresso, condenam, como antiquados e símbolos de “barbárie”, tudo o que o Paraguai tinha de peculiar. Pretendiam transformar o Paraguai em um país europeu na América - como, de resto, o queriam todos os representantes do pensamento liberal latino-americano, que quase sempre defendiam a transposição acrítica do modelo francês para seus países. O anseio de modernização e europeização é notado, particularmente, na vida social da classe dominante, que atinge esplendores europeus. Chega-se ao extremo de adotar, nas últimas décadas do século XIX, o uso da longa levita, vestimenta masculina de etiqueta, mais longa e mais larga que o fraque, e do chapéu de aba que tanto assombrou o próprio Sarmiento - inquestionavelmente um “modernista” urbano convicto - em um país de calor ardente, e também a banir, por disposição oficial de princípios do século XX, o uso das vaporosas e brancas vestimentas das mulheres do povo. A palavra “modernização” se havia convertido na chave de toda a vida nacional.²

Particularmente quanto à mulher, espero ter demonstrado que, historicamente, ela desempenhou um papel bastante importante na sociedade paraguaia, assumindo funções econômicas e sociais bastante significativas - embora, como nos demais países do continente, longe da vida política institucional. Esse papel, no entanto, foi absolutamente ignorado pelos “regeneradores”, que tinham como modelo ideal para a mulher a companheira submissa, passiva, compreensiva e solícita, requisitos “próprios de seu sexo”. Por outro lado, como “o que fala nunca é a palavra, o discurso, senão toda a *pessoa social*”³ (nas palavras de Bourdieu, ao advertir os que dão ênfase à “força locutória” do discurso no próprio discurso), pudemos verificar que o “silêncio” da mulher paraguaia representava uma resistência.

É nessa nova e difícil realidade que a mulher paraguaia comum se verá obrigada a se mover. Ela, que chora a morte de um ente querido, quase sempre um pai, irmão ou marido, dada sua necessidade de sobrevivência e na tentativa de cumprir com as exigências do nova ordem, em muitos casos é obrigada a tomar decisões que põem em risco sua própria identidade social, como, por exemplo, casar-se com um estrangeiro.

Silenciosa no espaço público, falante e preceptora no espaço privado, é impossível, no entanto, traçar com precisão sua trajetória no pós-guerra. Contraditoriamente, é apontada como a grande heroína da “epopéia nacional”, ao mesmo tempo

¹ BASTOS, Augusto Roa. *El trueno entre las hojas*. Buenos Aires: Losada, 1991, p. 258.

² CARDOZO. *Apuntes de historia cultural del Paraguay*, cit., p. 311-312.

³ BOURDIEU. *A economia das trocas lingüísticas*, cit., p. 167.

em que lhe é negado o direito ao único bem que lhe restou; sua cultura tradicional. Os (des)caminhos dessa reconstrução ainda estão por ser investigados e redescobertos, mas espero ter podido contribuir para o aprofundamento da investigação sobre essa história tão rica e tão particular, que pode lançar luzes sobre várias questões ligadas ao conhecimento historiográfico sobre o século XIX na região do Prata e na América Latina.

Uma dessas questões fundamentais foi, no Paraguai do pós-guerra, a meu ver, a da adequação ou inadequação das idéias liberais no continente, levando-se em conta, principalmente, a realidade concreta do caudilhismo. Na verdade, os “regeneradores” tinham muito mais a ver com os anos de “tirania e barbárie” que tão veementemente condenavam do que eles mesmos podiam perceber. Neste sentido, de pouco ou nada adiantaram as condenações sistemáticas dos porta-vozes da classe dominante, através dos diários, ao modo de vida do paraguaio comum - até porque a imensa maior parte da população era analfabeta. Tampouco surtiram efeito os vários dispositivos legais que, na tentativa de “civilizar” o país e, particularmente, a capital paraguaia, nunca levaram em consideração os elementos da cultura tradicional guarani-paraguaia, sempre tratada como sinal de “atraso” e de “ignorância”. Ao mesmo tempo, enquanto condenavam e desmontavam a estrutura agrária herdada dos “tiranos”, baseada na propriedade estatal da terra, em nome da nova ordem liberal, promoviam a oligopolização das antigas *tierras fiscales* e *estancias de la patria*, ao mesmo tempo que impediam o acesso à terra do paraguaio comum.

Outra questão fundamental é a persistência do guarani como, talvez, o único caso no continente em que o idioma aborígene foi capaz de resistir à língua do colonizador, a ponto de superá-la, de fato, em termos absolutos, e suas implicações historiográficas. Apesar de todas as condenações e proibições, aliadas à absoluta incapacidade do Estado em promover o real acesso à Educação pública, segundo os próprios preceitos liberais que apregoavam, os “regeneradores” foram incapazes de impor a língua européia, “civilizada”, veículo, segundo seus defensores, da cultura do progresso, das luzes, da ilustração. Tal incapacidade levou a que a classe dominante, mais de um século depois, vira-se forçada admitir o guarani como segunda língua oficial do país, reconhecendo, com um atraso de mais de 130 anos, o peso da cultura popular e seu idioma sobre a ocidentalização forçada.

Mas a questão que pretendi ter sido a principal, a norteadora de minha investigação, foi a das relações de gênero no Paraguai antes, durante e após a guerra da Tríplice Aliança e suas implicações para o modelo de sociedade levado a cabo no país. Numa sociedade onde a mulher sempre teve papel de fundamental importância, mesmo que sem qualquer acesso formal à vida pública, à política formal, parece ter sido reservado a ela, no entanto, o papel de depositária privilegiada da cultura popular guarani-paraguaia. Neste sentido, de pouco adiantou que os “regeneradores” traçassem para as mulheres em geral e as mulheres do povo em particular, um modelo rígido (embora muito freqüentemente bastante confuso) de comportamento, segundo os padrões para o “belo sexo” constantes nas pautas do liberalismo do século XIX. Parte significativa da vida econômica, baseada, ainda muito tempo depois da guerra, na produção agrícola e na economia informal e de pequena monta esteve reservada à mulher do povo. E isso ocorreria não exatamente, como tentei demonstrar, devido à “preguiça” ou “vagabundagem” de seus homens, mas porque era impossível modificar por decreto um modelo econômico e de relações sociais que combinava a tradição guarani e a violência da colonização. Ao mesmo tempo, sem acesso à Educação formal ocidentalizante, que os próprios “regeneradores” aprego-

avam como indispensável à transformação do país, parece ter cabido a elas seguir ministrando a Educação informal, doméstica, baseada na tradição oral e nos valores tradicionais às futuras gerações.

Este trabalho é, em suma, uma tentativa de apresentar, tendo como ponto de apoio principal a mulher das classes populares, os movimentos de permanência e transformação ocorridos no Paraguai entre meados da década de 1860, no desenrolar da guerra contra a Tríplice Aliança, e a consolidação de um precária ordem liberal no país na virada do século.

Evidentemente, seria ingênuo ocultar a vitória, embora parcial, da ordem liberal, para além do golpe de Estado de 1904. Se me fosse permitido tecer juízos de valor sobre o Paraguai de hoje apenas baseado na experiência de 1865-1870 e nos anos que se seguiram, da “*Regeneración*”, minha posição seria a de lamentar que a alternativa aos governos autoritários de Francia e dos López formalizada pelos “regeneradores” fosse uma combinação tão estreita de ingenuidade e desprezo pela cultura popular que tanto os aproximou da “tirania” da Primeira República. Por outro lado, lamentaria também que a alternativa política aos “regeneradores” tenha sido a de um conservadorismo que, tanto ou mais que os “tiranos” do pré-guerra, viu no autoritarismo e na manipulação dos valores da cultura popular a fórmula para levar o Paraguai à saída do caos e da destruição da guerra contra a Tríplice Aliança. Ainda hoje (ver artigo do **Le Monde Diplomatique**, em anexo) a sociedade paraguaia se move entre essas duas alternativas, sem conseguir vislumbrar uma terceira via para aceder às benesses do mundo Ocidental. Numa época de crise das utopias igualitárias e de aparente consolidação de uma ordem mundial globalizante, essa questão torna-se como ainda mais preocupante.

Seja como for, embora ao concluir este trabalho tenhamos mais problemas do que soluções, mais dúvidas do que certezas, considero minha tarefa como realizada. Se, como resultado de meu esforço de investigação, do qual as dificuldades de acesso às fontes são apenas um aspecto, foi possível responder apenas parcialmente as questões que propus a mim e ao leitor, que sirvam como desculpa as palavras finais da carta de Rosa Monzón, personagem do romance **Filho do Homem**, do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos, com quem também iniciei este trabalho:

“Creio que o principal valor destas histórias radica-se no testemunho que encerram. Embora em mínima parte, sua publicação talvez ajude a compreender - mais que a um homem - a este povo da América tão caluniado, que durante séculos há oscilado sem descanso entre a rebeldia e a opressão, entre o opróbrio de seus escarnecedores e a profecia de seus mártires...”⁴.

⁴ BASTOS, Augusto Roa. **Filho do Homem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 258.

8. BIBLIOGRAFIA

8.1. LIVROS E ARTIGOS EM PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS

Para facilitar a menção, neste item foram arrolados aqui todos os títulos de livros e de artigos em periódicos especializados, considerados como fonte secundária ou, mesmo quando considerados como fonte primária, que foram publicados, ainda que em edição fac-similar.

ACCIOLY, Hildebrando. **Limites do Brasil. A Fronteira com o Paraguay.** São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Cia. Ed. Nacional, 1938.

ACTAS de la Quinta Asamblea interuniversitaria de Filología y Literaturas Hispánicas. Bahía Blanca: Universidad Nacional del Sur, 1968.

AGUÍNAGA, Juan Bautista Gill. **La Asociación paraguaya en la guerra de la Triple Alianza.** (Buenos Aires) Edición del autor, 1959.

AGUIRRE, Juan F. *Diario del Capitán de Fragata D. Juan F. Aguirre.* **Revista de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, (17-22)**, 1949-1951.

ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Residentas, destinadas y traidoras.** Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991.

ALCALÁ, Teresa Lamas Carísimo de Rodríguez. **Tradiciones del Hogar.** Asunción: La Mundial, 1928.

ALMEIDA, João Ribeiro de. *Breves considerações acerca de alguns documentos trazidos do Paraguay.* **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico, e Etnográfico do Brasil, 33(2):186-205**, 1870.

ALTOÉ, Geraldo. **Paraguai: bases do isolamento.** Niterói: UFF. Programa de Pós-Graduação em História, 1978. [Dissertação de Mestrado]

AMARAL, Raúl. **Escritos paraguayos – primera parte: introducción a la cultura nacional.** Asunción: Mediterráneo, 1984.

AMARAL, Raúl. *López Decoud y su generación.* **Cuadernos Republicanos, (12)**, 1976.

AMARAL, Raúl. **Los presidentes del Paraguay. Crónica Política (1844-1954).** Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1994.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional.** São Paulo; Ática, 1989. [Serie Temas, 9: Estudos políticos]

APAOLAZA, José Miguel (Txemi). **Lengua, etnicidad y nacionalismo. Seu concreción en Salvierra (Álava).** Barcelona: Anthropos, 1993. [Cuadernos de Natropología, 13]

AQUINO, Ricardo Caballero. **La Segunda República Paraguaya.** Asunción: Arte Nuevo, 1985.

ARCINEGAS, Germán. **Latin America: A Cultural History.** Trad. Joan MacLean. London: Cresset, 1969.

ARDISSONE, Carlos José. **Reflexiones sobre el Paraguay.** Asunción: Intercontinental, 1994.

ARGAÑA, Luis A. **Universidad Nacional. Facultad de Derecho y Ciencias So-**

- ciales. Programa de Derecho Mercantil (Segundo Curso).** Asunción: Imprenta Nacional, 1924.
- AZARA, Félix de. Descripción e historia del Paraguay y del Río de la Plata.** Madrid: s.ed., 1847.
- AZARA, Félix de. Geografía física y esférica de las provincias del Paraguay, y misiones guaraníes.** Montevideo: s.ed., 1904.
- BÁEZ, Cecilio. El Paraguay Moderno.** Asunción: Talleres Nacionales de H. Krauss, 1915.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec/Brasília: Edunb, 1987.
- BAREIRO, José D. Catálogo de testamentos y codicilos del Archivo Nacional.** Asunción: Imprenta Nacional, 1936.
- BAREIRO, Line & SOTO, Clyde (Eds.). Ciudadanas. Una memoria inconstante.** Asunción: Centro de Documentación y Estudios/Caracas: Nueva Sociedad, 1997.
- BAREIRO, Line; SOTO, Clyde & MONTE, Mary. Alquimistas. Documentos para otra historia de las mujeres.** Asunción: Centro de Documentación y Estudios, 1993.
- BARRETT, Rafael. Obras completas I: El dolor paraguayo. Mirando vivir.** Asunción: RP/Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1988.
- BARROS, Orlando. Paraguai: a transição política e suas bases (1869-1880).** Niterói: UFF. Programa de Pós-Graduação em História, 1978. [Dissertação de Mestrado]
- BASSETTI, Verónica. Entre el sexo... y el seso...una mujer.** Asunción: Arte Nuevo, 1987. [Serie Literatura, 6]
- BASTIAN, Jean-Pierre. Protestantes, liberales y francmasones. Sociedades de ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX.** México: Cehila/Fondo de Cultura Económica, 1990.
- BASTOS, Augusto Roa. El baldío.** 2. ed. Buenos Aires: Losada, 1976.
- BASTOS, Augusto Roa. El trueno entre las hojas.** 5. ed. Buenos Aires: Losada, 1991.
- BASTOS, Augusto Roa. Filho do Homem.** Trad. Marlene de Castro Correia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- BENÍTEZ, Justo Pastor. El solar guaraní. Panorama de la cultura paraguaya en el siglo XX.** 2. ed. Asunción/Buenos Aires: Nizza, 1959.
- BENÍTEZ, Justo Pastor. Formación social del pueblo paraguayo.** Asunción/Buenos Aires: America Lee, 1955.
- BENÍTEZ, Luis G. Historia de la Educación Paraguaya.** Asunción: Comuneros, 1981.
- BETHELL, Leslie (Org.). Historia de América Latina. V. 8: América Latina: cultura y sociedad, 1830-1930.** Trad. Jordi Beltran e Àngels Solà. Barcelona: Crítica, 1991. [The Cambridge history of Latin America. V. 5: c. 1870 to 1930. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. Trata-se de edições diferentes, em que a maioria dos textos não coincidem entre si. Utilizei ambas.]
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco (Eds.). Dicionário de Política.** Trad. João Ferreira (coordenador). Brasília: Edunb, 1983. [Também utili-

zei a 5ª ed.: Brasília: Edunb, 1993]

- BOCAIÚVA, Quintino de Souza (Atribuído a). **Guerra do Paraguay. A nova phase (Carta a um amigo)**. Montevideo: Typographia Sul-Americana, 1869.
- BOLETÍN Demográfico** (CELADE, Santiago de Chile), **23**(45), 1990.
- BOLETÍN Demográfico** (CELADE, Santiago de Chile), **24**(47), 1991.
- BOLETÍN Demográfico** (CELADE, Santiago de Chile), **25**(51), 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOUVIER, Jean-Claude et alii. **Tradition orale et identité culturelle. Problèmes et Méthodes**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1980.
- BRAY, Arturo (Cnel.). **Armas y letras (Memorias)**. Asunción: NAPA, 1981. [Colección Libro Paraguayo del mes, año 1 - nº 8]
- BRAY, Arturo (Cnel.). **Hombres y épocas del Paraguay**. 4. ed. Asunción: El Lector, 1983. 2 v.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *A mulher e o espaço público*. **Revista Brasileira de História: Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas** (São Paulo: ANPUH/Marco Zero), **12**(22):67-86, Mar.-Ago. 1991.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. [Colección Tudo é história, 52]
- BRITO, Pedro Torquato Xavier de. **Noticia historica geographica e estatística da República do Paraguay**. Rio de Janeiro: s.ed., 1865.
- BRUN, Diego Abende. *La guerra de la Triple Alianza: tres modelos explicativos*. **Revista Paraguaya de Sociología**, **26**(74):175-198, Ene.-Abr. 1989.
- BURKE, Peter. **La cultura popular en la Europa moderna**. Trad. Antonio Feros. Madrid: Alianza Editorial, 1991.
- BURTON, Richard F. **Letters from the Battle-Fields of Paraguay**. London: s.ed., 1870.
- CABICHUÍ: periódico de la guerra de la Triple Alianza**. Asunción: Museo del Barro, 1984.
- CANCOGNI, Manlio & BORIS, Ivan. **Solano López, o Napoleão do Prata**. Trad. Juan Agullo Conejos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- CANESE, Natalia Krivoshein de et alii. *El guaraní y el español como lenguas oficiales en la Constitución Nacional de 1992*. **Nemity**, (23):7-10, Dic. 1991.
- CANESE, Natalia Krivoshein de. **Cultura y bilingüismo en el Paraguay**. Asunción, s.f. [1997; inédito]
- CARDOZO, Efraim. **Apuntes de historia cultural del Paraguay**. 3. ed. Asunción: Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", s.d. [Coleção Biblioteca de Estudios Paraguayos, 11; 1ª. ed.: 1963]
- CARDOZO, Efraim. **El imperio del Brasil en el Río de la Plata: antecedentes y estallido de la Guerra del Paraguay**. Buenos Aires: Librería del Plata, 1961.
- CARDOZO, Efraim. **Hace 100 años: crónicas de la guerra del 1864-1870 publicadas en "La Tribuna" de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional. Tomo V: 1º de Octubre de 1866 a 28 de Febrero de 1867**. Asunción: EMASA, 1970.

- CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años: crónicas de la guerra del 1864-1870 publicadas en "La Tribuna" de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional. Tomo VI: 1º de Marzo de 1867 a 31 de Julio de 1867*. Asunción: EMASA, 1972.
- CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años: crónicas de la guerra del 1864-1870 publicadas en "La Tribuna" de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional. Tomo VIII: 1º de Enero de 1868 a 31 de Mayo de 1868*. Asunción: EMASA, 1976.
- CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años: crónicas de la guerra del 1864-1870 publicadas en "La Tribuna" de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional. Tomo XI: 1º de Enero de 1869 a 30 de Abril de 1868*. Asunción: EMASA, 1979.
- CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años: crónicas de la guerra del 1864-1870 publicadas en "La Tribuna" de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional. Tomo XIII: 1º de Octubre de 1869 a 1º de Marzo de 1870*. Asunción: EMASA, 1982.
- CARDOZO, Efraim. *Paraguay independiente*. Asunción: Carlos Schauman, 1987. [1ª ed.: 1967]
- CARDOZO, Ramón Indalecio. *Mi vida de ciudadano y maestro*. Asunción: El Lector, 1991.
- CARMAGNANI, Marcello (Org.). *Federalismos latinoamericanos: México/Brasil/Argentina*. México: El Colegio de México/Fideicomiso Historia de las Américas/Fondo de Cultura Económica, 1993.
- CARRASCO, Gabriel. *La población del Paraguay antes y después de la Guerra. Rectificación de opiniones generalmente aceptadas*. Asunción: Telleres Nacionales de H. Krauss, 1905.
- CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Utopia e Identidade: uma nação para o deserto*. Comunicação individual. Associação Nacional de História. XIX Simpósio Nacional de História "História e Cidadania". Belo Horizonte, UFMG, 25/07/1997.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a república que não foi*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASACCIA, Gabriel. *La llaga*. Asunción: El Lector, 1987. [Colección Literatura, 12]
- CASTRO, (Carlos) Rey de. *La clase rural paraguaya*. Asunción: Talleres Krauss, 1903.
- CENTINELA (El). *Colección del semanario de los paraguayos en la guerra de la Triple Alianza, 1867*. Buenos Aires: Fondo Editorial Paraguariae, 1964.
- CENTURIÓN, Carlos Rodríguez. *Historia de la cultura paraguaya*. Asunción: Biblioteca "Ortiz Guerrero", 1961. 2. v.
- CENTURIÓN, Gaspar de (Mayor). *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Asunción: Ariel, 1931.
- CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Apuntes biográficos de un Coronel*. Asunción: Fundación Cultural Republicana, 1988.
- CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurion o sean reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Asunción: Imprenta Militar, 1901. 4. v.
- CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai - 1865-1870*. 4. ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, s.f. [1ª ed.: 1910]

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer.** Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Diférences entre les sexes et domination symboloque (note critique).* **Annales E.S.C.**, (4):1.005-1.011, Juillet-Août 1993.
- CHASE-SARDI, Miguel. *Cultura guaraní y cultura campesina: Nexos apenas estudia-*dos. **Suplemento Antropológico** (Asunción: Universidad Católica – Revista del Centro de Estudios Antropológicos), 25(1):51-84, Junio 1990.
- CHIAVENATTO, Julio José. **A guerra contra o Paraguai.** São Paulo: Brasiliense, 1990. [Coleção Tudo é história, 131]
- CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai.** 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. [1ª ed.: 1979]
- CHIAVENATTO, Julio José. **Os voluntários da pátria (e outros mitos).** São Paulo: Global, 1983.
- CLASTRES, Hélène. **La terre sans mal. Le prophétisme tupi-guarani.** Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado. Pesquisas de Antropologia Política.** 5. ed. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- CLASTRES, Pierre. **Le grand parler. Mythes et chants des Indiens Guarani.** Paris: Éditions du Seuil, 1974.
- CONSTITUCIÓN de la República del Paraguay, sancionada por la Honorable Convención Constituyente en sesión de 18 de noviembre de 1870.** Buenos Aires: Imprenta de “La Unión”, 1872.
- COONEY, Jerry W. & WHIGHAM, Thomas Lyle (Eds.). **El Paraguay bajo los López. Ensayos de historia social y política.** Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1994. [Serie Historia Social. Col. Aniversario]
- CORREIA, Manoel Francisco. *Saque de Assumpção e Luque atribuido ao exercito brasileiro na guerra do Paraguay: refutação.* **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geographico, e Etnographico do Brasil**, 59(93/1):47-50, 1896.
- CORREIA, Maria da Glória Guimarães. **Representações femininas em meio à “loucura industrial” em São Luís do Maranhão na virada do século.** Comunicação individual. Associação Nacional de História – Regional RJ. VII Encontro Regional. História e Violência. Rio de Janeiro, UERJ, 08/10/1996.
- CORTESÃO, Jaime (org.). **Manuscritos da Coleção de Angelis. I. Jesuítas e bandeirantes não Guairá (1549-1640).** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951
- CORVALÁN, Graziella & GRANDA, Germán de (Eds.) **Sociedad y lengua: bilingüismo en el Paraguay.** Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1982.
- CORVALÁN, Graziella. *El bilingüismo en la educación en el Paraguay: ¿es creativo u opresivo?* **Revista Paraguaya de Sociología**, 18(52):179-200, Set.-Dic. 1981.
- CORVALÁN, Graziella. **Paraguay: nación bilingüe.** Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1981.
- COSTA, Sylvia Maria da. **Ego e Outro: uma apreensão do corpo - O masculino e o feminino no discurso médico produzido nas teses da Faculdade de Medicina**

- do Rio de Janeiro (1838-1887)*. Niterói: UFF. Programa de Pós-Graduação em História, 1989. [Dissertação de Mestrado]
- COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmoques. O Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: Hucitec/Editora da Unicamp, 1996.
- DAHLQUIST, Juan R. *Páginas de un Maestro. Colección de artículos, conferencias y discursos*. Asunción: Talleres Gráficos del Estado, 1912.
- DARDYE, Emmanuel Bourgade la. *Paraguay: The Land and the People, Natural Wealth, and Commercial Capabilities*. London: s.ed., 1892.
- DARNTON, Robert. *As grossas camadas do tempo. Folha de S. Paulo - Mais*, 20/08/1995, p. 5.7.
- DÁVALOS, Serafina. *Humanismo*. Tesis presentada para optar al grado de Doctora en Derecho y Ciencias Sociales (Universidad Nacional/Facultad de Derecho y Ciencias Sociales). Asunción: Jordan & Villamil, 1907.
- DECOUD, Arsenio López. *Álbum gráfico de la República del Paraguay 1811-1911*. Buenos Aires: Talleres Gráficos de la Compañía General de Fósforos, 1911.
- DECOUD, Héctor Francisco. *La convención nacional constituyente y la carta magna de la república*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Argentinos L. J. Rasso, 1934.
- DECOUD, Héctor Francisco. *Los emigrados paraguayos en la guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires, Talleres Gráficos Argentinos L. J. Rasso, 1930.
- DECOUD, Héctor Francisco. *Sobre los escombros de la guerra. Una década de vida nacional 1869-1880*. Asunción: s.ed., 1925.
- DECOUD, José S. *La educación. Carta al 2º Congreso Salesiano celebrado en la ciudad de Buenos Aires*. Asunción: Escuela Tip. Salesiana, 1900.
- DELGADO, Susy. *Tataypýpe. Junto al fuego*. Asunción: Arandurã, 1994.
- DELGADO, Susy. *Tesarái mboyye. Antes del olvido*. Asunción: Alcántara, 1987.
- DOBRIZHOFFER, Martín. *Historia de los Abipones*. Resistencia: Universidad del Nordeste, 1967-1970. 4 v.
- DOCUMENTOS históricos y geográficos relativos a la conquista y colonización Rioplatense*. Buenos Aires: Comisión Oficial del IV Centenario de la Primera Fundación de Buenos Aires: 1536-1936, 1941. 2 v.
- DOMECQ, Ramón Monte. *La República del Paraguay en seu primer centenario 1811-1911*. Buenos Aires: Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1911.
- DOMÍNGUEZ, Manuel. *2ª Conferencia dada en el "Instituto Paraguayo" sobre la historia de la enseñanza nacional (anotada por el mismo)*. *Revista del Instituto Paraguayo*, 1(10):217-269, 1897.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1991. [Colección Tudo é história, 138]
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *As relações entre o Império do Brasil e a República do Paraguai (1822-1889)*. Brasília: UnB, 1989. 2. v. [Dissertação de Mestrado]
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *As relações entre o império do Brasil e o Paraguai no pós-guerra (1869-1889)*. (Brasília: UnB, 1995.) [Inédito]
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *O conflito com o Paraguai. A grande guerra do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. [Serie Princípios, 253]

- DRACHENBERG, Lyra Pidoux de. *Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 12(34):65-123, Set.-Dez. 1975.
- DU GRATY, Alfred Marbais du. *La République du Paraguay*. Trad. Carlos Calvo. Besançon: Imp. de J. Jacquis, 1862. [Londres: s.ed., 1862; Bruselas/Leipzig: s.ed., 1865]
- DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981-1986. 6. v.
- DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Eds.). *Historia de las mujeres en Occidente*. Trad. Marco Aurelio Galmarini. Madrid: Taurus, 1991. [*Histoire des femmes en Occident*. Paris: Plon, 1991.]
- ERICO, Miguel Ángel González. *Desarrollo de la Banca en el Paraguay (1870-1900)*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 9(25):133-154, Set.-Dic. 1972.
- ESCOBAR Ticio. *Una interpretación de las artes visuales en el Paraguay*. Asunción: s.ed., 1982.
- ESCOBAR, Ticio & SALERNO, Osvaldo (Eds.). *Cabichuí: periódico de la guerra de la triple alianza*. Asunción: Museo del Barro, 1984.
- ESTEVEZ, Gomes Freire. *Historia contemporánea del Paraguay. Lucha de cancillerías en el Plata*. Buenos Aires: s.ed., 1921. [2ª ed.: *Historia contemporánea del Paraguay (1869-1920)*. Asunción: s.ed., 1983]
- FERGUSON, Charles. *Diglossia*. *Word*, (15):325-340, 1959.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934. 5 v.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Círculo do Livro, s.f.
- GALEANO, Anneliese Kegler de. *Alcance histórico-demográfico del censo de 1846*. *Revista Paraguaia de Sociología*, 13(35):71-121, Abr. 1976.
- GALEANO, Luis A. *Dos alternativas históricas del campesinado paraguayo: migración y colonización (1870-1950)*. *Revista Paraguaia de Sociología*, 15(41):115-145, Ene.-Abr. 1978.
- GANSON, Barbara. *Following their Children into the Battle: Women at War in Paraguay, 1864-1870*. *The Americas*, 46(3):335-371, Jan. 1990.
- GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GELY, J. A. *El Paraguay – Lo que fue, lo que es y lo que será*. Paris: Editorial de Indias, 1926.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais. Morfología e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GODOI, Juan Silvano. *El Barón de Río Branco. La muerte del Mariscal López. El concepto de la patria*. Asunción: Talleres Nacionales, 1912.
- GODOI, Juan Silvano. *Monografías históricas*. 2. ed. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1893.
- GODOI, Juansilvano [Juan Silvano]. *Documentos históricos. El Fusilamento del O-*

- bispo Palacios y los Tribunales de Sangre de San Fernando.** Asunción: El Liberal, 1916.
- GOMES, Carlos de Oliveira. **A solidão segundo Solano López.** São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- GONZÁLEZ, J. Natalicio & YNSFRÁN, Pablo M. **Paraguay contemporáneo.** París/Asunción: Editorial de Indias, 1929.
- GRANDA, Germán de. *Proceso económico en el Paraguay de Carlos Antonio López: la visión del cónsul británico Henderson (1851-1860).* **Revista Paraguaya de Sociología**, 19(54):83-116, Mayo-Ago. 1982.
- GRANDA, Germán de. **Sociedad, historia y lengua en el Paraguay.** Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1988.
- HENRY, Louis. **Manuel de démographie historique.** Genève/Paris: Librairie Droz, 1967.
- HERMOSILLA, Ida Beatriz Genes. *Actitudes hacia el idioma guaraní.* **Ñemity**, (3):9, 1978.
- HISTORIA Paraguaya.** Asunción: s.ed., 1968. 12 v.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- [IMPÉRIO DO BRAZIL] **Exercito em operações na República do Paraguay. Ordens do dia (compreendendo as de n. 1 a 47) 1869 a 1870.** Rio de Janeiro: Typ. de Francisco Alves de Souza, 1877.
- INSTITUTO DE LA MUJER; MINISTERIO DE ASUNTOS SOCIALES & FACULTAD LATINOAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES. **Paraguay. Mujeres latinoamericanas en cifras.** Madrid: Instituto de la Mujer/Santiago de Chile: FLACSO, 1993.
- JOHNSON, Keith. *Recent Journeys in Paraguay.* **Geographical Magazine** (London), July (pp. 200-203); Sept. (pp. 264-273); Oct. (pp. 308-313); Nov. (pp. 342-345) 1875.
- KOLINSKI, Charles J. **Independence or Death! The Story of the Paraguayan War.** Gainesville: University of Florida Press, 1965.
- KOSTIANOVSKY, Olinda Massare de. **La mujer paraguaya.** Asunción: Escuela Técnica Salesiana, 1970.
- KRAUER, Juan Carlos Herken & HERKEN, María Isabel Giménez de. **Gran Bretaña y la Guerra de la Triple Alianza.** Asunción: Arte Nuevo, 1983.
- KRAUER, Juan Carlos Herken. **El Paraguay rural entre 1869 y 1913. Contribución a la historia económica regional del Plata.** Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1984.
- KRAUER, Juan Carlos Herken. *La inmigración en el Paraguay de posguerra: el caso de Los "Lincolnshire farmers" (1870-1873).* **Revista Paraguaya de Sociología**, 18(52):33-108, Set.-Diz. 1981.
- KRUG, Anneliese Kegler. *La población del Paraguay a través de los censos de Azara y Aguirre (1782-1792).* **Revista Paraguaya de Sociología**, 11(30):190-207, Mayo-Dic. 1974.
- LAMBARE, cuatia ñeê ybyty rusu õsê bae.** Asunción: Imprenta del Estado, 1967.
- LEITÃO, Luiz Ricardo. **Leonor e a Modernidade. O Urbano e o Agrário na Experiência Periférica.** Rio de Janeiro: System Three, 1992.

- LOCONTE, Wanderley. **Guerra do Paraguai**. São Paulo: Ática, 1994. [Colección Guerras e Revoluções Brasileiras]
- LUSTIG, Wolf. **Mba'êichapa oiko la guarani? Guarani y jopara en el Paraguay**. Mainz, Out. 1995. [Inédito]
- LUSTIG, Wolf. **Ñande reko y modernidad: hacia una nueva poesía en guaraní**. Mainz, s.f. [Inédito]
- MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade [UFRGS], 1993.
- MADUREIRA, A de Sena. **Guerra do Paraguai. Resposta ao Sr. Jorge Thompson, autor da "Guerra del Paraguay" e aos anotadores argentinos D. Lewis e A. Estrada**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982. [Colección Temas Brasileiros, 22]
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **Três panfletários do segundo reinado**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.
- MARCOS, Juan Manuel (Org.). **Así como por la honra**. Asunción: Archivo del Liberalismo, 1990.
- MARQUES, Maria Eduarda Magalhães (org.). **A Guerra do Paraguai 130 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 5. ed. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MASTERMAN, George Frederick. **Seven eventful years in Paraguay: a narrative of personal experience amongst the Paraguayans**. London: S. Low, 1869. [*Siete años de aventuras en el Paraguay*. Buenos Aires: Palumbo, 1911.]
- MELIÀ, Bartolomeu. **La lengua guaraní del Paraguay**. Madrid: MAPFRE, 1992. [Colecciones MAPFRE 1492: Colección Lenguas y Literaturas Indígenas , V/6]
- MELIÀ, Bartolomeu. **Una nación, dos culturas**. 3. ed. Asunción: RP Ediciones/CE-PAG, 1993.
- MELLID, Atilio García. **Proceso a los falsificadores de la historia del Paraguay**. Buenos Aires: Theoria, 1963-1964. 2. v.
- MELLO, Francisco Ignacio Marcondes Homem de. **Viagem ao Paraguay em fevereiro e março de 1869. Revista Trimestral do Instituto Historico, Geographico, e Ethnographico do Brasil**, 47(36/2):5-53, 3º Trim. 1873.
- MORGENSTER, Francisco Wisner de. **El Paraguay en 1871. Informe al Poder Ejecutivo del 15 de mayo de 1871. Revista del Instituto Paraguayo**, 4(39):763, 1903.
- MÖRNER, Magnus. **La Mezcla de Razas en América Latina**. Buenos Aires, Paidós, 1969.
- MORSE, Richard M. **O espelho de Próspero. Cultura e idéias nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MULHALL, M. G. & E. T. **Handbook of the River Plate Republics Comprising Buenos Aires and the Provinces of the Argentine Republic and the Republics of Uruguay and Paraguay**. London: s.ed., 1885.
- NAGY, Arturo & PÉREZ-MARICEVICH, Francisco. **Paraguay, imagen romántica, 1811-1853**. Asunción: Editorial del Centenario, 1969.
- New American History (The)**. Philadelphia: Temple University Press, 1990.

- NICKSON, Richard Andrew. *Historical Dictionary of Paraguay*. Second Edition revised, enlarged, and updated. Metuchen/London: The Scarecrow Press, 1993.
- ODDONE, Beatriz Rodríguez Alcalá de González. *Rosa Peña*. Asunción: Academia Paraguaya de la Historia, 1970.
- ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu. Sociología*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- ORY, Pascal (Org.). *Nouvelle histoire des idées politiques*. Paris: Hachette, 1987.
- PAPELES de Lopez ó el tirano pintado por si mismo y sus publicaciones*. Buenos Aires: Imprenta Americana, 1871.
- PASTOR, Brígida. *Cuba's Covert Cultural Critic: The Feminist Writings of Gertrudis Gómez de Avellaneda*. *Romance Quarterly*, 42(3):178-189, Summer 1995.
- PASTOR, Brígida. *Una feminista cubano-española: Gertrudis Gómez de Avellaneda ante la sociedad de seu tiempo*. *ACIS - Journal of the Association for Contemporary Iberian Studies*, 8(1):57-62, Spring 1995.
- PASTORE, Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Montevideo: Antequera, 1972.
- PEÇANHA, Luiz Carlos Jorge. *A abertura do Paraguai: raiz de uma guerra*. Niterói: UFF. Programa de Pós-Graduação em História, 1979. [Dissertação de Mestrado]
- PEÑALBA, José Alfredo Fornos. *The Fourth Ally: Great Britain and the War of the Triple Alliance*. Los Angeles: University of California, 1979. [Tese de Doctorado]
- PERARO, Maria Adenir. *Farda, saias e batina: a ilegitimidade na Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá, 1853-90*. Curitiba: UFPr/Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 1998. [Tese de Doctorado]
- PERROT, Michelle. *Poder dos homens, potência das mulheres? O exemplo do século XIX*. *Cultura Vozes*, 89(1):3-13, Jan.-Fev. 1996.
- PITAUD, Henri. *El general Caballero: Relato nivelado de cuarenta y dos años de Historia del Paraguay*. 2. ed. Asunción: Editorial France-Paraguay, 1987.
- POMER, León. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. Trad. Yara Peres. São Paulo: Global, 1980. [Coleção Passado & Presente, 7] [*Guerra del Paraguay: ¡Gran negocio!* Buenos Aires: Calden, 1968.]
- POMER, León. *Os conflitos da Bacia do Prata*. Trad. Luiz Roberto Seabra Malta. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. *"La moral pública" en Paraguay: Iglesia, Estado y relaciones ilícitas en el siglo XIX*. Köln, 1995. [Inédito]
- POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. *"Paraíso de Mahoma" o "País de las mujeres"? El rol de la familia en la sociedad paraguaya del Siglo XIX*. Trad. Carmen Livieres de Mayntzhausen. Asunción: Instituto Cultural Paraguayo-Alemán, 1996. [*"Paradies Mohammeds" oder "Land der Frauen"? Zur Rolle von Frau und Familie in Paraguay im 19. Jahrhundert*. Köhl: Böhlau, 1994.]
- POUCEL, Benjamin. *La France et l'Amerique du Sud*. Paris: s.ed., 1847.
- POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder, o socialismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- PRIDE, J. B. & HOLMES, J. *Sociolinguistics*. Harmondsworth: s.ed., 1971.
- PRIETO, Justo. *Misión Social del Profesor de Enseñanza Secundaria. Conferencia leída por el Ministro de Educación y Justicia Dr. Justo Prieto en el Colegio Internacional el día 7 de Setiembre de 1934*. Asunción: Imprenta Nacional,

1934.

- QUEIROLO, Víctor Ayala. *Personalidad, Política y Diplomática del Mcal. Francisco Solano López*. Asunción: Trinchera, 1974. 5 v.
- RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- REBER, Vera Blinn. *The Demographics of Paraguay: A Reinterpretation of the Great War, 1864-70*. *Hispanic American Historical Review*, 68(2):289-319, May 1988.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Anuario Estadístico de la República del Paraguay. Libro Primero. Año 1886*. Asunción: Fischer y Quell, 1888.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Cuestiones universitarias. El estudiante: seu papel en la época atual. La enseñanza en la Facultad de Derecho: el profesor y el alumno. Los exámenes*. Asunción: Imprenta Nacional, 1931.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Enseñanza Secundaria. Proyecto de Reforma*. (Asunción) Talleres Gráficos del Estado, 1917.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Escuelas primarias – Programas*. Asunción: Talleres Nacionales de H. Krauss, 1898.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Guía del inmigrante al Paraguay*. Asunción: El Veterano, 1889. 2 v.
- REPÚBLICA DEL PARAGUAY. *La reforma de la enseñanza secundaria*. Asunción: Imprenta Nacional, 1931.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Ley, Plan de Estudios y Reglamentos de Educación Común*. Asunción: El Independiente, 1888.
- REPÚBLICA DEL PARAGUAY. *Reglamento General de la Instrucción Primaria*. Asunción: Talleres Nacionales de H. Krauss, 1898.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] Consejo de Enseñanza Secundaria y Superior. *Memoria de la enseñanza secundaria y superior de la República durante el curso académico de 1890*. Asunción: s.ed., 1900.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] Consejo Nacional de Educación. *Programas analíticos de acuerdo com el nuevo Plan de Estudios para las Escuelas Inferiores de la República del Paraguay*. Asunción: La Colmena, 1925.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] Consejo Nacional de Educación. *Programas analíticos de acuerdo com el nuevo Plan de Estudios para las Escuelas Medias y Superiores de la República del Paraguay*. Asunción: La Colmena, 1925.
- REPÚBLICA DEL PARAGUAY. Ministerio de Justicia, Culto e Instrucción Pública. *Plan de estudios y programas sintéticos para las escuelas primarias de la República*. Asunción: Talleres Gráficos del Estado, 1915.
- REPÚBLICA DEL PARAGUAY. Oficina de Estadística. *Anuario Estadístico de la República del Paraguay*. Asunción, 1886.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Memoria correspondiente al 1900-1901 del Ministerio del Interior. Establecimiento Topográfico del País*. Asunción: s.ed., 1902.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Paraguay: demonstrative tables of its population*. Asunción: Talleres Nacionales de H. Krauss, 1901.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Plan de Estudios de las Escuelas Primarias*. Asunción: Tipografía de El País, 1902.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] *Registro oficial de la República del Paraguay corres-*

- pondiente á los años 1869 á 1875*. Asunción: Talleres Nacionales H. Krauss, 1887.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] Ministerio de Hacienda. Dirección General de Estadística y Censos. *Censo Nacional de Población y Vivienda*. Asunción: Dirección General de Estadísticas y Censos/Ed. "El Arte", 1966.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] Ministerio de Hacienda. Dirección General de Estadística y Censos. *Censo Nacional de Población y Vivienda*. Asunción: Dirección General de Estadísticas y Censos/Ed. "El Arte", 1972.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] Ministerio de Justicia, Culto e Instrucción Pública. *Ley nº 689 de Enseñanza Primaria. Plan de estudios y programas sintéticos para las escuelas primarias de la República*. Asunción: Imprenta Nacional, 1925.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] Ministerio de Justicia, Culto e Instrucción Pública. *Plan de estudios y programas sintéticos para las escuelas primarias de la República*. Asunción: Talleres Gráficos del Estado, 1915.
- [REPÚBLICA DEL PARAGUAY] Ministerio de Educación y Culto. *Reforma de la educación secundaria en el Paraguay*. Asunción: Imprenta Nacional, 1957.
- RIVAROLA, Domingo M. & HEISEKE, G. (Eds.). *Población, urbanización y recursos humanos en el Paraguay*. 2. ed. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1970.
- RIVAROLA, Domingo M. et alii. *La población del Paraguay*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1974.
- RIVAROLA, Milda. *Obreros, utopías & revoluciones. La formación de las clases trabajadoras en el Paraguay liberal (1870-1931)*. Asunción: Centro de Documentación y Estudios, 1993.
- RIVAROLA, Milda. *Vagos, pobres y soldados. La domesticación estatal del trabajo en el Paraguay del siglo XIX*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1994. [Serie Historia Social. Colección Aniversario]
- RIVAS, Barbara Ganson de. *Las Consecuencias Demográficas y Sociales de la Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas, 1985.
- ROJAS, Pastor Urbieto. *La mujer paraguaya (Esquema Historiográfico)*. Asunción: Colección Paraguay, 1962.
- ROJAS, Raquel. *Kuña paraguay. La mujer en la domesticidad rural*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1986.
- ROMERO, Luis Armando Galeano. *Unidades productivas agropecuarias y estructura de poder en Paraguay (1811-1870)*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 9(23):91-105, Ene.-Abr. 1972.
- ROMERO, Roberto. *El idioma guaraní en el proceso de la cultura paraguaya. Ñande Reko. Cuaderno de literatura popular*, (3):7-16, 1986.
- ROUQUIÉ, Alain. *Amérique latine. Introduction à l'Extrême-Occident*. Paris: Seuil, 1987.
- RUSS, Jacqueline. *Les théories du pouvoir*. Paris: Librairie Générale Française, 1994.
- SAHLINS, Marshall. *Historical Metaphors and Mythical Realities: Structure in the*

- Early History of the Sandwich Islands Kingdom*. Michigan, Ann Arbor, 1981.
- SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: Cidadania e escravidão na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SALLES, Ricardo. *Nostalgia imperial: a formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo o Civilización y Barbarie*. (Caracas) Biblioteca Ayacucho, 1977 [*Civilización i barbarie. Vida de Juan Facundo Quiroga i aspecto físico, costumbres i ábitos de la República Argentina*. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso, 1845].
- SAUVY, Alfred. *Elementos de Demografía*. Trad. Lyra Madeira. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Avila. Recife: S.O.S. Corpo, 1991.
- SCOTT, Joan Wallach. *Prefácio a gender and politics of history*. Trad. Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu. Desacordos, desamores e diferenças* (Campinas: Unicamp/Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero), (3):11-27, 1994.
- SEEBER, Francisco. *Cartas sobre la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Talleres Gráficos de L. J. Rosso, 1907.
- SERVICE, Elman & Helen. *Tobatí: Paraguayan Town*. Chicago: Chicago University Press, 1954.
- SILVA, Alberto Ribeiro da & RODRIGUES FILHO, José Maria a Machado. *A desaffronta aos brios nacionais. O discurso da imprensa no Rio de Janeiro na Guerra do Paraguai (Dezembro de 1864-Maio de 1865)*. Niterói: UFF/ICHF, 1987. [Mimeo; revisto em 1995]
- SILVA, Zélia Lopes da (Org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.
- SILVERO, Ricardo Rodríguez. *Paraguay: Desigualdad estructural. Análisis de un típico síntoma de subdesarrollo. Revista Paraguaya de Sociología*, 19(54):117-182, Mayo-Ago. 1982.
- SIRI, Eros Nicola. *Por quién llora el urutaú. Francisco Solano López, Elisa Lynch y la guerra de la triple alianza*. Buenos Aires: Argenlibros, 1978.
- SOUZA, Jorge Prata de. *Escravidão ou morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Mauad/Adesa, 1996.
- SPERATI, Juan. *Historia de la Educación Pública en el Paraguay*. Asunción: Escuela Técnica Salesiana, 1979.
- STEIN, Stanley J. & Barbara H. *A herança colonial da América Latina. Ensaio de Dependência Econômica*. Trad. José Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- STEWART, Julian H. *El pueblo paraguayo. Historia Paraguaya. Anuario del Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas*. Asunción, 1956.
- SUSNIK, Branislava. *Apuntes de etnografía paraguaya*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1961.
- SUSNIK, Branislava. *El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1982.

- SUSNIK, Branislava. *Una visión socio-antropológica del Paraguay del siglo XIX. Parte 1^a*. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1992.
- TALLER CUENTO BREVE. *Nuevos cuentos de taller*. Asunción: Criterio, 1990.
- TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tania. *Falares crioulos. Línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnole (Visconde de). *Diário do Exercito. 1. A campanha da Cordilheira*. São Paulo/Cayeiras/Rio: Melhoramentos, 1926.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnole (Visconde de). *Diário do Exercito. 2. De Campo Grande a Aquidaban*. São Paulo/Cayeiras/Rio: Melhoramentos, 1926.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnole (Visconde de). *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960. [1^a ed.: 1946]
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnole (Visconde de). *Recordações de guerra e de viagem*. 2. ed. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1919.
- THOMPSON, Edward P. *Historia social y antropología*. México: Instituto Mora, 1994.
- THOMPSON, George. *The war in Paraguay. With a historical sketch of the country and its people and notes upon the military engineering of the war*. London: Longmans and Green, 1869. [*La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Imprenta Americana, 1869.]
- TONESS, Odin. *Tobatí: un pueblo en el Paraguay*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 6(14):132-137, Mar. 1969.
- UFF. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. *Catálogo de Teses e Dissertações 1974-1995 - Mestrado e Doutorado*. Niterói: UFF/Brasília: CNPq, 1996.
- URREGO, Miguel Ángel. *Sexualidad, matrimonio y familia en Bogotá 1880-1930*. Bogotá: Planeta Colombiana Editorial/Fundación Universidad Central – DIUC, 1997.
- VALLVERDÚ, Francesc. *El fet lingüístic com a fet social*. 7. ed. Barcelona: Edicions 62, 1985.
- VANSINA, Jan. *La tradición oral*. Trad. Miguel María Llongueras. Barcelona: Labor, 1967.
- VARIKAS, Eleni. *Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott*. Trad. Ricardo Augusto Vieira. *Cadernos Pagu. Desacordos, desamores e diferenças* (Campinas: Unicamp/Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero), (3):63-84, 1994.
- VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. *Breve historia de la cultura en el Paraguay*. Asunción: Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”, 1994. [1^a ed.: 1966]
- VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. *La población del Paraguay en 1682*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 9(24):128-145, Mayo-Ago. 1972.
- VERSEN, Max von. *História da guerra do Paraguai*. Trad. Manuel Tomás Alves Nogueira. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1976.
- VIEIRA, Fernando. *Colección Legislativa de la República del Paraguay*. Asunción: Imprenta H. Krauss, 1896.
- VILADOT, M. Àngels. *Identitat i vitalitat lingüística dels catalans*. Barcelona: Columna, 1993.
- VILAR, Pierre. *Hidalgos, amotinados y guerrilleros. Pueblo y poderes en la histo-*

- ria de España*. Barcelona: Crítica, 1982.
- VILLAMIL, Manuel Peña & QUEVEDO, Roberto (Eds.). *Silvia*. Asunción: Criterio, 1987.
- VIÑAS, David. *De Sarmiento a Cortázar. Literatura argentina y realidad política*. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XX, 1974.
- VIOLA, Alfredo. *Asunción bajo la dominación extranjera. Historia Paraguaya: Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia*, (25):91-140, 1988.
- VOVELLE, Michel. *Ideologías e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay and the Triple Alliance War: the post-war decade, 1869-1878*. Austin: University of Texas Press, 1978.
- WASHBURN, Charles A. *The history of Paraguay, with notes of personal observations, and reminiscences of diplomacy under difficulties*. Boston: Lee & Shepard, 1871. 2. v.
- WHIGHAM, Thomas L. & POTTHAST, Barbara. *Some Strong Reservations: A critique of Vera Blinn Reber's "The Demographics of Paraguay: A Reinterpretation of the Great War, 1864-70"*. *Hispanic American Historical Review*, 70(4):667-675.
- WHIGHAM, Thomas Lyle. *La fundición de hierro Ybycui: el desarrollo industrial del Paraguay a mediados del siglo diecinueve*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 19(55):7-26, Set.-Dic. 1982.
- WILLIAMS, John Hoyt. *Observations on the Paraguayan Census of 1846*. *Hispanic American Historical Review*, 56(3):425-436, Aug. 1976.
- ZÁRATE, Teresa. *Parcelación y distribución de las tierras fiscales en el Paraguay (1870-1904)*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 10(26):121-140, Ene.-Abr. 1973.
- ZARZA, Idalia Flores de. *La mujer paraguaya, protagonista de la Historia (1537-1870)*. Asunción: El Lector, 1987.
- ZUBIZARRETA, Ramón. *Memoria de la Enseñanza Secundaria y Superior de la República Durante el Curso Académico de 1890*. Asunción, 1900.

8.2. PERIÓDICOS

Neste item estão arrolados apenas os periódicos considerados como fonte primária, listados por ordem alfabética dos títulos. Estão relacionadas também as datas-limites do material disponível e/ou consultado, que podem não coincidir, necessariamente, com as datas de criação e de extinção de cada um dos títulos. Em alguns casos, podem faltar dados referentes à data precisa, devido ao mau estado de conservação de alguns periódicos. A não ser quando indicado, todos os periódicos foram publicados em Asunción.

- [*Cacique*] *Lambare* - ?/07/1867 a ?/09/1868
- Cabichuí* - (Paso Pucú) 13/05/1867 a (San Fernando) 24/07/1868
- Capital* [La], Rosario (Argentina), (1.653):2, 13/02/1873.
- Comercio* [El] - 01/07/1877 a 31/07/1877
- Debates* [Los] - 05/07/1876 a 20/12/1876
- Despertar* [El] - 01/05/1906 a 01/03/1907
- El Centinela* [El] - 25/04/1867 a ?/01/1868

Fénix [EJ] - 16/05/1873
Geographical Magazine (London) - 07/1875 a 11/1875
Libertad [La] - 08/04/1874 a 21/12/1874
Nación [La] (Buenos Aires) - 02/03/1865 a 29/01/1870
Nación Paraguaya [La] - 01/01/1874 a 21/03/1874
Orden [EJ] - 05/05/1872 a 31/07/1872
Patria [La] - 14/01/1875 a 02/07/1875
Pueblo [EJ] - 03/01/1872 a 01/08/1872
Reforma [La] - 03/02/1876 a 08/08/1877
 Regeneración [La] - 01/10/1869 a 22/05/1870
Revista del Instituto Paraguayo - 11/1896 a 12/1908
Semanario [EJ] - 02/03/1867 a 22/08/1868
Times [The] (London), 10/09/1880.

8.3. DOCUMENTAÇÃO ARQUIVÍSTICA

AIRE:AMRE/SDC - caixa 51: Carlos **Loizaga** ao ministro das Relações Exteriores, **Varela**, s.l., 18/11/1870.

BR:AHMRE - doc. 201-1-10: Jorge Lopes da Costa Moreira ao Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja. Villa Rica, 30/08/1872.

BR:ANRJ - lata Leg. 120j, doc. nº 82, pp. 44-45: *Annus patiens*, s.l., 1768.

BR:ANRJ/GP-DD - 1871-1872, lata 547, doc. 22: *Carta telegraphica*. Buenos Aires, 14/01/1869.

BR:BN/CRB - doc. nº 4685, f. 3: S.n.D.

BR:BN/CRB - doc. nº 4685, f. 32: S.n.D.

BR:BN/CRB - doc. nº 5027, filme 429, ref. I-30, 25,20, nº 2: *El General Bernardino Caballero á sus compatriotas y amigos*. Paraguari, 22/03/1873.

GB:PRO/FO: 59 (Paraguay) - doc. nº 35, f. 20: McDonell ao Conde de Grenville, 02/08/1872.

GB:PRO/FO - 6 (Argentina), doc. 16: Correspondência entre os ingleses **Stuart e Stanley**. Buenos Aires, 09/02/1869.

GB:PRO/FO - 118 (Argentina), doc. nº 157, f. 195: Mr. **West** ao **Conde de Derby**, s.l., 14/09/1875.

GB:PRO/FO - 59 (Paraguay), doc. 29: Carta de Henry **Fawkes**, comandante do navio HMS Cracker, ao contra-almirante G. **Ramsay**, s.l., 22/01/1869.

GB:PRO/FO - 59 (Paraguay), doc. nº 35, f. 20-21: **Mcdnell** ao **Conde de Grenville**, s.l., 02/08/1872.

PY:ANA/SJC - pasta 1507: Processo contra Victoriano **Ceballo** e María de la Cruz **Canteros**. Asunción, s.f.

PY:BNA/BPSL - pasta 19-N-24, doc. nº 149: *Los brasileiros en el Paraguay*. Asunción, 28/05/1876.

PY:BNA/BPSL - doc. nº 1582: [Ramón **Zubizarreta**] *Memoria de la Enseñanza Secundaria y Superior de la República Durante el Curso Académico de 1890*.

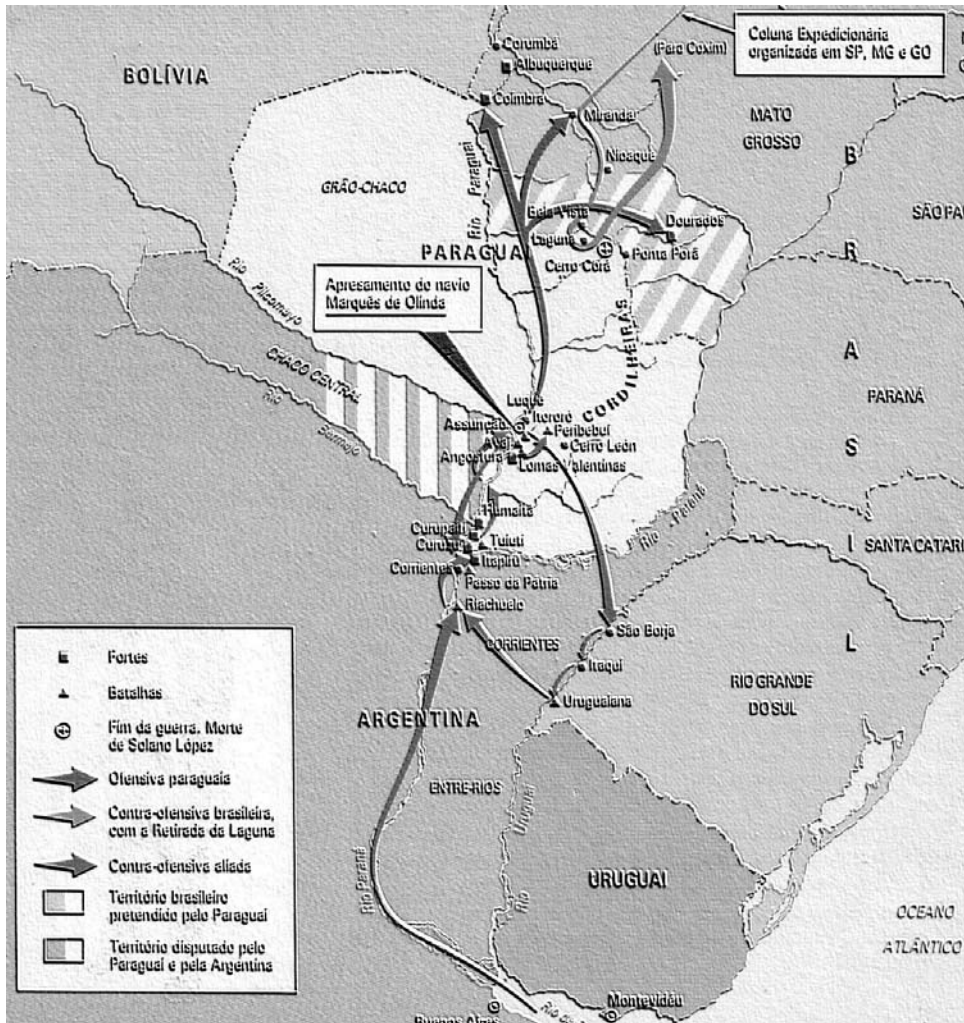
Asunción, 1900.

PY:BNA/BPSL - *Actas de la Convención Nacional Constituyente - Sesión sexta*. Asunción, 20 de agosto de 1870.

US:EN LA/DDUS-PU - doc. 13, rolo 128/3: Correspondência de Martin T. **McMahon** a William H. **Seward**, Piribebuy, 31/01/1969.

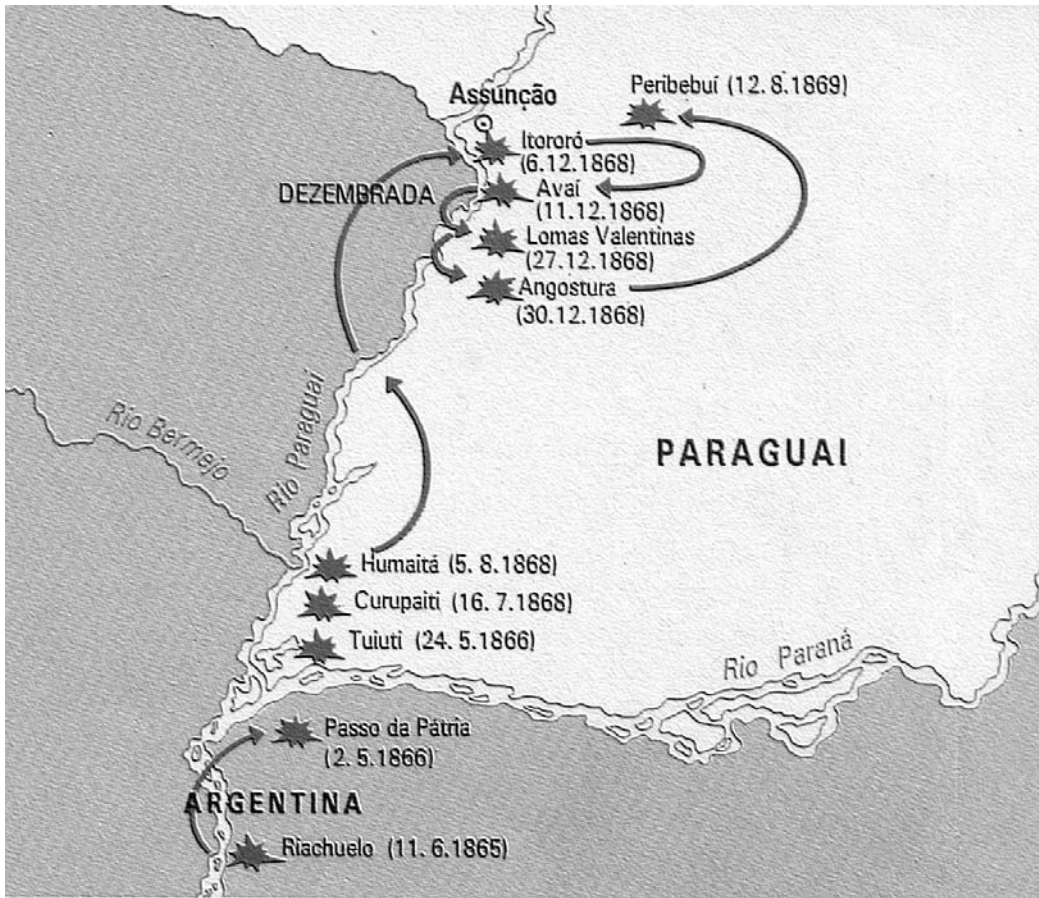
ANEXOS

MAPA II
TEATRO DA GUERRA¹



¹ Fonte: LOCONTE, Wanderley. *Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ática, 1994.

MAPA III
PRINCIPAIS BATALHAS¹



¹ Fonte: LOCONTE. *Guerra do Paraguai*, cit.

ESTATÍSTICAS POPULACIONAIS PARAGUAIAS PARCIALMENTE COMPARÁVEIS

QUADRO VI
POPULAÇÃO – CENSO DE 1846¹

	HABITANTES	%	FAMÍLIAS	%
Concepción	9.991	4,28	1.656	5,18
San Pedro	8.253	3,54	1.054	3,30
Cordilheira	40.102	17,18	5.321	16,64
Guairá	17.720	7,59	2.457	7,69
Caaguazú	15.091	6,47	1.909	5,97
Caazapá	8.930	3,83	1.017	3,18
Itapúa	7.162	3,07	1.031	3,22
Misiones	13.278	5,69	1.712	5,36
Paraguarí	47.402	20,31	6.467	20,23
Central	46.485	19,92	6.303	19,72
Ñeembucú	9.544	4,09	1.444	4,52
Asunción	9.436	4,04	1.599	5,00
TOTAL	233.394	100,00	31.970	100,00

QUADRO VII
POPULAÇÃO PRESUMÍVEL - 1872²

	HOMENS	%	MULHERES	%	HABITANTES
NÃO INFORMADO	129	1,27	10.000	98,73	10.129
0-13 ANOS	39.502	45,90	46.562	54,10	86.064
14-23 ANOS	15.085	24,87	45.579	27,99	60.664
+ DE 24 ANOS	13.663	18,38	60.676	37,27	74.339
TOTAL	68.379	100,00	162.817	100,00	231.196

¹ Fonte: GALEANO. *Alcance histórico-demográfico del censo de 1846*, cit., pp. 89-92.

² Fontes: CARRASCO, Gabriel. *La población del Paraguay*, cit.; *La Capital* (Rosario, Argentina), (1.653):2, 13/02/1873; *Anuario Estadístico de la República do Paraguai. Libro Primeiro. 1886*. Asunción: 1888, p. 41. Apud: PASTORE. *La lucha por la tierra en el Paraguay*, cit., p. 176.

QUADRO VIII
POPULAÇÃO DO PARAGUAI POR GRUPOS DE IDADES E SEXO EM 1886/1887¹

GRUPOS DE IDADES	SEXO		TOTAL
	HOMENS	MULHERES	
Menos de 5 anos	20.324	20.982	41.306
5-9 anos	8.127	18.186	36.313
10-14 anos	9.975	10.069	20.044
15-20 anos	0.641	13.478	24.119
21-30 anos	2.586	31.900	54.486
31-40 anos	6.420	18.697	25.117
41-50 anos	3.497	12.124	15.621
51-70 anos	2.652	9.284	11.936
71 e mais anos	646	2.290	2.936
TOTAL	94.868	137.010	231.878

¹ Fonte: REPÚBLICA DEL PARAGUAY. OFICINA DE ESTADÍSTICA. *Anuario Estadístico de la República del Paraguay*. Asunción, 1886.

QUADRO IX

ESTIMATIVAS/CENSOS POPULACIONAIS PARAGUAIOS – 1682/1990

Neste quadro apresento todos os censos ou estimativas populacionais oficiais ou fornecidas por autoridades governamentais, ou que, ainda, tiveram ampla divulgação, sem que, ao que se saiba, tenham sido contestadas por essas autoridades. Abarca desde o período colonial até o censo de 1990. Através dele pode-se ter uma visão relativamente ampla da evolução populacional do país, ao mesmo tempo e, que ficam evidenciados alguns exageros, como as de du Graty e Poucel, analisados no item 4.1. deste trabalho.

ANO	RECENSEADA				ESTIMADA			TOTAL	FONTES
	MASC.	P/1.000	FEM.	P/1.000	SUBTOTAL	ÍNDIOS	OUTROS*		
1682					7.209	30.323	1.134	38.666	VELÁZQUEZ; CARRASCO
1775							96.000	96.000	<i>Guía del inmigrante...</i> ; AZARA
1782					55.616	30.174	10.840	96.630	AGUIRRE; KRUG
1785							94.295	94.295	AZARA
1792							92.500	92.500	KRUG
1796							97.480	97.480	AZARA
1809							300.000	300.000	GORDON, apud REBER
1821							180.000	180.000	MINISTÈRE DA MARINE, apud REBER
1825							400.000	400.000	<i>Times</i>
1828							250.000	250.000	DARDYE
1828							250.000	250.000	BALLY, apud <i>Guía del inmigrante...</i> ; CARRASCO
1843							800.000	800.000	GORDON, apud REBER
1844							500.000	500.000	RAMOS, apud REBER
1846					233.394		15.000	248.394	<i>Censo...</i> , apud GALEANO; RIVAROLA et alii
1846					238.862			238.862	RIVAS; WILLIAMS
1846							262.695	262.695	RIVAROLA & HEISEKE
1847							1.100.000	1.100.000	POUCEL
1849							600.000	600.000	BROSSARD
1855							600.000	600.000	HENDERSON, apud REBER
1852					300.000			300.000	<i>Guía del inmigrante...</i> ; DU GRATY
1857							300.000	300.000	HUMBOLT, apud RIVAROLA et alii
1857							600.000	600.000	DEMERSAY; <i>Annales du Commerce Extérieur</i> , apud RIVAROLA et alii
1857							800.000	800.000	<i>Guía del inmigrante...</i> ; DU GRATY
1857							1.337.439	1.337.439	HUTCHINSON; DU GRATY
1857							1.337.431	1.337.431	<i>Times</i>
1857							1.337.449	1.337.449	MULHALL
1857							1.337.448	1.337.448	BRITO
1859							589.000	589.000	DARDYE
1861							1.100.000	1.100.000	MARTÍNEZ, apud RIVAROLA et alii
1861							1.300.000	1.300.000	BALLY, apud <i>Guía del inmigrante...</i> ; MAR-

								TÍNEZ, apud CARRASCO	
1863							1.337.439	1.337.439	RAINE
1864							312.274	312.274	REBER
1864							370.073	370.073	REBER
1864							372.544	372.544	WILLIAMS
1864							400.000	400.000	THORNTON, apud REBER
1864							406.646	406.646	WILLIAMS
1864							443.684	443.684	WILLIAMS
1864							450.000	450.000	WARREN
1864							500.000	500.000	RIVAS
1864							800.000	800.000	CHIAVENATTO; DU GRATY; FISCHER-TREUENFELD
1864							875.000	875.000	DECOUD
1865							353.069	353.069	REBER
1865							525.000	525.000	CARRASCO; CÁRCANO
1865							600.000	600.000	RIVAROLA et alii; CÁRCANO; QUEIROLO
1870	180.000		14.000		194.000			194.000	CHIAVENATTO
1870							200.000	200.000	<i>Guía del inmigrante...</i> ; HIRST
1870							220.000	220.000	BROWNING
1870							221.079	221.079	<i>Encyclopedia Britannica</i>
1870							231.000	231.000	CARRASCO
1870							261.069	261.069	REBER
1870							292.524	292.524	REBER
1870							300.000	300.000	BÁEZ
1872					232.000			232.000	RIVAS
1872							231.000	231.000	<i>Guía del inmigrante...</i> ; SCHÜTTERE, apud CARRASCO
1872	68.379		162.817		231.196			231.196	PASTORE
1872							231.796	231.796	REBER
1872							250.000	250.000	DARDYE
1873							221.070	221.070	JOHNSON
1876							293.844	293.844	<i>British Sessional Papers</i> ; apud REBER
1879							346.048	346.048	<i>British Sessional Papers</i> ; apud REBER
1886	94.868		137.010		231.878		7.896	239.774	<i>Anuario Estadístico...</i> ; CARRASCO; RIVAS
1886	100.262		139.512		239.774			239.774	RIVAROLA et alii
1886					239.774		23.977	263.751	JACQUET, apud <i>Guía del inmigrante...</i> ; CARRASCO; DARDYE; RIVAROLA et alii
1886					263.751		23.977	287.728	<i>Anuario Estadístico...</i>
1886	155.425		174.220		329.645	130.000		459.645	JACQUET, apud <i>Guía del inmigrante...</i> ; CARRASCO; <i>Anuario Estadístico...</i> ; RIVAROLA et alii
1886							500.000	500.000	DARDYE
1899					484.818		150.753	635.571	RIVAROLA et alii
1899	230.165	471,29	260.554	528,71	490.719	100.000	44.852	635.571	<i>Paraguay: demonstrative tables...</i> ; CARRASCO; DECOUD
1899					639.571			639.571	<i>Censo</i> , apud CARRASCO
1900	230.065	470,00	260.654	530,00	490.719			490.719	CARRASCO

1936					992.420	992.420	RIVAROLA et alii
1937				987.824		987.824	RIVAROLA et alii
1950				1.328.452		1.328.452	RIVAROLA et alii
1950	668.365	682.170		1.350.535		1.350.535	CELADE
1955	770.399	781.609		1.552.008		1.552.008	CELADE
1960	882.714	890.980		1.773.694		1.773.694	CELADE
1962				1.819.103		1.819.103	RIVAROLA et alii
1965	1.023.218	1.027.693		2.050.911		2.050.911	CELADE
1970	1.175.632	1.175.854		2.351.486		2.351.486	CELADE
1972				2.354.071		2.354.071	<i>Censo Nacional de Población e Vivienda;</i> RIVAROLA et alii
1975	1.348.019	1.333.626		2.681.645		2.681.645	CELADE
1980	1.587.977	1.558.782		3.146.759		3.146.759	CELADE
1985	1.868.967	1.824.265		3.693.232		3.693.232	CELADE
1990	2.165.568	2.111.080		4.276.648		4.276.648	CELADE

FONTES:

AGUIRRE, Juan F. *Diario del Capitán de Fragata D. Juan F. Aguirre*. *Revista de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires*, (17-22), 1949-1951.

Anuario Estadístico de la República del Paraguay. Libro Primero. 1886. Asunción: Oficina General de Estadísticas, 1888, p. 41.

AZARA, Félix de. *Descripción y historia del Paraguay y del Río de la Plata*. Madrid: s.ed, 1847, pp. 329-333.

AZARA, Félix de. *Geografía física y esférica de las provincias del Paraguay, y misiones guaraníes*. Montevideo: s.ed, 1904, p. 442.

BÁEZ, *Bulletin of the Pan American Union*, Dec. 1928. Apud REBER, *The Demographics of Paraguay*, pp. 295-296.

Boletín Demográfico (CELADE, Santiago de Chile), 23(45), 1990.

Boletín Demográfico (CELADE, Santiago de Chile), 24(47), 1991.

Boletín Demográfico (CELADE, Santiago de Chile), 25(51), 1993.

BRITO, Pedro Torquato Xavier de. *Noticia histórica geographica y estadística de la República del Paraguay*. Rio de Janeiro: s.ed, 1865, pp. 13-14.

BROSSARD *Considérations historiques et politiques*. S.inf., p. 12, apud REBER, *The Demographics of Paraguay*, pp. 295-296.

BROWNING, *River Plate Republics*. S.inf., p. 14. Apud REBER, *The Demographics of Paraguay*, pp. 295-296.

CÁRCANO, *Guerra del Paraguay: Acción y reacción de la Triple Alianza*. Buenos Aires: s.ed, 1941.

CARRASCO, Gabriel. *La población del Paraguay antes y después de la Guerra. Estudio sobre el último censo*. In: BÁEZ, Cecilio. *El Paraguay Moderno*. Asunción: Telleres Nacionales de H. Krauss, 1915, pp. 85-94.

CARRASCO, Gabriel. *La población del Paraguay antes y después de la Guerra. Rectificación de opiniones generalmente aceptadas*. Asunción: s.ed, 1905, p. 9.

CHIAVENATTO, Júlío José. *Genocidio Americano: A Guerra del Paraguay*. 13. ed São Paulo: Brasiliense, 1981.

DARDYE, Emmanuel Bourgade la. *Paraguay: The Land and the People, Natural Wealth, and Commercial Capabilities*. London: s.ed, 1892, pp. 101-102.

DECOUD *Paraguay*. S.n.D. Apud REBER, Vera Blinn. *The Demographics of Paraguay: A Reinterpretation of the Great War, 1864-70. Hispanic American Historical Review*, 68(2):289-319, May 1988, 295-296.

DEMERSAY. *Historie physique, économique et politique, I*. S.inf., p. 379, apud REBER, *The Demographics of Paraguay*, pp. 295-296.

DU GRATY, Alfred Marbais du. *La République du Paraguay*. Trad Carlos Calvo. Besançon: Imp. de J. Jacquis, 1862.

Encyclopedia Britannica. 1930, p. 758. Apud REBER, *The Demographics of Paraguay*, pp. 295-296.

FISCHER-TREUENFELD *Paraguay*. S.inf., p. 13, apud REBER, *The Demographics of Paraguay*, pp. 295-296.

GALEANO, Anneliese Kegler de. *A alcance histórico-demográfico del censo de 1846. Revista Paraguaya de Sociología*, 13(35):71-121, Abr. 1976.

Guía del inmigrante al Paraguay. Asunción: El Veterano, 1889. V. 2, pp. 110-133.

HIRST. *A guide to South America*. S.n.D. Apud REBER, Vera Blinn. *The Demographics of Paraguay: A Reinterpretation of the Great War, 1864-70. Hispanic American Historical Review*, 68(2):289-319, May 1988.

HUTCHINSON, T. J. *The Paraná*. S.inf., p. 316, apud REBER, *The Demographics of Paraguay*, pp. 295-296.

JOHNSON, Keith. *Recent Journeys in Paraguay. Geographical Magazine* (London), July (pp. 200-203); Sept. (pp. 264-273) Oct.

- (pp. 308-313); Nov. (pp. 342-345) 1875.
- KRUG, Anneliese Keglér. *La población del Paraguay a través de los censos de Azara y Aguirre (1782-1792)*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 11(30):190-207, Mayo-Dic. 1974.
- La Capital*, Rosario (Argentina), (1.653):2, 13/02/1873.
- Memoria correspondiente al 1900-1901 del Ministerio del Interior. Establecimiento Topográfico de 'El País'*. Asunción, 1902.
- MINISTERIO DE HACIENDA. DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS. *Censo Nacional de Población y Vivienda*. Asunción: Dirección General de Estadísticas y Censos/Ed "El Arte", 1966.
- MINISTERIO DE HACIENDA. DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS. *Censo Nacional de Población y Vivienda*. Asunción: Dirección General de Estadísticas y Censos/Ed "El Arte", 1972.
- MULHALL, M. G. & E. T. *Handbook of the River Plate Republics Comprising Buenos Aires and the Provinces of the Argentine Republic and the Republics of Uruguay and Paraguay*. London: s.ed, 1885, p. 274.
- Paraguay: demonstrative tables of its population*. Asunción: Talleres Nacionales de H. Krauss, 1901, pp. 3-10.
- PASTORE, Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Montevideo: Antequera, 1972.
- POUCEL, Benjamin. *La France et l'Amérique du Sud* Paris: s.ed, 1847.
- QUEIROLO, Víctor Ayala. *Personalidad, Política y Diplomática del Mcal. Francisco Solano López*. Asunción: Trinchera, 1974. V. 5.
- RAINE. *Paraguay*. S.inf., p. 195, apud REBER, *The Demographics of Paraguay*, pp. 295-296.
- REBER, Vera Blinn. *The Demographics of Paraguay: A Reinterpretation of the Great War, 1864-70*. *Hispanic American Historical Review*, 68(2):289-319, May 1988.
- RIVAROLA, Domingo M. & HEISEKE, G. (Eds.). *Población, urbanización y recursos humanos en el Paraguay*. 2. ed Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1970, p. 216.
- RIVAROLA, Domingo M. et alii. *La población del Paraguay*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1974.
- RIVAS, Barbara Ganson de. *Las Consecuencias Demográficas y Sociales de la Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas, 1985.
- The Times* (London), 10/09/1880, p. 3.
- VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. *La población del Paraguay en 1682*. *Revista Paraguaya de Sociología*, 9(24):128-145, Mayo-Ago. 1972.
- WARREN, Harris Gaylord *Paraguay and the Triple Alliance War: the post-war decade, 1869-1878*. Austin: University of Texas Press, 1978.
- WILLIAMS, John Hoyt. *Observations on the Paraguayan Census of 1846*. *Hispanic American Historical Review*. 56(3):425-436, Aug. 1976.

QUADRO X
SITUAÇÃO POPULACIONAL DO PARAGUAI NO ANTES E DEPOIS DA GUERRA. COMPARATIVO.

CENSO DE 1846 E ANOTAÇÕES DE CRONISTAS E VIAJANTES

No quadro abaixo, utilizando informações fornecidas pelo censo populacional de 1846, último anterior à guerra e cuja confiabilidade dos dados é admitida pela ampla maioria dos historiadores, e informações contidas em relatos de cronistas e viajantes que mais amplamente percorreram o país sobre a situação populacional paraguaia nas décadas seguintes. Novo censo populacional só iria ser realizado no Paraguai em 1886. Evidentemente, quanto a esses relatos, trata-se de informações nem sempre tão objetivas, às vezes sequer fornecendo dados quantitativos. Seja como for, parece-me evidente a devastação populacional ocorrida no país em decorrência da guerra, o que depõe seriamente contra o trabalho de Vera Blinn Reber, analisado no item 4.1. deste trabalho.

ANO	LOCALIDADE	POPULAÇÃO			FONTE	COMENTÁRIO	
		TOTAL	M	F			N/D
1846	Asunción ("Departamento")	9.436				Censo	1599 famílias
1875	Asunción ("Cidade")	1 0.000	1.500			Johnson	Soldados brasileiros (negros): 2.500-3000
1846	Trinidad ("Povoado")	36				Censo	7 famílias
1875	Trinidad (Ibiray) (povo)	200-300				Johnson	Matadero da República
1846	Paraguarí (Departamento)	47.402				Censo	6.467 famílias
10/1872	Paraguarí ("Village")	3.000				Forgues	Cidade e área periférica
1875	Paraguarí ("vila")	600				Johnson	Ponto de convergência de rotas
1846	Caapucú ("Povoado")	5.356				Censo	358 famílias
1875	Caapucú ("vila")	700				Johnson	O centro da vila estava deserto
1875	San Miguel ("Pequena vila")					Johnson	Depto. de Sta. Maria; apenas 1 quadra rodeando uma igreja; 12 casas
1846	Santa Rosa ("Povoado")	1.320				Censo	153 famílias
1875	Santa Rosa (povo)					Johnson	Apenas 1 quadra rodeando uma igreja
1846	Carmen ("Povoado")	18				Censo	Pessoas BRANCAS: 2 famílias
1875	El Carmen (povo)	13	1	1	11	Johnson	Segundo Page, população em 1855 era 1.000 habitantes
1875	El Carmen ("Distrito")	55	20	35		Johnson	População de todo o departamento (¿excluindo-se o povo?)

1875	Encarnación ("vila")				Johnson	Foi uma das principais reduções jesuíticas, fundada em 1614; 12 casas
1875	Itapúa ("Assentamento")	500			Johnson	Margem oposta do rio Santa Maria, em frente a Encarnación
1846	S. Cosme e S. Damián ("Povoado")		1.288		Censo	
1875	San Cosme (povo)	33-43	3	30-40	Johnson	Reduccion fundada em 1634
1875	San Cosme ("Partido")	300		300	Johnson	
1875	Santiago ("Departamento")	500	100	400	Johnson	Informação do chefe político, espécie de administrador
1846	Santiago ("Povoado")		2.237		Censo	279 famílias
1875	Santiago ("Capilla")	50			Johnson	Não primeiro recrutamento da guerra, contribuyó com 600 homens de 15 a 20 anos
1846	San Ignacio Guazú ("Povoado")		4.677		Censo	
1875	San Ignacio (povo)	20			Johnson	Antiga reduccion jesuítica
1846	Quiindy ("Povoado")		4.289		Censo	566 famílias
1875	Quiindy ("vila")	aprox. 200			Johnson	
1846	Carapeguá ("Povoado")		8.095		Censo	1.262 famílias
1875	Carapeguá ("vila")	300-400			Johnson\	
1875	Carapeguá ("Departamento")		1.000		Johnson	Inclui à população da capilla
1846	Yaguarón ("Povoado")		3.958		Censo	787 famílias
1875	Yaguarón ("vila")	aprox. 15			Johnson	Muito poucos habitantes. Umas 3 famílias estrangeiras
1846	Itá ("Povoado")		5.697		Censo	915 famílias
1875	Itá ("vila"?)				Johnson	Lugar populoso e bastante ativo
1846	San Lorenzo ("Povoado")		3.898		Censo	507 famílias
1875	San Lorenzo ("vila")				Johnson	Florescente vila; todas as casas pareciam ocupadas
1846	Concepción (Depto.)		9.991		Censo	1.656 famílias
1846	Concepción ("Povoado")		2.745		Censo	464 famílias
11/1869	Concepción ("vila")		4.000		Taunay	
07/1875	Concepción ("Povoado")		c. 600		Johnson	
08/1875?	Casalcue ("Ex-casa-estância")				Johnson	Lugar deserto
08/1875?	Ramoncue ("Ex-casa-estância")				Johnson	Lugar deserto
08/1875?	Sorat ("Ex-casa-estância")				Johnson	Lugar deserto
1869	Caacupé ("Povoado")				Cerqueira	Apinhada de gente de fora (mulheres, crianças, velhos)
10/1872	Ibitimí ("Village")				Forgues	Praticamente deserta. Apenas uns poucos habitantes nus

UMA REFORMA EDUCACIONAL RATIFICA O BILINGÜISMO. PARAGUAI, A ESPERANÇA DAS FUTURAS GERAÇÕES

(*Le Monde Diplomatique*, 18/01/1998)

Em matéria de liberdades políticas, o Paraguai progrediu bastante desde o fim da ditadura. A designação do general Lino Oviedo, autor de uma tentativa de golpe em 1996, como candidato do "oficialista" Partido Colorado para a eleição presidencial de 1998 não pode fazer esquecer a vitória da oposição na capital, Asunción, nas últimas eleições municipais. No entanto, se uma efervescência cultural agita o país e se uma reforma educacional abre uma luz de esperança nas gerações futuras, fazem-se indispensáveis mudanças mais profundas para responder aos imensos desafios sociais.

Por nossa enviada especial FRANÇOISE BARTHÉLÉM

Em Lima, pequeno povoado perdido no noroeste do Paraguai, a energia elétrica só foi instalada há três anos. Ao lado do bar Pollería La Delicia, onde os clientes assistem na televisão as novelas transmitidas do vizinho Brasil, fica a farmácia San Francisco. Desconfiada atrás do balcão, a proprietária, uma pequena mulher de olhos inchados, dispara algumas palavras (com um forte sotaque brasileiro): "*Eu não me meto em política. Estou com Stroessner Meu marido apóia Argaña de olhos fechados.*" Durante trinta e cinco anos de ditadura, o general Alfredo

Stroessner (*ver cronologia*) se apoiou nas Forças Armadas e no Partido Colorado, força de cerca de 900 mil membros. Violentemente divididos, os colorados têm à frente um nostálgico do antigo ditador, Luis María Argaña, que liderou uma ativa campanha com vistas à eleição presidencial de 1998, antes de ver ser preferido o general Lino Oviedo¹. "*Nós queremos ordem* - diz a farmacêutica, defendendo sua posição. - *Antes, você podia dormir do lado de fora, ficar até a meia-noite na porta de casa, que não acontecia nada. Agora, é preciso fechar a farmácia cedo. Com todos esses bandos de meninos que rodam por aí...*"

Não existe nenhuma indústria nesta região agrícola, onde os *campesinos* (camponeses) que possuem uma parcela de terra - avalia-se em torno de 500 mil famílias os *sin tierra* (sem terra) em todo o país - cultivam principalmente o algodão. Oueda dos preços, flagelos naturais, ausência de créditos e de apoio técnico por parte da Cadelpa - o órgão do Estado que recolhe toda a produção algodoeira -, fazem com que certos cultivadores tenham preferido plantar, clandestinamente, maconha.

Liliane Alderete de Velásquez, mãe de duas crianças, é professora. "*Os jovens que se apresentam à escola* - explica - *sofrem de desnutrição e de um montão de doenças, Alguns são tão abandonados que têm não apenas piolhos, mas também feridas na cabeça*

infestadas de vermes." Com idades entre seis e doze anos, a maior parte desses sessenta e nove alunos falam, no início, apenas o guarani, a língua de seus ancestrais. Apenas uma dezena deles terminará a escola primária, os outros perambularão pela rua central, sem asfalto e coberta de poeira vermelha, por onde desfilam porcos e galinhas.

Dos cinco milhões de habitantes do Paraguai - o crescimento demográfico do país é uma dos maiores do mundo -, quase 70% têm menos de trinta anos. Embora oficialmente o número de analfabetos seja estimado em 12% da população, essa porcentagem chega a 50% se forem incluídos os semi-analfabetos e os iletrados. Entre outras razões porque, tradicionalmente, se pretendeu alfabetizar os guarani-parlantes em espanhol. "*Na escola, em casa, nas reuniõs dos bairros populares onde eu vivi, as crianças eram proibidas de se exprimirem em guarani, mesmo que os mais velhos o façam na intimidade*", lembra Morcho Azuaga, quarenta anos, poeta, dramaturgo e escritor. Revoltado, sobretudo. Advogado, ele defende a causa dos *sin carpa* (as famílias sem teto) e os ajuda a se organizarem no município de Lambaré, grande aglomeração urbana colada a Asunción.

Desde o século XVI, com a chegada dos primeiros europeus, o castelhano, veiculado através da escrita, reinou hegemônico. Ele jamais procurou dialogar com a cultura milenar dos autóctones. De mil maneiras, no entanto, a cultura guarani resistiu. Transmitida oralmente de geração em geração, ela é o patrimônio de milhões de paraguaios que praticamente não têm tido acesso à educação.

Retorno histórico? Adotado em 1992, três anos depois da queda do ditador Alfredo Stroessner, a Constituição reconhece ao guarani o estatuto de língua oficial, mesmo título que o espanhol. Enfim, é admitida a singularidade dessa nação bilingüe, a única na América Latina onde duas culturas se misturam - é claro que de forma conflituosa - também estreitamente. Há duas razões fundamentais para esta

verdadeira revolução. Por um lado, tirar a massa dos guarani-parlantes do seu gueto lingüístico. Foi um grande mal, como freqüentemente sublinhava o escritor e político Rubén Bareiro-Saguier, que tantas crianças de famílias pobres freqüentem as salas de aula sem compreender nada do discurso - em castelhano - da professora. Por outro lado, é preciso reforçar a identidade cultural do Paraguai, que é, com o Uruguai, um dos "polegares" do Mercosul. vasto mercado comum no qual o gigantesco Brasil e a vasta Argentina tendem, por seus próprios pesos, a "fazer a lei".

No mesmo espírito, em 1993, foi aprovada pelo Congresso uma reforma da educação criando um primeiro ciclo escolar de base de nove anos, gratuito, obrigatório, sob a responsabilidade do Estado. Com diferentes dosagens, segundo as anseios locais, serão ensinados, conjuntamente, o espanhol e o guarani. Milhares de professores estão em treinamento em cursos de formação, notadamente para a prática do guarani escrito. O tema provoca longas discussões, vivas disputas entre os partidários de uma transcrição fonética simples da língua falada e os partidários - na maior parte universitários - de uma grafia qualificada de cientista, tradicional, a que era empregada pelos poetas do século XVIII em seus odes e cantos.

Professora do Colegio de España, em San Lorenzo, Maura Franco de Florentin - atualmente cursando o mestrado no Instituto de Lingüística do Guarani do Paraguai (Idelguap) - prefere não se intrometer nessa querela entre Antigos e Modernos e vai ao que lhe parece essencial: *"Este ano, com os trinta adolescentes da minha turma, nós vamos montar uma obra dramática de Julio Correa, Karu Poka, que relata as perseguições dos camponeses pelos terratenientes."*

Para o *doctor* Ramiro Domínguez, um dos dez membros do Conselho da Reforma da Educação, *"não é necessário apenas um texto, mas um processo aberto, permanente, laborioso. Precisamos sair de uma sociedade paternalista, machista, de mais de quatrocentos anos de pensamento autoritário - a começar pela Santa Igreja com sua hierarquia - para ir progressivamente em direção a uma sociedade democrática. Isso não se fará do dia para a noite, é claro, mas as gerações que virão, formadas dentro de uma outra mentalidade, transformarão este país a longo prazo"*. No entanto, as resistências continuam vivas. *"Apesar de uma certa evolução das mentalidades, o desprezo das classes importantes, os chuchis, com relação ao guarani continua total - sublinha Águeda Benítez. - Certos pais ten-*

tam subornar o professor para que ele forneça um falso certificado atestando que seu filho recebeu aulas na língua indígena. Aulas que eles consideram vergonhosas, ridículas e inúteis."

O padre jesuíta Bartolomeu Melià, que chegou ao Paraguai em 1964, trabalha em uma organização não-governamental, *Fe y Alegría*². Nascido em 1992, esse movimento de educação e desenvolvimento popular integral engloba desde a escolarização bilingüe na área rural até a construção de centros de saúde e de nutrição, passando pelo ensino à distância, a alfabetização de adultos, as formações técnicas e agropastoris, etc. *"A ditadura causou danos muito profundos. Nós continuamos a enfrentar a realidade com muita desconfiança e medo. É certo que nós gozamos de uma real liberdade de imprensa. Mas ainda é preciso ser lúcido e ver que os jornais e outros meios de comunicação têm ligações com certas esferas do poder e da sociedade."*

Três grandes grupos econômicos controlam os principais meios de comunicação. O grupo Conhepa tem o controle, principalmente, sobre os diários *El Día*, *El Popular*, sobre a Radio Uno, sobre a cadeia de televisão aberta Canal 9. Ele se situa na área de influência do atual presidente, Juan Carlos Wasmosy, ligado aos meios empresariais e sociais que querem "modernizar" o mais rápido possível um país do qual convém mudar a imagem, principalmente para que ele se abra aos interesses estrangeiros.

O segundo grupo é dirigido pelo riquíssimo homem de negócios Aldo Zucolillo, que dirige o diário de grande prestígio *ABC Color*³. *"A linha do ABC é conservadora, mas coerente - destaca Jesús Ruiz, jornalista que retomou, com o advento da democracia, suas "Crônicas de un Terráqueo", cheias de espiritualidade e de humor. - Totalmente defensor das teses liberais, nosso jornal ataca com virulência a corrupção generalizada, em particular nos meios governamentais, os militares contrabandistas, a ideologia retrógrada dos velhos defensores do strosnismo como Lino Oviedo e Luis Argana."*

É a esses últimos que está vinculado o terceiro grupo, a Rede Privada de Comunicação (RPC). Passadista, demagoga, que recruta sua clientela essencialmente entre os meios rurais, controla o jornal *Noticias*, a Radio Cardenal e a outra cadeia pública, a Canal 13⁴. Até há pouco importunados pela ditadura, os outros meios conheceram destinos diversos. *Última Hora*, que sai à tarde e cuja circulação é de cerca de 50 mil exemplares, é certamente o jornal mais aberto e mais progressista, dedi-

cando largo espaço à análise, à reflexão. "Mas - estima o sociólogo e politólogo Víctor Jacinto Flecha, que retornou em 1991 de um longo exílio passado em parte na França⁵ -, para além dos

esforços de uns e de outros, resta um problema central ao qual nós devemos atacar e que a queda do ditador, devido a uma crise interna do regime, absolutamente não resolveu: que país nós queremos construir? Oue lugar pode e deve ocupar o Paraguai no Mercosul? O que virá a ser nossa identidade, já que milhares de camponeses emigram para as metrópoles sem saber o que transmitir à sua descendência? Nós vamos, desde 1989, de eleição em eleição, mas em direção a que projeto de sociedade?"

As sombras que permanecem

A estação de rádio mais ouvida, a rádio Ñandutí, antigo bastião de luta contra a ditadura, não parece se interrogar verdadeiramente sobre essas questões de fundo e prefere se entregar às delícias do chimorreo (fofocas). "Em matéria de liberdades políticas, se avançou bastante, é certo - corta Ladislao Mello, diretor da mais popular estação de rádio católica Cáritas. - Mas nenhuma reforma estrutural aparece no horizonte! A própria Igreja, que em outros tempos, com personalidades contesadoras como o M^{fr} Ismael Rolon, teve um papel de primeiro plano, hoje esfá encerrada em seus muros! Só agora ela se reconcilia com sua tradição de combate ao apoiar os camponeses obrigados a ocupar as grandes propriedades improdutivas..."

É entre os pequenos camponeses esfarrapados do povoado de Iturbe, a duas estações de trem de Villarrica, região de cana-de-açúcar, que o escritor Augusto Roa Bastos, nascido em Asunción em 1917, passou sua primeira infância⁶. Após quarenta e três anos de exílio vividos na Argentina, na França e na Espanha, ele volta para passar longas temporadas em sua terra natal. Convidado pela cooperativa de economia e de prevenção de San Lorenzo, ele se encontra face a uns trezentos alunos e alunas de liceu, tão excitados como ele. Muitos dentre eles trabalham como empregados domésticos ou vendem jornal durante o dia e vão estudar à noite. Eles vieram trazidos por seus professores ou por artistas engajados na ação cultural. "É verdade que ainda restam muitas sombras, mas nós vamos seguir em frente - lhes lança o escritor, que sempre se inspira na realidade do país para alimentar sua obra. - Eu acredito nessa gente jovem, entre quinze e vinte anos, que está se formando agora."

Diante do palácio do governo, o Palácio López, em pleno centro de Asunción, ergue-se uma escultura de Carlos Colombino. De uma estátua de Alfredo Stroessner, obra do espanhol Juan de Ávalos⁷, que há pouco tempo dominava o alto do Cerro Lambaré, o artista fez pedacinhos. Depois as enterrou em um bloco de cimento, de onde saltam um braço, uma mão, um joelho, os grossos lábios acima dos quais está o famoso pequeno bigode. Depois de passear nesse lugar de onde se pode ver reluzirem as águas do rio Paraguai, com seus pais e seus irmãos, uma menina de cinco anos, Janina, canta orgulhosamente, em guarani, a canção que acabou de aprender no maternal: *Como vai? Eu vou bem!*

¹ Ex-ministro da Defesa, o general Lino Oviedo foi protagonista, em abril de 1996, de uma tentativa de golpe de Estado para derrubar o presidente Juan Carlos Wasmosy. Após um curto tempo na prisão, ele foi libertado. Liderando, atualmente, uma facção do Partido Colorado, a União Nacional dos Colorados Éticos (UNASE), ele se mobiliza visando às próximas eleições. Novamente perseguido pela Justiça, ele entrou na clandestinidade por seis semanas, tendo se entregado às autoridades no dia 12 de dezembro para cumprir uma "prisão disciplinar" de 30 dias ordenada pelo presidente Wasmosy.

² Etnólogo e antropólogo, o padre Bartolomeu Melià é autor de uma obra considerável: *La agonía de los Aché-Guajakí, historia y cantos* (1973), *El guaraní conquistado y reducido* (1987), *Una nación, dos culturas* (1988).

³ Em 22 de março de 1984, o *ABC Color* foi fechado por decisão da Corte Suprema por "subversão". Suas instalações foram invadidas pela polícia e saqueadas. O diário recomeçará a circular a 22 de março de 1999.

⁴ Note-se que cada vez mais paraguaios, sobretudo entre os mais ricos da capital, têm aderido, ultimamente, às redes de tv a cabo.

⁵ Ler, de Víctor Jacinto Flecha e Carlos Martini, *Historia de la transición pasada y tuturo de la democracia en Paraguay*. Asunción: Última Hora, 1994.

⁶ Ler, principalmente, das Éditions du Seuil, *Moi le Suprême* (1993); *Veille de l'Amlral* (1994); *Fils d'homme* (1995); *Madama Suí* (1996); *A contrevie* (1996). *Le Monde diplomatique* de novembro de 1995 publicou um romance de Roa Bastos, "La décharge".

⁷ Note-se que Juan de Ávalos é o autor do monumento do Valle de los Caídos, edificado pelo general Franco perto de Madrid (Espanha).